



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de encerramento do seminário empresarial Brasil-Holanda**

**São Paulo-SP, 02 de março de 2009**

Se o Brasil for para a final com a Holanda, o Primeiro-Ministro será convidado, certamente, ou alguém que estará presidindo o País. Eu quero estar lá como torcedor para ver o Primeiro-Ministro vestido com a camisa da Seleção brasileira e, certamente, o presidente do Brasil com a camisa da Holanda. Vão ser os dois muito vaiados mas, de qualquer forma, faz parte da prática esportiva brasileira.

Excelentíssimo senhor Jan Peter Balkenende, primeiro-ministro do Reino dos Países Baixos,

Ministros brasileiros,

Ministros dos Países Baixos,

Minha cara Alda Marcantonio, prefeita interina da cidade de São Paulo,

Paulo Skaf, presidente da Fiesp,

Representantes dos empresários dos Países Baixos,

Representantes dos empresários brasileiros,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu penso que o fato de o Primeiro-Ministro estar nos visitando hoje, aqui na sede da Fiesp, é a consolidação de uma história de relações muito fortes entre os Países Baixos e o Brasil. Todo mundo sabe o significado das relações Brasil e Holanda. Todo mundo sabe da confiança que as empresas holandesas têm tido no Brasil, e também todo mundo sabe que não faz muito tempo que o Brasil começou a ter empresas multinacionais.

Os empresários brasileiros sabem que não faz muito tempo, nós estávamos em Angola, quando eu disse que os empresários brasileiros



precisariam não ter medo de virar grandes multinacionais e começar a se expandir pelo mundo afora. Eu me lembro que um jornal aqui de São Paulo fez até uma crítica, dizendo que eu estava criticando os empresários quando, na verdade, eu estava exortando os empresários brasileiros a se transformarem em empresas multinacionais e a não terem medo de competir em um mundo cada vez mais globalizado.

Eu tenho um discurso por escrito, Primeiro-Ministro, mas eu pretendo deixá-lo de lado e falar um pouco com a alma de um brasileiro que acredita muito nas perspectivas das nossas relações e nas perspectivas do nosso país.

É verdade que estamos enfrentando uma crise econômico-financeira mundial que não estava prevista em nossas discussões um ano atrás e tampouco tínhamos a dimensão, dessa crise, que temos hoje. Tampouco sabíamos que o mundo inteiro estava envolvido, porque em um primeiro momento era uma crise do *subprime* americano, e em um segundo momento é que nós descobrimos que, mais do que o *subprime*, nós tínhamos um sistema de especulação que levou o sistema financeiro internacional a quase quebrar. Sobretudo bancos, que nós tínhamos uma dimensão de que seria praticamente impossível quebrarem, quebraram.

E fica mais claro para nós, Primeiro-Ministro, o que aconteceu em julho do ano passado, com o aumento dos alimentos e com [o aumento] do petróleo. É muito engraçado, porque eu nunca encontrei uma explicação de por que o petróleo saiu de US\$ 30 o barril e foi para US\$ 150 o barril em pouco tempo. Da mesma forma, nunca me deram uma explicação, nem na reunião do G-8, de por que a soja tinha tido o crescimento extraordinário que teve, de maio a outubro do ano passado. Era inexplicável. Alguns logo disseram: “é por conta do biodiesel no Brasil”. Eu dizia: é porque tem mais pobres comendo, no mundo. Tem mais chineses comendo, tem mais indianos comendo, tem mais africanos comendo. E, possivelmente, nem eu era dono da verdade absoluta, como aqueles que culpavam o biodiesel estavam mentindo, como aqueles que



diziam que era apenas pelo aumento do consumo da China também não estavam falando a verdade. A verdade é que tinha muita gente ganhando dinheiro às custas da especulação do petróleo e dos alimentos no mercado futuro. Tinha muita gente apostando com coisas muito sérias, e que não deveriam merecer as apostas que vinham fazendo.

Hoje o petróleo já caiu a US\$ 40, o alimento voltou à normalidade. E nós agora temos a responsabilidade, quando nos encontrarmos no dia 2 de abril, em Londres, de ter uma discussão política sobre os rumos do setor financeiro internacional. Vamos ter que criar normatização, vamos ter que definir o papel de quem vai fiscalizar o sistema financeiro. Uma coisa todos nós temos que ter clara: essa crise talvez seja a lição do século XXI, que o mundo já tinha tido em 1929. Essa é uma oportunidade para que a gente repense um pouco uma regulação das finanças internacionais, uma regulação dos paraísos fiscais, um novo papel para o Fundo Monetário Internacional, um novo papel para os bancos centrais.

Certamente, nenhum de nós tem a saída perfeita para que os países saiam da crise. Nós temos inquietações, cada país está tomando as medidas adequadas que tem que tomar, pensando no seu mercado interno e na sobrevivência da sua economia. E pesam sobre nós algumas responsabilidades muito grandes. Por exemplo, nós não temos o direito de aceitar o protecionismo como solução para essa crise. Pode ser que uma ou outra empresa esteja a exigir de nós maiores cuidados internos. Mas o protecionismo, certamente, levará ao aprofundamento dessa crise. Se os americanos se fecharem, se a Europa se fechar, se o Brasil se fechar, a crise ganhará uma dimensão muito maior. E aí, em vez de solução, nós poderemos ter o caos. Portanto, a saída para essa crise é mais mercado, mais livre comércio e mais concorrência, como o mundo desenvolvido sempre falou nesses últimos trinta anos.



Por isso é importante, Primeiro-Ministro, que Vossa Excelência, eu como representante do Brasil, e outros presidentes, como o Sarkozy, como o Gordon Brown, como os presidentes dos Bric's estejamos juntos para normatizar algumas coisas no sistema financeiro. Mas, sobretudo, fazer um discurso forte contra o protecionismo e reabrir as negociações da Rodada de Doha, para que os países mais pobres não se tornem miseráveis com uma crise que eles não tiveram culpa e, portanto, não podem pagar a conta.

É uma tarefa difícil. Eu digo todos os dias, Primeiro-Ministro, que eu estou rezando muito mais pelo presidente Obama do que por mim mesmo, porque eu acho que o problema dele é muito, muito, infinitamente maior do que o seu e do que o meu. Apesar da grandeza dos Estados Unidos, apesar da riqueza dos Estados Unidos, apesar do PIB dos Estados Unidos, o buraco lá é muito grande. E eu estou sempre rezando para que ele tome medidas acertadas, para que possa paralisar essa crise, mesmo que não retome o crescimento neste ano, mas que retome o crescimento no próximo ano, porque se essa crise demorar muito, a crise nos países pobres causará danos irreparáveis na próxima década.

Justamente agora, que estava tudo mais ou menos certo. A América Latina inteira crescendo, a África aprendendo a conviver com a democracia. Aliás, um parênteses aqui no meu discurso para um protesto contra o que aconteceu em Guiné-Bissau hoje, quando mataram, pela madrugada, o presidente, e ontem à tarde tinham matado o comandante das Forças Armadas de Guiné-Bissau. Eu acho que nós, aqui neste plenário, não podemos nos calar diante de mais um atentado contra uma democracia incipiente que estava se construindo. Esse tipo de comportamento nós não podemos aceitar. Daí porque o meu protesto contra os acontecimentos de Guiné-Bissau.

Mas, voltando, Primeiro-Ministro, às possibilidades que nós temos, eu estou certo de que a inquietação que existe hoje junto aos principais líderes mundiais, vai exigir que nós tomemos algumas medidas políticas e não apenas



[fiquemos] discutindo a questão econômico-financeira. E quais são as questões políticas que nós temos que discutir?

Durante todo o século XX, ou pelo menos metade do século XX, o Estado foi aos poucos sendo negado, sequer [foi tratado] como indutor do desenvolvimento dos nossos países. Nas últimas três décadas se criou a imagem de que o mercado por si só resolveria todos os problemas: da produção, da oferta, da distribuição de renda. O que nós estamos assistindo agora? Estamos assistindo a grandes teóricos da economia mundial dizerem que não existe outra saída, se não os primeiros-ministros e os presidentes estatizarem o sistema financeiro como possibilidade de salvar a economia americana e alguns países da Europa.

Eu não sei se vão estatizar ou não. O dado concreto é que aqui no Brasil nós temos o exemplo da solidez de um sistema financeiro, certamente calçado em bancos públicos brasileiros que cuidam da agricultura, que cuidam da habitação e do saneamento básico e que cuidam dos investimentos em projetos de desenvolvimento. Ou seja, o BNDES, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal, que representam quase 50% de todo o crédito disponível no Brasil, são uma segurança que nos permite olhar para o resto do mundo e dizer que aqui no Brasil, embora não sejamos tão ricos como outros países, nós estamos mais seguros do que outros países.

Eu dizia ao Primeiro-Ministro que nós temos um problema a resolver no Brasil, que é um problema de crédito, ainda. De duas ordens: primeiro, o crédito externo, que muitas empresas brasileiras, como a Petrobras, para citar um exemplo, buscavam lá fora e, não tendo lá fora, começam a buscar no mercado interno. Então, grandes empresas, estão disputando com pequenas e médias empresas um crédito que até então estava disponível aqui no Brasil. Essa é uma coisa que nós tentamos resolver colocando US\$ 36 bilhões das nossas reservas à disposição dessas empresas e também de empresas que tinham contas em dólar para pagar, com contratos fechando este ano.



A segunda coisa que nós ainda temos que resolver, e essa é uma discussão crônica em nosso país, é que pelo fato de 30% do crédito de fora ter vindo buscar solução no mercado interno, nós estamos hoje com um processo de maior seletividade dos bancos brasileiros. Então, o *spread* bancário ficou muito mais caro e muito mais seletivo. Portanto, a exigência é muito maior. Esse é um problema que nós temos que resolver, porque somente o crédito é capaz de reativar a pequena e a média empresa brasileira, é capaz de permitir que ela tenha acesso a capital de giro, é capaz de manter a agricultura brasileira com a qualidade produtiva que ela tem [tido] nos últimos anos e, ao mesmo tempo, é capaz de manter as grandes indústrias brasileiras produzindo, sobretudo as do setor automobilístico, que teve uma belíssima recuperação no mês de fevereiro.

Bem, o Brasil não está ilhado, Primeiro-Ministro. O Brasil faz parte de um mundo globalizado e, portanto, o Brasil não está livre dessa crise, como todos os países estão. A diferença é que enquanto alguns países entrarão em recessão, o Brasil sofrerá uma desaceleração do seu crescimento, que vinha em um patamar extraordinário.

Eu estou convencido de que a sua vinda ao Brasil, com a participação de empresários dos Países Baixos, de empresas como a Unilever que já tem 90 anos no Brasil, a Shell que já tem 95... Eu acho que tem empresa holandesa que veio para cá com o Imperador, de tanto tempo que elas estão aqui. Pessoas que conhecem o Brasil, pessoas que sabem da seriedade com que nós tratamos a questão macroeconômica neste país, pessoas que sabem da estabilidade que nós mantivemos neste país, pessoas que sabem do sacrifício que nós fizemos para garantir que o Brasil tivesse respeitabilidade internacional. Que as pessoas não vissem o Brasil como um “paisinho” qualquer, mas um país com seriedade, um país que hoje tem uma dívida pública representando apenas 36% do seu Produto Interno Bruto. E é preciso procurar no mundo qual país que tem a dívida pública menor que o Brasil hoje.



Portanto, é um país que, embora tenha que ter uma política fiscal séria, ao mesmo tempo é um país que tem capacidade de se endividar para fazer o que precisa fazer na questão de infraestrutura, tão atrasada e tão esquecida neste país durante quase três décadas.

A sua visita ao Brasil, a sua visita à Petrobras, a sua visita à Fiesp, o seu contato com empresários brasileiros, a sua visita à Embraer, a sua visita à Universidade de Piracicaba para conhecer a revolução do biocombustível no País, certamente irá permitir que Brasil e Holanda se transformem em parceiros ainda muito mais fortes, ainda muito mais unidos para que, juntos, a gente possa interceder no G-20 e que, juntos, a gente possa crescer as nossas economias e, juntos, fazer crescer países africanos que precisam de parcerias para produzir biocombustível, sobretudo produzir etanol com a tecnologia que nós adquirimos.

Eu estou convencido, Primeiro-Ministro... nós já nos encontramos três vezes, em um ano e meio, vamos nos encontrar em Londres agora, certamente nos encontraremos na ONU em setembro, ou seja, possivelmente nós seremos o presidente e o primeiro-ministro dos Países Baixos que mais se encontraram na história. Mas muitos encontros, se não derem resultado produtivo, também não serão negativos.

Eu espero que Vossa Excelência e o seu governo, eu aqui e o meu governo, e que os empresários dos dois países assumam a responsabilidade de que nós ainda temos um potencial extraordinário a ser explorado, que ainda não exploramos.

Eu dizia agora que o Brasil sairá dessa crise muito mais fortalecido do que entrou. E falo isso com convicção, falo isso como alguém que não está disposto a fazer experiência econômica. Porque aqui no Brasil sempre teve os teóricos que faziam da política monetária e da política econômica teses acadêmicas. Não davam certo, o povo ficava com o prejuízo, e aquele que tinha cometido o erro ia virar consultor e dar palestras para aqueles que eles



tenham prejudicado.

Eu falo isso, meu Primeiro-Ministro, com a convicção de que não há hipótese de o Brasil diminuir um dólar dos investimentos que estão previstos no Programa de Aceleração do Crescimento; de que não diminuiremos um dólar nos investimentos da Petrobras. E para mostrar que nós não estamos brincando nós vamos anunciar, nos próximos dias, um programa de construção de 1 milhão de casas populares neste país.

E aqui é um desafio – viu, Paulo? – para os empresários brasileiros. Eu já vi, em matérias de jornais, os empresários dizendo: “não temos condições de construir 1 milhão de casas”. E é bem possível, porque durante muitas décadas a construção civil brasileira foi desmontada, e nós agora estamos em um processo de recuperação.

Nós estamos convencidos de que as obras do PAC, esse projeto que estamos fazendo, de habitação, com o dinamismo da agricultura brasileira, com o programa que nós fizemos, “Mais Alimentos”, [para] financiar 25 bilhões para a compra de tratores e máquinas agrícolas, com a nossa perspectiva de trabalhar... E aqui outra vez um desafio aos empresários brasileiros, sobretudo, Miguel Jorge, a você também. Nós estamos já há alguns meses discutindo a renovação da frota de caminhões neste país, nós queremos fazer renovação de geladeira, nós queremos fazer renovação de fogão. Ou seja, o que nós queremos é criar as condições para que a indústria brasileira volte a produzir. E isso só será possível se tiver o ingrediente maior, que é passar confiança ao povo brasileiro. Se a gente ficar com medo de comprar aquilo que é necessário, se o empresário não estiver disposto a fazer um sacrifício de ganhar um tiquinho a menos, se os trabalhadores não estiverem dispostos a abrir um pouquinho, e se o governo não estiver disposto a ceder naquilo que for necessário, nós poderemos ter a economia brasileira sofrendo prejuízos enormes.

Então, Primeiro-Ministro, há uma chance enorme de crescer os





investimentos dos Países Baixos no Brasil. E há possibilidades enormes de que empresas brasileiras aprendam com os holandeses, e sobretudo o governo brasileiro, como é que os portos funcionam tão bem nos Países Baixos.

Se todos nós estivermos convencidos de que nós vamos vencer essa crise utilizando metodologias diferentes do que as que utilizamos no século passado, e de que o melhor ingrediente é o aumento do comércio e o aumento da produção, nós sairemos dessa crise com uma certa facilidade.

Eu queria pedir ao Primeiro-Ministro que também rezasse pelo Obama, porque uma reza lá na outra parte do continente e uma reza aqui pode ajudar o Obama a tomar as decisões sábias que o mundo precisa que ele tome, que o Congresso americano compreenda a gravidade da crise, e que as pessoas compreendam que o momento não é de fazer politicagem com a crise econômica. O momento é de tomar decisões políticas, para que os inocentes não paguem pela irresponsabilidade daqueles que causaram esta crise.

Seja bem-vindo ao nosso país e boa estadia aqui em São Paulo. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração do Sistema de Esgotamento Sanitário e  
Estação de Tratamento de Esgoto Capivari I**

**Campinas-SP, 02 de março de 2009**

Hélio, uma coisa importante para falar aqui: vocês viram que a Dilma falou seis vezes “finalmente, finalmente...”. Eu lembro que eu falava: “e para terminar, e para terminar”, e nunca terminava. O Hélio é bom de bico. Não é à toa que ele saiu de férias, não apenas para... Você viu como ele estava emocionado aqui, porque nasceu uma netinha dele. Ele vai ver, quando tiver mais de um, como neto dá trabalho, e como um avô deseduca os netos, não é isso? As mães e os pais passam o tempo inteiro para educar e o avô e a avó em meia hora deseducam tudo o que foi feito em um ano inteiro. Certamente um pouco de complexo e culpa, porque a gente quer dar para os netos o tratamento que a gente não deu para os filhos, não é isso?

Mas, Hélio... O Hélio é muito esperto, gente. Vocês vejam que ele nem agradeceu Capivari I, ele já pediu Capivari II. O Marcio veio aqui falar, e falou que já tinha assinado, em dezembro, Capivari II, 68 milhões. Aí o Hélio chega no meu ouvido e fala: “Presidente, os 68 milhões que o Marcio falou já estavam assinados em dezembro, nós queremos são os outros 65 milhões”.

Mas não é apenas isso. Ele acaba de me entregar um projeto de VLT para a gente estudar, para saber se a gente consegue colocar um sistema de trem aqui, no centro de Campinas, para levar as pessoas para os bairros, chamado de VLT – Veículo Leve sobre Trilhos. No fundo, no fundo, antigamente a gente chamava de bonde e dava tudo no mesmo.

Agora, imaginem o que significa o trem-bala aqui para Campinas. Um casal levanta aqui, de manhã, vai até a estação do trem, sete horas da manhã, pega um trem, vai a Copacabana, toma um banho de praia. Aí, quando for



cinco horas da tarde pega o trem, oito horas vai estar em Campinas, aqui. Por que ele tem que fazer rápido, não é, Dilma? Uma hora e meia, duas horas... Uma hora e cinquenta, duas horas. Já pensou que chique? Se vacilar, nós vamos levar até ao Farol da Barra, em Salvador, para vocês irem até lá.

Mas, olhem, eu queria cumprimentar o companheiro Hélio,  
Cumprimentar os prefeitos aqui presentes,  
Cumprimentar os nossos deputados federais que estão aqui presentes:  
Ricardo Berzoini e Carlos Zarattini,  
O nosso querido companheiro Aloizio Mercadante,  
Cumprimentar os ministros Orlando Silva – o cantor das multidões –, o Marcio Fortes e a Dilma Rousseff,  
Cumprimentar o Lauro, presidente da Senasa,  
O nosso querido Hereda [Vice] Presidente da Caixa Econômica Federal,  
E cumprimentar o Aurélio José Cláudio, presidente da Câmara Municipal de Campinas,  
Cumprimentar os secretários aqui presentes,  
E cumprimentar o povo da região noroeste de Campinas,  
Várzea Paulista também,  
Se tiver mais gente de auditório com faixa, levanta a faixa que eu vou citando os nomes.

Olhem, é a terceira... Vamos cuidar do córrego de Santa Lúcia, minha filha. Mas, olhem, é a terceira vez que eu venho a Campinas, desde que o Hélio é prefeito, para a gente tratar de estação de tratamento de esgoto. Isso parece pouco, mas diante do que disse o Hélio e do que disse a ministra Dilma Rousseff, é importante lembrar que nós estamos não apenas fazendo obras de importância vital para a cidade, como nós estamos fazendo quase que um processo de reparação nos desmandos administrativos que aconteceram neste país nos últimos 30 ou 40 anos.



É inacreditável como a gente chega em cidades importantes do Brasil e a gente descobre que a cidade não tem sequer um quilômetro de esgoto tratado. Muitas vezes tem a coleta, coleta dos bairros, e joga onde? Joga nos rios. Não tem nenhum sistema de tratamento.

O PAC, quando foi pensado, ele foi pensado que a gente deveria gastar muito dinheiro para recuperar os desmandos administrativos que ao longo da história deste país nós tivemos. Ou seja, se cada prefeito, a partir, Hélio, do momento em que terminar o seu mandato, se cada prefeito que vier depois assumir a responsabilidade e cada vila nova que surgir, ele tratar de colocar isso na rede de esgoto e não permitir mais que nenhuma casa seja construída sem estar ligada à rede de esgoto e conseqüentemente à rede de tratamento, nós então poderemos nos orgulhar de termos uma cidade civilizada, com prefeito responsável e com a comunidade, eu diria, tratada de forma saudável.

O que acontece é que você vai a cidades ricas, em qualquer lugar do Brasil, não é cidade pobre não, cidades ricas e que você às vezes percebe que tem 80, 90% de coleta de esgoto, mas não tem 10% de tratamento, ou seja, no fundo, no fundo, são administrações públicas contribuindo para a gente poluir os rios já poluídos que nós temos na nossa região.

Como Campinas é a cidade extraordinariamente importante do interior de São Paulo, da Grande São Paulo, o fato de Campinas ser a primeira cidade com mais de 500 mil habitantes a coletar e tratar 100% de esgoto, Campinas vai ganhar certamente o status de respeitabilidade que eu espero que os prefeitos que estão aqui façam disso motivo de orgulho e tentem levar para as suas cidades as obras que possam também permitir que cidades menores tenham 100% de coleta e 100% de tratamento.

Porque, muitas vezes, a irresponsabilidade não permite que a gente trate o tratamento de esgoto e a coleta com a responsabilidade e com o cuidado que nós precisamos ter. E o Hélio disse bem: mais tratamento de esgoto significa menos mortalidade infantil, significa menos doenças nas



nossas crianças, menos doenças nas nossas mulheres, significa não ver criança brincando em esgoto a céu aberto. Por isso que nós vamos tratar lá do córrego de Santa Lúcia, que a dona... Nossa companheira gritou tanto ali.

Muitas vezes, o administrador público no Brasil, e eu já disse isso e vou repetir, Hélio: muitas vezes o administrador público no Brasil não gosta de fazer investimento em obras que ficam soterradas embaixo da terra. Muitas vezes, e eu tenho fé em Deus que nessa geração de prefeitos novos, isso tenha mudado substancialmente, porque muitas vezes as pessoas preferem fazer uma ponte para colocar o nome de alguém na ponte do que fazer saneamento básico, coleta de esgoto e tratamento, porque tem que enterrar manilha. As pessoas não se dão conta de que o melhor patrimônio que um prefeito pode ter, não é a placa de um parente seu em uma ponte, mas é saber, que uma criança não morreu antes de completar um ano de idade, porque teve água potável para beber, porque teve um saneamento básico no seu bairro e na sua vila.

Por isso, Hélio, eu estou certo de que virei aqui ainda no meu mandato comemorar o dia em que Campinas passará a ter 100% de tratamento de esgoto.

Segunda coisa: estou levando aqui o nome de Santa Lúcia. O Hélio já pode tratar de colocar no projetozinho, Santa Lúcia. Afinal de contas, quem tira tanto dinheiro do governo federal como você, pode tirar mais alguns tostões para a gente resolver o problema de Santa Lúcia.

A segunda coisa importante que a ministra Dilma falou aqui, e eu queria que vocês levassem em conta, sobretudo os prefeitos: nós não temos experiência, nem os empresários brasileiros, nem a Caixa Econômica Federal, nem o Banco do Brasil, nem os bancos privados, nós não temos experiência em fazer um projeto de um milhão de casas populares. Vocês não se deram conta do número: um milhão de casas populares é pelo menos seis vezes o que a Caixa Econômica financiou no ano passado, só a Caixa Econômica.



A indústria brasileira está sendo desafiada a se preparar, porque a hora em que a gente colocar o programa de um milhão de casas populares na rua, é porque nós queremos atender os dois objetivos ditos pela Ministra: nós queremos garantir o direito de moradia das pessoas que ganham menos neste país e, ao mesmo tempo, queremos garantir o direito de geração de empregos.

E queria pedir ao companheiro Hélio, prefeito de Campinas, que as obras do PAC que tiver aqui, Hélio, que você for contratar daqui para a frente, aquelas que puder contratar em três turnos, contrate, em dois turnos, contrate. Porque nós precisamos gerar muitos empregos neste ano. Este ano é o ano mais difícil que nós temos, porque a crise, vocês estão vendo pela televisão, é uma crise profunda. Os Estados Unidos estão numa encrenca danada.

Eu disse agora, na Fiesp, que eu estou rezando mais para o Obama do que para mim mesmo, porque embora ele seja presidente de um país mais rico do que o Brasil, que tem um PIB dez vezes maior que o Brasil, ele está com um pepino dez vezes maior do que eu. E eu torço por Obama por duas coisas: primeiro, porque é importante o Obama dar certo, porque significa que o mundo pode se recuperar. Segundo, porque não é pouca coisa os Estados Unidos terem eleito um negro Presidente dos Estados Unidos. Não é pouca coisa. Então, eu estou torcendo para ele dar certo. Primeiro, porque ele dando certo, vai ajudar o Brasil, segundo, porque se ele falhar... Vocês estão lembrados do que eu falava, quando eu ganhei as eleições, em 2003? Se eu não desse certo, iam colocar tanto preconceito contra os trabalhadores que nós íamos passar 300 anos para eleger um trabalhador. O Obama, se ele fracassar, vai demorar muitos anos para um negro ser eleito Presidente dos Estados Unidos.

Aqui, em Campinas, vocês já têm a demonstração de que um negro como o Hélio é capaz de governar mais do que muita gente branca que governou esta cidade. Porque o problema não está na cor, o problema da cor é mero preconceito. O problema está na competência administrativa e no compromisso político. E o Hélio tem de sobra compromisso político, e tem de



sobra competência administrativa.

E isso, nós estamos trabalhando com essa crise, tentando evitar que ela chegue ao Brasil com a força que ela chegou nos Estados Unidos e na União Européia. Nós sabemos que alguns setores da economia brasileira, sobretudo aqueles setores vinculados à exportação e, sobretudo, aqueles setores vinculados a produtos com alto valor agregado, vão ter problemas.

Vamos pegar o caso da Embraer. A Embraer exporta aviões. Agora, quem compra aviões da Embraer, 96%, são compradores de outros países. Se eles tinham encomendado aviões e agora disseram “não queremos mais, por causa da crise”, ela vai deixar de produzir no mínimo 30% dos aviões. Aí não tem jeito, uma hora vai ter que mandar gente embora. Nós fizemos a crítica porque mandou embora de forma precipitada, deveria ter feito um acordo com os trabalhadores, deveria ter estabelecido uma compensação, mas eles preferiram mandar embora na véspera do Carnaval, achando que isso iria diminuir o impacto.

É importante, Aloysio, você, como senador, saber: no mesmo dia em que a Embraer foi me comunicar que estava mandando embora 4.200 trabalhadores, ela saiu, entrou uma empresa da construção civil me comunicando que iria contratar este ano 13 mil trabalhadores para poder cumprir as obras do PAC que estão sendo tratadas com o governo federal.

Por isso é que a construção civil joga um papel importante. Não é que o trabalhador da construção civil vá resolver todo o problema, mas se você tiver emprego na construção civil, que gera muitos empregos, esse trabalhador tendo emprego, ele vai virar um consumidor, ele comprando a loja vai vender, a loja vendendo, ela vai fazer pedido para a fábrica, a fábrica vai ter que produzir mais e, portanto, a fábrica vai contratar mais engenheiros, mais metalúrgicos, mais vendedores. Ou seja, é uma roda-gigante que nós precisamos colocar em funcionamento e não permitir que ela pare.

Posso dizer para vocês, com muito orgulho: não haverá um centavo das



obras do PAC que irão diminuir nessa crise. Pelo contrário, nós vamos manter todos os investimentos que estavam previstos, a Petrobras vai manter todos os investimentos. E nós queremos, cada vez que aparecer um buraco da crise, nós vamos tomar medida aqui, para evitar que o Brasil, que foi o último país que entrou nessa crise, que seja o primeiro a sair e que saia mais fortalecido.

Eu estou convencido de que este momento não é de a gente ficar com medo, de a gente ficar achando “ah, vai ter crise”. A crise, nós estamos vendo na televisão. O que nós não podemos é ficar de joelhos diante de uma crise financeira, resultado da especulação do sistema financeiro internacional. E que agora, no dia 2 de abril, nós vamos a Londres, e vamos para dizer aos países do G-20 que qualquer cidadão do mundo é controlado, é controlado pela Receita Federal, é controlado pelos impostos da prefeitura, do estado, da União e que, portanto, o sistema financeiro tem que ser controlado, tem que estar ligado ao setor produtivo e não ao setor especulativo, como aconteceu e que causou essa crise enorme.

Companheiro Hélio, queria terminar dizendo a você e aos prefeitos da região: primeiro, não se preocupem a que partido vocês pertencem. O governo federal não age com a pequenez que já agiram alguns governadores neste país afora, que só davam dinheiro para aqueles que pertenciam ao seu partido ou aos seus aliados. Vocês nunca vão ouvir de alguém do governo federal a pergunta “a que partido vocês pertencem”. O que nós queremos é um projeto na mão e saber se aquilo é importante para o povo das cidades que vocês governam.

Eu já fui vítima de tanto preconceito neste país que eu não tenho o direito de ter preconceito contra ninguém. A nós, o que interessa é que ao terminar o nosso governo este país esteja melhor, as pessoas estejam melhores empregadas, as pessoas ganhem um pouco mais, o povo more melhor, tenha melhor tratamento de esgoto, melhor coleta de esgoto, melhor coleta de lixo e que esse povo possa viver condignamente.





Vocês sabem o que era a periferia de Campinas. Há quanto tempo muita gente não vinha botar a mão e o pé na massa para arrumar a situação da periferia. Precisou eleger um negro, vítima de preconceito como poucas vezes eu vi nesta cidade, um médico, um companheiro com “C” maiúsculo, para fazer aquilo que se os outros prefeitos tivessem feito, cada um, um pouquinho, Campinas hoje não seria uma metrópole cercada por miséria, mas seria, ela todinha, uma metrópole, porque Campinas é uma cidade muito importante e que não poderia ter chegado à situação que chegou.

Por isso, companheiro Hélio, eu quero te dar os parabéns. E certamente virei muitas vezes a Campinas ainda. Certamente irei em outras cidades aqui também, é só vocês concluírem as obras e me convidarem. O Edinho, de Araraquara está aqui, quando ele era prefeito eu fui. Agora eu preciso ser convidado para ir a Cosmópolis, não é? Para ir no Santa Lúcia. Olha, você fica gritando muitas vezes “Santa Lúcia” aí, o rapaz do CQC está aí filmando a senhora. Domingo, assiste o CQC que você vai ver você gritando Dona [Santa] Lúcia aí.

No mais, companheiros e companheiras, esse projeto habitacional, nós precisamos tomar cuidado de fazer o levantamento do déficit habitacional de cada estado, dentro do estado fazer um déficit habitacional de cada cidade. A gente não vai poder atender tudo de uma vez, mas proporcionalmente nós vamos ter que fazer um pouco em cada cidade, a partir da situação mais degradante, que é a situação das regiões metropolitanas, onde estão as principais favelas, as principais condições de moradia de forma bastante degradada, e a partir daí atender toda a cidade.

Esse programa será lançado dentro de uns 15 dias. A partir daí, a ministra Dilma vai começar a chamar governadores e prefeitos, para que a gente possa começar a distribuir a possibilidade do financiamento, a partir do momento em que o prefeito apresentar o projeto. Se tiver prefeito que tenha terreno para dar para fazer as casas, para elas ficarem mais baratas, podem



ficar certos que esse prefeito vai ter prioridade, Hélio. Se você tiver terreno aqui... se você tiver terreno para dar... Porque o nosso objetivo é baratear o preço da casa. Se os prefeitos do interior tiverem terreno, não pode ser um terreno 40 quilômetros longe da cidade, tem que ser próximo. Ou seja, nós vamos tentar utilizar terra da União, vamos pedir para os governadores se tem terra do estado, vamos pedir para as prefeituras se tem terra da prefeitura, porque nós queremos, com esse programa habitacional, fazer as casas de melhor qualidade e as casas mais baratas que já foram oferecidas ao povo pobre deste país.

Companheiro Hélio, muito obrigado. Obrigado, prefeitos. E obrigado ao povo da zona noroeste e da Vila Santa Lúcia. Santa Lúcia, pronto.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço de posse da diretoria da Confederação Nacional de Seguros, Resseguros, Previdência Privada Aberta, Saúde Suplementar e Capitalização**

**Brasília-DF, 03 de março de 2009**

Meu caro José Roberto Arruda, governador do Distrito Federal,  
Eduardo Braga, nosso governador do estado do Amazonas,

Meu caro João Elísio Campos, presidente da Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização,

Companheiros ministros de Estado que estão aqui – nem eu consigo fazer uma reunião com tantos ministros quanto vocês conseguiram colocar aqui nesta mesa –, companheiro Fernando Haddad, Pimentel, Edison Lobão, Paulo Bernardo, Toffoli e o companheiro José Múcio.

Certamente nem o Sarney nem o Temer vão conseguir quorum hoje para fazer votação na Câmara e no Senado, tal é a quantidade de deputados e de senadores aqui presentes. Meus cumprimentos aos deputados e senadores.

Amigos e amigas integrantes dos sindicatos e federações do setor de resseguros.

Eu, na verdade, cortei... Nelson Machado. Eu, na verdade, cortei metade do meu discurso porque eu não sei se é problema de ser nordestino, mas depois da 1 hora me dá uma fome, e dizem que “saco vazio não para em pé”.

Primeiro, é uma honra para qualquer Presidente da República receber a homenagem que concede a Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização.

Mas é importante lembrar que os maiores merecedores de homenagens



como esta são os brasileiros e brasileiras de todo o mercado de seguros, que investiram no trinômio “coragem, confiança e criatividade” e estão comemorando 15% de crescimento da receita do ano passado.

Fico particularmente feliz, porque este momento é uma celebração de resultados advindos de uma virtuosa combinação de fatores. Os senhores e as senhoras conhecem melhor do que eu a pujança das atividades tão bem representadas aqui nesta ocasião. Na última década, o setor de seguros dobrou de tamanho no País, e hoje representa 3,5% do PIB nacional.

Mas felizmente ainda há muito terreno a ser conquistado. Nos países mais ricos, o percentual de participação dos seguros na vida econômica está na faixa de 7 a 12% do Produto Interno Bruto. O Brasil, portanto, ainda é um mercado com um potencial extremamente promissor. Os ativos garantidores das reservas técnicas das seguradoras já passam de 200 bilhões de reais, ajudando a financiar, com recursos genuinamente nacionais, o desenvolvimento do nosso país. A imensa maioria desses ativos está aplicada em renda fixa, principalmente em títulos do Tesouro Nacional, mesmo com a permissão de se aplicar até 49% em renda variável.

Nos Estados Unidos, a quase totalidade dos recursos está em ações, o que em parte explica fenômenos como o ocorrido com a seguradora norte-americana AIG, a maior empresa do ramo no mundo, que ontem mesmo anunciou perdas de US\$ 100 bilhões em 2008.

Além disso, no Brasil há muito tempo os derivativos descasados, que estão na origem de boa parte da profunda crise que o mundo está atravessando, deixaram de fazer parte das aplicações da indústria de previdência aberta, por força de lei.

E por ter cumprido rigorosamente a legislação que trata da aplicação das reservas técnicas, o setor de seguros no Brasil hoje pode comemorar seus avanços e também a blindagem contra os efeitos perversos da crise internacional.



Meus amigos e minhas amigas,

A importância do setor de seguros, previdência privada e capitalização, para o desenvolvimento do País é inegável, seja pela formação da poupança interna, pela complementação de renda na fase de aposentadoria ou pela redução dos prejuízos causados por sinistros como enchentes e incêndios, entre tantos imprevistos.

Ciente dessa importância, o governo federal tem trabalhado intensamente para oferecer condições propícias ao desenvolvimento do setor. Podemos citar alguns exemplos, como a edição da Medida Provisória 209/2004, convertida na Lei nº 11.053/2004, que melhorou a tributação incidente sobre a previdência privada ao criar a tabela regressiva do Imposto de Renda. Também podemos citar o Decreto nº 5.172/2004, que reduziu a alíquota do IOF para o seguro de vida de 4 para 0%, a partir de [setembro] de 2006, permitindo a redução do preço do seguro para o consumidor final. Esse compromisso do governo com a popularização do seguro de vida se mantém. Mesmo com o fim da CPMF, no início de 2008, o IOF foi elevado apenas para os atuais 0,38% para repor as perdas com a extinção da cobrança daquela contribuição. É importante lembrar ainda a criação de um mercado de resseguros no Brasil, promovida a partir da Lei Complementar nº 126 e das diversas resoluções do Conselho Nacional de Seguros Privados.

E ressalto também a adoção de um padrão de relacionamento mais democrático entre o órgão regulador e as empresas integrantes do mercado. Isso, como os senhores e as senhoras sabem, contribui para que as novas regras sejam elaboradas com melhor percepção sobre o dia-a-dia do setor e para que a atuação do Estado seja mais favorável ao desenvolvimento do seguro no Brasil.

Não é por acaso, portanto, que a crise internacional encontrou o mercado segurador brasileiro em uma situação muito sólida. Embora problemas pontuais de liquidez possam ter ocorrido, a solvência das



seguradoras brasileiras tem sido destaque entre os especialistas internacionais. E isso graças à boa gestão praticada pela ampla maioria das empresas nacionais e à atuação firme do governo federal, que restabeleceu regras e ações de supervisão que propiciaram o atual ambiente equilibrado.

Minhas amigas e meus amigos,

Embora importantes conquistas tenham sido alcançadas, ainda há muito o que fazer para o pleno desenvolvimento do setor de seguros no Brasil. Em primeiro lugar, quero destacar que o governo e a sociedade atuaram junto, recentemente, em um grupo de trabalho conduzido pela Superintendência de Seguros Privados, para estudar a proposta para o microseguro – no seu discurso você disse que está pronta a proposta já. Esse segmento tem potencial para democratizar o acesso à proteção oferecida pelo seguro aos moradores das periferias das grandes cidades, em substituição a produtos informais, não regulamentados e que, muitas vezes, deixam o cidadão totalmente desamparado.

Estou certo de que a situação macroeconômica atual e o resultado efetivo de distribuição de renda que tem sido feita oferecem as condições necessárias para ampliar significativamente a presença do seguro no dia-a-dia dos brasileiros.

Outro ponto importante é o aprimoramento da estrutura da Susep. O fim do monopólio do resseguro trouxe inúmeros desafios, em termos de regulação e fiscalização, já que se estabeleceram, no Brasil, mais de 50 resseguradoras e vários corretores de resseguros. Por esse motivo, o fortalecimento da Susep é essencial para assegurar que o desenvolvimento do mercado segurador se dê em bases sólidas e consistentes, com transparência e, sobretudo, com respeito ao consumidor.

Por isso, entre outras iniciativas, o governo enviou ao Congresso Nacional projeto de lei prevendo a contratação, por concurso público, de mais 250 analistas para a Susep. Esse projeto já foi aprovado na Câmara e eu



espero que a gente conte com a compreensão dos senadores para aprová-lo.

Meus companheiros,  
Meu caro João Elisio,  
Senadores,  
Deputados,

Eu penso que não seria justa a homenagem ao governo se esta homenagem não fosse estendida aos deputados e senadores que, ao longo do ano de 2004, tiveram a competência de fazer as mudanças que precisavam ser feitas no Brasil.

Eu quero aproveitar a imprensa aqui, e os deputados e senadores, para dizer que, muitas vezes, as pessoas se queixam do Congresso, reclamam, falam mal de deputados, falam mal de senadores, falavam mal de você, Lobão. Acontece que o Congresso Nacional é a cara da sociedade brasileira. Ele é o resultado da consciência política no dia em que o povo se manifestou eleitoralmente. Gostemos ou não gostemos, todos foram eleitos, e somente numa próxima eleição é que a gente pode mudar o voto que a gente deu.

Eu estou dizendo isso para fazer justiça. Porque embora muitas vezes as manchetes sejam de grandes discordâncias entre o Executivo e o Legislativo, a verdade é que no meu e em outros governos praticamente se aprovou 99% de tudo aquilo que se queria aprovar, sem nenhum problema para a sociedade brasileira. As brigas que acontecem são resultado do debate democrático.

Eu lutei a vida inteira para que a gente pudesse ter a diversidade política, contrariedades, pensamentos diferentes. Seria muito ruim se a gente um dia voltasse a ter um Congresso Nacional em que o Presidente da República pedia, o Ministro levava e era votado sem nenhuma contestação.

Nós acabamos com isso, nós vencemos isso. Nós gritamos por liberdade e por democracia durante décadas e décadas neste país. E o Congresso Nacional tem sido o resultado dessa conquista.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Portanto, eu acho que a votação dessas medidas para empresas de seguros e de outras medidas que o governo federal obteve, eu só posso aqui partilhar com o Congresso Nacional, porque tem sido um parceiro muito grande na aprovação da melhoria das condições de vida do nosso país.

Muito obrigado pelo convite, Presidente. E parabéns a todos vocês.

(\$211A)





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante abertura da 29ª Reunião do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social - CDES**

**Brasília Alvorada Hotel – Brasília-DF, 05 de março de 2009**

Não se assustem pelo volume aqui, porque as letras são grandes.

Meu caro companheiro José Múcio, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais e secretário-executivo do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social,

Quero cumprimentar a ministra Dilma e, em nome dela, cumprimentar todos os ministros que estão aqui presentes,

Senhores representantes do corpo diplomático,

Companheiros deputados,

Nosso líder do governo, Henrique Fontana,

Senadores,

Meu caro Paulo Godoy, em nome de quem cumprimento os integrantes do Conselho,

Convidados estrangeiros que vieram participar deste encontro,

Companheiros da imprensa,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, precisava ter colocado uma luzinha aqui, porque eu estou... Isso aqui está meio parecendo uma boate aqui. Vocês estão...?

Bem, a forma mais econômica, pelo que eu tenho, de fazer um discurso, é ler, porque se for fazer de improviso aqui, vocês vão pedir para eu parar de falar. É coisa de latino-americano, sobretudo na classe política.

Antes de mais nada, gostaria de saudar os participantes deste Seminário Internacional sobre o Desenvolvimento, organizado pelo Conselho de



Desenvolvimento Econômico e Social. O CDES, como todos sabem, tem um acúmulo precioso de contribuições para a nossa agenda do desenvolvimento.

Não poderia haver iniciativa mais oportuna neste momento do que reunir intelectuais e lideranças políticas, bem como lideranças sociais e empresariais, do Brasil e do exterior, para debater a crise mundial e suas consequências.

Creiam, não se trata de uma manifestação protocolar. Vejo neste fórum, de fato, a antecipação daquilo que o mundo mais precisa para equacionar e vencer as turbulências que se multiplicam no plano internacional. O nome desse requisito é entendimento político. O nome dessa condição é ação cooperativa multilateral. O nome dessa premissa é, enfim, uma agenda de prioridades que reconcilie os interesses da economia e da sociedade. Somente assim será possível dar um novo alicerce às transformações cobradas pelas nações e pelos povos nessa travessia singular da nossa história.

Por mais injustas que sejam – como de fato são – as consequências dessa crise para as populações pobres e as economias em desenvolvimento, a verdade é que ela coloca um ponto final em um ciclo de mais de duas décadas de equívocos e fraudes cometidos em nome do “deus” mercado.

Disse-o bem Paul Volcker – o ex-presidente do FED norte-americano – acerca do arsenal de inovações financeiras multiplicado nos últimos anos. Diz ele: “Ele nada acrescentou de relevante à economia real”. Não acrescentou mesmo, e não contribuiu, como tenho repetido, para incentivar a produção sequer de um parafuso.

É preciso, portanto, reconhecer e valorizar cada vez mais o papel de todos aqueles que resistiram arduamente à agenda do Estado mínimo nas últimas décadas; dos que resistiram ao desmonte das políticas públicas em nome da desregulação dos mercados; dos que resistiram, sobretudo, a entregar a sorte da sociedade aos azares do cassino financeiro, optando, em vez disso, por implantar e ampliar políticas sociais para ordenar a economia e qualificar o crescimento.



A crise atual consolida e consagra uma agenda de desenvolvimento que vinha sendo criticada de forma injusta e agressiva nos últimos anos. Se alguém ainda tem dúvida sobre a mudança em curso, recomendo a leitura do orçamento fiscal norte-americano anunciado pelo presidente Obama, na semana passada.

Um novo paradigma emerge em meio às ruínas das finanças desreguladas. Consolida-se rapidamente um novo idioma político, que recupera e fortalece a luta por uma sociedade cada vez mais democrática e justa socialmente.

A ideologia neoliberal do Estado mínimo experimenta o seu crepúsculo. A justiça fiscal recupera sua responsabilidade como alavanca indissociável do desenvolvimento e do bem-estar social. Emprego e oportunidade; saúde pública e educação de qualidade; infância amparada e velhice digna são as renovadas balizas do desenvolvimento.

Permitam-me dizer-lhes – não sem uma ponta de orgulho – que na América do Sul, e em especial no Brasil, a partir de 2003, essas balizas conquistaram ampla legitimidade em todos os escrutínios a que foram submetidas nos últimos anos. Nosso grande desafio, portanto, é ampliá-las e fortalecê-las no nosso país e contribuir para sua institucionalização em nível internacional.

A reforma dos organismos internacionais está no centro desse momento histórico. O FMI, o Banco Mundial, a própria Organização das Nações Unidas, bem como as agendas do G-20 e da OMC devem incorporar a nova geopolítica e os novos valores consagrados na esfera mundial.

Chamo a atenção dos intelectuais e das lideranças presentes neste seminário para a urgente atualidade de alguns temas.

Definitivamente, essa crise deixa claro que a política não é o oposto da eficiência, é um dos seus pressupostos essenciais. Tampouco o Estado é o estorvo do desenvolvimento. Ele é, sobretudo, o indutor. Impõe-se discutir uma



nova visão política e teórica do papel do Estado na globalização .

É inadiável aprofundar o debate sobre a interação entre democracia política e a regulação econômica da sociedade em nosso tempo. É crucial acelerar o avanço dos processos de integração regional, a exemplo da integração sul-americana. Temos aí, certamente, um caminho indispensável para a inserção ativa das nações em desenvolvimento no contexto da globalização.

Acima de tudo, trata-se de compreender que a reordenação mundial que a crise impõe transcende a capacidade das respostas técnicas e, sobretudo, das respostas unilaterais. Não se trata mais da vontade de um ou de outro chefe de Estado, de um ou de outro grupo de pressão, deste ou daquele organismo multilateral.

O colapso da ordem financeira mundial coloca desafios que excedem o raio de ação de forças sociais isoladas. Extrapola o alcance de setores econômicos específicos. Em um certo sentido, vai além da esfera de soberania dos Estados nacionais.

Só há uma força tão contundente em versatilidade e abrangência para enfrentar uma crise internacional do dinheiro desregulado, e essa força é a política. Não qualquer política, mas a política modelada em instituições multilaterais representativas, capazes de assumir com desassombro a incumbência de sanear o passado e estabelecer as novas bases para o futuro. Vivemos dias extraordinários, e diante do extraordinário, as ferramentas da rotina têm eficácia reduzida. A agenda mundial experimenta uma renovação vertiginosa nos últimos meses. Nosso desafio, agora, é manter o crescimento em meio às turbulências de uma travessia irreversível.

Para o Brasil, felizmente, não se trata de um desafio estranho às prioridades adotadas pelo governo nos últimos anos. Desde 2003, lutamos com cautela, mas com firmeza, para livrar a economia brasileira de uma inserção dependente e subordinada à lógica financeira internacional.



Assumimos a Presidência com uma das maiores dívidas externas do mundo. Uma bola de neve que crescia à taxa de 6,5% ao ano, enquanto as exportações aumentavam apenas 4,5%, em média. Na progressão que antevia o desastre, as reservas cambiais caíram a US\$ 17 bilhões de dólares.

Hoje, ao contrário, somos credores internacionais. Temos um cinturão de segurança de US\$ 200 bilhões; somos auto-suficientes em petróleo; desfrutamos maior solidez e autonomia para atravessar esse período de incertezas, sem renunciar à nossa agenda do crescimento. Nosso sistema de bancos estatais foi recuperado, fortalecido e ampliado. Devolvemos ao BNDES sua vocação de banco de desenvolvimento. Em 2008, sua carteira de financiamentos chegou a quase R\$ 92 bilhões; um total 40% superior a 2007.

Para 2009, o BNDES terá aportes adicionais de R\$ 100 bilhões para assegurar o crédito necessário ao investimento e ao capital de giro das empresas e grandes projetos de infraestrutura. O Banco do Brasil ganhou capilaridade adicional com a aquisição da [Nossa] Caixa e do Banco Votorantim, com a sociedade, e ficou mais robusto para atuar no financiamento da agricultura, do consumo e da indústria.

A Caixa Econômica Federal nunca financiou tanto a construção civil como hoje. E aqui um dado importante para os empresários: em janeiro e fevereiro do ano passado, a Caixa Econômica Federal fez contratos de financiamento de menos de R\$ 1 bilhão. Este ano, no mesmo período, a Caixa Econômica Federal já fez contratos de R\$ 1 bilhão e 900 milhões. Paulo Godoy que reúna os empresários da construção civil, e se preparem, porque os 20 anos que vocês passaram sem ter investimentos públicos em obras de infraestrutura acabaram. Agora não é mais desafiar o governo para fazer investimento em infraestrutura, é desafiar os empresários para se prepararem para construir as obras que nós vamos contratar.

A Caixa Econômica está apta a assumir a liderança financeira da política habitacional anticíclica que anunciaremos nos próximos dias. Certamente, a



Dilma vai falar, o Guido vai falar, o Meirelles vai falar, mas nós vamos anunciar, nos próximos dias, um pacote de habitação de um milhão de casas populares para a população de zero a 10 salários mínimos. A Caixa, ao lado das demais instituições do mercado, cuidará de assegurar o crédito necessário à aquisição dessas unidades pelos segmentos de renda popular, bem como pelas faixas de renda média e média alta.

O PAC, se já não existisse, teria que ser criado. No fundo é o que muitos países, inclusive os ricos, estão procurando fazer neste momento: retomando a coordenação pública dos investimentos, como consolidamos a partir de fevereiro de 2007.

Agora, em plena crise, o que fizemos foi aumentar até 2010, em 142 bilhões, o total de investimentos previstos nesse programa, o que vai resultar em um acréscimo de 502 bilhões até 2010. Eles somam agora mais 1 trilhão, em relação aos 693 bilhões originais, isso se nós levarmos em conta os investimentos previstos até 2015. Desse total, 646 bilhões serão investidos até 2010, contra 504 bilhões, que era o original. Outros US\$ 36 bilhões das reservas foram alocados ao comércio exterior, de modo a assegurar a competitividade das exportações em um ambiente cercado de ameaças protecionistas.

E por falar em protecionismo, deixemos bem claro: não podemos passar do vale-tudo financeiro, que jogou o Planeta na situação atual, para o vale-tudo protecionista, que certamente nos jogaria numa crise ainda pior do que aquela que resultou na 2ª Guerra Mundial.

Meus amigos e minhas amigas,

O Brasil desfruta nesse momento de uma posição privilegiada, reconhecida nacional e internacionalmente. Temos coordenação pública de investimentos, temos rede sólida de bancos estatais e privados, temos reservas e recursos garantidos para financiar a economia.

Mas, sobretudo, a grande novidade é que o Brasil não depende



fundamentalmente de dinheiro externo para preservar seu crescimento em meio a uma crise mundial equivalente, ou até mais grave, que a de 1929. Essa conquista inédita deve ser creditada ao conjunto de políticas e decisões estratégicas tomadas nos últimos anos. Uma das mais importantes, vemos agora, foi impulsionar a construção de um robusto mercado de massas, como nunca tinha acontecido no nosso país.

Foram decisivas, nesse sentido, as políticas sociais, bem como a recuperação do poder de compra do salário mínimo, que cresceu 51% em termos reais, de 2003 até agora. Mais de 20 milhões de brasileiros e brasileiras saíram da base da pirâmide de renda, nos últimos anos, para ampliar as faixas médias de consumo do mercado interno.

Não estamos falando, portanto, de iniciativas pontuais desprovidas de sentido estratégico. Mudanças estruturais foram adicionadas à engrenagem econômica do País e elas mudaram, e continuam mudando, a sociedade e o desenvolvimento brasileiro. Os canteiros de obras do PAC, multiplicados por todo o País, consolidam essa redefinição estrutural nas diferentes regiões do País nesse momento. Esse conjunto irradia efeitos benéficos e encadeados sobre o nível da renda, do emprego, da oferta e da demanda, ampliando os limites e oportunidades de crescimento em plena crise.

Acima de tudo, porém, o que diferencia esse ciclo, que estamos vivendo, de episódios anteriores de nosso desenvolvimento é que, desta vez, sua continuidade não depende apenas da lógica econômica.

Uma nova consciência democrática e popular se espraia pela sociedade brasileira. O que essa forte consciência nos diz é que a economia não pode mais se divorciar da voz da democracia, tampouco ignorar o comando da justiça social na condução do desenvolvimento no século XXI. Investidores nacionais e estrangeiros já entenderam a força aglutinadora desse novo ingrediente e por isso mantêm e ampliam seus investimentos no País.

Tenho a certeza de que este seminário, com a inteligência, o talento e as



experiências públicas e privadas aqui presentes, saberá debater e aprofundar os caminhos do desenvolvimento do Brasil, contribuindo para que avancemos, governo e sociedade, na construção do país que sempre sonhamos.

Meus amigos e minha amigas,

Apenas para não perder o hábito, eu queria reforçar uma coisa que eu disse no meu discurso, da questão política. Eu estou convencido de que a saída para essa crise que estamos vivendo só acontecerá se os governantes do mundo assumirem o papel de governantes dos seus países.

Houve durante duas décadas quase uma apatia, porque as pessoas eram eleitas sob a égide de que o Estado não valia nada, de que tudo seria resolvido pelo mercado e que, portanto, o papel do governante era enxugar o Estado, diminuí-lo o máximo possível, porque o Estado atrapalhava o desenvolvimento da economia. Muitos dirigentes políticos passaram o mandato inteiro tentando fazer isso. Chegaram a falar até em choque de gestão como a única forma de a gente resolver o problema de cada país.

Aqui no Brasil, no nosso governo, nós nunca falamos em choque de gestão. Mas o dado concreto é que a dívida pública caiu de 56% para 33%, e não é pouca coisa 20% em poucos anos.

Mas o mais importante é que a decisão que nós temos que tomar daqui para a frente é saber se os líderes políticos assumirão o seu papel de lideranças políticas e se o Estado voltará a ter o papel que tem que ter, não no gerenciamento da economia, mas na indução das boas políticas que têm que ser colocadas em prática no mundo inteiro.

O que nós vimos é que aqueles que sabiam tudo até essa crise, ficaram sem saber nada depois da crise. E foi exatamente o Estado, que foi negado a vida inteira, que foi chamado para salvar aqueles que até então pareciam os deuses da verdade, e o “deus” do mercado.

O que nós percebemos é que o mundo ficou subordinado a uma especulação financeira sem precedentes na nossa história. Ninguém sabe até





hoje quantos trilhões de dólares atravessavam os oceanos, sem passaporte, sem nada. E depois da crise a gente percebe que os dólares que sobrevoavam desapareceram. Os bancos que apareciam nas pesquisas e nos estudos da importância dos bancos nos PIBs, apareciam com uma pizza desse tamanho, hoje é uma mini-pizza, ainda sem saber o que está acontecendo, porque ainda não se sabe a totalidade da profundidade dessa crise. E não existe uma outra explicação a não ser aquela de que o sistema financeiro esteve totalmente divorciado e dissociado do setor produtivo das nações.

Chegamos a um momento em que alguns podem estar reclamando dessa crise, alguns poderão estar vendo o fim do mundo com essa crise. Eu confesso a vocês que posso ser exagerado, algumas pessoas não gostam quando eu digo isso, mas essa crise é a oportunidade de os governantes voltarem a governar, e do Estado voltar a coordenar os interesses das sociedades que nós representamos.

Vamos ter uma reunião do G-20 no dia 2 de abril, já tivemos a experiência da OMC. Eu disse a todos os presidentes e a todos os primeiros-ministros: a OMC não vai chegar a nenhum acordo enquanto os dirigentes políticos não tiverem coragem de dizer o que querem e fazerem um acordo.

Em três reuniões do G-8 eu tentei propor aos presidentes que nós deveríamos fechar o acordo da OMC entre os presidentes e obrigar os nossos assessores a cumprirem. A verdade é que as pessoas ficam mais dependentes dos assessores do que os assessores do presidente, e a coisa não foi.

Nós nunca, Maria da Conceição Tavares, estivemos tão perto de fazer um acordo, nunca. Eu cheguei ao ponto de dizer ao presidente Bush que ele tinha que decidir com qual biografia ele queria terminar o mandato: se era apenas com a biografia da Guerra do Iraque, e que ele poderia melhorá-la fazendo o acordo da OMC. E como os Estados Unidos são o país mais importante do mundo, ele obviamente encabeçaria esse acordo da OMC. Não aconteceu. Nem aconteceu o acordo da OMC, por um problema político-



eleitoral nos Estados Unidos e um problema político-eleitoral na Índia, por isso é que não aconteceu o acordo. E, ao mesmo tempo, nós ganhamos de presente essa crise econômica, resultado da especulação, porque ninguém até agora me explicou por que o petróleo saiu de US\$ 30 o barril para US\$ 150, a soja saiu para o preço que saiu, e caiu, ao mesmo tempo, sem nenhuma explicação. A única explicação era que a especulação não se sustentava a vida inteira, se ela não estivesse subordinada à produção dos países.

Nós, agora, vamos ter que decidir não apenas a regulação do sistema financeiro, não apenas os paraísos fiscais, em que é preciso haver uma regulação. Mas nós vamos ter que decidir como restabelecer o crédito, eu diria, no Planeta, porque sem crédito as economias não funcionam, as empresas não investem e a economia não roda.

O dilema que está colocado para os países é saber o seguinte: podemos ou não voltar ao crédito que tínhamos antes da crise? Esse é um desafio. Onde está o dinheiro, Gerdau, que circulava pelo mundo afora? Desapareceu? Será que os países ricos vão continuar apenas colocando dinheiro com o intuito de salvar bancos, ou será que alguns países terão coragem, sem medo da palavra, de estatizar os bancos, recuperá-los, fazer voltar o crédito e depois, então, se quiserem, entregarem os bancos a quem eles entenderem que devam entregar.

O que não pode é a gente ficar colocando água na panela quente sem colocar os ingredientes para fazer a comida, porque a água evapora. Pode colocar mais um copo, que vai evaporar. E pode colocar mais um copo, que vai evaporar. O que nós precisamos é colocar os ingredientes para, daquela água, a gente fazer a nossa comida e sobreviver.

O que nós vamos discutir no G-20 – eu não sei se é a disposição de todos os presidentes do mundo, pelo menos essa é a minha – é que chegou a hora da verdade e a hora da política, não tem contemporização. Essa crise pegou os países em desenvolvimento, e sobretudo os países pobres da



América Latina que ficaram 20 anos sem crescer, experimentando o desemprego, experimentando o crescimento da miséria, experimentando o crescimento da favela. Quando esses países começam a crescer, eles são pegos de surpresa por uma crise gerada no coração daqueles que sabiam tudo, mas que não sabiam das suas crises. É impressionante.

Eu me lembro, Meirelles, de quantas vezes a delegação do FMI descia aqui e era estampado na primeira página dos jornais brasileiros como os salvadores da pátria do nosso país. Eram eles que diziam: pode fazer estrada ou não pode fazer estrada, pode fazer escola ou não pode fazer escola, pode investir nisso ou não pode investir naquilo. E nós, de forma obediente, cumprimos o receituário, e todos os países cumpriram o receituário.

Quando nós conseguimos nos libertar disso e começamos a crescer, começamos a enxergar pelos nossos próprios olhos e começamos a tomar as decisões pelos nossos próprios políticos, o nosso país começou a se recuperar. E agora, outra vez, estamos subordinados a uma crise de que nós não temos culpa, e muito menos os pobres do mundo têm culpa.

Então, eu queria dizer para vocês que embora eu tenha falado de crise, eu sou o mais otimista dos brasileiros e o mais otimista dos governantes. Eu me lembro de que quando caiu o Muro de Berlim, eu fui muito criticado aqui no Brasil, porque eu dizia que a queda do Muro de Berlim era a oportunidade de a gente repensar as coisas no mundo, porque até então estava tudo escrito, o Manifesto Comunista dizia tudo o que a gente tinha que fazer, o Marx já tinha dito tudo o que nós tínhamos que fazer. Era como se nós tivéssemos que ser um pequeno robô, sem ter o direito de pensar. O meu Partido nasceu exatamente do desaforo de pensar diferente, exatamente. Os sindicatos, no Brasil, cresceram exatamente pensando diferente.

Agora é a hora de a gente aproveitar essa crise para fazer o que nós não tivemos coragem de fazer nos últimos 20 anos. Nós não temos problema de déficit público, o País está totalmente equilibrado. Aqui neste país ninguém



ousa mais falar em equilíbrio fiscal.

Não me peçam para fazer com que os trabalhadores paguem a crise outra vez, arrojando salário, não me peçam, porque eu estou convencido de que a nossa teoria estava correta. Quando diziam, neste Brasil, que a gente só poderia distribuir se o País crescesse, nós ficamos esperando crescer 30 anos, e cresceu. Alguns poucos comeram tudo e nós ficamos sem nada. E a gente dizia: é preciso distribuir para a gente garantir que a economia cresça.

E por incrível que pareça – alguns podem discordar – mas foi exatamente a quantidade de políticas sociais que nós criamos no País que fez com que as partes mais pobres do Brasil crescessem mais do que a parte mais rica do Brasil, com pequenos programas. Um programa como o Luz para Todos, que já levou energia na casa de 2 milhões de famílias, atendendo 10 milhões de pessoas. Essas pessoas passaram a poder comprar uma televisão, um liquidificador, uma geladeira, uma casa de farinha. Para alguém que mora em um grande centro urbano isso parece pouco, mas para quem nunca teve nada... vocês não sabem a sensação de uma pessoa que viveu à base do candeeiro a vida inteira acender uma luz dentro da sua casa. É como se a gente transportasse uma pessoa do século XVIII para o século XXI, naquela chamada “máquina do tempo”.

O Bolsa Família, que alguns ainda criticam, porque no Brasil toda vez que a gente faz política para os pobres é chamado de “assistencialista”. Possivelmente, uma pessoa que dá 75, 85, 95 reais de gorjeta quando toma o seu uísque, não tenha noção do que significam R\$ 80,00 na mão de uma mãe de família, não tem noção do que ela pode levar para dentro de casa.

A política de compra de leite, de compra de alimentos dos pequenos produtores, a assistência técnica no campo. O financiamento de 25 bilhões do BNDES para a agricultura familiar comprar tratores e comprar máquinas agrícolas. O que está fazendo a indústria de máquinas agrícolas se sustentar nesse momento, é esse programa.



Podem ficar certos de uma coisa: nós não sabemos tudo o que precisa fazer no País. Possivelmente, muitos de vocês tenham idéias que nós ainda não conhecemos. Nós não sabemos fazer tudo o que precisa ser feito. Mas a verdade é essa: se alguém tiver uma boa idéia nos dê, porque nós não teremos medo de dizer, em alto e bom som, que tudo o que tem que acontecer com essa crise, não é o presidente da República se trancar no seu gabinete, os ministros resolverem fazer contingenciamento cada maior, cada vez gastar menos, cortar salário, em nome de que a gente vai vencer a crise. Não. Essa crise, nós iremos vencê-la diferentemente de outras crises. Essa é com investimento, é com ousadia, é com coragem, é disponibilizando crédito neste país que a gente vai poder fazer este país crescer. É estabelecendo nova lógica na relação comercial. Por que o dólar tem que ser a moeda com que eu troco coisas com a Bolívia, com a Argentina, com o Paraguai, com a China? Por que eu não posso trocar nas moedas dos nossos países? Por que eu tenho que ficar subordinado a isso?

Então, meus companheiros e companheiras, eu até gostaria de pedir aos convidados estrangeiros que [vieram] para o Brasil: já que gastaram dinheiro e vieram para cá, atravessaram os oceanos, ou os que vieram aqui da América Latina, que aproveitem um dia só para conhecer o conjunto de políticas sociais que nós colocamos em prática neste país, que vocês vão perceber que foi plenamente possível ajudar os pobres e fazer os ricos ganharem muito dinheiro. Se vocês pegarem os balanços de nossas empresas, [vão ver que] nunca se ganhou tanto dinheiro neste país. Lamentavelmente, alguns quiseram ganhar mais do que deveriam ganhar, se meteram com os tais de derivativos e quebraram a cara, lamentavelmente. As pessoas não se contentaram em ganhar dez pães, quiseram ganhar 15, e ganhar os 5 sem produzir uma arruela, sem produzir uma folha de papel.

Eu espero que isso sirva de lição para todos nós e que a gente, daqui para a frente, tenha em conta que qualquer política econômica só será séria se



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

for subordinada à produção, à geração de empregos e à distribuição de renda.

Boa sorte para vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração simultânea de escolas técnicas federais no  
estado do Rio de Janeiro**

**Cabo Frio-RJ, 05 de março de 2009**

É porque está batendo um sol muito forte aí, na minha cara...

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social,

Meu querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Companheiros deputados federais,

Secretários e secretárias do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar a nossa Secretária de Educação,

Meus companheiros prefeitos aqui presentes – se eu for citar o nome de todos, certamente, depois eu teria que vir ser candidato a vereador aqui, porque ia ficar muito conhecido.

Meu caro companheiro Neto, de Volta Redonda, que deve estar nos assistindo.

Primeiro, dizer para o Neto o seguinte: eu e o Sérgio Cabral queríamos ir a Volta Redonda ou a Duque de Caxias inaugurar a escola aí. Aí, o pessoal de Cabo Frio fez a seguinte ponderação: “Lula, você é metalúrgico, está cansado de ver metalúrgico lá em São Bernardo do Campo, mora perto da Volkswagen, da Mercedes, da Ford, da Brastemp. O Sérgio Cabral também vai quase todo dia na Baixada Fluminense, vai visitar”. Aqui em Cabo Frio eu só vim uma vez,



há muito tempo, pensando que ia tomar um bom banho de praia, mas a água estava tão gelada que aí eu compreendi porque o nome era Cabo Frio. Então, o pessoal daqui falou: “Olha, você vem para cá porque aqui, pelo menos, vocês vão ver um mar que não tem nem em Volta Redonda, e que não tem lá em Duque de Caxias e na Baixada Fluminense”.

Então, é por isso que nós estamos aqui. Não foi – viu, Neto – porque a gente não queria ir a Volta Redonda. Aliás, Neto, eu acho que você emagreceu um pouco, heim? E acho que você está pintando o cabelo, Neto.

Bem, eu queria dizer ao Neto da alegria de poder ver que na sua cidade também está inaugurando uma escola técnica profissional. Eu acho que Volta Redonda, pelo significado que tem no Rio de Janeiro, pela importância como cidade industrial, mais do que merecia essa escola técnica. Daí porque eu quero te dar os parabéns, Neto, dar parabéns ao nosso reitor aí, quero dar parabéns aos alunos. E dizer para você que eu espero que logo, logo, a gente tenha a plenitude dos alunos estudantes aí. Então, parabéns, Neto.

Meu querido companheiro Eliezer, que está em Duque de Caxias. Companheiro Eliezer Pacheco, que é o secretário de Educação Profissional e Tecnologia, que está lá em Duque de Caxias inaugurando a escola. É esse senhor novo, jovem, de barba branca, bigode branco, que está aí representando o Fernando Haddad.

Quero cumprimentar – se o papel descolasse, aqui – quero cumprimentar a Sônia. Levanta a mão, Sônia, para eu saber quem é a Sônia, lá em Duque de Caxias. Sônia, a diretora da Escola Técnica Federal de Duque de Caxias. Um abraço, Sônia, e parabéns pela escola.

Queria cumprimentar também o nosso querido César Luiz Azevedo, diretor da Escola Técnica Federal de Cabo Frio.

Queria cumprimentar o Bruno. Cadê o Bruno, que fez o discurso aí? Vamos ver se vocês mostram o Bruno. Aí, Bruno! Bruno, pelo discurso aí, você está com cara de candidato, heim, meu? Você que não se cuide... Primeiro,





estude. Primeiro passe no concurso da Petrobras e arrume o seu emprego na Petrobras. É tudo o que eu queria, viu, Bruno? Trabalhar na Petrobras. Meus parabéns pelo discurso, Bruno.

Queria cumprimentar cada um de vocês aqui presentes. E dizer para vocês da alegria... Eu não vou ler o meu discurso, Fernando, porque você já falou o que estava escrito aqui. É sempre assim, a gente faz o discurso, pede informações para o ministro da área, e quando ele chega, ele faz o discurso da gente e a gente fica sem ter o que falar.

Mas, eu queria dizer para vocês que eu sinto na pele, no meu sangue e na minha consciência o significado de uma escola dessas para um pai e para uma mãe e, sobretudo, para os alunos, para as meninas e os meninos que conseguem uma vaga em uma escola técnica profissional, porque eu tenho consciência de que isso é o começo da independência de um jovem. Não tem nada na vida mais sagrado do que a gente aprender uma profissão e com essa profissão a gente saber que pode se autossustentar, que a gente pode sustentar nossa família e que a gente pode ganhar um pouco mais do que aqueles que não tiveram a oportunidade de aprender uma profissão. E a profissão é extraordinária, porque quando um aluno faz simplesmente um curso de 2º grau e ele não está ligado a uma profissão, muitas vezes, e o Fernando Haddad sabe disso, um jovem de 17 anos que está cursando o segundo ano do 2º grau, ele às vezes quer trabalhar para ajudar o pai e a mãe, ele quer ajudar no orçamento de casa e muitas vezes ele quer trabalhar para ter o dinheirinho dele, para não ter que pedir dinheiro para a mãe, porque mãe é o bicho melhor do mundo, mas quando um filho pede dinheiro, ela vira uma fera. Muitas vezes, ele quer trabalhar para ter o dinheirinho dele, ele quer ter o salário dele, comprar as coisas dele, uma menina quer comprar as coisas dela, não quer ficar pedindo para o pai ou para a mãe. Então, um jovem que está fazendo o segundo ou terceiro ano do 2º grau e não está aprendendo a profissão, [quando] ele vai procurar emprego, alguém pergunta: “O que você



sabe fazer?”. Ele não sabe fazer nada. Ele apenas estudou, mas ele não aprendeu nada. Se esse 2º grau está intimamente ligado a um curso técnico-profissional, esse jovem pode chegar em qualquer lugar e, quando alguém perguntar “o que você sabe fazer?”, ele vai dizer: “Eu, além de ter o 2º grau completo, sou técnico em turismo, sou técnico em enfermagem, sou técnico em agricultura, sou técnico em computação...” Hein? Petróleo e gás, vai ser técnico em eletricidade. Ou seja, ele vai ter algo para oferecer ao empregador a quem ele está pedindo emprego. E se ele não tiver, é sempre mais difícil.

Daí porque a minha alegria em inaugurar uma escola dessas. Este ano, como disse o Fernando Haddad, nós vamos inaugurar 100 escolas dessas. Nós inauguramos a primeira em Brasília. Era uma escola fundada pelo Juscelino Kubitschek no dia 17 de fevereiro de 1958, que foi abandonada. Nós fomos lá, gastamos R\$ 3,2 milhões, reequipamos a escola, fizemos dormitório para os homens, no primeiro momento, e agora vamos fazer um dormitório para as meninas que estudam lá. São aproximadamente 1,2 mil estudantes, muitos vêm de longe, e nós recuperamos. Foi a primeira, Sérgio, que nós inauguramos, no dia 17 de fevereiro deste ano, das 100 que a gente vai inaugurar este ano. Hoje, inauguramos essas três no Rio de Janeiro. Nós vamos sair daqui, vamos para o Espírito Santo, vamos inaugurar quatro, e a partir daí, todo mês, nós vamos ter uma quantidade enorme de escolas técnicas profissionais para inaugurar.

O que nós lamentamos é que, em 1998, o ministro da Educação da época mandou o Congresso fazer uma lei tirando do governo federal a responsabilidade de fazer escola técnica. Então o governo federal não podia mais fazer escola técnica, tinha que fazer convênio com prefeituras ou com ONGs para poder fazer escola. Na teoria é tudo muito bonito, mas acontece que a maioria das prefeituras, sobretudo as menores, não tem recursos para manter uma escola técnica, não tem condições, e muito menos uma entidade da sociedade civil, uma ONG. Por isso é que nós já federalizamos um par



delas. Aqui mesmo tem um prefeito que me encontrou ali e falou: “Presidente, nós fizemos uma escola, mas é difícil mantê-la, federaliza ela”. Cadê o prefeito, não está aqui? Eu falei para o Fernando Haddad: vamos federalizar. Está ali o prefeito levantando a mão ali. Nós vamos ter que federalizar, porque nós... Quissamã? [Quissamã]... [Quissamã]! A nossa famosa [Quissamã]! A melhor água de coco do Rio de Janeiro e do Brasil, só perde para a água de coco de Garanhuns.

Então, nós agora... O que vai acontecer no Brasil? Eu concordo com os elogios que você fez ao Fernando Haddad. Eu tenho a impressão, Sérgio, de que o Brasil abandonou a educação há muito tempo porque, normalmente, quem governava o Brasil era sempre o representante de uma parte privilegiada da sociedade brasileira. Nada, nada contra as pessoas individualmente, que eu não faço política criticando individualmente. Mas na história do Brasil, se vocês pegarem desde Marechal Deodoro, vocês vão perceber que era advogado, era fazendeiro, era empresário, era professor, ou seja, nós nunca tivemos ninguém que conhecesse um pouco a experiência de vida que o povo vive no seu dia-a-dia, nunca.

Por conta disso, vocês sabem a quantidade de preconceito que foi lançado neste país contra mim. Diziam que eu não teria competência para governar o Brasil porque eu não tinha diploma universitário, diziam que eu não tinha competência para governar o Brasil porque eu não sabia nem falar direito, eu falava “menas laranja”. Hoje eu falo até *en passant*, mas antigamente eu falava só “menas laranja”. Diziam que a gente não tinha como montar governo, que a gente não tinha figuras importantes para montar o governo.

Então eu fui obrigado a passar anos da minha vida explicando que um técnico de futebol não tem que ser jogador de bola, ele tem que ser técnico, ele tem que saber montar o time. Eu, inclusive, depois dessa experiência aqui, vou propor ao Sérgio Cabral dizer ao Roberto Dinamite que, se ele quiser, nós montamos uma escola técnica para ensinar jogador de futebol a jogar bola no



Vasco da Gama. Uma escola técnica. Como eu sou muito amigo do Roberto – está bem, que o Flamengo também está precisando – quem sabe seja um caminho para a gente salvar os times do Brasil.

Agora o Corinthians está bem, porque contratou o Ronaldão, vocês viram que ele estreou ontem. Quase marca um gol, mas não marcou. Quase, quase, mais umas três horas de jogo, ele teria marcado um gol. Ou não agüentaria jogar as três horas. Domingo é contra o Palmeiras, lá em São Paulo, é a maior rivalidade, é como o Vasco e o Flamengo aqui, e nós vamos ter o Ronaldão marcando todos os gols que ele não marcou nesse ano que falta. Pois bem, então veja...

Eu penso sempre, Sérgio, uma coisa importante. Pode parecer paradoxal, mas é exatamente um presidente da República que não teve oportunidade de estudar, que está fazendo as escolas que aqueles que estudaram deveriam ter feito neste país. É um paradoxo. Agora, obviamente eu sei que todos eles que passaram pelo governo no Brasil conhecem muito mais do que eu, estudaram muito mais do que eu, mas por que não fizeram as coisas que tinham que fazer? É porque, possivelmente, eles nunca tinham sentido a necessidade, porque eles não tiveram dificuldade para estudar, os seus filhos não tiveram dificuldade de estudar. Então eles estudaram, para que se importar com os outros? Eu não consegui estudar, consegui formar meus cinco filhos, e eu sei o (quanto) isso é importante para uma mãe, sobretudo para uma mãe. Quando uma mãe vê o seu filho aprender uma profissão, ou a sua filha aprender uma profissão, essa mãe acende uma vela para Deus porque essa profissão é a garantia de que esse cidadão de Cabo Frio será um cidadão em qualquer lugar do território brasileiro.

É por isso que nós estamos fazendo isso. Até terminar o nosso mandato, serão [354] escolas técnicas. Nós encontramos 140, vamos fazer 214, e eu peço a Deus que quem vier depois de nós faça outras 300, outro que vier faça outras 300, e outro que vier faça outras 300, para que a gente possa recuperar



o atraso que nós promovemos neste país na área da Educação. Neste país, Sergio, quando nasciam duas crianças, que estavam na maternidade, se você fosse ao berçário e perguntasse de quem era filho a criança, você já saberia qual a que iria fazer universidade e qual a que iria parar de estudar no 4º ano primário. Era só saber a origem social das duas crianças que você saberia, estava demarcado.

Por isso é que quando nós criamos o ProUni, Sergio, e você acompanhou, não foi uma coisa fácil. Quando nós dissemos que iríamos fazer convênios com universidades privadas e iríamos fazer isenção de impostos para que o equivalente à isenção fosse transformado em bolsas, nós tínhamos um grupo de estudantes no Brasil, normalmente ligados à elite brasileira, que começou a fazer discurso de que a gente queria privatizar a educação no Brasil. Sabem por quê? No Brasil tem um tipo de gente que, se eles estão comendo, eles não ficam com bronca se o outro pedir comida para eles, não. Eles ficam com bronca é se o outro estiver na outra mesa, comendo a mesma comida deles, porque eles acham que só eles têm direito de comer.

Ora, o ProUni se transformou em uma revolução neste país. Já são 436 mil jovens no ProUni, da periferia, todos de escola pública. Quarenta e cinco por cento deles são meninos e meninas negros, que antes estavam marginalizados de estudar neste país. Vocês viram, na televisão está passando, uma jovem negra que está estudando Medicina. Eu não tinha visto ainda. Quando me contaram a história, eu pedi ao Franklin Martins me dar o vídeo da propaganda do Ministério da Educação. Se você não viu, Sergio, veja, porque é a história mais comovente de uma negra da periferia que, se não tivesse o ProUni, jamais chegaria a uma universidade, porque nem poderia passar no vestibular das federais, e se passasse no vestibular das privadas, quando fosse se matricular não teria dinheiro para pagar a mensalidade, porque um curso de Medicina custa R\$ 2.800,00 por mês, não é para pobre. Essa moça e tantos outros estão se formando. Este ano, Sergio, só para você



ter idéia e os companheiros prefeitos, estarão sendo formados agora em março os primeiros 56 mil diplomados do ProUni. Quantos jovens entraram este ano, novos? Mais 146 mil jovens, este ano, vão entrar na universidade, por conta do ProUni. E se Deus quiser, nós vamos chegar a 1 milhão de jovens entrando na universidade brasileira, porque é exatamente a educação a única coisa capaz de fazer com que haja igualdade entre os seres humanos, sem distinção de quem é preto e de quem é branco, católico ou evangélico, vascaíno ou flamenguista, pobre ou rico. É a educação que dá a igualdade de oportunidades para as pessoas. Tem duas coisas que dão igualdade: a educação e o futebol. O futebol é a única profissão no mundo em que os pobres ganham mais do que os ricos, porque os ricos não jogam bola, são os pobres que jogam bola. Então, é a única profissão no mundo em que a maioria que ganha muito bem são jovens pobres da periferia. E a educação é a outra coisa que dá igualdade.

Mas não é apenas isso. Nós estamos fazendo 14 universidades federais novas e estamos fazendo 93 extensões universitárias. Em Volta Redonda já tem uma. Por que nós estamos fazendo isso? Para evitar que uma menina de 18 anos ou um menino de 18 anos, querendo estudar, tenha que sair da sua terra natal, da sua região, para vir disputar uma vaga em uma única universidade federal que existe na capital. São poucas, são poucas e para pouca gente. Há uma contradição: no ensino fundamental, o pobre estuda na escola pública e o rico estuda na escola privada. Na universidade, que deveria o pobre estar na escola grátis, quem está é o rico porque é melhor, e o pobre tem que pagar.

Nós estamos mudando essa coisa. É verdade que não vai ser mudado tudo em oito anos, é um processo que pode levar uma geração, pode levar 10, 15 ou 20 anos. Mas eu tenho fé em Deus que daqui a 20 anos este país vai ser um país justo, qualquer jovem pobre que quiser poderá prestar um vestibular e se transformar em doutor, porque eles pensam que pobre só serve para ser



pedreiro, e pobre quer ser engenheiro também, pobre quer ser engenheiro, pobre quer ser médico.

Então eu acho que o que está acontecendo no Brasil é uma coisa extraordinária, do ponto de vista da educação. Nós estamos fazendo creches em muitas cidades. Quantas creches já tem, conveniadas? Já temos 1.500 creches conveniadas com os prefeitos, a gente dá o dinheiro, os prefeitos constroem as creches. Nós vamos colocar mais dinheiro, porque este país só será justo quando a gente cuidar dos que nascem e cuidar dos que, como eu, já estão na terceira idade, com mais de 60 anos, para viver dignamente o resto da sua vida.

Bem, parada essa questão da educação, tem uma coisa que nós fizemos, que uma parte da elite também não gostou, que foi o Reuni. O Reuni, o que nós fizemos? [Com] o Reuni, nós aumentamos de 12 alunos em média por professor, para 18 alunos em média por professor. Vamos ser francos, gente, não é muito 18 alunos por professor, não é muito. Mas aqui no Brasil tinha gente que não queria, falavam: “Isso vai cansar o professor. Isso é demais. Dezoito alunos? É demais”. Tem professor de pós-graduação que dá aula para dois, para três, para quatro.

Então, nós criamos o Reuni, demos um pouco mais de verba para as universidades federais, fizemos um acordo com todos os reitores e vai ter que aumentar o número de alunos. Isso significa que nós já dobramos a renovação de alunos por ano: eram 113 mil alunos a cada ano que renovavam, na universidade. Hoje são quantos? Duzentos e vinte e sete mil. Ou seja, mais do que dobramos o número de vagas novas a cada ano.

Na medida em que a gente resolva o problema da educação, que eu acho que nós vamos resolver... E não é só o governo federal, não. Na semana passada eu vim ao Rio de Janeiro, fui lá na favela, em Mangueiras, com o Sérgio Cabral, inaugurar uma escola estadual em um prédio recuperado. O que que era aquele prédio? Era um prédio do Exército, que se eu levar para a





rainha Margareth, na Inglaterra, ela vai pensar que é uma escola de Londres, de tão bonita que é.

Eu fico orgulhoso de saber que um pobre da favela, que antes era só lembrado quando a polícia entrava lá dentro para tirar, agora vai ter uma escola de qualidade, com laboratório, com computador para ele estudar. E eu tenho certeza de que muitos prefeitos estão fazendo na sua cidade a mesma coisa.

Aliás, falando em prefeito, eu quero lembrar esse pedido do companheiro Sérgio Cabral. Ele já tinha falado comigo por telefone que a região noroeste teve um problema de enchente, por causa da chuva, e eu disse para ele: pode falar no microfone, que nós vamos agora acertar com o Ministro da Integração e com a Casa Civil para a gente ver... Depois vamos telefonar para ver quanto, porque não pode ser muito também, não é, Serginho? Tem que ser uma coisa razoável, mas nós vamos ajudar na recuperação dos estragos que a enchente fez.

Por último, aqui está cheio de prefeitos, tem prefeitos do PT, do PMDB, do PSB, tem de vários partidos políticos aqui. Os prefeitos são testemunhas da relação republicana e civilizada que a gente tem mantido com eles. Lá no governo federal – e o Sérgio Cabral sabe disso – não existe hipótese de alguém perguntar de que partido é um prefeito ou uma prefeita que chegue lá para pedir uma coisa. O que nós queremos é tratar todos em igualdade de condições, porque não estaremos atendendo a um prefeito, estaremos prestando um serviço ao povo da cidade que elegeu aquele prefeito.

Quero terminar dizendo para vocês o seguinte: eu sinto prazer de vir ao Rio de Janeiro, um prazer, porque vocês sabem que eu passei o primeiro mandato “comendo o pão que o diabo amassou” na relação com o governo do Rio de Janeiro. Não vou dizer quem era, não preciso dizer nome, mas vocês sabem. Era tudo muito complicado, era tudo muito disputado, as coisas não andavam, havia desconfiança, havia disputa política. Também, o governador queria ser candidato a presidente, também é verdade, então era tudo para





atrapalhar.

Eu quero lembrar de um discurso que eu fiz com o Sérgio, no segundo turno da eleição. O Sérgio não tinha trabalhado para mim no primeiro turno, e nem eu para ele, não tinha trabalhado. Nós nos conhecemos no segundo turno, e eu disse ao companheiro Sérgio: Sérgio, nós poderemos criar uma relação entre o governo federal e o Rio de Janeiro que nunca houve na história do Rio de Janeiro.

O Rio, em qualquer parte do mundo que a gente for, o Rio é a cara do Brasil. Portanto, se este estado é a cara do Brasil, nós não podemos permitir que este estado continue aparecendo na imprensa nacional apenas nas páginas policiais ou no horário policial do noticiário de televisão, não podemos, nós temos que fazer alguma coisa.

É por isso que estamos fazendo o maior investimento já feito no Rio de Janeiro, em parceria com o governo do estado e com os prefeitos – todos os prefeitos sabem disso – atacando as favelas do Rio de Janeiro. Não atacando com policial, [mas] atacando com obras, com escolas, com cultura, com formação profissional. Porque nós achamos que a melhor forma de a gente evitar que o jovem caia no narcotráfico ou no crime organizado não é mandar a polícia para bater nele, é colocar lá a oportunidade para ele perceber que tem um outro mundo e que ele pode participar desse outro mundo. E isso vocês vão ver daqui a alguns meses o que vai acontecer na favela, no Complexo do Alemão, no Pavão-Pavãozinho, na Rocinha e em Manguinhos, vocês vão ver o que aconteceu.

Diziam assim para a gente: “Não pode ir lá. Lá não pode ir, porque quem manda é o crime, não pode nem entrar, não vai trabalhar”. Nós entramos, anunciamos e quem está trabalhando nas obras são os próprios moradores da favela do Rio de Janeiro. Nós não podemos nos conformar com a idéia de vender que todo mundo que está na favela é bandido. Noventa e nove por cento são homens e mulheres de bem, crianças que querem ter oportunidade,



adultos que querem ter o que vocês estão tendo aqui, em Cabo Frio, essa oportunidade de estudar numa escola dessas.

No dia que o Estado, o governo federal, o estadual e a prefeitura, todos nós tivermos muita vergonha na cara, esquecer que fomos adversários eleitorais e saber que fomos eleitos para prestar um serviço ao povo e fazer o que Sérgio e eu estamos fazendo, o que nós e os prefeitos estamos fazendo, definitivamente este país vai melhorar.

Queria dizer uma coisa aqui, verdadeira, porque eu conheço o Rio há muito tempo. Há muito tempo o Rio de Janeiro não tinha um governo carioca como é o do Sérgio Cabral, há muito tempo. Alguém que goste deste estado, alguém que conheça a cultura deste estado, alguém que conheça a malandragem do povo deste estado, alguém que conheça o gingado do povo deste estado, alguém que conheça a alma carioca. Era preciso que a gente tivesse eleito um homem como este.

Por isso, Sérgio, eu tenho certeza de que a união que nós estamos fazendo, quem está ganhando não sei se é você, eu, ou os nossos companheiros prefeitos. Uma coisa eu sei: o povo do Rio nunca foi tão bem-tratado e respeitado como está sendo tratado e respeitado agora.

Por isso, meus queridos companheiros, muito obrigado, boa sorte. E aos alunos, toda a sorte do mundo. Não pensem que eu... Bom, vocês sabem o peso que tem a Petrobras aqui no Rio de Janeiro. Eu até ia levar o prédio da Petrobras para Brasília, mas aí eu pensei: bom, não é possível, a Petrobras é carioca, então vou deixar ela aí. E agora que descobriu o pré-sal, agora é que não sai mesmo daqui.

Agora, não pensem que eu vou sair daqui que nem cachorro magro, não. Eu vi uma faixa que levantaram aqui. Isso aqui, Marquinhos, isto aqui, esta faixa, não é nem para mim e nem para o Sérgio. Esta faixa é para você dar um jeito de garantir o transporte aqui, para esta meninada. Veja qual é o problema e se puder a gente ajuda, mas é importante garantir o transporte para



esta meninada.

Um abraço, meus queridos. Parece que é o pessoal de Macaé. Mas você pode ajudar Macaé. Gente, um abraço, que Deus abençoe vocês e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração da fase II da Unidade de Tratamento de Gás de  
Cacimbas - UTGC**

**Linhares-ES, 06 de março de 2009**

Todo mundo está com fome, não é? Eu estou com a lombriga maior comendo a menor aqui, mas vou me segurar.

Quero cumprimentar o companheiro Paulo Hartung,

Quero cumprimentar os meus ministros Dilma Rousseff, Edison Lobão, Fernando Haddad e Franklin Martins,

Quero cumprimentar os senadores, nossos amigos Gerson Camata e Renato Casagrande,

Quero cumprimentar o prefeito de Linhares, Guerino Luiz Zanon,

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito de Vitória, João Carlos Coser,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Maria das Graças Foster,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Estrella,

O nosso companheiro Duque,

Quero cumprimentar os trabalhadores da Petrobras e os trabalhadores contratados por outras empresas.

Vou tentar ser breve, porque nós temos que ir a Linhares inaugurar uma escola técnica.

Eu queria lembrar ao companheiro José Sérgio Gabrielli e ao Paulo Hartung – a Graça sabe da história, e a Dilma também - em 2006, no começo



do ano, eu estava em Viena, na Áustria, numa Cúpula América Latina e Europa. Naquele momento estava o companheiro Evo Morales, presidente da Bolívia, ameaçando nacionalizar a Petrobras lá na Bolívia. E eu vivia uma contradição muito grande. Primeiro, porque eu entendia que o gás era deles, e eles tinham o direito de nacionalizar o gás deles. E ficava com pena porque a Petrobras é a nossa paixão e era a Petrobras que ia pagar o preço se o Evo Morales tomasse a atitude – que depois terminou tomando – de nacionalizar o gás.

Eu me lembro que eu chamei o Evo Morales numa reunião - estava lá o presidente Chávez, estava lá o companheiro que representava Cuba, que era o Ministro da Economia - e eu peguei o mapa da América do Sul para mostrar para o companheiro Evo Morales que era preciso que ele tivesse uma relação mais amistosa com a Petrobras e com o Brasil porque, pelo mapa da América do Sul, a Bolívia não tinha para quem vender o seu gás, a não ser para o Brasil. Ele poderia vender para a Argentina, mas a Argentina não tinha gasoduto para transportar o gás. Ele não poderia vender para nenhum outro país. Se ele quisesse sair pelo Oceano Atlântico, ele tem o rio Madeira, mas tem uma parte do rio Madeira que é só dentro do território brasileiro.

Então, na verdade não tinha saída, tinha que vender o gás para o Brasil. E era justo que o Brasil pagasse um preço justo pelo gás da Bolívia. Afinal de contas, a Bolívia era um país muito pobre, é um país muito pobre, de um povo muito sofrido, e eu acho que é justo que eles queiram utilizar o gás para melhorar a vida daquelas pessoas que estão lá.

Muita gente aqui no Brasil, os mais conservadores, queriam que nós abrissemos uma verdadeira guerra com a Bolívia. E eu não me via em condições de não compreender a realidade do povo da Bolívia e a justiça da decisão do governo de nacionalizar o gás.

Hoje, parece que a relação está 100% boa, a Petrobras continua produzindo, continua pesquisando, continua investindo. E eu acho que, agora,



tanto o Brasil quanto a Bolívia descobriram que quanto mais em paz nós estivermos, quanto mais amigos nós formos, mais importante será para o povo da Bolívia e para o povo brasileiro.

Por que eu estou dizendo isso? Porque eu cheguei de Viena, falei para a dona Dilma... O ministro das Minas e Energia, na época, era o companheiro Silas Rondeau. Eu falei: Dilma, fala para o Silas convocar uma reunião de todo o Conselho que discute energia neste país, que nós vamos fazer uma discussão séria sobre a questão energética. Fizemos uma reunião no Salão Oval da Presidência da República, e naquela reunião a Petrobras tinha muitas dúvidas se ela conseguiria atender ao mercado brasileiro. A impressão que se tinha é que nós não íamos encontrar o gás que nós precisávamos. Mas a partir daí, surgiu a idéia de a gente criar o Plangas. Significa que nós tomamos uma decisão de definir como prioridade a independência do gás para o Brasil. Ou seja, nós não poderíamos ficar dependentes apenas de um país, nós tínhamos que comprar de outros países e tínhamos que fazer investimentos aqui para que a gente pudesse achar gás.

Muita gente acha que é apenas sorte. Muita gente acha: “o governo Lula tem sorte, os outros não tiveram”. Se dependesse de sorte, o Corinthians era campeão todo ano, e não está sendo campeão todo ano. Aliás, faz tempo já que não é campeão. O problema é que, aqui no estado do Espírito Santo, os investimentos em pesquisa, perfuração e prospecção aumentaram dez vezes, em quatro anos. Dez vezes, em quatro anos, aumentaram os investimentos aqui.

Esses meninos da Petrobras, antes de nós chegarmos ao governo, eles gastavam em prospecção, pesquisa e não sei das quantas R\$ 500 milhões por ano. Hoje, eles estão gastando R\$ 2,5 bilhões por ano, cinco vezes mais. É por isso que a gente está achando mais, é por isso que nós estamos encontrando mais, é porque não estamos de braços cruzados chorando a crise econômica, nós estamos trabalhando.



Essa crise, nós vamos vencê-la com coragem, de cabeça erguida e sem ficar resmungando. A Petrobras sabe que no dia 1º de maio, Dia do Trabalhador, nós vamos a Tupi, lá no poço de Tupi. Nós vamos lá tirar o primeiro barril de petróleo – eu queria até beber o de Jubarte, o José Sérgio não deixou. Até não deixou, porque eu acho que o (incompreensível) tem um problema de filtração que pode fazer gasolina. Eu até pensei, mas disseram que tinha um negócio lá que eu não podia nem colocar a mão, e depois eu percebi que eu podia colocar a mão. Agora, José Sérgio, eu vou te dar um banho lá em Tupi. Não sei se vai poder fazer. Mas é muito importante o que vai acontecer, é que nós vamos tirar os primeiros barris de petróleo a 6 mil metros de profundidade. Não é pouca coisa.

Eu devo saber o orgulho dos companheiros da Petrobras, mas sobretudo devo medir o orgulho de um geólogo da competência do companheiro Estrella. Quando o Getúlio criou a Petrobras em 53, o Estrella já era da Petrobras, mesmo sem ela existir. Então, eu fico imaginando, Estrella, o seu orgulho no dia em que a sonda chegar lá embaixo e trazer o primeiro barril de petróleo a 6 mil metros de profundidade. Não é pouca coisa.

Eu já falei outras vezes que o Estrella só tem que tomar cuidado, colocar um negócio lá para filtrar, porque mais um pouquinho e a gente traz um japonês junto, de tão fundo que é. Dá uma olhada... a Terra é redonda, nós estamos cavando lá no meio da bicha, daqui a pouco estamos trazendo pescoço de japonês para cá, ou de chinês. Mas isso... a sonda sabe separar o joio do trigo, vai trazer só o óleo que nós precisamos e vamos deixar o japonês e o chinês quietinhos lá.

Pois bem, nós vamos fazer essa inauguração de Tupi. E, possivelmente, neste momento em que o mundo está em crise, talvez a Petrobras seja a empresa de petróleo no mundo que mais está investindo. Se vocês não sabem, esse companheiro José Sérgio é meu companheiro de 30 anos. Antes de ser presidente da Petrobras, ele foi diretor financeiro da Petrobras, ele foi professor



titular de economia na Universidade Federal da Bahia, foi candidato derrotado do PT um ano lá, em 90 e não sei quanto. Esse moço sabe a capacidade de planejamento que ele tem. Quando é um belo dia, a gente sabia que a Petrobras, por cuidado, estava pensando em não fazer todos os investimentos que estavam previstos nas obras do PAC. Aquele negócio, não é? “Olha, nós vamos gastar US\$ 112 bilhões até 2010, é muito apertado, vamos deixar um pouquinho para 2015, vamos deixar um pouquinho para 2017”. Nós chamamos o companheiro e falamos: não tem chororô, meu filho, não vai deixar nada para 2017 ou para 2015, nós vamos gastar cada centavo que a gente puder gastar, porque essa crise a gente vai enfrentar. Diferentemente de outras crises, em que era preciso economizar, nesta nós vamos precisar investir, para que a gente possa dinamizar a economia brasileira.

Eu estou aqui feliz da vida, porque vai chegar um dia, se a Petrobras continuar do jeito que está, que eu vou chegar para o meu amigo Evo Morales e dizer: Evo, olha querido, nós agora queremos deixar você livre para você vender o gás para quem você quiser. O Brasil tem autosuficiência, o Brasil não precisa. Lógico que o Brasil vai comprar também porque, estrategicamente, é importante o Brasil ajudar a Bolívia a se desenvolver, porque não interessa ao Brasil crescer, cercado por pobres. É importante que a Bolívia cresça, que o Uruguai cresça, que o Paraguai cresça, que a Argentina cresça, para que a gente se desenvolva juntos. Mas eu vou dizer isso apenas para ele ter a dimensão de que, na relação entre dois países, é preciso que a gente sempre tenha uma dosagem muito grande de compreensão de que, quanto menos a gente brigar, mais chance a gente tem de produzir.

Agora mesmo, José Sergio, o governo brasileiro [está] financiando três estradas na Bolívia, três grandes rodovias, porque a nós interessa que os países pobres da América do Sul ganhem uma dimensão de crescimento e possam, cada vez mais, estar próximos daquilo que o Brasil é.





Eu fico feliz por causa disso, porque em dois anos e meio, não é uma década não, há dois anos e meio a gente não... Eu duvido que algum geólogo da Petrobras, que algum economista da Petrobras imaginasse, Paulo Hartung, que a gente estivesse, dois anos depois, aqui inaugurando uma planta extraordinária como esta, de 18,5 milhões de metros cúbicos. Isso é resultado da ousadia, isso é resultado da teimosia, isso é resultado de alguém que não tem medo de subir os degraus da vida, porque você não governa nem a sua casa, nem um país, com medo. Governar é tomar decisão, você erra e você acerta. Mas eu sou daqueles que, na minha vida, eu prefiro errar fazendo do que não errar por omissão, ficando quieto e não tomando as decisões que tenho que tomar.

Por isso eu, não com tanta emoção como o Paulo Hartung, mas eu queria dizer para você, José Sérgio Gabrielli, que vir aqui visitar esta planta me lembra aquilo que eu disse no meu discurso de posse, em 2003: primeiro nós vamos fazer o necessário, depois a gente vai fazer o possível, e quando menos esperarem a gente estará fazendo o impossível. Essa aqui era uma obra impossível de ser analisada por qualquer brasileiro.

Por isso, parabéns, Paulo Hartung. Parabéns, servidores da Petrobras e das empresas contratadas. E posso dizer o seguinte: nós nunca... Camata foi governo, este estado já teve muito governo, eu duvido que na história do Brasil já houve a relação civilizada que existe entre o governo federal e os governos estaduais. Eu, quando chego a um estado, não quero saber qual o partido do governador, não quero saber qual o partido do prefeito, não quero saber qual o time de futebol, não quero saber se ele é católico ou evangélico. Eu quero saber se o povo daquele estado ou daquela cidade necessita. Se necessitar, nós vamos fazer parceria e trabalhar juntos, porque é isso que faz o Brasil melhorar.

Parabéns, gente. E agora, para não ficar atrás da dona Dilma, que agora está toda falando de Maria Ortiz... Eu não quero que a Marisa saiba a história



da Maria Ortiz, porque daqui a pouco ela pode pegar uma caneca de óleo e querer jogar em cima de mim. Então, eu não vou contar essa história para ela. Mas, para homenagear a Maria Ortiz, eu vou homenagear a nossa Maria das Graças com uma florzinha destas que eu estou vendo aqui, que já está paga no orçamento.

Um abraço, gente.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração simultânea de escolas técnicas federais no  
estado do Espírito Santo**

**Linhares-ES, 06 de março de 2009**

Eu mudei para cá para poder ver o telão ali, porque eu não posso falar apenas para Linhares, eu tenho que falar para várias cidades, tenho que falar para Aracruz, tenho que falar para Nova Venécia, tenho que falar para São Mateus. É só isso agora, não é? Depois... Se eu falar para todo mundo agora, não preciso voltar outra vez ao Espírito Santo.

Bem, eu queria, primeiro... Ô baixinho, você é o cara, hein? Você é o cara que está fazendo mais barulho aí.

Eu quero cumprimentar o companheiro Paulo Hartung,

Quero cumprimentar os ministros Fernando Haddad, Edison Lobão e Franklin Martins,

Quero cumprimentar o companheiro Ferraço, vice-governador do Espírito Santo,

O nosso amigo, senador Gerson Camata, e o nosso amigo Renato Casagrande, senadores da República,

Os deputados federais, agora só está o Lelo Coimbra aqui,

Quero cumprimentar o nosso prefeito Guerino Zenon, prefeito de Linhares - Zanon. É que Zenon era um grande jogador do Corinthians, meia-esquerda famoso.

Quero cumprimentar o nosso companheiro João Carlos Coser, prefeito de Vitória,

Quero cumprimentar o nosso querido Jadir José Pela, reitor do IPE,

Quero cumprimentar o companheiro Haroldo Correa Rocha, secretário de Educação do estado do Espírito Santo,



Quero cumprimentar o Mauro Silva, diretor da unidade de Linhares,  
Quero cumprimentar a Lorena Gomes de Almeida, representante dos alunos. A Lorena não falou aqui? Não deixaram você falar, Lorena? Então vem aqui, Lorena.

**Intervenção da aluna Lorena:** Não quero falar, não.

**Presidente:** Não, fala. Olha a galera toda aí te esperando. Vocês não querem que a Lorena fale?

**Intervenção da aluna Lorena:** Primeiramente, eu quero agradecer a oportunidade por estar estudando em uma escola técnica, que é a vontade de todos os alunos estarem aqui estudando e muitos não tiveram oportunidade. Também eu sei que aqui, por ser gratuito, e muitos não têm dinheiro para estar pagando particular, então, aqui... Pois é, os professores são capacitados, muito bem capacitados, por sinal, para estar dando aula para a gente. Eu quero só agradecer.

**Presidente:** A Lorena é “a cara”. Mas eu queria chamar a imagem, aí, da cidade de Aracruz, e que a gente batesse palmas para o prefeito e palmas para o nosso Antônio Tadeu Vago, diretor da Unidade. Cadê o Antônio, prefeito? Está perto de você? Coloca o Antônio aí, para a gente saber quem é que vai cuidar dos alunos em Aracruz. Antônio... Já passou o Antônio? Se passar, levanta a mão, não está aparecendo a cara do Antônio. Aí, Antônio!

Eu queria chamar aí, também, a imagem de Nova Venécia. Nova Venécia, cadê? O prefeito Wilson Luiz Venturim. E quem é o Jaime Santos, diretor da Unidade? Levanta a mão, Jaimão. A câmera tem que mostrar o Jaime. Nós não estamos vendo o Jaime aqui. Aê, Jaime. Jaimão, você está com o bigode invocado, hein, Jaimão. E cadê o Valdinei José Favero, o



representante dos alunos? Valdinei, de Nova Venécia. A câmera podia pegar o Valdinei, afinal de contas, para os alunos aqui de Linhares baterem uma palma para o Valdinei aí. Cadê o Valdinei? Se o Valdinei estiver, levante a mão. Aí, o Valdinei está aí. Oh, Valdinei, olhe para mim, rapaz, eu estou aqui dando uma colher de chá para você depois se candidatar a vereador aqui em Linhares, e você não... Está com jeitão de quem vai para a frente. Está com jeitão de quem... Olha aí, está com jeitão de quem vai se formar logo e logo, logo, pode até ser professor ou algo mais do que professor.

Agora, vamos chamar aqui o pessoal de São Mateus. Gente, vocês têm que bater palmas mesmo, aí. O Amadeu Boroto e o diretor Antônio Tadeu Vago. Não, então colocaram errado o nome do diretor, aqui, a minha assessoria... Rubens Marques, aí. Cadê o Darlins Alves, representante dos professores? Parabéns, professor. Bem, eu queria mostrar essas três cidades porque, junto com Linhares, elas foram premiadas com uma escola técnica de formação profissional para qualificar os nossos adolescentes.

Eu não vou ler aqui o meu discurso porque não tem sentido eu ficar lendo e vocês descobrirem que eu não leio tão bem. Eu estou vendo aqui muitas meninas, quem sabe, de 17 anos, de 16, 18, 15 anos, estou vendo muitos jovens aí de 15, 16, 17, 18, 19 anos, estou vendo daqui, possivelmente o pai de muitos de vocês, e eu queria dizer para vocês o significado de vocês aprenderem uma profissão. Eu tenho cinco filhos, cinco. Pernambucano é macho. Não, eu tenho cinco filhos, gente, e todos eles fizeram universidade. Mas quando eles estavam fazendo o 2º grau, vários deles queriam trabalhar, já estavam no terceiro ano do 2º grau, quando eles iam procurar emprego em alguma coisa, qualquer coisa, e as pessoas perguntavam: “O que você sabe fazer?”, eles não sabiam fazer absolutamente nada, porque não tinham feito um curso profissional.

Para vocês, o curso profissional é o início de uma carreira que vocês não têm dimensão. A primeira coisa que vai acontecer com o jovem que tem



um bom curso técnico profissionalizante, qualquer que seja a coisa que ele tenha aprendido, qualquer empresa vai ter interesse de ter o seu currículo lá no arquivo da empresa. Em qualquer lugar do Brasil em que vocês forem, do Rio Grande do Sul ao estado do Amapá, na hora em que vocês apresentarem o documento da formação de vocês, vocês terão possibilidade de trabalhar em qualquer lugar deste país. Já um jovem sem profissão vai perambular em Linhares, no Espírito Santo, e em qualquer parte do Brasil, e na hora em que ele estiver procurando uma oportunidade de emprego e ele disser: “Eu quero trabalhar”, a primeira pergunta que vão fazer para ele é sobre o que ele sabe fazer. Se ele disser que não tem nenhuma profissão, ele vai voltar para casa amargando mais um dia desempregado. Ao passo que se vocês tiverem uma profissão, não só vocês vão ter facilidade de arrumar um emprego, como vocês vão ser melhor remunerados do que aqueles que não têm profissão. Vão ganhar mais.

Por que eu estou dizendo isso para vocês? Porque eu sou filho de uma família de oito irmãos. Eu fui o único a fazer um curso técnico profissional, e, por conta disso, eu fui o primeiro da minha família, de oito irmãos, cinco homens e três mulheres, eu fui o primeiro a ter uma casa própria, eu fui o primeiro a ter um carro, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter uma geladeira. Por quê? Porque com o diploma, eu pude arrumar emprego e não ganhar apenas o salário mínimo que ganham as pessoas que não têm profissão neste país.

Como vocês são muito jovens, na idade em que vocês estão, com 15, 16, 17, 18, 19 anos, muitas vezes a gente pensa que o mundo não vai acabar e que o tempo não passa rápido e, muitas vezes, a gente não tem a vontade de estudar que o pai da gente e a mãe da gente gostariam que a gente tivesse. Muitas vezes, tem gente que não estuda e só vai descobrir que deveria ter estudado quando se casa, começa a ter filhos e precisa ganhar um pouco mais para colocar comida para a mulher e para os filhos. Aí, ele começa a se



arrepende: “Por que eu não estudei?” E eu estou dizendo isso para que, pelo amor de Deus, a oportunidade que vocês estão tendo é uma oportunidade ímpar. Vocês, possivelmente, não têm noção do orgulho que o pai e que a mãe de vocês estão tendo de vocês, pelo fato de estarem fazendo um curso numa escola de qualidade como esta, que está aqui montada em Linhares.

Vocês não serão mais um trabalhador formado. Depois de passar por uma escola destas, vocês passarão a ser vistos pelos empregadores como “os caras”. Por que o que vai acontecer? Na hora em que o empresário quiser contratar um profissional, entre o Zezinho, de “Xiririca da Serra” e um aluno que passou pela escola técnica profissional aqui de Linhares, este daqui tem muito mais oportunidade de ter o emprego.

Portanto, eu queria pedir para vocês que não permitissem que nada neste mundo fizesse vocês desanimarem e um dia abandonarem a escola. Por mais que a situação esteja ruim, por mais que vocês estejam desanimados, pelo amor de Deus, não joguem essa oportunidade fora, que vocês vão se arrepender para o resto da vida e possivelmente, vocês não consigam recuperar. E esta escola, eu tenho certeza, esta e todas as que nós estamos montando pelo Brasil, vai dar a vocês um passaporte profissional que a minha geração não teve e, possivelmente, muitas gerações não tiveram. Quando nós chegamos no governo, em 1998 o governo tinha feito uma lei tirando do governo federal a responsabilidade pelo ensino técnico profissional. Vejam que absurdo: o governo... e o Congresso aprovou, isso é que é duro, meus companheiros deputados e senadores. O Congresso, em 98, aprovou uma lei em que o Estado, o governo federal, não tinha mais responsabilidade pelo ensino técnico-profissional. Sabem o que aconteceu? Na lei dizia que para ter escola técnica-profissional, nós tínhamos que fazer convênio com prefeituras e convênios com ONGs, ou com sindicatos. O que aconteceu? As prefeituras não tinham dinheiro para financiar o ensino, os sindicatos não tinham e as ONGs não tinham. Algumas, poucas, conseguem manter uma escola desse nível. Nós



levamos dois anos para mudar a lei e trazer para a nossa responsabilidade a formação técnica-profissional, porque é um direito do povo brasileiro e uma obrigação do Estado brasileiro garantir que o jovem possa, ao mesmo tempo em que ele está fazendo um curso no ensino médio, ele esteja fazendo um curso profissionalizante. Ele vai aprender muito mais, será muito mais qualificado e vai poder contribuir para que o Brasil produza cada vez mais produtos com alto valor agregado, porque é isso que faz a diferença entre as nações, na sua balança comercial.

Pois bem, meu queridos companheiros de Linhares,

Estudantes,

Companheiras e companheiros,

Eu estou orgulhoso porque eu me lembro, em 1961, quando eu tinha apenas 14 anos de idade, de quando a minha mãe me pegou pelo braço para ir para o Senai. Andamos oito quilômetros a pé para que eu fizesse um teste. Quando eu passei naquele teste, que eu entrei no Senai, eu nem sabia o que eu ia fazer. A única coisa que a minha mãe sabia era que o filho dela, o caçula, tinha que ter uma profissão.

Certamente o pai de muitos de vocês passaram pelo que eu estou contando aqui, ou não tiveram oportunidade. E foi esse curso de torneiro mecânico que permitiu que eu entrasse em uma empresa grande, depois permitiu que eu entrasse no sindicato e virasse presidente do sindicato, depois permitiu que eu tivesse consciência política e, vejam que coisa importante, tudo por conta de um curso profissional, eu virei presidente da República deste país.

Quem sabe, destas escolas aqui de Aracruz, de São Mateus, de Nova Venécia, quem sabe de Linhares, quem sabe dentre vocês está o futuro presidente da República, daqui a uns 20 ou 25 anos. Por que não? Ora, se eu virei presidente, por que vocês não podem virar? Agora, qual é a coisa... Presidenta também, meu amor. Até porque as mulheres já representam 52%





da população brasileira, vocês são maioria. Não elegerão presidenta se não quiserem, vocês são maioria.

Mas deixem-me dizer uma coisa para vocês. O que é importante, o que é sagrado nisso, é vocês compreenderem o seguinte: por que a gente está fazendo tudo o que está fazendo na educação? Se depois de Nilo Peçanha, em 1909, que começou a fazer as escolas – eu estou falando de 1909 –, se cada presidente que veio depois dele tivesse feito no seu mandato a quantidade de escolas que o Nilo Peçanha fez, nós teríamos umas 700 escolas no Brasil, ou mais. Mas não, alguns presidentes passaram pelo país e como eles já tinham o seus diplomas universitários, eles achavam que não precisava mais ninguém ter. “Eu já tenho, para que eu quero que o povo tenha?”.

Então, nós tomamos uma decisão. A decisão é dar para vocês, dar para o povo brasileiro, dar para a nossa juventude aquilo que eu não recebi dos governos quando eu tinha a idade de vocês, porque eu tenho consciência de que nada, nada é mais sagrado para a independência de uma pessoa do que uma profissão. Seja médico, seja advogado, nada dá mais independência, sobretudo para as mulheres.

A mulher, quando é dependente do salário do marido, muitas vezes ela se submete a coisas que não deveria se submeter. Mas se a mulher trabalhar, tiver sua profissão, ganhar o seu salário, não tiver que pedir 10 reais para o marido para comprar uma coisa íntima até, tiver o dinheiro dela, quando o marido vier gritar com ela, ela vai dizer: “escuta aqui, conhece a Lei Maria da Penha, conhece? Ademais, você sabe que eu tenho profissão, ganho igual a você, ou mais do que você. Estou com você porque gosto de você, mas não venha cantar de galo não, porque eu não vou me subordinar a você.”

Isso só vai acontecer quando vocês tiverem independência profissional, e isso é muito sério, porque é essa independência que permite que a gente possa viver em mais liberdade, e que a gente possa construir muito mais. Por isso é que eu tenho essa vontade de fazer escolas. Vocês sabem que nós



estamos fazendo 14 universidades federais novas, vocês sabem que nós estamos fazendo 95 extensões universitárias novas no País. Por quê? Porque nós queremos levar para o interior o braço da universidade federal, para que o jovem pobre do interior não tenha que perambular nas ruas de Vitória, de Recife ou de São Paulo, para fazer um curso universitário. Ele tem que fazer na sua região, ele tem que aprender, inclusive, as coisas que podem ajudar a sua região.

Por isso, meu querido companheiro Paulo Hartung, está para terminar o nosso mandato, o seu e o meu. Mas eu queria dizer que foi um prazer, e eu tenho a convicção de que nós passaremos para a história deixando um legado à sociedade brasileira, porque a partir de nós, quem vier depois de nós vai ter que fazer muito mais do que nós. Ou seja, depois que o Ronaldão marcar uns gols no Corinthians, o centroavante que vier depois dele vai ter que fazer mais do que ele. Agora, se ele não marcar nenhum, quem vier depois dele não tem parâmetro, não tem paradigma, se marcar ou não marcar, tanto faz. Não. É por isso que eu quero que ele marque muitos gols, para que quem vier depois dele marque muito mais.

Quem vier depois do Paulo Hartung e quem vier depois de mim, eles sabem que vão ter que trabalhar muito e vão ter que fazer muito para, pelo menos, chegar perto do que nós fizemos. Deus queira que quem vier depois de nós tenha mais sabedoria, tenha mais competência, goste mais do povo e faça muito mais, porque assim o Brasil vai melhorar, o povo vai crescer e tudo vai ficar melhor neste país.

Meu querido Paulo Hartung, meus queridos companheiros, eu estou me despedindo de vocês. Eu agora vou para Brasília, mas saio daqui com a alma lavada, porque nós estamos fazendo para vocês aquilo que outros governos não fizeram para a nossa geração. E é isso que me interessa: ver a cara de vocês boa, sorrindo; entrar em um laboratório, ver a qualidade do laboratório; e saber que este país, daqui a alguns anos, terá milhares de jovens altamente



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

qualificados para enfrentar o mercado de trabalho.

Um abraço. Boa sorte. Abraço a todos os companheiros do Espírito Santo.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de lançamento do Programa Território de Paz, no bairro São Pedro**

**Vitória-ES, 06 de março de 2009**

O Paulo Hartung é baixinho, você viu o microfone onde está? Eu sou obrigado a levantar aqui, para ficar da altura do MV Bill, alto, bem alto, nos meus [um] metro e noventa de altura.

Primeiro, eu queria cumprimentar o companheiro Paulo Hartung, o nosso querido governador,

O nosso prefeito,

Cumprimentar os nossos companheiros ministros Dilma Rousseff, Tarso Genro, Fernando Haddad e Franklin Martins,

Cumprimentar o Ricardo Ferraço, nosso vice-governador,

O deputado Elcio Álvares, presidente da Assembléia Legislativa do Espírito Santo,

Os nossos amigos senadores Gerson Camata e Renato Casagrande,

Cumprimentar os deputados e deputadas federais Capitão Assunção, Irini Lopes, Jurandir Loureiro e Lelo Coimbra,

Cumprimentar o companheiro Rogério Favreto, secretário da Reforma do Judiciário,

O companheiro Ronaldo Teixeira, secretário executivo do Pronasci,

Cumprimentar o Rodney Rocha, secretário de Segurança do Espírito Santo,

O Ângelo Roncalli, secretário de Justiça do Espírito Santo,

Cumprimentar os prefeitos Helder Inácio Salomão, de Cariacica; Sergio Vidigal, de Serra; Ângela Maria Sias, de Viana; Neucimar Fraga, de Vila Velha,



Cumprimentar o nosso companheiro Antonio Carlos Ferreira, superintendente da Caixa Econômica Federal,

MV Bill e o nosso companheiro Celso Athayde, que representam a Central Única das Favelas,

Cumprimentar Dirlene Antonia da Silva, representante regional do Conselho, aquela senhorita que falou aqui,

Cumprimentar os meus queridos companheiros e companheiras moradores do bairro São Pedro, da cidade de Vitória e da região,

Cumprimentar a imprensa,

E dizer para vocês, em primeiro lugar, todos vocês devem ter pegado esse formulário entregue pelo Ministério da Justiça. Se vocês não pegaram, depois ali tem uma exposição, porque é importante que cada pessoa saia daqui sabendo corretamente o que é o Pronasci, o que significam as [Mulheres] da Paz, para que a gente possa ajudar outras pessoas a compreenderem o que está acontecendo aqui no bairro São Pedro hoje.

Em segundo lugar, quero dizer para vocês que eu lamento, é com tristeza, Paulo Hartung, que eu fico sabendo que eu sou o primeiro presidente da República a vir ao bairro São Pedro. Possivelmente, o Brasil nunca teve o hábito de um presidente da República ter contato direto com o povo do seu país. Isso possibilitou que, ao longo de tantos e tantos anos, a gente criasse uma distancia entre quem governa e os governados.

Na verdade, eu acho que o Coser, Paulo Hartung e eu não deveríamos usar a palavra governança: “eu governo”, porque, na verdade, governar era para aquele cidadão que fazia discurso para os pobres e depois governava para os ricos. Na verdade, o que nós estamos mudando neste país é que nós estamos cuidando das pessoas. Nós estamos cuidando do Brasil, cuidando do Espírito Santo e cuidando de Vitória. O que significa cuidar? Significa não ter preocupação em abraçar as pessoas, em conversar com as pessoas, em se



sentir igual às pessoas. Não pode haver uma distância entre quem governa e quem é governado.

Nós estamos fazendo essa mudança, que não vai acontecer em quatro ou em oito anos. É um processo cultural, é um processo que vai levar algum tempo para os políticos aprenderem e para a sociedade também aprender. Eu digo sempre que nós estamos fazendo algumas coisas que, se tivessem sido feitas 30 anos atrás, a gente não estaria agora fazendo essas coisas, poderíamos estar fazendo outras.

Eu quero dizer para vocês que é justa a homenagem que o Governador fez ao ministro Tarso Genro, porque antes do nosso governo a coisa mais habitual era o prefeito acusar o governador pela violência. O governador, para se livrar, acusava o presidente da República. O presidente da República dizia que a responsabilidade era do estado, porque estava na Constituição que é o estado que cuida de segurança. Nós acabamos com isso, acabamos com essa transferência de responsabilidade. O problema é de vocês, é meu, é do governador, é do prefeito, é do deputado. O problema é do PT, do PMDB, do DEM, do PSDB, do PSB, do PDT, é da Igreja católica, é da Igreja evangélica. O problema da segurança é um problema crônico e tem que ser enfrentado por todos nós.

E quando eu digo que somos nós, é porque a gente tem que partir da nossa casa. Se cada um de nós cuidar da nossa família corretamente, se dentro da nossa casa a família estiver em harmonia, pai, mãe e filhos vivendo bem, respeitando um ao outro, certamente a gente terá menos problema. Se a gente evitar que os nossos filhos frequentem ambientes que não devem ser frequentados, nós estaremos contribuindo. Se a gente garantir que nossos filhos têm escola para estudar, que os nossos filhos têm acesso à cultura, têm acesso ao esporte, e se os nossos filhos puderem, além de estudar, ter um empregozinho, certamente eles estarão livres da violência existente nesse país.



Eu acho que tudo começa a partir do comportamento dos pais, tudo começa. A primeira (incompreensível) para tomar conta da sociedade é cada um de nós cuidar do nosso. Ou seja, eu botei filho no mundo, eu vou tratar de educá-lo, eu vou tratar de cuidar dele, porque a gente não pode também colocar filho no mundo e achar que é o Estado que tem que cuidar. Quem tem que cuidar é a própria família. Lógico que isso, teoricamente, é perfeito. Na prática, nós sabemos que as condições de miséria muitas vezes levam a família a ficar desagregada.

Vocês viram, essa semana, em Recife: um padrasto violentou sexualmente uma menina de nove anos de idade. Nós sabemos que isso acontece, e sabemos que isso é um processo de degradação da estrutura da sociedade. Se pai e mãe não estiverem bem, pode estar certo de que os filhos não estarão bem. Por isso, pai e mãe têm sempre que dar o exemplo de comportamento. Se o pai chega em casa bêbado, ele não tem moral para falar para o filho não beber. Se o pai chega em casa e agride a companheira, ou agride os filhos, ele perde autoridade moral de ter ascendência educacional sobre os seus filhos. Se pai e mãe, então, estão desajustados, a tendência natural é passar o desajuste para a família, e aí a gente entra nesse processo de deformação da sociedade brasileira.

E aí, Paulo Hartung, os meios de comunicação não contribuem como deveriam contribuir. A única coisa que eu peço a Deus é que este país, um dia, quando o jornal mostrar um jovem delinqüente ele tem que mostrar, do outro lado, os milhares de jovens que não são delinqüentes. Quando mostra um jovem que está perdido, mostre os milhões que estão estudando e que estão trabalhando, porque às vezes, a gente recebe uma carga muito pesada de maus exemplos.

Na nossa geração, para a gente ver televisão, a gente tinha que levantar o bumbum do sofá e mudar de canal. E aí ficavam brigando pai, mãe e os filhos: “muda de canal”. Ninguém se levantava, então ficava só em um canal.



Agora a modernidade levou ao controle remoto, e as pessoas falam: “a televisão é livre, assiste quem quer”. Mas um pai e uma mãe que trabalham e que têm criança dentro de casa, quem é que controla o controle remoto? E o que a gente aprende todo santo dia? Quais são os momentos em que a gente recebe informação educativa, orientadora? Quais são? Fiquem na frente de uma televisão 24h por dia. Se é um pouco mais rico, fique na frente de uma televisão dessas a cabo, para ver: é morte de manhã, morte à tarde, morte à noite, morte no café, morte na janta. E agora inventaram uns tais de uns videogames aí, umas maquininhas, [em] que é morte 24 horas por dia. É esse o processo de educação que a gente recebe. E depois essas coisas recaem nas costas dos professores brasileiros e das professoras, que têm que educar as crianças sobre tudo. E como é que vai educar as crianças se o professor não estiver prazerosamente satisfeito com a sua profissão, e prazerosamente ganhando um salário digno? Como é que isso vai acontecer?

Qual é o processo que a gente pode ter nas escolas para politizar e orientar as nossas meninas, se é quase proibido, “preconceitualmente”, a gente ter educação sexual nas escolas? Então, a mãe não ensina porque não está preparada para ensinar, o pai não ensina porque tem vergonha, a professora não ensina porque não está preparada, a televisão não ensina, o cinema não ensina, a vida ensina. E muitas vezes a vida ensina errado, e aí a gente vê muitas meninas de 14 anos, 13 anos, 12 anos, 15 anos, sendo mães precoces por falta de orientação, por falta de preparo. Tudo isso é um conjunto de coisas que faz gerar a violência. E por que gera violência? Todo mundo sabe, na casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão.

O que é o Pronasci? O Pronasci é uma tentativa de fazer com que o poder público municipal, o poder público estadual, o poder público federal, em vez de acharem que é a polícia que vai resolver, [digam]: o que vai resolver são as políticas públicas que a gente foi capaz de implantar nos bairros mais pobres deste país.





E tem que ter polícia, sim. Mas um policial bem preparado, bem formado, um policial que seja amigo do povo da comunidade. Não é aquela polícia que aparece à meia-noite atirando, não. E aí mata quem não deveria matar, e quem deve morrer – ninguém deve morrer, porque deve ir para a Justiça – os bandidos ficam soltos. Nós não queremos mais essa polícia, nós queremos uma polícia capaz de se encontrar com uma companheira aqui no São Pedro e educadamente falar: “Bom dia, senhora; bom dia, companheira; bom dia, meu amigo”. Ou seja, nós vamos passar respeitabilidade para a polícia, e ela vai passar respeitabilidade para nós, e aí a gente vai viver muito mais tranquilo.

Agora, junto com o Pronasci, a gente vai ter aqui neste Território quadra de futebol, a gente vai ter... tem que ter escola de formação, tem que ter preparação, os soldados estão estudando, vai-se construir moradia para os soldados. Isso aqui é a primeira tentativa que o governo brasileiro está fazendo para dizer: “em vez de polícia, ação; em vez de polícia, educação; em vez de polícia, cultura; em vez de polícia, lazer; em vez de polícia, emprego; em vez de polícia, oportunidades para as pessoas”.

Por isso eu quero dizer para vocês, companheiro Paulo Hartung e companheiro Tarso Genro: eu quero ser cúmplice de vocês, nessas coisas que vocês estão fazendo. Porque isso aqui, Paulinho, tem que acompanhar, não apenas o Ministério da Justiça, mas você, o prefeito e a comunidade têm que acompanhar, a cada mês têm que dizer se as coisas estão acontecendo. Não tem nada pior do que eu vir aqui e dizer que vai ter um centro cultural e daqui a dois anos vocês me encontram e falam: “Lula, cadê o centro cultural?”. Não basta a gente prometer uma praça de esportes e daqui a dois anos vocês falarem: “Lula, cadê a praça de esportes?”.

Então, eu gostaria que sobretudo a comunidade assumisse a responsabilidade de cobrar, cobrar e cobrar porque, na história do Brasil, político não gosta de ser cobrado. Não tem coisa pior no mundo do que um



político em um lugar em que está o povo para cobrar. Político, na verdade, gosta que as pessoas aplaudam, que as pessoas concordem com ele. Na época da política é assim: eu nunca vi, em uma campanha política, um candidato falar mal de pobre, nunca vi. Pobre é a coisa mais linda do mundo. E você vê, todos os políticos falam mal de banqueiro, todos. Falam mal de banqueiro, falam mal de fazendeiro. Depois que as eleições acabam, o que a gente percebe? Não tem fotografia de político almoçando com pobre, não tem fotografia de político indo a casamento de pobre, não tem. Podem procurar, na história.

Então, é a isso que vocês têm que ficar atentos. A gente só vai conseguir fazer as coisas bem feitas se vocês estiverem de cabeça erguida, estiverem dispostos a cobrar, estiverem dispostos a pressionar a gente para as coisas acontecerem. Esse Pronasci é a oportunidade. O Papa já veio aqui, já rezou, vocês sabem que essa vila aqui, o Governador me contava que isso aqui começou com o Vitor Buaiz, depois com o Paulo Hartung, depois com o Luis Paulo, e agora com o João Coser. Eu passei de carro aí e isso aqui está uma cidade, uma cidade bonita. Agora, eu sei que ainda tem violência. E a violência, nós agora estamos começando a cuidar dela.

Eu quero agradecer às mulheres que tiveram coragem de participar do Território de Paz, eu quero agradecer às mulheres e aos homens que participam do projeto Protejo. Vocês estão dando uma demonstração de que vocês não estão apenas cobrando. Vocês estão dizendo para nós: façam a parte do governo, que nós fazemos a parte da comunidade.

Um abraço e boa sorte.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante abertura do Seminário Mais Mulheres no Poder: Uma Questão da Democracia**

**Brasília-DF, 09 de março de 2009**

Nunca me senti tão minoria naquela mesa ali. Eu parecia o verdadeiro “papagaio de pirata” ali.

Quero cumprimentar nossa querida companheira Nilcéa Freire,

Quero cumprimentar minha companheira Marisa,

A companheira Dilma,

Quero cumprimentar o ministro José Gomes Temporão,

A ministra Ellen Gracie,

A deputada Sandra Rosado,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Benedita da Silva, secretária de Assistência Social e Direitos Humanos do estado do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar a companheira Gladys da Costa, diretora regional para a América Latina e Caribe do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher,

Quero cumprimentar a nossa querida Clara Charf – não sei se é a decana do Conselho das Mulheres mas, de qualquer forma, de experiência deve ser,

Quero cumprimentar todas as companheiras que foram condecoradas,

E meus amigos, minhas amigas,

Minhas amigas e meus amigos,

Companheiras,

Eu estou em um dilema aqui, porque o meu discurso está longo e chato.



E quando o discurso está longo e chato eu, às vezes, prefiro improvisar. Obviamente que depois eu vou deixar o discurso com a Nilcéa, se ela quiser tirar proveito de alguma coisa para o futuro... Eu até tinha pedido para a Dilma vir me representar aqui, porque eu estou com umas tarefas hoje, mas eu resolvi vir junto. E, também, a Dilma tem debate amanhã, senão vão dizer que tudo o que ela fizer daqui para a frente é política.

Mas, Nilcéa, a primeira boa notícia que eu vou te dar é a seguinte, eu estava falando para a Dilma: nós já transformamos a Secretaria Especial de [Políticas de Promoção da] Igualdade Racial em Ministério, já mandamos projeto de lei para transformar a [Secretaria Especial de Aquicultura e] Pesca em Ministério, já me comprometi com o Paulinho Vannuchi de mandar um projeto de lei transformando a Secretaria dos Direitos Humanos em Ministério. Eu acho que para você ficar menos dependente da Dilma, nós vamos mandar também transformar a Secretaria Especial [de Políticas para as] Mulheres em Ministério, porque parece que não, mas o fato de transformar em Ministério, a liberdade orçamentária ajuda muito na elaboração e na execução das políticas públicas. Depois, se um dia alguém achar que Ministério é demais e quiser acabar, que ouse.

Vocês sabem o quanto nós fomos criticados porque criamos todas essas secretarias, que estávamos enchendo o governo de cargos, o que é uma tremenda hipocrisia. Um país rico como este, um país com a diversidade de luta social extraordinária, tem mais é que criar tantas secretarias quantas forem necessárias para atender a demanda da sociedade. E o que é importante é que isso, mesmo que lentamente, começou a mudar a vida das pessoas, começou a mudar a organização de todos aqueles e todas aquelas que participam de algum movimento de luta social no Brasil.

Eu me lembro da repercussão da aprovação da Lei Maria da Penha. Eu me lembro de quantos discursos, Nilcéa, eu fiz por este país afora, chamando nós, os homens, à responsabilidade sobre o que nos esperava se nós



ousássemos agredir a nossa companheira. E eu lembro que a lei hoje é conhecida de muita gente neste país. Obviamente que a lei, por si só, não vai resolver todos os problemas, porque tem uma questão cultural, tem uma questão de medo ainda, tem uma questão, às vezes, de falta de proteção ou de garantia, muitas vezes, as pessoas têm medo de denunciar, tem um medo ainda. Mas esse é um processo em que a gente vai avançando, não adianta achar que porque tem a lei vai ser tudo resolvido amanhã. Não vai. A lei vai sendo executada corretamente na medida em que as pessoas vão tendo consciência de que podem se valer daquele instrumento jurídico para se autodefender.

Muitas mulheres, às vezes, têm até preocupação de entrar na Justiça e depois ter que voltar para casa, então é um processo. É um processo extraordinário, como também, Nilcéa, é um avanço que não é pouca coisa, se a gente for analisar a história da Humanidade, a história dos movimentos e a história da própria participação política das mulheres. Os Estados Unidos conseguiram aprovar o voto da mulher na década de 20, no século passado; o Brasil, na década de 30. O Brasil já concedeu porque os Estados Unidos tinham concedido. Mas, eu estou vendo a Fátima aqui, lá do Rio Grande do Norte, e uma companheira de Mossoró foi a grande batalhadora, a primeira mulher a votar neste país, ou seja, quase na marra.

Ontem, a Dilma e eu fomos ao Espírito Santo e ao chegarmos lá ficamos conhecendo uma heroína chamada Maria Ortiz, uma mulher que sozinha, com óleo quente, afugentou os holandeses do Espírito Santo. Eu até falei para a Dilma: não conte essa história do óleo quente porque, qualquer dia, eu não vou mais encostar perto quando a gente estiver fazendo a comida no fogão lá de casa. Então, é importante (manter) distância.

Mas eu penso que nós avançamos muito e penso que falta avançar muito mais. Na última reunião dos prefeitos, Nilcéa, não sei se você percebeu, de quase 6 mil prefeitos, apenas 9% eram mulheres. Não é por problema de



cota. Por isso eu queria fazer um improviso, não ler o meu discurso. Muitas vezes, nós não podemos trabalhar com ilusão. Eu era presidente do PT quando nós introduzimos a cota no PT e, a partir do PT, muitos partidos introduziram cotas. A CUT, logo em seguida, introduziu cota na Direção da CUT. Não é uma coisa automática, não tem nada pior do que você introduzir a cota e depois ter que procurar gente para preencher a cota. Não tem nada pior. Arlete sabe muito disso aqui em Brasília, sabe o quanto se sofreu para a gente poder preencher, porque eu achava que era uma coisa automática, não é, Cidinha? Era uma coisa automática. A gente aprova a cota e a partir dali vai ter 30% de mulheres, todo mundo querendo ser candidata. Negativo, não é assim.

Tem problemas de ordem cultural, secular, milenar, que nós vamos ter que resolver. E vai resolver no debate político, vai resolver quando todos os governos do mundo tiverem coragem de criar um Ministério para a mulher, quando as pessoas tiverem coragem de não ter medo de as mulheres se organizarem. Esse é o desafio. É que todas as pessoas, quando pensam na organização, elas estão pensando: “espera aí, eu vou permitir que tais pessoas se organizem e, depois, como é que eu fico?”. Então tem gente que trabalha no atraso mesmo. E na questão da mulher nós temos uma outra coisa grave, que é a nossa formação cultural. Nós, os homens, temos problemas a serem enfrentados e vencidos. Eu brinco muito, eu conheço companheiros meus, militantes há muitos anos, que viraram “primeiros-damos”. Não é fácil, ele não agüenta o sucesso da mulher. A mulher chegar mais tarde, à noite, a mulher fazer as reuniões que ele faria se fosse ele o prefeito, ele não gosta. E isso nós temos dentro da nossa casa, no cotidiano. Todo mundo fala da boca para fora, é fácil falar. A coisa mais simples é fazer um discurso, mas para qualquer marido moderno, se a mulher chegar três dias por semana depois dele em casa é motivo de briga, porque ele está acostumado a chegar depois.

Então é um processo que nós vamos ter que enfrentar e eu acho, Nilcéa, que nós fizemos muito. Eu fico imaginando o que era o nosso movimento há 15



anos, como eram pouquinhos, não é, Clara? Como juntávamos pouca gente e a gente percebe que as pessoas vão crescendo, que já não é mais um movimento apenas de pessoas da universidade, que já não é mais um movimento apenas de pessoas da classe média, que as mulheres começam a participar.

Quando nós entramos no governo, as meninas da Contag reivindicaram, [pela] primeira vez, a participação [no] crédito [do] Pronaf. Hoje já é praticamente um milhão de mulheres que acessam o Pronaf para fazer financiamento. Quando elas reivindicaram documentos que elas não tinham, às vezes, registro, identidade parecia, para alguém da academia, lá do Rio de Janeiro ou de São Paulo, parecia... “Como quer documento? Todo mundo tem documento no Brasil”. Não. Depois que vocês reivindicaram, nós já expedimos 373 mil documentos na área das trabalhadoras rurais. Então essa é uma coisa, são avanços dessa magnitude que a gente, quando somar, percebe que a fotografia é uma coisa extremamente positiva, como foi positiva a primeira criação da primeira da delegacia de mulheres em São Paulo. Hoje tem muitas. E haverá um dia que em terá tantas quantas for necessário ter, um espaço em que as mulheres possam se sentir mais à vontade.

Já avançamos muito na questão da saúde da mulher, Temporão. Meus parabéns. E espero que a gente avance tanto que logo, logo, tenhamos uma ministra mulher em vez de um ministro homem. É verdade que é pouca gente no Senado, ainda. Hoje são três senadoras... nove senadoras. Quarenta e quantas deputadas? Quarenta e seis deputadas.

Agora, imaginem uma coisa: durante muito tempo de militância política, Nilcéa, eu falava o seguinte: se a gente convocar as pessoas para uma reunião, nós temos que - Clara Charf sabe disso - que criar condições para aquela reunião se transformar em uma coisa motivadora para a pessoa participar de outra. Se a gente convoca uma reunião para discutir um assunto e esse assunto não é mastigado, não é debatido com muita firmeza e com muita



convicção, as pessoas vão desaparecendo. Hoje mais de 50% dos lares brasileiros são dirigidos por mulheres. Então, hoje acabou aquele negócio de dizer: “a mulher trabalha? Não!”. É o maior cinismo cultural do mundo. Uma mulher fica em casa, às vezes, cuidando de cinco filhos, e perguntam assim: “A sua mulher trabalha? Não”. Não tem tabu e preconceito maior do que esse. Possivelmente, o fato de ela ter ficado em casa significa muito mais trabalho do [para] quem saiu de casa. Por que muitas meninas preferem trabalhar em uma fábrica, que a gente acha penoso, e não trabalhar [como] empregada doméstica? É porque o trabalho doméstico, se fosse bom, era o homem que faria. Se fosse prazeroso, era o homem que faria.

Eu quero dar os parabéns, Nilcéa. Eu sei o quanto é difícil criar uma coisa nova neste país. Eu sei do seu sofrimento, sei da angústia, sei das vezes em que você precisava de um tiquinho de dinheiro, que era regulado - você chegava na minha sala nervosa - e sempre a gente dava um jeito de arrumar, sempre. Essa coisa também é assim: você tem aquele que pede e aquele que libera. O que libera quer sempre segurar. O que pede, quer sempre mais. A gente às vezes se queixa, mas o Ministro do Planejamento não tem só a Nilcéa, ele tem trinta e poucos ministros, que vão todo dia pedir um pouco mais. Mas eu acho que nós conseguimos fazer as coisas funcionarem. Eu acho Nilcéa, que a firmeza com que você tratou, a capacidade de aglutinação que você teve em fazer as conferências necessárias de serem feitas, os atos de que eu participei junto com você. Nós só não criamos o “dia da luta contra a hipocrisia”, que é um dia com que eu ainda sonho, mesmo como oposição, um dia, fora do governo, fazer. Gente, nós precisamos quebrar tabus. Nós precisamos quebrar um monte de tabus que estão quase como se estivessem escritos em algum lugar sagrado. Ninguém disse que tinha que ser assim, ninguém disse.

Recentemente, vocês viram aquele problema da menina de Pernambuco, que engravidou. Vocês viram? É mais do que absurdo. Como é





que se pode proibir a medicina de cuidar de uma menina que ficou grávida indevidamente? Eu fui questionado porque no Carnaval, eu estava no Carnaval, o Temporão apareceu lá, ele e a equipe de Saúde, distribuindo preservativos. E eu joguei preservativos. Ora, eu não posso, como pai e como presidente da República, fingir que distribuir preservativos é ruim. Quem sabe o que significa a Aids, quem sabe o que significa a doença, tem mais é que levantar a cabeça e falar: “o governo tem que tratar dessas coisas, sim”.

Se perguntarem para mim: “Lula, você, homem, é contra ou a favor do aborto?” Eu falo: como cristão, eu sou contra o aborto – poderia dizer. Agora, como chefe de Estado eu tenho que tratar como uma questão de saúde pública. Não pode ser diferente.

E eu acho, Nilcéa, que a Secretaria cumpriu esse papel extraordinário. Acho que foi uma coisa excepcional que nós já conseguimos fazer. Você sabe que nós temos muita coisa para fazer ainda, tem muito espaço para a gente conquistar ainda. Por isso eu acho que se transformar em Ministério vai dar um fôlego maior, para no ano que vem dar mais liberdade orçamentária, e não fica dependendo do orçamento da Presidência da República, fica livre do Presidente da República. Se bem que ainda vai ter que ir à Casa Civil para fazer os acordos que tem que fazer.

No mais, eu queria parabenizar vocês e dizer a vocês que as coisas aqui no Brasil vão dando certo. Quando eu assumi a Presidência, eu trouxe para a Presidência uma cultura que balizou a minha vida toda no movimento social: eu nunca sei de tudo e eu nunca tenho a verdade absoluta. Aprender com os outros é muito forte. Aprender com quem sabe mais do que a gente, fazer aquilo que a gente não tem consciência e que não fazia porque não sabia.

Por isso é que o governo é quase uma metamorfose ambulante, ou seja, as coisas vão acontecendo. E a coisa que eu acho que eu tenho de mais importante é não proibir os meus companheiros e companheiras de serem criativos. Se for para o bem, criem, façam. Eu prefiro pagar por um erro de ter



feito errado, do que pagar por um erro de ter me omitido em alguma coisa neste país.

Eu acho, Nilcéa, que valeu a pena ter criado a Secretaria, valeu a pena aceitar todas as críticas que nós aceitamos, valeu a pena a sua choradeira por mais dinheiro. É verdade, às vezes precisava de dois carguinhos, DAS-3, DAS-2, que são coisas pequenas. E tudo isso, a gente fala “dois carguinhos”, mas tem uns 300 querendo brigar por aqueles dois carguinhos.

Eu acho que valeu a pena você juntar toda essa trempe de guerreiras que estão aqui, motivar a Clara Charf que está até hoje, aqui, já querendo fazer um discurso. Não vai fazer discurso hoje, vai fazer amanhã.

Eu só posso agradecer. Só posso agradecer a vocês porque quando eu deixar a Presidência, eu terei como legado a honra de poder dizer: no meu governo as mulheres subiram um degrau a mais na conquista dos seus direitos e da sua liberdade.

Viva o Dia Internacional da Mulher!

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do presidente do Uruguai, Tabaré Vázquez**

**Brasília, 10 de março de 2009**

Meu caro companheiro e amigo Tabaré Vázquez, presidente da República Oriental do Uruguai,

Meu caro companheiro José Sarney, presidente do Senado Federal, Senhor Gonzalo Fernández, ministro das Relações Exteriores da República Oriental do Uruguai, e demais membros da delegação do Uruguai,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, por meio de quem cumprimento os demais ministros brasileiros aqui presentes,

Senhores parlamentares,

Amigos e amigas,

A satisfação com que recebo o presidente Tabaré Vázquez, aqui em Brasília, não é apenas por sua condição de chefe de Estado de um país irmão. Estou, hoje, reencontrando um amigo, um companheiro. Há muitos anos, como líderes da oposição em nossos países, tivemos a oportunidade de compartilhar sonhos e esperanças.

Passados alguns anos, vimos que esses sonhos eram possíveis de serem realizados. Que nossas esperanças não eram meras utopias. Falta muito o que fazer, por certo. Mas boa parte de nossos anseios se tornou realidade.

Sob sua liderança, amigo Presidente, a parceria privilegiada entre Uruguai e Brasil vem se reafirmando em resposta a uma realidade internacional que exige de nós clareza de propósito, coesão e solidariedade.

É significativo que sua visita ocorra quando comemoramos os 100 anos do Tratado da Lagoa Mirim, de 1909. Nele estabeleceu-se mais do que o



condomínio entre nossos países sobre aquela lagoa. Forjou-se a aliança entre dois povos determinados a compartilhar um futuro de prosperidade e solidariedade. A implantação do projeto da hidrovia da Lagoa Mirim consolidará uma convivência verdadeiramente sem limites.

É por isso que estamos empenhados em levar adiante projetos de construção de pontes, portos e hidrovias. A nova ponte sobre o rio Jaguarão e a reforma da atual melhorarão nossas comunicações e nosso comércio.

A abertura do escritório do BNDES em Montevideu é outro passo importante para consolidar nosso projeto de integração. Vai contribuir não apenas para que os investimentos brasileiros no Uruguai continuem a crescer. Ajudará a diversificá-los para setores com grande potencial de integração de cadeias, como o aeronáutico, o farmacêutico, o naval, o de autopeças e o de informática.

Essa perspectiva levou a Petrobras a decidir investir US\$ 100 milhões em melhorias na distribuição de gás e de combustíveis no Uruguai. A Petrobras também já sinalizou seu interesse na prospecção e exploração de petróleo e gás na plataforma continental uruguaia.

Para levar adiante projetos dessa escala, precisamos superar gargalos. A linha de transmissão elétrica entre San Carlos, no Uruguai, e Candiota, no Rio Grande do Sul, dará maior segurança e eficiência aos nossos sistemas elétricos. Mas nossa integração energética regional não dispensa solidariedade, como aquela que leva nossos países a intercambiar energia em momentos de carência.

Meu caro companheiro Tabaré,

Nossa parceria é crucial para aprofundar o Mercosul. Temos de agilizar as negociações para eliminar a dupla cobrança da Tarifa Externa Comum.

Decidi fortalecer o Focem, como instrumento fundamental na superação das assimetrias. Reitero aqui o compromisso, anunciado em Sauípe, de dobrar



a contribuição brasileira ao Fundo. Assim garantiremos a todos os países os benefícios plenos de nosso projeto compartilhado.

Sua visita se realiza em momento de profunda transformação e incerteza do quadro internacional. Nossos países vivem os reflexos de uma crise que não criamos e que ameaça nossas conquistas no campo social e econômico. Os preços de nossos principais produtos de exportação vêm sofrendo forte volatilidade, reduzindo os recursos para nossos projetos de crescimento. Esse cenário só confirma o acerto de nossa visão de fazer da América do Sul um pólo de desenvolvimento. Por isso, nossa região tem sido menos afetada pelas turbulências financeiras.

Para aprofundar a integração, precisamos encontrar formas inovadoras para superar a escassez de crédito. Devemos, portanto, acelerar a discussão do uso de moedas locais no nosso comércio bilateral e regional.

Mas a crise econômica nos impõe também o desafio de construir uma nova arquitetura financeira global. Precisamos de mecanismos regulatórios transparentes e eficazes contra a especulação desenfreada, que tantos prejuízos têm causado, sobretudo aos mais vulneráveis. Devemos rechaçar com veemência a adoção de medidas protecionistas.

Devemos resistir à tentação de novos adiamentos na conclusão das negociações de Doha, sob pena de postergar a retomada do comércio e agravar a crise. É imperativo ampliar a participação dos países em desenvolvimento nas decisões das instituições multilaterais que afetam a todos.

Uruguai e Brasil estão determinados a assumir suas responsabilidades. São essas perspectivas que estarei levando à reunião do G-20, em Londres.

Amigas e amigos,

Estou absolutamente convencido de que Uruguai e Brasil estão predestinados a crescer juntos e a construir em parceria sua prosperidade.



Estamos enfrentando juntos também as adversidades do quadro mundial. Noto com alegria que o recente balanço de seu governo é muito semelhante àquele que fazemos do nosso no Brasil.

Respeitadas nossas diferenças nacionais, apostamos em políticas sociais, que atacaram a exclusão social. Expandimos o emprego e o rendimento dos trabalhadores. Investimos na educação, na saúde, na expansão de nossa infraestrutura. Desenvolvemos políticas macroeconômicas responsáveis. Reduzimos nossa vulnerabilidade externa. Compartilhamos uma visão e muitos interesses comuns, que nos permitem vislumbrar com otimismo o futuro de nossa cooperação e integração.

Com essa certeza, quero propor um brinde em homenagem a você, meu companheiro Tabaré, e à fraternidade entre o povo uruguaio e o povo brasileiro.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante ato alusivo à visita ao “Projeto Acreditar”**

**Porto Velho-RO, 12 de março de 2009**

Olha o Ronaldão aí, gente!

Meu caro governador do estado de Rondônia, Ivo Cassol, e sua senhora Ivone Cassol,

Meus caros companheiros ministros, que é a primeira vez que vêm comigo, companheiro Carlos Luppi, ministro do Trabalho - aquele da ponta lá -; meu companheiro Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social; meu companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades; companheiro Franklin Martins, ministro da Comunicação Social.

Nosso deputado Noedi de Oliveira, presidente da Assembléia Legislativa de Rondônia,

Cumprimentar os três senadores aqui presentes, Expedito Júnior, Fátima Cleide e Valdir Raupp,

Cumprimentar os nossos amigos aqui, deputados federais e deputadas, Anselmo de Jesus, Eduardo Valverde, Lindomar Garçon, Marinha Raupp, Mauro Nazif e Natan Donadon,

Cumprimentar o nosso querido companheiro Roberto Sobrinho, prefeito de Porto Velho, em nome de quem saúdo os prefeitos de todo o estado de Rondônia, e sua esposa, Lucilene Peixoto,

Cumprimentar os companheiros que vieram comigo de Brasília, Paulo Okamoto, presidente do Sebrae e o Meneguelli, presidente do Sesi,

Cumprimentar dois companheiros, um que já foi governador do estado do Acre e hoje está aqui nos visitando, que é o nosso querido companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre,

O ex-senador e ministro da Previdência, Amir Lando,



E cumprimentar o companheiro Marcelo Odebrecht, presidente da Odebrecht; e o Emílio Odebrecht, presidente do Conselho de Administração,  
Também cumprimentar o Denis Baú, presidente do Conselho Regional do Senai,

Bem, meus amigos, amigas, companheiros e companheiras, o dia de hoje é um dia especial. Possivelmente dentre todos vocês, dentre todos os moradores de Rondônia, que têm razão de sobra para estarem felizes com o que está acontecendo aqui... Eu, embora seja pernambucano, quero pedir para vocês o direito de estar tão feliz quanto vocês.

Primeiro, porque muita gente não reconhece o esforço que uma mãe tem para colocar um prato na mesa, de comida quente, e muitas vezes senta à mesa reclamando da comida que ela fez, sem saber o sacrifício que ela fez e sem saber, às vezes, que até não havia os ingredientes necessários para fazer uma boa alimentação.

Essa obra... Agora todos nós estamos aqui felizes, o Presidente da República, o Prefeito, o Governador, os senadores, os deputados, o povo de Rondônia, os empresários, os companheiros do sistema elétrico brasileiro, estamos todos felizes. Mas o Emílio sabe que foi um parto que quase foi abortado muitas vezes. Porque no Brasil, muitas vezes, para fazer tem poucos, para destruir tem muitos. No Brasil, muitas vezes, e vocês sabem na vida pessoal de vocês que é mais fácil destruir do que construir. Para construir um prédio, leva dois anos, três anos, quatro anos, cinco anos. E aí, com meia dúzia de dinamites a gente vai e derruba em dois minutos, vira pó aquilo que a gente construiu.

Na vida política é assim. Esta é uma obra que foi muito difícil. Muito difícil ela sair do projeto, sair da vontade do governo que precisava fazer, e mesmo do governo anterior, do nosso governo e dos empresários. Porque entre a gente ter vontade de fazer uma obra, fazer o projeto dessa obra,





conseguir esse projeto nos mecanismos que tratam do meio ambiente no Brasil, passar pelo Ministério Público, passar pelo Tribunal de Contas da União e passar pela licitação deste país, com a quantidade de processos que, muitas vezes, são movidos pelas empresas que perdem a licitação, é um verdadeiro inferno.

Muitas vezes, um governo toma posse, termina o seu mandato e não consegue licenciar uma obra dessa magnitude, muitas vezes. Não é uma coisa simples. Hoje, estamos aqui comemorando possivelmente um dos três maiores investimentos que estão em funcionamento neste país. E certamente há poucas obras no mundo hoje e poucos estados do mundo recebendo investimentos de mais de US\$ 10 bilhões, ou R\$ 21 bilhões, o que vai ser investido nas duas empresas hidrelétricas que estamos construindo. Possivelmente, poucos países do mundo têm a quantidade de obras de grande envergadura que estamos fazendo no Brasil.

Ainda este ano, começaremos o trabalho de terraplanagem de uma refinaria no estado do Maranhão que vai custar US\$ 19 bilhões. Não é pouca coisa, para produzir e refinar 600 mil barris/dia. Da mesma forma, nós vamos fazer uma outra no estado do Ceará, 300 mil barris/dia, no valor de quase US\$ 11 bilhões. E quanto mais o mundo estiver em crise, mais nós aqui, no Brasil, vamos fazer investimentos, porque esta crise a gente combate fazendo investimento. Esta crise, se a gente se amofinar e for para dentro de casa, assistir à televisão, ler jornal ou ver revista e a gente ficar ouvindo discurso da oposição, a gente fica amofinado e não faz nada. Eu sou um homem que nunca ganhei nada de graça na minha vida. O primeiro presente que eu ganhei na minha vida, eu mesmo comprei para mim, que naquele tempo era uma bola, os novos não sabem como é que se chama. Essas bolas de jogar futebol, antigamente a gente chamava de “bola de capotão”. E eu comprei uma bola de borracha. A bola não era macia como a de hoje. A “bola de capotão”, você tinha que terminar o jogo se estivesse chovendo, lavar e passar sebo na corda



para que não quebrassem as cordas. Foi o primeiro presente que eu me dei na minha vida. Eu, para chegar a Presidente da República, perdi três eleições. Então, eu aprendi a não ter medo de situações difíceis. Aprendi a não ter medo de manchete. Eu aprendi que política a gente faz, primeiro com muita ousadia e muita coragem, segundo, com muita honestidade e terceiro, com muita abertura política para conversar e se entender com todo mundo.

E exatamente por isso, nós estamos vindo aqui, inaugurar um projeto dessa magnitude. Eu poderia falar: “olha, a crise está aí, estou vendo o meu amigo Obama em um aperto desgramado, na maior economia do mundo. Estou vendo a Europa, que é o lugar mais rico do mundo, cheio de problema, Estou vendo o Japão em uma crise sem precedentes na história do Japão. Então, em vez de a gente ficar gastando dinheiro, vamos sentar em cima do dinheiro e vamos esperar a crise passar”. Poderia fazer isso. E o que eu posso dizer ao governador, ao prefeito da Capital e aos prefeitos do interior que estão aqui é que esse é o momento em que vocês, com muita responsabilidade, têm que investir o que vocês puderem investir para gerar os empregos e os salários que esse povo precisa para sobreviver com dignidade.

Pois bem, eu, toda vez que participo de um ato de formação, para mim é uma glória, é uma coisa que mexe muito comigo. Mexe porque este país não apostou na educação durante muito tempo, e não apostou na educação durante muito tempo porque muitas pessoas que governaram este país já tinham estudado e como eles já tinham estudado, eles achavam que os outros não precisavam estudar. Como os filhos deles já tinham estudado, eles achavam que os filhos dos pobres também não precisavam estudar. E assim nós fomos criando, no século XX, todo o século passado, uma sociedade em que cada vez mais ia aumentando o nome...ia aumentando a quantidade dos que ficavam para fora, ia diminuindo a quantidade dos que podiam participar da festa.



Um país dessa magnitude! Não é possível mudar aquilo que foi construído durante muito tempo neste país, se a gente levar em conta que o modelo de desenvolvimento tem que ser justo para que abra espaço e oportunidade para todos, independentemente da cor, independentemente da razão social e independentemente do time de futebol que cada um torça. É garantir que as pessoas possam estudar, e daí Emílio eu ouvi com muita alegria, ouvi com muita alegria, uns elogios feitos aqui à Odebrecht. E eu acho que outras empresas, estou vendo o Flávio aqui, da Andrade Gutierrez, certamente tem gente aqui de outras empresas. É importante a gente perceber que o que nós estamos vendo aqui, não é apenas a formação de um curso profissional para jovens trabalhadores das obras que estamos construindo aqui. O que vocês estão construindo aqui, Emílio, é estabelecer e criar um novo paradigma para as próximas hidrelétricas que vão ser criadas neste país.

É um degrau a mais de dignidade, é um degrau a mais de responsabilidade, é um degrau de garantir... e a diretoria da Odebrecht participou da reunião quando nós discutíamos a necessidade de preparar a gente daqui para trabalhar, porque senão os trabalhadores de uma obra... Fica sendo assim: a empresa, poderia ser muito mais cômodo, pegar trabalhadores de outras obras que já estão trabalhando há muito tempo, trazer para cá, colocar cinco ou seis mil trabalhadores aqui, os de fora trabalhando, os de Rondônia ao lado, olhando. Cada vez mais vindo gente com perspectiva de trabalhar, terminava a obra, os que vieram de fora ficavam sem emprego, faziam uma favela logo do lado da represa e a empresa ia embora ganhar mais dinheiro em outra hidrelétrica. Rondônia vai servir, com essas duas hidrelétricas, vai servir de paradigma para as outras hidrelétricas que nós vamos construir neste país.

Além disso, há uma coisa que é sagrada, e me permita poder contar para vocês aqui uma coisa que eu vivo todos os dias. A imprensa nem precisa registrar, porque a imprensa nacional, que viaja comigo, vê eu falar essas



coisas todo ato, mas nem todo mundo de Rondônia lê o que vocês escrevem, então eu vou falar para eles aqui.

Aliás, vocês viram na imprensa de hoje aqui? Vocês viram na imprensa de hoje aqui, que saiu no jornal dizendo que um irmão do presidente Lula, que ele não conhecia, morreu aqui? Realmente eu não conhecia, porque ele não é meu irmão. Eu não conhecia...quer dizer... a irresponsabilidade, a irresponsabilidade de alguém pegar uma pessoa que morreu, porque tem Inácio, achar que é meu irmão. E coloca com a maior desfaçatez. Ou seja, como eu não vou poder conversar com todas as pessoas que leram a matéria, o pessoal vai começar: “Poxa vida, o Lula tem um irmão que ele nem conhecia. Olha, não sei das quantas... tal.” Eu posso dizer que nem meu pai, nem minha mãe, nunca vieram para Rondônia. Sabe, tem essas coisas. Por que eu estou dizendo isso? Porque a importância da formação profissional, vocês vão ter dimensão do que significa para vocês, quando vocês saírem com uma carteira profissional para procurar emprego.

Uma coisa é um trabalhador sem carteira profissional. Nós quando não temos profissão, nós somos mais um. Quando nós temos uma profissão, nós somos “o cara”. E a empresa, como um time de futebol, prefere “o cara” a um cidadão comum. E vocês vão perceber a diferença de tratamento que vocês vão ter. O trabalhador que não tem profissão, quando ele chega em um lugar para procurar emprego, a primeira pergunta que o diretor de relações humanas pergunta para ele é o seguinte: “O que você sabe fazer?” Se ele falar: “Um pouco de tudo”. O cara não acredita. Porque jogador que vai entrar no time que fala: “Em que posição você joga?” “Em qualquer uma.” É mentiroso. Não joga bola. E nem nós poderemos fazer um pouco de tudo, nós temos que ter uma profissão.

Pois bem, se vocês chegarem e disserem: “Eu tenho tal profissão”. Certamente, a empresa vai colocar o nome de vocês no currículo, e ela depois pode chamá-los. Além disso, vocês vão perceber que aumenta a faixa salarial



de um trabalhador profissional, para um trabalhador que não tem profissão. Aumenta substancialmente.

E o que está se fazendo em um estado como este, é uma coisa extraordinária, porque agora é que este estado, que é um estado agrícola, que é um estado que já foi de ouro, já foi de madeira, já foi de qualquer coisa. Agora é a grande chance que este estado tem de se transformar em um estado industrializado, em um estado industrial. E na hora em que chegar o desenvolvimento aqui, em que chegar a indústria, o que vai acontecer? A primeira coisa que o empresário vai perguntar é se tem mão-de-obra qualificada. Qualquer empresário que vier fazer um empreendimento aqui em Rondônia, a primeira pesquisa que ele vai fazer, é se tem mão-de-obra qualificada para o tipo de produto que ele precisa. Em um primeiro momento para construir a fábrica, em um segundo momento para produzir o produto que a fábrica vai produzir.

Então vocês são, possivelmente, o maior conjunto de jovens, de mulheres, de homens, de adultos, que estão se formando junto com o objetivo de atender um empreendimento. Mas esse empreendimento vai acabar. Eu só espero, viu Emílio e Marcelo, que o presidente Evo Morales da Bolívia, resolva decidir fazer a terceira hidrelétrica na divisa, na parte em que o rio divide com o Brasil e Bolívia, para a gente fazer uma binacional, para resolver mais um problema da Bolívia e para resolver o nosso problema.

A proposta já está feita para ele. Já foi dito ao presidente Evo Morales o significado da construção de uma hidrelétrica de 3.000 megawatts, que possa metade ser dele, e eu espero que eles decidam logo, porque aí, sim, é que vocês vão ter mais tempo trabalhando, porque vai terminar uma, vai ter outra, e vai ter outra, e vai ter outra, e eu penso que vocês se transformarão em especialistas internacionais na construção de hidrelétricas a partir de Rondônia, a partir do rio Madeira.



Eu queria dizer para vocês, três exemplos de vocês: Sabe que eu tenho um repórter que vem antes aqui, e conversa com algumas pessoas. E nós contamos uma historinha aqui, de vocês. Por exemplo, a Natalina Guimarães Lopes. Quem que é Natalina? Está aí? Está aí. Bem, ela é mais conhecida como Natália.

Natália tem apenas 27 anos de idade e cria sozinha os quatro filhos. A mais velha tem 6 anos, depois vêm as gêmeas de 4 anos, e o caçulinha, de 1 ano e 7 meses. Antes, a Natália trabalhava em casa, fazendo as unhas das vizinhas. Sem os R\$ 122 reais do Bolsa Família, Natália não conseguiria alimentar, vestir e educar os seus filhos.

A vida melhorou. Natália se inscreveu no “Acreditar”, foi contratada pela Odebrecht, começou a trabalhar como ajudante de produção e logo passou para ajudante de máquina. Ganha R\$ 500 por mês, se for mais, não precisa me dizer, se for menos, reclame, que eu falo com o Emílio para pagar mais para você. Ganha R\$ 500 por mês, mas quer subir na empresa, Marcelo. Para isso, a Natália está fazendo curso no Senai, e espera ser promovida a eletricista de veículos.

Natália sai de casa, olha para quem é preguiçoso: Natália sai de casa às quatro e trinta da manhã, só chega na empresa às sete, depois de pegar dois ônibus e uma balsa. Sai do trabalho às 17h30 e corre para as aulas do Senai, das 19 às 22h. Só volta para casa às 23h30, ou seja, uma maratona diária de 19 horas em busca de uma vida melhor para ela e para os filhos dela. E ainda tem gente que diz que o Bolsa Família é esmola e que deixa as pessoas preguiçosas. Veja o que diz a nossa querida Natália: “Só quem passa por dificuldades, sabe o quanto o dinheiro do Bolsa Família é importante. É ajuda certa, na hora certa que a gente precisa”. Aqui uma coisa importante: eu digo muito para os meus companheiros, eu digo até para os meus ministros, muitas vezes as pessoas perguntam: “Presidente, mas R\$ 80 ajuda? R\$ 50 ajuda? R\$ 100 ajuda?” Eu digo para eles: “Olhem, muitas vezes, o dinheiro que você dá



de gorjeta em um bar depois de você tomar três ou quatro uísques, daria para uma mãe de família levar comida para casa por 15 ou 20 dias”. Portanto, Natália, que Deus te abençoe, porque essa força de vontade e essa tua disposição de conquistar a cidadania está se concretizando.

Mas vamos ver o caso da nossa querida companheira Ana Roberta de Carvalho. Está aí a Ana Roberta de Carvalho? Está ali também. Ana tem 37 anos e duas filhas, uma de sete e outra de 13 anos. Antes, trabalhava fazendo bordado em sandálias havaianas e toalha de mesa, e depois saía vendendo de porta em porta. Às vezes, trabalhava das oito da manhã até meia noite. Tudo isso para tirar não mais que R\$ 200 no fim do mês, complementando a renda doméstica com o Bolsa Família e os bicos que o seu marido fazia como ajudante de pedreiro. Mas aí a Ana se inscreveu no “Acreditar” e foi contratada como ajudante de pedreiro. Hoje ganha cerca de R\$ 500, o marido Vanderlei também se inscreveu, está esperando a sua vez. Ana não escolheu por acaso a profissão do marido. Ela quer ser pedreira para um dia, junto com o marido, construir a sua própria casa.

Vamos ver o que diz a nossa querida Ana, da sua própria boca: “Já realizei um sonho que era trabalhar com carteira assinada. Agora, falta realizar o outro grande sonho, que é ter a minha casa e eu vou construir”, garante Ana. Querida Ana, meus parabéns. Certamente, eu ainda vou tomar café na sua casa, feita por você.

Vamos ver agora o que diz o nosso companheiro Samonir Manásfi. Cadê o Samonir? Está ali. O Samonir tem 36 anos. Foi pai pela primeira vez aos 17. E ele diz: “Homem que é homem não foge da raia”, pois ele encarou a responsabilidade e fez de tudo um pouco para sustentar a família. Foi vendedor ambulante de mel, vendeu latinha de alumínio, juntou garrafa, capinou quintal. A renda incerta era complementada também pelo dinheiro do Bolsa Família. “Parece pouco, mas para quem precisa é muito”, diz o nosso companheiro Samonir. Ele diz: “Ajuda no sustento da família. Compra o pão que falta, o leite



que ajuda a matar a fome dos meus filhos”. Samonir está casado há 20 anos e tem duas filhas. Rapaz, sabe que você deveria ser exemplo de casamento, porque a molecada hoje casa e larga logo. Rapaz, parabéns.

Samonir, em 2007, conseguiu emprego de vigilante e pôde enfim abrir mão da ajuda do cartão do Bolsa Família, Patrus. Mas não queria parar por aí, por isso, passou pelo “Acreditar” e foi contratado pela Odebrecht para ajudar a construir a usina. Entrou como meio-oficial de pedreiro, mas quer chegar logo a encarregado. Na verdade, quer ainda mais, vai se inscrever no Enem para conseguir uma bolsa do ProUni e virar engenheiro Civil, como ele mesmo diz.

Vamos ver o que diz o diz o Samonir: “Não é fácil, mas é possível. A gente só precisa de oportunidade. Se derem oportunidade, a gente agarra, a gente segue em frente e vai embora.” Samonir, querido, vou dizer uma coisa para vocês todos: é possível você virar engenheiro. Você imagina que eu, de um curso técnico, a profissão... O cargo mais difícil de chegar neste país é o cargo de Presidente e eu cheguei, por que você não pode ser engenheiro? Pode. É só acreditar.

Bem, eu não vou dar os números do “Acreditar”, porque o Marcelo já disse. Eu só queria dizer para vocês uma coisa, gente: o estado de Rondônia vai passar por uma fase nova e uma fase muito importante. E também o Acre vai ser ajudado, viu, Jorge? Porque apenas oito turbinas dessas dão conta de energia para sustentar o Acre e Rondônia, sem precisar de nada.

Acontece que vocês prestem atenção, porque logo vai ter campanha política e pode aparecer algum engraçadinho dizendo: “É, essa hidrelétrica não valeu nada, porque está fazendo a hidrelétrica aqui mas está levando a energia para São Paulo”. Bobos seríamos nós se deixássemos a energia aqui, sem ter consumo para essa energia. O que nós achamos é que este projeto vai começar a trazer uma quantidade de indústrias para este estado que, aí sim, este estado vai começa a consumir, quem sabe, esses megawatts produzidos aqui e outros que nós vamos produzir em outros lugares.





Mas enquanto Rondônia não precisa da energia, nós estamos fazendo um linhão direto, 2 mil quilômetros, o maior linhão do mundo. Não me peçam para explicar, porque eu não sei, mas a verdade é que o linhão de forma contínua, ele não perde energia, ela não se perde no caminho. Então, se sai daqui 100, vai chegar em São Paulo 95. Se você tiver que parar para fazer ramais de linha de transmissão, você vai perdendo cada vez que você faz o ramal, e para chegar a São Paulo você pode perder entre 20 e 25% de energia. Então, é por isso que nós estamos fazendo o linhão.

E esse linhão também, Governador e Prefeito, vai gerar muito emprego, porque o linhão todo vai custar por volta de R\$ 7 bilhões. À medida em que Rondônia começa a ter indústria, o Acre começa a ter indústria, obviamente que essa energia vai estar aqui. Mas por que é importante fazer o linhão? Vocês se lembram do apagão que nós tivemos em 2001? Vocês viram na televisão que nós tivemos um apagão e que nós tivemos que reduzirem 20% o gasto da energia na nossa casa? Quem já não gostava de tomar banho, como eu, achou bom porque teve que tomar menos banho. Mas quem é mais asseado e gosta de tomar banho três vezes por dia teve que diminuir pelo menos um banho. E por que nós tivemos o apagão? Porque nós não tínhamos linha de transmissão, essas torres com esses fios que vocês vêem por aí. É essa torre que carrega a energia.

Então nós tínhamos excesso de água no Rio Grande do Sul, falta de água em São Paulo. São Paulo precisava de energia e a gente não podia levar a energia que sobrava do Rio Grande do Sul porque não tinha linha de transmissão.

Nós, agora, estamos interligando o Brasil inteiro, e queremos interligar a América do Sul inteira, ou seja, fazendo hidrelétricas na Venezuela, no Peru, na Colômbia, e a gente fazendo ligação, com linha de transmissão, porque como o tempo de chuva é diferente, às vezes de um lado está cheio e do outro está seco, você começa a transferir energia. Deus queira que nunca aconteça,



mas se um dia o rio Madeira, por algum caso, secar, tendo linha de transmissão você pode trazer energia produzida em Itaipu para cá, você pode trazer energia produzida em São Paulo para cá. Se não tiver, você não transporta. Então, quando lá precisa de mais energia, nós levamos daqui para lá, quando aqui precisa de mais energia, se traz. E assim vale para o Brasil inteiro.

Por isso que eu e a minha turma de energia passamos três anos, os nossos adversários dizendo: “Vai ter apagão, vai faltar energia. Vai ter apagão”. Tinha até uma empresa de ganhar dinheiro para vender a idéia de apagão. É verdade! Para aumentar o preço da energia, inclusive. Verdade ou mentira, Emílio? É verdade. Era um bando de sabichões que, toda semana: “Vai ter apagão, não vai ter apagão; vai fazer hidrelétrica, não vai fazer hidrelétrica; vai ter apagão...”. Pois eu quero dizer, na frente de vocês: não vai ter apagão neste país. Não vai ter.

E nós vamos construir, com a responsabilidade social e com a responsabilidade ambiental, todas as hidrelétricas que precisam ser feitas. Um dia, vocês vão ver na televisão um projeto de hidrelétrica chamada plataforma, que vocês vão cair o queixo de ver que coisa bonita. Eu vou até levar agora, já, para os Estados Unidos. Na conversinha com o Obama, eu falo: “Dilma, bota no computador e mostra o que é a hidrelétrica plataforma, para saber que nós vamos inovar no mundo”.

E vamos inovar, porque a melhor foto que eu vou carregar daqui não é a quantidade de caminhões, não é a quantidade... é a cara boa de vocês, a cara de felicidade. Eu tenho certeza de que neste momento em que vocês estão recebendo o diploma de vocês é a mesma felicidade que eu tive, quando recebi meu diploma de torneiro mecânico, uma coisa extraordinária. Eu tenho oito irmãos, eu fui o primeiro a ter um diploma primário, eu fui o primeiro a ter um diploma do Senai, eu fui o primeiro a ganhar mais que um salário mínimo, eu fui o primeiro a ter uma casa própria, eu fui o primeiro a ter uma geladeira, eu



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

fui o primeiro a ter uma televisão. E isso vai acontecer com vocês. Deus queira que vocês sejam os primeiros, mas que não sejam os únicos, que os outros da família possam crescer tanto ou mais que vocês.

Parabéns, Emílio e Marcelo. Parabéns, Governador e Prefeito. E parabéns a todos os trabalhadores do “Acreditar”. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras da usina hidrelétrica de Jirau**

**Porto Velho-RO, 12 de março de 2009**

Gente, uma palavra apenas, de agradecimento.

Uma obra dessa envergadura não poderia estar começando agora se a gente não tivesse a contribuição de muitos parceiros. Em primeiro lugar, o Congresso Nacional. E aqui eu posso falar em nome dos deputados que estão aqui – como eu não tenho nominata, para não esquecer nome, não vou falar –, dos senadores e senadoras que estão aqui, que têm contribuído de forma decisiva para que a gente consiga aprovar todas as leis que nós mandamos para o Congresso Nacional, para concretizar o PAC, em tempo recorde. Tem algumas que ainda não foram aprovadas, que são um pouco mais difíceis, mas certamente todo mundo tem consciência de que com uma crise mundial que vocês estão vendo na televisão, a gente não pode brincar em serviço e temos que fazer aprovar as novas leis para que a gente possa fazer mais obras.

Segundo, a colaboração do governador e do prefeito, que se eles não tivessem boa vontade e se resolvessem criar caso, certamente esta obra iria demorar muito mais para começar a acontecer. Terceiro, a disposição do governo de transformar esta obra aqui numa obra exemplar, como hidrelétrica, para futuras hidrelétricas.

Eu acabei de propor ao ministro Lobão a constituição de um comitê coordenado pelo Ministério de Minas e Energia, que junte um representante do governador, um representante do prefeito, um representante da empresa, das várias empresas que estão participando do consórcio, coordenado pelo próprio ministro Lobão ou alguém designado por ele, que participe gente do Ministério do Meio Ambiente, gente do Ibama. Se quiser, Lobão, mais adiante convoque um representante do Ministério Público, para que a gente constitua um comitê



de acompanhamento desta obra, para que a gente evite que tenha deformações de informações, que tenha problemas no Ministério Público, no Ministério do Meio Ambiente, no Ibama. Ou seja, que a gente acompanhe mensalmente as coisas que estão acontecendo, para evitar que uma obra dessa magnitude às vezes possa ficar parada um mês, dois meses, cinco meses, um ano, e às vezes vários anos, por causa de ações judiciais ou coisa parecida.

Vocês estão percebendo o quanto é bom um brasileiro ou uma brasileira ter um emprego com carteira profissional assinada; o quanto é bom a gente ter a certeza de que no final do mês a gente vai ter um salário para levar para casa, para a nossa mulher e para os nossos filhos, a comida de cada dia. Eu digo sempre que não existe nada que orgulhe mais um ser humano do que ele poder sustentar a sua família com dignidade, não viver de favor.

E uma coisa extraordinária, que eu nem sabia, que aconteceu aqui, agora, que eu quero valorizar muito: o acordo feito pelo Sebrae e pelas empresas para formar aqui 100 microempresários, prepará-los para que eles possam ajudar a dinamizar os investimentos e os empreendimentos aqui no estado de Rondônia.

E, sobretudo, o acordo feito pelo Meneguelli, em nome do Sesi, com os empresários também, para a formação de 10 mil trabalhadores aqui, no estado de Rondônia. E aqui, quem sabe, a grande maioria até da própria cidade de Porto Velho. E vocês vão perceber a diferença de um trabalhador qualificado e um trabalhador não-qualificado. Ou seja, quando a gente adquire uma formação profissional, a gente tem muito mais possibilidade de ter emprego em qualquer parte do mundo do que se a gente não tiver profissão.

E como nós estamos determinados a transformar o Brasil num país independente, para que nunca mais a gente tenha apagão em energia elétrica, e que nós queremos, preservando o meio ambiente, cuidando bem das nossas matas e das nossas águas, fazer com que todo o potencial de construção de



hidrelétricas no Brasil seja construído, porque o Brasil já é o país do mundo que tem mais energia renovável e, certamente, nós iremos crescer muito mais, porque temos muitas propostas, muitos projetos para que sejam colocados em prática daqui para a frente.

Vocês sabem que a última grande hidrelétrica terminada no Brasil foi a de Xingó, que começou há quantos anos? Veja, a última que nós inauguramos, de grande porte, foi Xingó, que foi em 1995. Então, nós temos feito muitas pequenas e médias hidrelétricas, mas grande, desse porte aqui, de Jirau, e do porte de Santo Antônio serão as duas primeiras hidrelétricas depois de 13 anos sem o Brasil fazer uma grande hidrelétrica.

O que é importante para nós, e as empresas estão entendendo e estão contribuindo é que nessa crise que vocês estão vendo na televisão todo santo dia, nós precisamos cuidar de fazer mais investimentos agora. Antigamente os empresários tinham dificuldade de fazer obra com o governo, Governador, Prefeito, deputados e senadores, porque normalmente o governo não tinha dinheiro. Então, os empresários assinavam contrato e eles ficavam na expectativa de que o governo pagasse em dia. Muitas vezes o governo atrasava o pagamento e os empresários iam diminuindo o potencial de trabalho, iam diminuindo as máquinas, diminuindo os trabalhadores; aí, de repente, o governo pagava, começava forte outra vez; depois o governo não pagava mais, tiravam as máquinas. Ou seja, o Brasil ficou campeão de obras não concluídas.

O que nós pedimos aos empresários, para enfrentar essa crise, que não é nossa, que não foi criada por nós, que não foi criada por nenhum país da América do Sul, uma crise que nasceu no coração do país mais rico do mundo, que são os Estados Unidos? E a crise nasceu por irresponsabilidade do sistema financeiro internacional, dos bancos internacionais, que resolveram ganhar muito dinheiro com papéis, em vez de ganhar dinheiro investindo no setor produtivo.



Ou seja, o dinheiro bom, que faz um país crescer, que faz gerar emprego é aquele dinheiro que é investido para produzir uma simples pedreira, ou para produzir um carro, ou para produzir uma televisão ou uma geladeira. Agora, quando os banqueiros quiseram ganhar dinheiro apenas vendendo papéis e especulando aconteceu a quebraadeira dos bancos, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. Essa crise, na verdade, era para ter chegado no Brasil com muito menos intensidade. O Brasil está sendo o último país a ser afetado pela crise, e eu tenho certeza de que nós seremos o primeiro país a sair dessa crise.

Foi por isso que eu pedi aos empresários: todas as obras em que a gente puder colocar dois turnos, ou três turnos, ou seja, fazer a máquina rodar 24 horas por dia, nós temos que fazer, porque vai gerar mais empregos, o emprego gera salário, o salário gera consumo e essas três coisas juntas fazem com que a economia brasileira volte a rodar.

Como eu acho que o ano de 2009 é o ano mais delicado, e os países ricos têm responsabilidade de acabar com essa crise logo, eu estou convencido de que se a gente fizer as coisas acontecerem, como está acontecendo aqui, já trabalhando em três turnos, em todas as obras de rodovias, em todas as hidrelétricas, em todas as ferrovias, em todos os projetos habitacionais, onde for possível a gente ter três turnos, para a gente contratar três trabalhadores, eu tenho certeza de que esta crise vai voltar rapidinho para onde ela nasceu e vai deixar o Brasil em paz, porque nós passamos muito tempo esperando crescer, passamos muito tempo esperando gerar emprego para o povo deste país. E agora, que as coisas estavam andando maravilhosamente bem, vem a crise dos países ricos afetar os países emergentes.

Mas quando eu vejo a cara de vocês – e coloquei esse chapeuzinho aqui, sabendo que não vai cair nada do céu aqui... Coloquei esse guarda-pedra aqui só para ficar parecido com vocês e sentir a sensação que vocês estão



sentindo, sentir a sensação gostosa de que agora vocês são muito mais brasileiros e brasileiras, são muito mais cidadãos e cidadãs, porque agora vocês estão ganhando o pão de cada dia trabalhando de forma digna, com carteira profissional assinada, com jornada de trabalho garantida. E vocês viram o que falaram ali, não é? Aqui tem pelo menos 56 meses de garantia de emprego. E vocês viram também a quantidade de emprego que vai gerar uma obra dessas aqui, entre emprego direto e indireto, são mais de 30 mil. Imaginem isso para o estado de Rondônia, para a prefeitura de Porto Velho, o significado do crescimento da economia.

Uma coisa que eu queria falar para vocês, para que não haja nenhuma deformação. É importante, e aqui é um apelo que eu faço aos empresários e ao companheiro Lobão para coordenar isso, é o seguinte: é muito importante que a gente utilize tudo o que for possível a gente utilizar, do estado de Rondônia, a gente utilizar para que a gente possa gerar mais oportunidade de trabalho aqui neste estado.

A segunda coisa importante que eu queria dizer para vocês é que pode ser que alguém diga para vocês: “Olha, mas nós estamos construindo a hidrelétrica aqui, o que é que vai ficar em Rondônia? Nós vamos produzir energia para São Paulo, vamos produzir energia para o Rio de Janeiro, vamos produzir...”.

Deixa eu dizer duas coisas para vocês: eu dizia ao Governador, dizia ao Prefeito, e vinha discutindo no avião com o senador Expedito, com a Fátima Cleide e com o Raupp. Ou seja, eu vinha discutindo o seguinte: Eu quero ver como é que estará o estado de Rondônia daqui a 15 anos. Quinze anos para mim, que já estou com 63, é muito tempo, porque eu estou mais perto de lá do que daqui. Mas para vocês, que são jovens, 15 anos não é nada. A construção dessas duas hidrelétricas aqui, primeiro é um investimento da ordem de R\$ 21 bilhões. Acho que não tem nenhuma obra no mundo, hoje, com um custo de





US\$ 10 bilhões, como nós estamos investindo aqui. Tudo isso para estar resolvido em quatro anos.

A segunda coisa é que quando a gente tiver as hidrelétricas prontas, este estado vai receber, inexoravelmente, uma quantidade enorme de empresas que virão para cá, por conta da capacidade produtiva de energia. Portanto, isso aqui vai significar o desenvolvimento da região, do estado, da capital e das cidades vizinhas.

A terceira coisa importante é que Rondônia passa a contribuir para que não falte nunca mais energia no Brasil. O apagão de 2001, que vocês todos acompanharam pela televisão, por que aconteceu o apagão? Porque a gente não tinha linha de transmissão, a gente tinha pouca. Então, naquele ano, você tinha excesso de água no Sul do País, sobretudo no Rio Grande do Sul. Se eu estiver falando alguma mentira aqui, quem conhece de energia, Lobão, pode dizer: “É mentira”.

Então, nós tínhamos excesso de água no Rio Grande do Sul, e nós tínhamos problema de água no Sudeste, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O que aconteceu? Como a gente não tinha linha de transmissão, a gente estava jogando água fora, de um lado, vertendo muita água e, de outro lado, a gente estava com os outros estados com problema de energia.

Nós vamos terminar o meu mandato construindo 42% de tudo o que foi construído em linha de transmissão nos últimos 125 anos, neste país. Por que é importante fazer esse linhão até São Paulo? Porque enquanto o estado de Rondônia não estiver utilizando a energia produzida aqui... A cada vez que Rondônia precisar de 1 megawatt, 2 megawatts, 3 megawatts, 4 megawatts, 5 megawatts, 100 megawatts, 1000 megawatts, Rondônia vai ter preferência de ter a energia aqui, porque não tem sentido ter a hidrelétrica aqui, levando energia para São Paulo e deixando vocês sem energia, não existe essa hipótese.



Acontece que vai levar um tempo para Rondônia precisar utilizar todo o potencial de energia que nós vamos produzir aqui. Então, essa energia será colocada num linhão. E por que um linhão direto, não parando em cada cidade? Porque um linhão direto, ele economiza, a gente perde menos energia, a gente perde muito menos energia. Ou seja, a gente pode perder quanto, Tolmasquim? 5%? 5%. Se ele for direto, de cada 100 megawatts que a gente leva, a gente pode perder cinco. Agora, se a gente ficar repartindo, parando em vários lugares, aí nós poderemos perder quanto? Uns 20%, 25, se for parar? Aí perde mais.

Então, enquanto Rondônia não vai utilizar o potencial de energia produzido aqui, obviamente que tem que se vender para São Paulo, para o Rio, para Minas Gerais, para o Amazonas, para quem tiver dinheiro para comprar.

O que vai ser importante é que quando nós interligarmos todo o Brasil, como se fosse uma teia de aranha, todo o Brasil interligado de linha de transmissão, o que vai acontecer? Quando – o que nunca vai acontecer – mas se esse rio secar e não produzir um megawatt aqui, você transporta energia do Nordeste, do Amazonas ou do Sul para cá. Faltou lá, você transporta para lá. E assim o Brasil vira quase que uma cooperativa, é uma rede comunista de transmissão de energia elétrica, ou seja, é a rede socialista de transmissão de energia elétrica. Ou seja, é um pedaço do Brasil, é o rio Madeira contribuindo com o rio Tietê, que não produz muita energia, produz até um pouco. E é o rio Madeira sendo solidário ao rio Tocantins, e daqui a pouco está o rio Tapajós sendo solidário ao rio Madeira, o rio Madeira solidário ao rio Tietê. E, assim, o Brasil será mais justo, mais solidário e um país com mais crescimento econômico.

Por isso, meus companheiros, vocês não sabem a alegria de eu estar aqui. Esse projeto do rio Madeira é, para mim, como se fosse um filho deste país, ou seja, passou nove meses e não nasceu, e era problema “pra desgraça”, e ia ao médico, e o médico dizia que tinha problema do Ibama, que



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

tinha problema do peixe, que tinha problema não sei das quantas. Ou seja, era um parto daqueles, que nem as máquinas que vêm se já está (incompreensível) não resolviam. Graças a Deus saiu. E agora nós queremos que esta criança chamada Jirau se transforme em adulto, vire maior de idade e possa produzir parte da energia, que vai produzir parte da riqueza, que vai produzir parte dos empregos gerados neste país.

Que Deus abençoe todos vocês. E muito obrigado por tudo.

(S211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de assinatura de atos referentes ao Estatuto do Torcedor**

**Palácio do Planalto, 13 de março de 2009**

Meu caro companheiro presidente do Senado Federal, José Sarney,  
Companheiros ministros Tarso Genro, da Justiça; Orlando Silva, do  
Esporte,

Ministro Gilson Dipp, corregedor do Conselho Nacional de Justiça,  
Companheiros deputados federais aqui presentes, José Rocha e  
Geraldo Magela,

Senhor Leonardo Azeredo Bandarra, presidente do Conselho Nacional  
dos Procuradores-Gerais do Ministério Público dos Estados e da União,

Meu caro Ricardo Teixeira, presidente da CBF – espero que mande o  
Dunga me convidar para a Seleção, para jogar na próxima Copa do Mundo.

Senhor Juvenal Juvêncio, presidente do São Paulo,

Senhoras e senhores magistrados, procuradores, demais membros do  
Ministério Público,

Representantes de associações e entidades esportivas,

Meus caros companheiros líderes de torcidas organizadas,

Meus amigos,

Meu caro companheiro Vanderlei Luxemburgo.

Eu sou um azarado, porque eu sou corinthiano e todo mundo sabe, não  
tenho problema de dizer que sou corinthiano. Tenho um filho que trabalha no  
Palmeiras, tenho um filho torcedor do São Paulo e tenho um neto torcedor do  
Palmeiras. E tenho um amigo, agora, que foi eleito presidente do Palmeiras,  
que é o nosso companheiro Belluzzo. Então, não tem nada mais exemplar de  
uma família torcedora plural, e nunca brigamos por causa de futebol, nunca.



Eu penso, Orlando, que no próximo encontro que a gente fizer sobre esporte, nós teremos que pedir para os companheiros que vierem para cá, representando os clubes, cada um viesse aqui com o uniforme do seu time. Não precisa vir de calção, porque devem ter as canelas muito finas e muito feias. Mas que viessem para cá para que se fotografasse os dirigentes dos clubes de futebol, os técnicos, cada um com a sua roupa, para que as torcidas percebessem que o confronto dentro do campo é uma prática esportiva que termina quando o juiz apita o final do jogo.

Se a gente quiser olhar o exemplo maior de tudo isso, é na luta de boxe. Numa luta de boxe, um lutador massacra o outro, derruba o outro, e ele é o primeiro a correr para abraçar o cara que ele derrubou. Ou seja, eles têm consciência de que na hora em que eles estão se esmurrando é apenas o cumprimento de regras esportivas de um esporte que eles fizeram opção.

O futebol precisa se transformar numa lógica parecida com essa. Eu sei que é muito difícil, Orlando, colocar... Eu já fui moleque, você ainda é quase moleque, é muito difícil você imaginar... Uma coisa é ter 60 mil pessoas em um estádio, cada um saindo da sua casa individualmente, com a sua família, e chegar ao estádio, comprar o seu ingresso e sentar. Outra coisa é arrumar uma turma para ir para o estádio.

Se colocar jovens de 20 anos, de 17 anos, de 14 anos sozinhos, eles são umas “meninas”, de tranquilos. Agora, coloque 50 juntos, coloque 100. E se ainda pararem para tomar uma “birita” no bar, antes de chegar ao estádio, eles ficam mais afoitos, ficam mais ousados. E basta que um dê um sinal, um gesto impensado, para a desgraça acontecer.

Antigamente, quando a gente ia a um estádio – e é bom ser velho, porque a gente fala de antigamente –, ia para o estádio e se sentava, no máximo, com um ou dois companheiros, se sentava ali. Eu não conhecia o cara da minha direita, o cara da minha esquerda e estava ali. Hoje, não. Hoje a guerra está demarcada, porque a própria lógica do futebol... vai ao Estádio do



Morumbi, já tem a turma do São Paulo em tal lugar, a turma do Palmeiras em tal lugar; vai ao Parque Antártica, é a turma do Palmeiras... Ou seja, nós mesmos estimulamos, com essa divisão, a provocação, a guerra.

Se nós monitorássemos os estádios – e posso dizer para vocês que o Ministério da Justiça está disposto a financiar – para que o torcedor pudesse levar sua mãe de 90 anos e o seu filho de três meses ao estádio, se ele souber que está sendo monitorado por um esquema de televisão e que se ele cometer uma arte qualquer alguém vai estar olhando ele, alguém vai detectá-lo e alguém vai pegá-lo na porta da saída do estádio, a gente pode colocar todo mundo junto, pode colocar um com a camisa do Palmeiras, do Corinthians, do Santos, do Flamengo, do Vasco, do Náutico, do Sport, do Santa Cruz, pode colocar do Vitória, do Esporte Clube Bahia, pode colocar do Paissandu, todo mundo junto. Se eles souberem que estão sendo monitorados...

É como em um shopping, é como em um aeroporto de avião. Todos vocês, para virem para cá, na hora que vocês chegaram ao aeroporto vocês estavam sendo vigiados. Vocês pensam que não, mas estavam sendo vigiados. Entra em um shopping, está todo mundo vigiado. Por que em um estádio nós não fazemos isso? Como garantia para que o torcedor se sinta à vontade, para que o torcedor se sinta tranquilo, sabendo que o mesmo Estado que cobra imposto dele e o mesmo clube que quer que ele compre um ingresso para ser torcedor do seu time, estão assumindo responsabilidade para que esse jovem, para que essa pessoa, para que esse senhor vá a um estádio com a certeza de voltar para casa tranquilo, ganhando ou perdendo.

Isso é plenamente possível fazer, Orlando, plenamente. Primeiro, passar para o torcedor a idéia de que essas medidas não são contra o torcedor, essas medidas são favoráveis para que ele possa torcer mais. Mas que ele possa, ao ir para o estádio, se despedir da mãe na hora que sai e deixar com a mãe a certeza de que vai voltar, e vai voltar tranquilo, e que não precisa brigar.

Então, eu acho que essa separação das torcidas, que a gente imaginava



que era um estímulo para acabar com a violência, termina sendo um foco estimulador da violência. Bote... quem foi, não sei hoje se é assim ainda, mas quem aqui morou em uma vila, e se fosse em outra vila tomava cacete? Quem não fez “guerra de pedra”? Quem não fez “guerra de mamona”? Isso só se faz quando você está em batota. Quando você está sozinho, você anda pela calçada quietinho, você não quer nem ser enxergado por ninguém. Mas se você está em 20, 30 ou 10, você vira um gallo, não o Galo da Madrugada, vira um gallo de rinha. Todo mundo sabe que é assim.

Então eu acho, Tarso, que é extremamente importante que o Orlando, você, o nosso Presidente da CBF e os presidentes das Federações se reúnam para a gente decidir monitorar os estádios de futebol, e mesmo na frente, na saída. A gente cuidar disso com muito carinho, porque é isso que vai permitir a volta das pessoas aos estádios. É isso que vai permitir que uma pessoa que gosta de futebol, mas que não seja fanática por nenhum time, apenas gosta, vá ao estádio e não se sinta constrangida em saber se vai se sentar do lado da torcida do São Paulo ou do lado da torcida do Flamengo. Ele vai ao estádio, ele comprou um ingresso, que deve ter um número, e que esse cidadão saiba que ao chegar ao estádio o seu número estará lá. E ele não pode ter medo de quem está perto dele, quem está perto dele não é um inimigo, é um torcedor.

É essa a cultura que eu acho, presidente Sarney, que nós poderíamos instituir, com uma regulamentação bem feita do Estatuto do Torcedor. É essa coisa quase sagrada, porque nós – eu digo isso com muito orgulho – precisamos enxergar o esporte como uma atividade esportiva, é verdade, como uma atividade cultural, é verdade. Mas também nós temos que enxergar o esporte como uma atividade econômica, que distribui renda, que paga salários e que movimenta uma parte da economia brasileira. Quanta gente ganha dinheiro vendendo pipoca, vendendo amendoim – sobretudo para quem está na idade do Vanderlei Luxemburgo –, vendendo algodão doce, vendendo refrigerantes, vendendo uma série de coisas. Imaginem quanta gente, no



domingo, ganha dinheiro.

Agora, o que nós precisamos é acabar com o sofrimento do torcedor. Quando eu vejo aquelas filas imensas, com um torcedor ficando 3, 4, 5 horas em uma fila para comprar um ingresso, é porque nós estamos sendo irresponsáveis.

Eu disse ao Orlando agora há pouco, na minha sala, que eu já pedi na semana passada, e ele pode conversar na segunda-feira com a Presidenta da Caixa Econômica, nós já temos um modelo pronto para apresentar para vocês, em que o torcedor poderá comprar o ingresso na casa lotérica, ele não tem que pegar um ônibus para ir a um estádio ou pegar um carro. Ele sai da sua casa, e na primeira lotérica que tiver ele compra o seu ingresso. Tem que ser numerado e ele tem que saber que, [quando] chegar lá, alguém do clube tem a responsabilidade de garantir que ele vai encontrar o seu lugar e que ele, portanto, vai se sentar.

Aí o cidadão vai perceber que ele está sendo melhor tratado, porque sem o torcedor não existiria futebol. Essa é a verdade: sem o torcedor não existiria futebol. Se não tivesse a gente para aplaudir e para vaiar... Vaiar é uma coisa até estranha, porque eu não me lembro, no meu tempo, de eu ir em campo para vaiar o meu time. A gente vaiava o adversário, mas o time da gente, a gente não vaiava.

Hoje há uma inquietação, muitos jogadores entram em campo com medo. Eu me lembro de uma cena, Vanderlei, eu me lembro de uma cena quando o Corinthians perdeu a Libertadores para o Palmeiras, naquela noite maldita em que o Galeano empatou, no finalzinho do jogo, e o Marcelinho perdeu o pênalti. Aquela noite não sai da minha cabeça nunca. Mas eu me lembro do que a torcida fez com os jogadores. Eu fico imaginando se a cada vez que a gente fosse em um teatro e os artistas não fossem tão bons quanto a gente imaginasse, nós esperaríamos os artistas na porta para surrá-los. Eu fico imaginando se um lutador de boxe [para quem] a gente torce e imaginava





que ele fosse ganhar, além do coitado ser nocauteado no ringue, a gente esperasse ele do lado de fora.

Nós temos que perceber que os jogadores são todos jovens também, muitas vezes não-preparados até para a fama que eles pegaram repentinamente. Muitas vezes não-preparados até para a quantidade de dinheiro que eles ganham, não sei se muito ou pouco. Certamente, quem chega a titular de um time grande ganha mais do que o Presidente da República, certamente. Ou seja, esses jovens erram dentro do campo, eles têm emoções. Se a gente for punir a cada vez que não der certo e a torcida se sentir no direito de atacar, de quebrar alambrado e de fazer coisas, como é que a gente vai sobreviver?

E não é uma coisa do Brasil. Quem segue futebol sabe o que acontecia e que acontece ainda, na Europa. Mas hoje eu sinto inveja quando vejo um jogo de televisão do futebol inglês. Eu vejo o torcedor sentado, como vocês estão aqui, na minha frente, até mais próximo, vendo o jogador dele tomar bola no meio das pernas, vendo o jogador dele errar, e o cara está lá para assistir, o cara não está lá para orientar, o cara não está lá para xingar, o cara está lá para torcer. Então, eu penso que é essa cultura, Orlando, que nós precisamos criar. Além da lei, é preciso estabelecer uma nova cultura.

Eu não tenho nada e não sou contra as torcidas organizadas porque, muitas vezes, quando o time está perdendo, está mal, está desestimulado, muitas vezes a torcida organizada é o 12º jogador: é ela que grita, é ela que estimula. É um menino de 20 anos, que não tem dinheiro, mas arruma emprestado com um amigo, pega um ônibus e anda 20 horas para ver o seu time jogar. Nós temos que também entender a importância desse jovem.

Então eu penso, Orlando, a minha preocupação é que eu acho o esporte uma coisa sagrada para o Brasil, o esporte não é uma coisa qualquer no Brasil, o futebol, sobretudo, não é uma coisa qualquer. Não tem nada que mobilize mais este país do que o futebol, não tem paixão maior do que o futebol.



Nós também precisamos saber que as brigas não são só por conta... o pessoal não vai a um estádio não é só por conta das brigas. É que você vai em um estádio, você não pode beber e você corre o risco de tomar uma bordoadada. Então, você fica na frente de uma televisão, com uma cerveja sem limite, não vai passar pelo bafômetro quando sair do estádio. O único medo [risco] que você corre é a sua mãe achar que você já está demais e pedir para você sair. Então, a pessoa prefere ficar em casa. Por isso é que eu acho que os clubes precisariam valorizar mais a transmissão do futebol.

Esses dias, eu fiquei pensando: aqui em Brasília estavam jogando Corinthians e Palmeiras, e estavam jogando um time, o Flamengo e um time do Rio de Janeiro. Obviamente que eu não entendo porque a TV aberta que transmitiu o jogo não transmitiu o Corinthians e Palmeiras, que era um clássico infinitamente mais importante para o Brasil...

Pois é, as pessoas têm que lembrar, também, que as pessoas que estão em casa gostam de ver coisa boa. Se estão jogando Flamengo e Vasco, Flamengo e Fluminense, são clássicos que merecem ser passados. Mas se você tem a rivalidade histórica de um Corinthians e Palmeiras, não tem sentido passar apenas na TV paga. Isso é respeito ao torcedor. É garantir que a pessoa pobre, que mora lá na Favela de Paraisópolis, lá no Morumbi, perto do campo do São Paulo, tenha o direito de ver o jogo mais importante do seu time na TV aberta. Não, hoje ele não vê. Se ele não tiver TV a cabo, ele não vê. Cadê o respeito ao torcedor? Como é que a gente vai fazer com que as crianças tenham bons exemplos, se a gente não mostra para elas os bons exemplos dos estádios de futebol?

Então, eu espero que essa regulamentação, Orlando, e essa lei mas, sobretudo, essa prática... O Orlando deve procurar vocês, nós temos o modelo de garantir, se quisermos acabar com o cambista nós acabamos; se quisermos acabar com o sofrimento do torcedor, às vezes, na porta do estádio, naquela gaiolinha, comprando ingresso, nós acabamos. Ele vai na frente da casa dele,



na lotérica, chega lá, compra o seu ingresso e vai para o estádio na maior tranquilidade.

Eu quero, então, Orlando, dar os parabéns. O Orlando, eu acho que vocês sabem que é um menino diferenciado. Quando eu vim para o governo, eu tinha uma idéia na cabeça, de que a gente não poderia trazer uma pessoa famosa, um ex-jogador, por exemplo, para ser Ministro do Esporte, porque aí prevalece apenas o corporativismo. Por exemplo, vocês queiram ou não queiram, Orlando, nós vamos ter que rediscutir a Lei Pelé. Eu só peço que vocês não esperem que eu mexa. Mas eu acho que os presidentes de clubes precisam me apresentar uma proposta de mudança, para o Congresso saber o que é possível melhorar.

Porque, do jeito que está a coisa, nós nunca mais teremos o prazer de saber a escalação do time dois anos seguidos. Nunca mais. Obviamente que eu não quero que um jogador fique 10 anos, 15 anos no mesmo clube, eu quero que ele ganhe dinheiro, que ele possa trocar de clube. Mas hoje a gente não tem, a gente não sabe a escalação do nosso time. Quando você pensa: “Ah, está jogando fulano, beltrano e sicrano”, no domingo, você vê, já mudou tudo. E agora não estão indo mais para a Itália, para a Espanha, esse pessoal está indo para a Sibéria. Antigamente, o sonho das pessoas era jogar em um grande clube europeu. Hoje, não. Hoje, qualquer... Com essa crise econômica lá fora, eu acho que vai mudar.

Você vê jogador da Seleção, como o Robinho, jogando num time, equivalente aqui a o quê? Equivalente a... Não, não ao Palmeiras e nem ao São Paulo. Equivalente a um time pequeno, a um Volta Redonda, a um Taquaritinga, sei lá, mas é um time pequeno. Ou seja, não é possível. Antigamente eram só os times grandes, agora qualquer time na Europa está levando...

Então, eu quero que vocês me ajudem, porque eu trabalho com a consciência de que eu estou presidente apenas, meu mandato termina daqui a



um ano e 10 meses. Mas depois eu vou continuar sendo torcedor. Eu quero voltar a ir a um estádio, como sempre fiz na minha vida. Portanto, eu não estou fazendo apenas por vocês, eu estou fazendo... imagina um “veinho” de sessenta e poucos anos chegar em um estádio lá e ter medo de sentar do lado da Mancha Verde, ter medo do sentar do lado... Da Gaviões, não, porque eu boto uma camisa da Gaviões, então não vou ter medo.

O dado concreto é esse: nós, governantes, nós, dirigentes esportivos e nós, torcedores, temos que nos entender, para o bem de todos nós, senão... Acabou aquele tempo em que o Presidente da República falava: “Olha, não é da minha conta, esporte é um problema de quem dirige esporte”. O governador falava: “Não é da minha conta”. O prefeito falava: “Não é da minha conta”. Acabou isso. Hoje, é da conta do prefeito, é da conta do governador, é da conta do Presidente, é da conta do Poder Judiciário, é da conta do Ministério Público, é da conta do dirigente do clube. Por quê? Porque com o resultado positivo todos nós ganhamos, e com o resultado negativo todos nós perdemos.

Portanto, Orlando, vamos trabalhar, pedir ao presidente Sarney e ao presidente Temer que botem para votar logo esse projeto de lei, porque nós vamos ter a Copa do Mundo. E a Copa do Mundo, eu quero dizer para vocês, o presidente do São Paulo falou ali: a Copa do Mundo não acontece no dia, ela não acontece no mês de julho. Para os atletas já começa antes, para o país começa três ou quatro meses antes, porque quando faltarem três meses para a Copa do Mundo estarão aqui no Brasil jornalistas do mundo inteiro, para criticar ou para falar bem, vai depender de nós.

Todos os governadores sabem que nós estamos esperando a Fifa decidir quais as cidades onde vai ser a Copa do Mundo. Quando a Fifa decidir, nós vamos – não é da responsabilidade do governo federal, mas nós temos uma lista de compromissos que o governo federal assumiu – nós vamos querer participar da construção de todos os projetos de mobilidade urbana neste país. Vamos querer participar para que o Brasil, quando receber aqui a imprensa



estrangeira e os torcedores estrangeiros, que eles saiam daqui com uma imagem positiva do nosso país.

Futebol nós temos, para isso. Agora, é preciso que a gente combine o futebol à organização, que falta muito.

Muito obrigado, e boa sorte.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante abertura do Seminário “Brasil: Parceiro Global em uma Nova Economia; Estratégias Sólidas para Momentos Desafiadores”**

**Nova Iorque-EUA, 16 de março de 2009**

Quero cumprimentar os meus ministros, embaixador Celso Amorim, senhora Dilma Rousseff, senhor Guido Mantega, Henrique Meirelles,

Quero cumprimentar o Robert Thompson, editor-chefe do Wall Street Journal,

Quero cumprimentar o Antônio Aguiar Patriota, embaixador brasileiro,

Quero cumprimentar o Luciano Coutinho, presidente do BNDES,

O nosso Antônio Lima Neto, presidente do Banco do Brasil,

O José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Quero cumprimentar nosso querido Alessandro Teixeira, presidente da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos,

Quero cumprimentar os diretores do “Valor”, os empresários brasileiros, americanos,

Quero dizer para vocês da grata alegria de estar mais uma vez aqui em Nova Iorque, conversando com amigos do Brasil e brasileiros amigos dos Estados Unidos.

Esta vai ser a parte chata de toda a Conferência, porque quando o Celso Amorim falou de fome, vocês não estavam vendo pratos, talheres e, portanto, a fome vai aumentar à medida em que eu for falando. Por favor, não atirem nenhuma faca e, muito menos, um sapato.

Minhas amigas e meus amigos,

O mundo vive hoje a mais grave crise desde 1929, uma crise muito diferente das ocorridas nas últimas décadas. Uma crise que não surgiu em um país emergente ou na periferia do sistema. Uma crise que, nasceu e explodiu



no coração do mundo desenvolvido. Provocada, em grande medida, pela falta de controle do sistema financeiro nos países mais ricos.

Os bancos, em vez de cumprirem seu papel de financiador do setor produtivo, descolaram-se da realidade e dedicaram-se à especulação. Transformaram-se num grande cassino. Muitas instituições financeiras quebraram, um grande número de empresas entrou em dificuldade e milhões de trabalhadores perderam suas casas, seus empregos, sua proteção social. Em pouco tempo, a ganância de alguns deu lugar ao pânico de muitos. Uma gravíssima crise de confiança abateu-se sobre a economia dos países mais ricos.

No Brasil não tivemos este tipo de crise. Nossos bancos – privados ou públicos – não foram contaminados pelas aventuras dos especuladores internacionais. Um sólido sistema de bancos públicos, hoje responsável por mais de 40% do crédito no Brasil, atenuou os efeitos da crise internacional.

Quando a crise veio à tona, com a quebra do Lehman Brothers, nossa economia estava arrumada. Crescíamos a taxas robustas, as maiores dos últimos 30 anos.

Nos últimos seis anos, o Brasil criou mais de 11 milhões de novos empregos formais e promoveu uma sensível expansão da renda dos trabalhadores. O mercado de bens de consumo ampliou-se consideravelmente, resultado de nossas políticas de transferência de renda, em especial o Bolsa Família. Os aumentos reais de salários, a reforma agrária com fortalecimento da agricultura familiar e a expansão sem precedentes do crédito popular consolidaram o mercado interno. Mais de 20 milhões de pessoas, antes situadas abaixo da linha da pobreza, ingressaram na classe média.

Contrariando preconceitos e prognósticos, mostramos que era possível expandir o mercado interno e, ao mesmo tempo, aumentar nossas exportações. Nossas exportações cresceram quase quatro vezes nos últimos seis anos. Diversificaram-se geograficamente. Não ficamos atrelados a



nenhum mercado em particular. Aumentamos nossas vendas de produtos com maior valor agregado. A inflação foi domada. A vulnerabilidade externa reduzida. O Brasil passou à condição de credor líquido internacional. E acumulamos mais de US\$ 200 bilhões de reservas. Graças a um forte ajuste fiscal, a dívida pública interna que, em 2003, equivalia a 56% do Produto Interno Bruto, hoje representa apenas 35% do PIB, uma das menores taxas do mundo.

No início do meu segundo mandato, lançamos o Plano de Aceleração do Crescimento, com o objetivo de expandir a infraestrutura energética, de transportes, urbana e social. Inicialmente, esse Plano previa um investimento da ordem de US\$ 250 bilhões, em valores da época. Agora, com a crise, acrescentamos US\$ 30 bilhões em investimentos adicionais para atender a expansão da Petrobras na exploração das grandes reservas do pré-sal, no litoral brasileiro.

Graças a todas essas mudanças, o Brasil começou a respirar um novo clima. A roda da economia passou a girar mais forte. Abriu-se um círculo virtuoso no nosso país. Mais consumo, mais produção, novos investimentos, mais Brasil para mais brasileiros.

Em 2008, os investimentos diretos estrangeiros atingiram US\$ 45 bilhões, 2,8%, ou seja, do PIB. Nos dois primeiros meses deste ano, na contramão da tendência mundial, observa-se um ingresso significativo de capitais no nosso país.

Meus amigos e minhas amigas,

A crise internacional nos está obrigando a enfrentar turbulências que não criamos. Mas, como havíamos organizado e dinamizado nossa economia antes, estamos em condições de sair dela mais cedo do que se esperava.

Nas crises do México, da Rússia e dos países asiáticos, menos graves que a atual, o Brasil quebrou em poucos dias. Foi obrigado a pedir socorro ao FMI. Desta vez, o Brasil não quebrou, nem vai quebrar. Estamos enfrentando





as dificuldades com todos os instrumentos à nossa disposição.

Enquanto a maioria dos países ricos mergulha na recessão, o Brasil vai continuar crescendo. Cresceremos em 2009 menos do que gostaríamos, menos do que poderíamos, se não fosse essa crise externa. Mas estejam certos de que vamos crescer.

Meus amigos e minhas amigas,

A sociedade brasileira realizou um enorme esforço nos últimos anos. As decisões de política econômica de meu governo apenas interpretaram um sentimento forte que dominava a esmagadora maioria dos brasileiros. Era preciso pôr fim a trinta anos de estancamento ou crescimento econômico medíocre. Era necessário enfrentar, simultaneamente, o secular problema da pobreza, da desigualdade e da exclusão de dezenas de milhões de brasileiros.

A história do meu país mostra que o crescimento econômico, por si só, não resolve o problema da miséria. Ao me eleger presidente da República, o Brasil deixou claro que havia decidido trilhar um novo caminho. Um caminho em que a distribuição de renda é fator decisivo de um novo tipo de desenvolvimento, mais inclusivo, mais humano, mais sustentado e duradouro.

Durante décadas, ou talvez séculos, nossos dirigentes governaram com os olhos voltados para um terço ou um quarto da população brasileira. Passavam a idéia de que dezenas de milhões de homens e mulheres, velhos e crianças, nunca teriam espaço na nação brasileira. Era como se eles fossem um peso ou um estorvo para o crescimento do país, e não um imenso patrimônio, um ativo de valor incomensurável.

O Brasil superou essa concepção egoísta, mesquinha e absurda. Hoje está claro para todos que era possível construir um Brasil para todos os brasileiros. Mais ainda, que o Brasil é mais forte e tem mais futuro quando trabalha para incluir todos os brasileiros.

Essas opções cruciais foram feitas em um clima de aprofundamento da democracia, de amplo e fecundo debate público. Em nosso país, mais de 130



milhões de brasileiros vão às urnas a cada dois anos, para eleger seus representantes e governantes. Nossas instituições, a começar pelo Congresso Nacional e pelo Poder Judiciário, são vigorosas e independentes. A liberdade de imprensa é respeitada como um valor fundamental. E os sindicatos, os partidos, as associações profissionais funcionam, graças a Deus, livremente.

Somos uma democracia de dimensões continentais. Com uma população de múltiplas origens, com uma cultura rica e diversificada, mas com forte identidade nacional. Não apenas somos misturados, como gostamos de ser misturados. Vivemos em paz conosco e com nossos vizinhos. E não abrimos mão disso.

O Brasil dispõe de imensos recursos: terra, água, sol, energia e população. Graças aos avanços de nossas pesquisas em agricultura tropical, somos um grande celeiro do mundo.

Mas somos também um país com indústrias de ponta, na biotecnologia e no setor aeroespacial, entre outros. Temos importantes universidades e centros de pesquisa científica e tecnológica, cada vez mais integrados à atividade produtiva. Avançamos no desenvolvimento de energias renováveis, na extração de petróleo e gás em águas profundas.

Aqui, meus amigos e minhas amigas, um parêntese para falar um pouco das energias renováveis. Há 30 anos, o Brasil domina a tecnologia do biocombustível. Há 30 anos, estamos tentando convencer o mundo de que para enfrentar o aquecimento global é preciso que tenhamos a coragem de definirmos, definitivamente, uma outra matriz energética para o mundo.

No Brasil, já temos utilizado 25% de etanol na gasolina há muitas décadas e isso tem funcionado de forma extraordinária. No Brasil, estamos produzindo... 90% dos carros novos são flex-fuel, são carros que podem utilizar gasolina, álcool, em qualquer percentual que nós quisermos colocar.

Uma coisa que me deixa, eu diria, perplexo, é que o mesmo mundo desenvolvido que briga para que a gente faça políticas ambientalistas capazes



de evitar o desaquecimento [aquecimento] global, muitos ainda não assinaram o Protocolo de Quioto, muitos ainda não cobram nenhuma tarifa dos combustíveis poluentes, e muitos ainda impõem taxas absurdas ao etanol.

Eu não consigo entender. Eu posso até avaliar do ponto de vista econômico, mas do ponto de vista da construção de uma nova matriz energética... O Brasil tem desafiado, tanto aqui, nos Estados Unidos, quanto na União Européia, os empresários, os governos a construírem parceria para que a gente possa apresentar ao mundo, definitivamente, uma verdadeira mudança na matriz energética.

Eu poderia não estar falando isso agora porque, afinal de contas, acabamos de descobrir petróleo na camada pré-sal brasileira. E no dia 1º de maio, se a Petrobras não falhar comigo – o José Sérgio está aqui – nós vamos tirar o primeiro barril de petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade.

Então, por que eu estou falando em biocombustível? Eu estou falando em biocombustível porque é uma oportunidade não apenas de limpar a matriz energética, mas é uma oportunidade extraordinária de nós darmos resposta ao desenvolvimento dos países mais pobres, sobretudo ao continente africano.

Muita gente, na discussão sobre a matriz energética, já culpou o etanol brasileiro pelo encarecimento do alimento em junho do ano passado. E nós dizíamos claramente que não só não era verdade, como era, possivelmente, uma campanha engendrada pelas empresas que vendem petróleo contra a perspectiva de a gente produzir petróleo com um trabalhador rural analfabeto, na África. Porque para extrair petróleo, todo mundo sabe o que custa uma plataforma, o que custa um engenheiro, o que custa uma sonda, o que custa uma pesquisa. Para produzir um litro de biodiesel, a gente pode cavar alguns buracos, plantar muda de cana e, daqui a algum tempo, nós estaremos produzindo combustível limpo, que gera empregos e que vai contribuir para o desaquecimento global.

Eu, às vezes, fico frustrado. Tentei falar tantas vezes com o presidente



Bush, certamente vou falar muitas vezes com o presidente Obama, mas é preciso a ajuda de vocês, porque eu sei que não é fácil um país mudar a sua matriz energética. E tampouco queremos brigar com os produtores de milho dos Estados Unidos. Não queremos.

O que nós queremos é criar mais frango para comprar o milho dos produtores de milho dos Estados Unidos, para que a gente possa, em contrapartida, vender o etanol produzido de cana-de-açúcar, seja nos países da América Central, seja nos países da África ou seja em parcerias de empresários americanos com empresários brasileiros.

Eu tenho dito aos empresários europeus que eu não quero mexer na coisa toda arrumada, na Europa. Não quero mexer na agricultura alemã, não quero mexer na agricultura sueca, não quero mexer na agricultura da Suíça, está tudo arrumadinho, tudo pronto. O que eu quero é que eles façam parceria para produzir o biocombustível de que eles precisam, não de beterraba, mas de alguma coisa que possa gerar emprego e desenvolvimento no continente africano, que daqui a 20 anos estará com 700 milhões de habitantes, gente que precisa comer, precisa estudar e precisa trabalhar. E isso é responsabilidade nossa: transferir para eles e compartilhar com eles aquilo que nós aprendemos a fazer.

Parece absurdo o que eu estou falando, mas vocês estão acompanhando a violência contra os imigrantes na Europa. Vocês sabem que em tempo de crise as principais vítimas são aqueles imigrantes que tanto ajudaram a construir outro país.

Os Estados Unidos não têm como brigar com os hispânicos. Afinal de contas, são 40 milhões que aqui ajudaram a construir esta nação, que aqui ajudaram a construir esta imensa nação, a maior do mundo, a mais rica do mundo.

Só tem um jeito de nós evitarmos que haja qualquer problema: é trabalharmos juntos para que os pobres sejam menos pobres e que os ricos,



sem ficar mais pobres, fiquem um pouco menos ricos, para que a distribuição da riqueza no mundo seja mais justa e garanta a nossa paz.

Eu, se fosse o Presidente da Petrobras, ou se fosse o diretor das empresas de produção de etanol no Brasil, colocaria nos aeroportos brasileiros carros flex-fuel. Quando qualquer empresário americano ou europeu chegar ao Brasil, ele vai ter que andar em um carro flex-fuel, para ele perceber que o cheiro do combustível é mais gostoso e faz menos mal à saúde do que o combustível que nós estamos habituados a usar.

Minhas amigas e meus amigos,

Desde o primeiro instante, nosso governo procurou mobilizar o país para enfrentar os efeitos da crise. Seria longo demais citar todas as medidas que tomamos e que continuaremos a tomar.

Possibilitamos a utilização de parte das reservas para financiar as exportações. Reduzimos o compulsório dos bancos para aumentar a capacidade de crédito. Com o mesmo objetivo, promovemos a compra de alguns bancos privados, ou de governos locais, por bancos do governo federal. Criamos estímulos fiscais à indústria automobilística, que permitiram revitalizar esse setor. E vamos financiar a construção de 1 milhão de casas nos próximos dois anos.

Não vacilaremos em lançar mão de todos os instrumentos ao alcance do Estado para minorar os efeitos da crise. Deste mesmo Estado que alguns queriam “mínimo” e inoperante, e em cuja porta tantos batem hoje pedindo ajuda. O demônio de ontem transformou-se no salvador de hoje.

O Estado brasileiro – um Estado democrático de Direito – não fugirá de suas responsabilidades. Não deixará de exercer seu papel regulador. E, sempre que necessário, intervirá para que a anarquia dos mercados não resulte em caos econômico e social. Não vamos nos apequenar diante da crise. Não cortei nem cortarei um centavo do gasto social, nem das obras de infraestrutura. Vamos continuar estimulando de forma responsável o consumo



dos brasileiros. Garantiremos, assim, a rápida recuperação da produção e, com ela, a preservação e ampliação do emprego no nosso país.

Mas sei que nosso esforço isolado não bastará. A crise é global e sistêmica. Sua resolução final exige, portanto, soluções globais e sistêmicas também. Ainda que nossas exportações representem apenas 14% de nosso Produto Interno Bruto, necessitamos estimular nossas vendas ao exterior como resposta à crise.

Por isso, tenho me empenhado na conclusão da Rodada de Doha da OMC. O protecionismo é uma droga que pode propiciar um alívio momentâneo, mas que, a longo prazo, conduz a crises maiores. É o que nos ensina a história do século XX.

É fundamental que os organismos multilaterais contribuam para o restabelecimento do crédito necessário para alimentar o comércio mundial, especialmente dos países em desenvolvimento.

Sei que é importante salvar bancos, seguradoras e financeiras, na medida em que delas dependem poupanças, moradias e a previdência social de dezenas de milhões de homens e mulheres. Mas também é importante, seguramente mais importante, salvar empregos. Sei, por experiência própria, o que é estar desempregado. O desempregado perde mais do que o seu ganho-pão. Ele se vê privado de horizonte, de dignidade e de esperança, sobretudo quando a crise assume dimensões tão amplas como a atual.

É claro que cada país terá que enfrentar a crise à sua maneira, levando em conta suas especificidades. Mas não é menos claro que há um quadro internacional que exige respostas coordenadas. Por essa razão, além das medidas nacionais, devemos buscar soluções globais para enfrentar a crise.

A conjuntura em que vivemos mostra o colapso dos mecanismos de governança mundial, aí incluindo os organismos multilaterais econômicos e financeiros, o FMI e o Banco Mundial em especial.

Não por acaso foi necessário dar relevo e substância política ao G-20. É



importante que este G-20 renovado seja duradouro, até porque ele é integrado por países em desenvolvimento, que não são responsáveis pela crise, mas que certamente contribuirão para que seja superada.

O Brasil levará propostas concretas à Cúpula de Londres. Muitas delas dizem respeito à democratização do FMI. Outras estarão relacionadas ao aumento de sua capacidade para ajudar no restabelecimento dos fluxos interbancários e do crédito ao comércio. É importante que o Fundo exerça sobre as economias desenvolvidas a mesma vigilância que exerceu sobre os países pobres e em desenvolvimento. Poderá até dispensar a arrogância que muitas vezes demonstrou no passado.

Nossas propostas – que estamos discutindo com outros países amigos, e que debati com o presidente Obama anteontem – também incluirão o fim dos paraísos fiscais. Eles representam o aliado fundamental do crime organizado internacional, do narcotráfico, da corrupção e do terrorismo. Não é possível combater eficazmente essas manifestações perversas sem atacar a retaguarda financeira que nunca lhes faltou.

Minhas amigas e meus amigos,

Meu otimismo não é irresponsável. Conheço os brasileiros. Vamos sair desta crise mais cedo do que muitos. Queremos sair dela juntos com nossos irmãos sul-americanos e de toda a América Latina. Mas, ainda que possamos, em um prazo médio, eliminar os efeitos mais perversos da crise, haverá conseqüências que perdurarão por muito tempo.

A crise atual não é só econômica e financeira. Ela é uma crise de civilização. Denuncia modelos absurdos de produção e consumo que destroem a natureza, comprometendo já não o futuro da humanidade, mas seu presente. Põe em evidência a irracionalidade de concepções econômicas, que se pretendiam definitivas e que favoreceram aventuras especulativas. Tem, assim, uma dimensão ética e moral.

A crise ameaça o próprio cerne da democracia, pois demonstra que os



destinos da humanidade escaparam ao controle do ser humano. A saída definitiva da crise exige a construção de novos paradigmas: para a organização da produção, do trabalho; para a preservação do ambiente; para o estabelecimento de uma cultura de paz que inspire uma nova e democrática governança mundial; para o restabelecimento da política como atividade superior, pela qual homens e mulheres constroem e redefinem livremente novos contratos sociais.

Como disse, aqui mesmo em Nova Iorque, durante a última Assembléia Geral da ONU: é chegada a hora da política.

A mensagem que quero levar à reunião do G-20, em Londres, é esta. Temos complexos problemas econômicos a enfrentar. Há technicalidades que não podemos desconsiderar, mas não teremos efetivas soluções se não houver respostas políticas e vontade política.

Não é apenas a economia que está ameaçada em muitos países. A ameaça maior é a da desagregação social e do caos político que daí possam vir. Portanto, as decisões econômicas que viermos a tomar têm de ser comandadas por definições políticas muito precisas e corajosas. Isto é o que se espera dos líderes. Para isso fomos eleitos. Temos de honrar os mandatos que recebemos.

O exercício da vontade política em momentos graves da história não se confunde com o voluntarismo infantil que desconhece a realidade. Quando a irracionalidade econômica prevalece, o Estado Democrático de Direito assume, com mais força, aquela função que nunca deveria ter perdido: a função de indutor e regulador da atividade econômica, de promotor da igualdade social, de garantia da liberdade e de agente da solidariedade.

Nós, que estamos transitoriamente à frente destes Estados, temos responsabilidades que vão além da atual conjuntura. De nossa ação, ou de nossa omissão, dependerá o futuro da humanidade.

Meus amigos e minhas amigas,





Eu estive, no último sábado, com o presidente Obama. Vocês ouviram os meus amigos falarem da nossa relação aqui na América Latina. Esta crise, ela é uma oportunidade para pessoas como o presidente Obama, para pessoas como eu, que já estou com seis anos de mandato, que poderia estar cansado. Esta crise veio me provocar, esta crise veio me desafiar. E ela vai me dar mais motivação para fazer mais do que fizemos até agora.

Ontem, em El Salvador, acabou de ser eleito um novo presidente, um grande companheiro que conheço há muitos anos. A América Latina e a América do Sul estão passando por renovações políticas como jamais vistas na história deste continente. Acabou o tempo da Guerra Fria, acabou o tempo da luta armada. É tempo de democracia. E a democracia exercida na sua plenitude, ela, muitas vezes, parece confusa, muitas vezes tem muitas distorções e, muitas vezes, ela leva a divergências.

Os Estados Unidos da América do Norte têm a obrigação e uma chance extraordinária de restabelecer uma nova relação com a América Latina. Não a Aliança pelo Progresso, da década de 60, nem muito a política de ingerência, também na década de 60, mas estabelecer uma relação de parceria, de ajudar os países mais pobres a se desenvolverem, de se apresentarem como amigos e construir aquilo que falta ser construído.

Eu conheço hoje a América Latina como a palma da mão. Tenho o prazer de ser amigo de quase todos os presidentes da República, de Michelle Bachelet até o companheiro Calderón, no México. Com nuances diferentes, todos eles têm interesse em trabalhar em parceria com os Estados Unidos, todos eles têm expectativa de que os Estados Unidos estabeleçam uma nova relação, uma relação construtiva, não uma relação de interferência política, de divergência política sistemática.

Eu converso muito com o Evo Morales, converso com o Chávez, converso com o Rafael Correa, converso com o Uribe, converso com Cristina, converso com Michelle Bachelet. Todos, sem distinção, têm intenção de



restabelecer uma nova política com os Estados Unidos.

Oxalá Deus ilumine o presidente Obama, já que vamos nos encontrar daqui a pouco, lá em Trinidad e Tobago, na primeira reunião de que o presidente Obama vai participar com todos os presidentes da América Latina. E ali, quem sabe, seja o cenário ideal para que a gente restabeleça uma política de convivência democrática, uma política de convivência pacífica, uma política de convivência produtiva, desenvolvimentista, em que todos saibam que falamos diferente, que temos muitas vezes propostas específicas no nosso país, mas que somente com essa unidade é que nós estaremos capazes de construir a paz.

E uma última palavra – que me perdoem os companheiros que estão com fome. Cuba: eu nem sei o que os cubanos querem, porque os cubanos não me pediram para falar isso. Mas não existe mais, do ponto de vista político, do ponto de vista sociológico, do ponto de vista da racionalidade humana, nada mais que impeça o restabelecimento das relações entre Estados Unidos e Cuba. Não é possível que a gente continue fazendo, no século XXI, políticas com o olhar do que aconteceu no século XX. Vamos fazer política pensando no século XXII, e deixar o que aconteceu no século XX ou no século XIX como experiência histórica para que a gente aperfeiçoe os acertos e não cometa os mesmos erros.

Por isso, ao me retirar hoje dos Estados Unidos, eu me retiro com a convicção de que a eleição do presidente Obama possivelmente seja uma oportunidade de os Estados Unidos fazerem coisas diferentes das que fez no século passado. Mais e melhor, porque a melhor forma de combater o terrorismo, a melhor forma de manter paz é nós sermos mais amigos e menos inimigos.

Bom almoço e muito obrigado.

(\$211B)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---



**Address of His Excellency Luiz Inácio Lula da Silva, President of the  
Federative Republic of Brazil**

**Monday, March 16, 2009 - New York**

My friends,

The world is today going through its most serious crisis since 1929. It is a very different crisis from those of past decades.

A crisis that first appeared neither in an emerging country nor in the far reaches of the international system. A crisis that was born and later exploded in the heart of the developed world. It came about largely through lack of oversight of financial systems in rich countries.

Instead of playing their rightful role in financing production, banks spun out of control and gave themselves over to speculation. They transformed themselves into one great casino.

Many financial institutions went bust, a great number of businesses floundered and millions of workers lost their homes, their jobs and their social security. Very quickly, the greed of a few gave way to mass panic. A profound crisis of confidence gripped the economy of the richest countries.

Brazil has not been overrun by such a crisis. Our banks – both private and public – were not infected by the recklessness of international speculators. We have solid government-controlled banks, which today represents 40% of the country's credit pool that cushioned the worst impact of the financial meltdown.



When the crisis first broke, at the time of the collapse of Lehman Brothers, our economy was in good shape. We were growing at a brisk pace, the highest in over 30 years.

Over the last six years, the Brazilian economy has generated over 11 millions new formal jobs together with a significant increase in blue-collar income. The consumer goods market grew considerably as a result of our income distribution policies, above all the Family Stipend Program (Bolsa Familia).

Real wage hikes, land reform that benefits family agriculture and the unprecedented increase in working class access to low-cost credit have helped enlarge the consumer market. Over twenty million people, previously below the poverty line, joined the ranks of the middle class.

Contrary to commonly held prejudices and forecasts, we have demonstrated that the domestic market can be broadened while at the same time increasing exports. These have risen almost four-fold in the last six years. Exports are now shipped to a wider range of countries. They are no longer geared to any one major market. Exports of added-value goods have increased.

Inflation has been tamed. Our vulnerabilities to overseas turbulence have been slashed. Brazil has become a net international creditor nation. We have accrued over US\$ 200 billion in foreign reserves.

Thanks to stringent expenditure controls, the domestic public debt has fallen from 58% of GDP, in 2003, to just 35% of GDP today – low by world standards.

At the outset of my second term in office, the Growth Acceleration Plan was launched with a view to developing energy, transport, urban and social



infrastructure. This plan initially called for investments in the order of US\$ 250 billion at the then prevailing exchange rate. In answer to the present crisis, US\$ 30 billion in additional investments has been earmarked to accommodate expanded exploration activity by Petrobrás in the large-scale “pre-salt” deposits off the Brazilian coast.

These changes have brought a breath of fresh air to Brazil. The economy had begun to move into fast gear. More consumption, more production, new investments - all benefiting the Brazilian people. In 2008, foreign direct investment rose to US\$ 45 billion, 2.8% of GDP. In the first two months of this year there has been significant capital inflow – going against the global tide.

My friends,

The international turmoil has forced us to face a period of uncertainty not of our doing. Yet, because we had put our house in order and boosted the economy beforehand, we are now in a position to ride it out faster.

The Mexico, Russian and Asian crises were less severe than this one, yet at the time Brazil was quickly forced to default. There was no option but to seek help from the IMF.

This time round, Brazil has not defaulted, nor will it. We are dealing with the present difficulties with all the tools at hand. While the majority of rich countries is plunging into recession, Brazil will continue to grow. We will grow less than expected in 2009, less than we could have were it not for overseas crisis. But grow we will.

My friends,



Brazilian society has made hard-earned strides over recent years. The economic policy decisions made by my Government essentially put into practice the strongly held convictions of the vast majority of Brazilians. Thirty years of stalled or mediocre growth rates simply had to come to an end.

This required dealing simultaneously with the age-old questions of poverty, inequality and disenfranchisement of tens of millions of Brazilians. My country's history is clear proof that economic growth of itself will not do away with extreme poverty.

By electing me its President, a message was sent that Brazil would be taking a new path. Income distribution would be the guiding principle of a new, more inclusive and humane form of development, at the same time more sustainable and lasting.

Over decades – possibly centuries – our ruling classes governed with the interests of no more than a third or a fourth of their countrymen's interests at heart. It seemed as if tens of millions of men and women, both young and old, had no place in the Brazilian Nation. It was as if they were no more than a burden or a stumbling block holding back the country's progress. As if they were not an immense heirloom, and asset of incalculable value.

Brazil has overcome this egoistic mindset, fundamentally small-minded and absurd. It has now become clear that it was and is possible to build a Nation with opportunities for all citizens. What is more: Brazil is stronger and has a brighter future when room is made for all Brazilians.



This crucial path was chosen amid rich and wide-ranging public debate and in an atmosphere of renewed commitment to democracy. In our country, over 130 million citizens vote every two years to elect their representatives and government officials. Our institutions, with the National Congress and the Judiciary at the fore, have displayed vigor and independence. Freedom of the press is cherished as a cornerstone. Unions, political parties and professional associations operate in full freedom.

Ours is a democracy of continental proportions. It boasts a multi-ethnic population drawing on rich and varied cultural heritages, but sharing a strong sense of national identity.

Not only are we a people of mixed ancestry, but we like it that way. We live in peace at home and with neighboring countries. And this is something we will not surrender.

Brazil boasts enormous resources: land, water, sunshine, energy and population. Thanks to our achievements in researching tropical agriculture, we have become a world-class breadbasket.

Yet we are equally a country with cutting-edge industries in the field of biotechnology and aerospace, to mention just a few. Renowned universities as well as scientific and technological research institutions are increasingly linked up to production centers. We have made great strides in developing renewable fuels and in deep-water oil and gas exploration.

Let me here pause, my dear friends, to refer specifically to renewable energy sources. For over 30 years now, Brazil has been developing biofuels technology. For 30 years, we have sought to convince the world that global





warming will only be overcome if we take it upon ourselves to develop an alternative energy matrix for the world.

For many decades and with extraordinary success, Brazil has added 25% ethanol to gasoline. 90% of our cars are flex-fuel, which means that they can run on gasoline, ethanol or any mix of the two.

I am perplexed that the developed world insists that we adopt environmentally-friendly policies meant to reduce global warming, while at the same time refusing to sign on to the Kyoto Protocol, refusing to tax highly pollutant fuels and imposing an absurd surtax on ethanol imports.

That is something I cannot comprehend. It may make sense from a purely economic point of view, but certainly not if we seek a new energy solution... Both here in the USA and in the European Union, Brazil has challenged businessmen and governments to join hands in building a truly global partnership to transform our energy sources.

Maybe I should not be saying any of this. After all we have just struck oil in the “pre-salt” layers off the Brazilian coast. On March 1<sup>st</sup>, if Petrobrás stands by its timetable – José Gabrielli, head of Petrobrás, is here next to me – we will extract the first barrel of oil from a depth of over 6 thousand meters.

Why then am I going on about biofuels? I do so because it affords not only a chance to clean up our energy lifestyle, but it also represents an extraordinary opportunity to provide an answer to the challenge of helping poor countries, specially in Africa, to develop.



Many would fault Brazilian ethanol for the hikes in food prices last June. We made it very clear that this was not true, but quite possibly a strategy on the part of oil companies to avoid having illiterate African farmers producing energy. Everyone knows how to extract oil, everyone knows the cost of an oilrig, the cost of hiring engineers and rig equipment, and of doing research. Yet to produce biodiesel all one needs is to dig a small hole, plant a sugarcane seedling and, soon enough, you will have clean fuel, abundant jobs and an answer to global warming.

I sometimes feel frustrated. I tried many times to explain this to President Bush and I will most certainly speak repeatedly to President Obama on this issue. But without your help I know it will be very difficult to change this country's attitudes toward energy. And neither do we want to get in a tussle with US corn-growers. What we do want is to raise more chicken that will then eat US corn so that we can, in return, sell sugarcane-based ethanol to countries in Central America and in Africa through Brazilian-American business partnerships.

I have told European businessmen that I do not wish to interfere with how Europe does things. I do not want to meddle with the well-run German, Swedish or Swiss farms. What I do desire is a partnership to produce the biofuels that they require. This will come not from beetroot, but rather from a source that helps create jobs and develop the African continent. A continent that in 20 years will have 700 million consumers in need of food, education and jobs. This is our responsibility: to share with them all that we have learnt.

The USA cannot afford to get into trouble with Hispanics. After all they are more than 40 million individuals who have helped and continue to help build this enormous nation, the greatest and richest on earth.



There is only one way to avoid problems: by working together so that the poor are less poor and the rich slightly less rich; so that income distribution is fairer and helps strengthen peace.

If I were the President of Petrobrás or head of the ethanol industry in Brazil, I would post Brazilian flex-fuel cars in our airports. This would ensure that any American or European entrepreneur arriving in Brazil would inevitably ride flex-fuel cars and realize that this fuel not only smells better but is also less harmful to our health.

My friends,

Right from the outset, my Government has sought to mobilize the country to deal with fallout from the crisis. I will not tire you with an exhaustive description of the measures already undertaken and further action under consideration.

We are well positioned to use part of our foreign reserves to help finance exports. Bank reserve requirements have been reduced as an antidote to the credit crunch. To the same end we have encouraged the buying out of a number of private or local public banks by financial institutions under Federal Government control.

We have set up a stimulus package for the auto industry that will help shore up this sector. And we will offer financing to build one million houses over the next two years.

We will not hesitate to make use of all the tools at the State's disposal to cushion the impact of the crisis. The very State – that some would have to be



minimal and hamstrung – and at whose door so many now knock in search of relief. Yesterday’s demon has become today’s “savior”.

The Brazilian State – under the rule of law - requires that it fulfill its responsibilities. It will not shirk away from its regulatory role. And, whenever necessary, it will intervene to avoid market failures from generating economic and social chaos.

We will not cower vis-à-vis the crisis. I will not cut a single penny from social programs nor from infrastructure projects. We will continue to responsibly encourage Brazilian consumers. This will ensure a speedy recovery of production levels and, as a result, help preserve jobs and create new ones.

Yet I am fully aware that our national endeavors alone will not suffice. This is a global and systemic phenomenon. It can only be fully overcome through equally global and systemic solutions.

While our exports represent only 14% of GDP, we will continue to strive for higher overseas sales in response to the crisis. This is why I have championed a speedy conclusion to the Doha Round of the WTO.

Protectionism is a drug that provides temporary relief, but in the end leads to major crises. Twentieth century history is our witness. It is crucial that multilateral organizations help unblock the flow of credit required to jumpstart world trade, especially in developing countries.

I am aware of the importance of preserving banks, insurance companies and financial institutions. The savings, homes and social security of tens of millions



of men and women depend on them. It is equally important however – surely more important – to save jobs.

I know from my own experience what it means to be out of a job. To be unemployed is to lose more than just a source of income. One loses a sense of purpose, of personal dignity and hope, especially given the overwhelming dimensions of the present crisis.

Each country will deal with this critical moment in its own way, according to its specific circumstances. Yet it is no less clear that a coordinated response is required.

Present circumstances point to a failure in the mechanisms of global governance, which include economic and financial multilateral organizations, in particular the IMF and the World Bank. It is for this very reason that the G-20 has gained political stature and clout.

It is imperative that the recent reform of the G-20 be lasting. After all, the developing countries that it has now taken onboard – while bearing no responsibility for the crisis - will no doubt contribute to its overcoming. Brazil will submit concrete proposals to the London Summit.

Many of them aim to make the IMF more democratic. Others have to do with increasing the Fund's ability to help restart inter-bank flows and commercial credit. It is imperative that the Fund apply the same oversight over developed economies as it has exercised over poor and developing countries. It might also refrain from the show of arrogance that it often displayed in the past.



Our proposals, which I brought up with President Obama the day before yesterday, are being discussed with other friendly countries. They will include recommendations for abolishing tax havens. These havens are major allies of all forms of international organized crime, ranging from drug trafficking to corruption and terrorism. Effectively fighting these scourges requires combating the financial support that they have always enjoyed.

My friends,

Mine is not a rash optimism. I know the Brazilian people.

We will overcome this crisis earlier than many others. We wish to do so together with our South American neighbors and the whole of Latin America. Yet even if we are successful, in the medium term, in redressing the most perverse aspects of the present turmoil, there will still be long-lasting consequences.

The present crisis is not simply economic or financial. It is a crisis at the heart of our civilization. It points to absurd production and consumption patterns that destroy nature, and that put in jeopardy not just the future of humanity but even its present-day chances of survival. It brings to light the irrationality of economic concepts that were thought to be timeless, but that in fact encouraged reckless speculation. It therefore has an ethical and moral dimension.

The present crisis threatens the very core of democracy by revealing that humanity's destiny has escaped human control. To fully overcome this crisis will require setting up new paradigms:

- For organizing production and work regimes;
- For preserving the environment;



- For fostering a culture of peace that sparks a new and democratic global governance;
- For enshrining politics as a superior form of action through which men and women freely write and refine new social contracts.

As I said, here in New York, during the last UN General Assembly, “it is time for politics”. This is the message I will be taking to the London G-20 Summit.

Complex economic challenges are before us. Technicalities will arise that must be dealt with. Yet effective solutions will only be possible if we provide political answers, political will. In many countries it is not just the economy that is being challenged. The risk of social unraveling and political chaos is the greater threat.

Therefore the economic decisions that will be required must be governed by highly precise and courageous political reasoning. This is what is expected of leaders. That is what we were elected for. We must honor the mandate bestowed on us.

In the dark hours of history, political will must not be confused with the childish voluntarism of those that ignore realities. When economic irrationality prevails, the democratic State takes up, with renewed vigor, the tasks it should never have lost.

The tasks of fostering and regulating economic activity, promoting social equality, guaranteeing liberty and encouraging solidarity. We are only transiently at the head of our States. Yet our responsibilities stretch far beyond the present. The future of humankind will hinge on our actions or omissions.



My friends,

Last Saturday, I met with President Obama. You no doubt heard my friends speak about our relationship with Latin America. The present crisis affords an opportunity for people like President Obama and for people like myself, who after six years in office, just might be tiring. This crisis has challenged me to continue to strive, to seek to achieve more.

Yesterday, in El Salvador, a new president was elected, a great friend, whom I have known for years. Latin America and South America have been undergoing unprecedented political renewal. The Cold War is over, as is the time for armed struggle. This is a time for democracy to be exercised in all its fullness, even when it at times may appear confused, distorted and abrasive.

The United States of North America has the obligation and the extraordinary chance to renew its relationship with Latin America. Not the Alliance for Progress of the sixties, but through a true partnership geared to helping poor countries to prosper; by joining in building what remains unfinished.

I know Latin America like the back of my hand. It is a blessing that I am friends with almost all its Presidents, ranging from Michelle Bachelet to Calderón, in Mexico. Each in his own way wishes to work in partnership with the USA; all have hopes that the USA will foster a new more constructive relationship, rather than a policy of political interference and conflict.

I speak frequently with Evo Morales, with Chávez, I talk with Rafael Correa, with Uribe, with Cristina Kirchner and Michelle Bachelet. All, without exception, seek to reengage constructively with the United States.





I hope God will illuminate President Obama, since we will all soon be meeting in Trinidad and Tobago. It will be his very first meeting with all the Presidents of Latin America. Hopefully we will grasp this chance to launch a policy of democratic coexistence, one that fosters prosperity for all. We will all have different approaches and specific proposals according to our national needs, but in the understanding that only by standing united will we build peace.

A last word: please excuse me, those of you who are anxious to get to lunch. Cuba: I do not know what the Cuban want, because they did not ask me to bring up the issue. But the fact is that there is no longer any reason, be it political, sociological or rationally human terms, for Cuba and the USA not the reestablish relations. It is unacceptable that in the 21<sup>st</sup> century we are still driven by a 20<sup>th</sup> century mindset. Let us think politics in 21<sup>st</sup> century terms, rather than being under the spell of what happened in the 20<sup>th</sup> or 19<sup>th</sup> centuries. Only thus will we learn from our mistakes and improve on our achievements.

Therefore as I leave the USA I take with me the conviction that the election of President Obama may possibly be an opportunity for the USA to do things differently. To do more and better. After all the best way to fight terrorism and to foster peace is to make more friends and less enemies.

Have a good lunch and thank you.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento do seminário Oportunidades de Comércio, Negócios e Investimentos entre Argentina e Brasil**

**São Paulo-SP, 20 de março de 2009**

Companheira e amiga Cristina Kirchner, presidenta da nação Argentina,  
Companheiro Jorge Henrique Taiana, ministro das Relações Exteriores,  
Comércio Internacional e Culto da Argentina,

Senhora Débora George, presidente da (incompreensível) da Argentina,  
Companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,  
Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,  
Luiz Barretto, ministro do Turismo,  
Franklin Martins, ministro de Comunicação Social,  
Governadores argentinos presentes a este evento (incompreensível),  
Embaixador Juan Pablo Lohlé, embaixador da Argentina no Brasil, em  
nome do qual saúdo os demais integrantes da delegação Argentina,

Embaixador Mauro Vieira, embaixador do Brasil na Argentina,  
Meu caro Juan Carlos, presidente da União Industrial da Argentina, em  
nome do qual saúdo todos os empresários argentinos aqui presentes,

Meu caro amigo Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias do  
Estado de São Paulo, em nome do qual saúdo as empresas, os empresários e  
as empresárias presentes a este evento,

Amigos, amigos da imprensa,

Primeiro, Stuckinha, eu queria que você tirasse uma foto pegando o  
plenário, porque só aparecemos eu e a Cristina. Então, tire uma foto... Eu pedi  
a foto para uma amostragem... Certamente, os empresários brasileiros e  
argentinos, todos que estão aqui já se encontraram em algum momento,



tratando dos interesses das suas empresas, dos interesses do seu comércio. Mas, possivelmente, nenhum de vocês sabia que viria a uma reunião aqui na Fiesp essa quantidade de empresários argentinos e brasileiros juntos. Isso demonstra a força que nós temos quando nós agimos enquanto nação, enquanto Mercosul, enquanto América do Sul, a força...

Eu já tinha ficado impressionado com aquela reunião que nós fizemos em Buenos Aires. Eu penso que há muitas décadas não tinha havido uma reunião como aquela que nós fizemos em Buenos Aires. Fico, agora, certamente desde que a Fiesp foi fundada, nunca consegui fazer uma reunião com essa quantidade de empresários argentinos e empresários brasileiros juntos. E também porque é a primeira vez que a nossa Presidenta vem a São Paulo. Isso demonstra que nós, apesar de sermos vizinhos, apesar de estarmos tão perto, nós ainda nos conhecemos pouco, e é preciso nos conhecermos mais. Certamente, a cada vez que nós nos conhecemos, nós vamos conhecer mais potencial entre nós, mais oportunidades e mais coisas nós poderemos fazer juntos. Por isso, eu tenho uma enorme satisfação de participar do encerramento deste encontro empresarial, ao lado da minha querida amiga, presidenta Cristina.

Nesta semana, São Paulo teve a oportunidade de conhecer melhor a pujança desta nova Argentina. Sentiu a força de suas empresas, a competitividade de seus produtos, a criatividade de seus serviços.

Este encontro confirma que nossos empreendedores estão plenamente engajados na parceria que os governos brasileiro e argentino estão consolidando. Uma aliança baseada na convicção de que o sucesso do outro é fundamental para nosso êxito comum. Não há saída individual para nossos países, apenas soluções coletivas.

Isso é mais verdadeiro agora, quando vivemos momentos de turbulência e incerteza sem precedentes na economia global.



Argentina e Brasil estão destinados a entrelaçar, de forma cada vez mais intensa, seus interesses econômicos e fazer convergir suas visões políticas.

Amigos e amigas,

O cenário internacional é hoje radicalmente diferente daquele que tínhamos em agosto passado, quando estive em Buenos Aires. A crise, originada nos países desenvolvidos, atingiu países, como os nossos, que em nada contribuíram para sua eclosão.

Mas temos confiança na solidez de nossas economias e nas políticas que traçamos. Cresceremos menos este ano, mas vamos continuar a crescer. Reforçaremos as conquistas sociais que nos prepararam para retomar rapidamente nosso crescimento e sair da crise antes que a maioria dos outros países.

Nosso comércio bilateral já está retomando sua função de poderoso indutor do crescimento e atuando como principal medida anticíclica. Já em fevereiro, houve recuperação de quase 9% do volume de nossas trocas.

Mais do que liberalização comercial, buscamos uma integração produtiva. Nossos países têm de ser a locomotiva industrial do Mercosul. E o Brasil quer contribuir na agregação de valor às exportações da Argentina. Absorvemos quase 40% de suas exportações industriais, que correspondem a 62% do total enviado ao Brasil em 2008.

A recuperação nas vendas de automóveis em nossos países mostra que devemos aprofundar políticas que facilitem o acesso ao crédito para empresas e para consumidores.

A aplicação do sistema de pagamentos em moeda local também ajudará a reduzir custos e irrigar as nossas economias.

Precisamos acelerar a vigência do convênio entre o BNDES, o Banco de La Nación e o Banco de Integração e Comércio Exterior. E aí, um dado, nós vamos trabalhar - o Luciano Coutinho deve estar por aqui – para ver se no dia 23 de abril, quando eu estiver na Argentina, a gente possa firmar finalmente



esse acordo, que por enquanto é um protocolo. E normalmente, um protocolo não comporta dinheiro. Precisamos colocar dinheiro, que é o que vai fazer as coisas funcionarem rápido.

Esse acordo permitirá que o Brasil ultrapasse os US\$ 3,6 bilhões de crédito aberto para empreendimentos na Argentina, desde 2003.

O Brasil continua a apostar na economia argentina e no espaço econômico integrado que estamos construindo.

Já estão aprovados financiamentos para distribuição de gás na província de Córdoba, assim como para geração de eletricidade, saneamento, e projeto de engenharia para o túnel Água Negra, em San Juan.

Para estimular o comércio e os investimentos, é preciso também acelerar projetos binacionais em estudo: pontes, ferrovias e hidrelétricas na nossa fronteira.

Cara amiga Cristina,

Nossa parceria nos assegura que, diferentemente de vezes anteriores, nossos países não serão parte da atual crise. Seremos parte de sua solução.

Dentro de poucos dias, Cristina e eu voltaremos a nos reunir em Viña del Mar e depois, em Londres, para a cúpula do G-20. Atuaremos de maneira coordenada e com a autoridade dos que não sucumbiram ao canto de sereia do pensamento único conservador.

Fizemos exatamente o contrário do prescrito por aquela cartilha. Mantivemos vigorosa ação regulatória do Estado sobre o sistema financeiro e de seguros e contamos com bancos públicos sólidos. Reduzimos, ainda, nossa vulnerabilidade externa. E, mais importante, nossas políticas de inclusão social e de distribuição de renda tiraram milhões de pessoas da pobreza. Forjamos assim um vigoroso mercado interno e fortalecemos nosso espaço econômico regional.

A cada dia, fica mais claro que o principal desafio que enfrentamos é a falta de recursos para o financiamento do investimento, da produção e do



consumo. Precisamos restabelecer o fluxo interbancário e o crédito para as atividades produtivas e para o comércio. Sem crédito, as empresas não investem e a economia não gira.

Essas são as propostas que certamente levaremos a Londres, que discuti com o Presidente Sarkozy e com o presidente Obama e que conversei um pouco hoje com a companheira Cristina.

A reformulação das instâncias de governança financeira é inadiável. O G-8 mostrou-se aquém das necessidades atuais. O G-20 é parte da solução. Instituições como o FMI e o Banco Mundial só terão sua capacidade de ação e credibilidade recuperadas quando houver maior participação dos países em desenvolvimento. Não faz sentido aumentarmos nossa contribuição para essas instituições enquanto os países ricos, responsáveis pela atual crise que afeta a todos, continuarem a dar as cartas das instituições.

Companheira Cristina,

A crise para nós, sul-americanos, deve ser vista como oportunidade de acelerar o ritmo da integração financeira e energética; melhorar as conexões rodoviárias e ferroviárias; fortalecer a cooperação em políticas sociais.

Finalmente, Cristina, parece que segunda-feira os nossos ministros da economia vão se reunir, e me parece que finalmente nós vamos ter o Banco do Sul funcionando aqui, na nossa querida América do Sul. Chegou a hora de pôr de lado diferenças menores e unir o nosso potencial para os desafios que realmente importam.

Avançamos na consolidação da Unasul, mas estou convencido de que é chegada a hora de aprofundarmos nossa identidade sul-americana também na área monetária. Devemos estender a toda a região nossa bem-sucedida experiência bilateral com transações comerciais em moeda local, que me parece que está sendo pouco usada ainda. Possivelmente, Brasil e Argentina tenham que fazer uma campanha publicitária mostrando que é possível, hoje, a gente não precisar comprar dólares para fazer o nosso comércio entre os dois



países. Sei que esse é um objetivo ambicioso, mas é passo fundamental que temos de dar no processo de convergência macroeconômica regional.

A América do Sul mais justa e solidária que almejamos somente será viável se tivermos a coragem de ousar moldar nosso futuro comum.

Esse é o sentido estratégico da nossa integração. O êxito dessa integração não será resultado apenas da aliança estratégica entre Brasil e Argentina. Mas, sem essa aliança, não haverá uma verdadeira união sul-americana.

Minha cara companheira Cristina,  
Companheiros da Argentina,  
Companheiros empresários,  
Companheiros brasileiros,

Eu, em Buenos Aires, disse que argentinos e brasileiros não podem viver como adversários, nós temos que viver como parceiros cada dia mais. E que a grandeza da indústria brasileira não pode ser um empecilho para o crescimento da indústria argentina, porque quanto mais ricos forem os dois países, mais comércio nós vamos ter, mais vamos comprar e mais vamos vender, mais empregos nós vamos gerar.

Eu tenho certeza de que os empresários brasileiros já estão convencidos de que não adianta o Brasil ser um país rico se ao lado tivermos um conjunto de países empobrecidos, sem desenvolvimento.

A Argentina, que já foi uma das economias mais industrializadas do mundo, ou seja, foi, ou melhor, teve essa indústria desativada por pessoas que acreditaram em fantasias, por pessoas que não acreditavam sequer nas decisões soberanas dos seus países.

O Brasil tem um papel não apenas de contribuir por conta dos seus interesses, mas contribuir por conta das necessidades políticas de ajudar o Mercosul a ser cada vez mais forte.

Os números que a Fiesp mostrou aí dão uma dimensão do quanto nós



crecemos nestes últimos anos e do quanto nós poderemos crescer nos próximos anos se nós tivermos consciência de que ainda não exploramos todo o potencial que tem a Argentina e que tem o Brasil. Esse potencial de Argentina e Brasil é o que pode alavancar o fortalecimento do Mercosul e, por que não dizer, é o que pode alavancar toda a América do Sul.

Eu creio, Cristina, que essa visita sua ao Brasil – não por ser a primeira, apenas, a São Paulo – mas a sua visita, com quase 500 empresários argentinos aqui... No dia 23 estaremos na Argentina para uma nova rodada de conversas. Eu penso que nós poderemos chegar ao final de 2010 com alguns bilhões a mais na nossa balança comercial, tanto para a Argentina, quanto para o Brasil.

Aos empresários brasileiros eu queria dizer uma coisa importante: é extremamente sério que o Brasil, da mesma forma que está fazendo na Venezuela, com escritório da ABDI – certamente a Argentina não precisa de escritório da ABDI, porque já tem uma estrutura empresarial mais sólida – mas é extremamente importante que os empresários brasileiros construam parcerias com empresários argentinos, sobretudo na indústria naval, em que o Brasil vai precisar de muitas coisas até 2010 (**falha na gravação**) e de muitas mais coisas até (**falha na gravação**) as possibilidades de (**falha na gravação**) vai fazer com que a gente (**falha na gravação**) possa trazer benefícios também no fortalecimento (**falha na gravação**) parcerias com nossos amigos da América do Sul e do Mercosul. Eu já disse (**falha na gravação**) se nós acharmos que vamos resolver o nosso problema agindo sozinhos. Não existe espaço para isso. (incompreensível) que é o maior PIB do mundo, tem condições de resolver os seus problemas sozinho hoje. Eu estou (**falha na gravação**), companheiros, ao chegarmos no dia 2 de abril em Londres para o G-20, nós temos consciência de que é a primeira vez, acho que na história dos últimos dois séculos, que dois países em desenvolvimento vão chegar a uma reunião (**falha na gravação**) mais autoridade moral do que os países ricos,





porque a nossa economia está mais arrumada, porque os nossos bancos estão mais sólidos e porque, embora a crise tenha chegado por essas bandas, ela chegou menos virulenta do que chegou nos países desenvolvidos.

Eu acho que os presidentes da Europa têm consciência de que parte da solução depende deles, da coragem deles. E tenho certeza de que o Obama... eu digo todo dia, Cristina, que eu ando rezando mais pelo Obama do que por mim a vida inteira. Primeiro, eu não sei, sem nenhum preconceito contra ninguém, mas o Obama é o primeiro presidente eleito nos Estados Unidos, em muitas décadas, que se parece com a gente. É, é a única pessoa. Se ele vai fazer o que a gente acredita que ele deva fazer, eu não sei. Mas posso dizer – você vai se encontrar com ele agora, na Cúpula das Américas, e você vai perceber – é a primeira pessoa com a cara de gente (incompreensível), falando humildemente, falando simples, falando de América do Sul, falando de América Latina. E ele sabe o tamanho da crise lá. Ele sabe também que não vai salvar a economia americana colocando dinheiro para banqueiro quebrado, para pagar bônus... é a primeira vez na vida que eu vejo alguém receber bônus por fracasso. Normalmente, o bônus é estipulado pelo atingimento de uma meta, porque um diretor, um executivo cumpriu uma meta, então merece um bônus. Agora, o bônus do fracasso! E só pode ser dado porque é dinheiro do Estado. Eu acho que ele sabe que não pode continuar. O que eles estão fazendo – eu disse ao Celso Amorim e ao Marco Aurélio – é como se você pegasse uma panela, colocasse no fogo sem nada, e fosse colocando água. Daqui a pouco a água desaparecia, tinha que colocar mais água, e não resultava dessa panela nenhum produto. A continuar colocando dinheiro como eles estão colocando, sem criar nenhum mecanismo de esse dinheiro voltar a financiar crédito interno ou externo, é como se você estivesse colocando água e não estivesse colocando comida na panela: vai evaporar e não vai produzir nada. Eu acho que o presidente Obama tem clareza disso.

Portanto, eu, e Cristina certamente, estamos torcendo para eles



melhorarem rápido, porque quanto mais eles melhorarem, melhor para nós, que somos grandes produtores de comida, porque todo mundo precisa comer, e queremos vender um pouco mais de comida ao mundo.

Por isso, Cristina, a minha alegria em tê-la aqui, em São Paulo. De vez em quando as pessoas falam: “Mas o Brasil e a Argentina estão brigando muito, mas está fazendo isso, está fazendo aquilo...” Não teria razão de ser. Isso aqui não é um convento de freiras, isso aqui são duas nações soberanas, com interesses internos, com interesses comerciais, com interesses políticos. Isso aqui não são dois conventos, são duas nações com interesses muito objetivos para com seus povos e para com a integração. Eu acho que essas brigas também, de vez em quando, é a razão melhor para a gente discutir mais, para nos conhecermos melhor e para irmos corrigindo as nossas deficiências.

Eu sei que em comércio todo mundo quer levar vantagem em tudo, não é isso? Todo mundo quer exportar mais. Se todo mundo pudesse só ter superávit seria bom. Essas coisas, tem hora que você tem mais, tem hora que você tem menos. O que é importante, de fato, para equilibrar o mundo, é esse equilíbrio na balança comercial, ou seja, ninguém precisa ter superávit muito grande sobre o outro, é importante... Por isso que eu fico satisfeito de as empresas brasileiras estarem investindo na Argentina, para ajudar o Brasil a importar coisas que nós precisamos importar.

Eu assumi um compromisso com a Cristina e vou dizer publicamente aqui: os argentinos têm uma certa mágoa, porque estão a 5 anos pedindo para vender vacina para o Brasil contra a febre aftosa, talvez mais barata do que aquela que a gente vende aqui. E hoje eu fiquei sabendo pelo embaixador da Argentina que faz 5 anos que não vem sequer um parecer do órgão que tem que ver isso, ou seja, não é possível que uma coisa demore cinco anos.

Mas, Cristina, não pense que é só com a Argentina, não. Nós estávamos tentando comprar embriões de gado da Índia, para pode renovar o nosso



rebanho bovino, e já fazia mais de 10 anos que a gente pedia e que não vinha, até que na última reunião eu pedi... na primeira vez que eu fui à Índia, eu pedi para vender os embriões para o Brasil, eles concordaram. Passaram cinco anos e não veio um embrião para cá. Dessa última vez eu fui, falei com o ministro Singh na frente do responsável, que evitava que os embriões viessem para cá, e os embriões chegaram ao Brasil, graças a Deus chegaram ao Brasil.

Agora, posso te dizer que na próxima reunião que você tiver aqui, o rapaz que... deve ser alguém, porque burocrata é competente... Alguém está dizendo que não é para comprar. Pois eu vou descobrir esse alguém e nós vamos resolver esse negócio da vacina na Argentina, porque não é possível.

Parabéns, Cristina. Parabéns aos empresários argentinos. E parabéns, Paulo Skaf, por mais essa reunião realizada aqui, em São Paulo. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de balanço do primeiro ano e anúncio dos novos Territórios da Cidadania em 2009**

**Salvador-BA, 23 de março de 2009**

Sabe que o Maurício era um grande jornalista, ou melhor, é um grande jornalista e foi mandado embora do emprego, possivelmente por ser de oposição. E ele trabalhava numa televisão importante em El Salvador, e depois foi candidato. E é aquela pessoa que a gente conhece a primeira vez e a gente fala: “Vai dar certo”. E, ademais, nós não poderíamos fazer mais por ele do que fizemos, porque cedemos uma companheira “brasileña” para casar com ele. Entonces, ele está...

Mas, meu companheiro Maurício. Eu disse ao Maurício na semana passada, em São Paulo, que não é possível a gente pegar um pacote de políticas prontas e dizer: “Maurício, isso aqui deu certo no Brasil, aplica em El Salvador”. Seria um erro absurdo, porque nós temos que levar em conta a cultura política do povo, todo o aprendizado cultural das populações. O que nós podemos dizer é ao companheiro Maurício: “Maurício, tudo aquilo que nós fizemos, que deu certo neste país, se você quiser que gente sua venha ao Brasil, o meu governo está à sua disposição para mostrar todas as experiências bem-sucedidas e, também, as não bem-sucedidas, para que você possa adaptá-las, melhorá-las, modificá-las e fazer as coisas darem certo”.

Eu pedi para o Maurício vir hoje ver esse encontro do Territórios da Cidadania, onde estaríamos lançando mais Receita Território, porque quando o Guilherme Cassel me apresentou... porque, na verdade, é uma obra do PAC, viu, (incompreensível)? É uma obra do PAC, porque depois que nós fizemos o PAC, aí veio o PAC de Ciência e Tecnologia, veio o PAC da Embrapa, veio o PAC do Ministério dele, veio o PAC da Pesca, veio o PAC... Aí todo mundo



inventou um monte de PAC. Eu caí na bobagem de falar que a Dilma era “mãe do PAC” e aí ela teve que ter um monte de filhos aí, um monte de “paquinhos”, porque todo mundo queria fazer um PAC novo, alguma coisa, porque tinham consciência de que era um bom projeto.

E quando o Guilherme fez uma reunião e apresentou a proposta do Territórios da Cidadania, eu já disse para a imprensa, eu disse para a Dilma, eu disse para alguns ministros e para alguns governadores que o Territórios da Cidadania, nesses meus mais de 30 anos de militância política, fazendo todas as pautas de reivindicações que um ser humano já pôde fazer, fazendo todos os programas de governo que alguém pode fazer, porque perdi muitas eleições, então era programa de governo a cada quatro anos, eu nunca vi nada mais perfeito do que o Territórios da Cidadania.

E não disse isso ao Guilherme, com medo de ele ficar convencido. Mas eu tinha clareza de que a força do Territórios da Cidadania era a inclusão da participação da sociedade no controle do programa e no gerenciamento do programa.

Porque... Eu até esqueci a nominata porque todo mundo falou o nome de todo mundo, e ninguém é candidato a vereador aqui, então não preciso ficar citando o nome de todo mundo. Apenas agradecer às pessoas, aos deputados e senadores, aos prefeitos, secretários que ajudaram. Porque é bobagem a gente imaginar que faz as coisas sozinho. Quando a gente está bem: “Ah, eu estou bem porque eu sou bom”. Quando a gente está ruim: “Ah, eu estou ruim porque os meus amigos não prestam”. Não, não é assim.

A verdade é que para governar um país você tem que ter equipe. E essa equipe, tal como orquestra, o maestro não tem que saber de tudo, o maestro precisa entender de música e saber reger corretamente a orquestra, contratar as pessoas corretas, para fazer o serviço correto. Eu, se quiser alguém para tocar um pandeiro, não vou chamar alguém para tocar harpa, eu tenho que chamar a pessoa certa. E no segundo mandato, parece que como um toque de



mágica de Deus, todo mundo ficou mais preparado, todo mundo aprendeu com o trabalho dos primeiros quatro anos.

E a aprovação do PAC foi uma coisa que praticamente era como se eu tivesse começado outra vez o primeiro mandato. Porque eu tinha medo de enjoar no segundo mandato. Agora, que eu estava enjoando, Dilma, vem a crise. E eu sou de uma geração, como foi a Petrobras quando foi fundada, de que a crise termina sendo a nossa energia para fazer as mudanças que precisam ser feitas no país, para fazer as inovações que você muitas vezes não faz em tempo de normalidade.

E eu, com essa equipe funcionando, eu vejo que as coisas fluem com muito mais facilidade. Porque uma sociedade, Waldir Pires, ela é composta de gente exageradamente otimista, de gente exageradamente pessimista e de gente como nós, equilibrada, que sabe o tempo de esperar. O otimista exagerado é aquele jovem que muito cedo entra em uma organização de esquerda bastante sectária e ele acha que as coisas vão acontecer na semana que vem, e não acontecem, ele acha que vai acontecer na outra semana, e não acontece, e na outra, não acontece. Daqui a pouco você encontra com ele, ele está em um partido de direita.

É, esse é o otimista, exagerado. E tem o pessimista, o acomodado, que acha que não adianta. Organizar o povo, não adianta. “Vamos fazer tal coisa?” “Não adianta”. Sabe, é aquele cara que sempre acha que não é hora de fazer as coisas. E, por isso, durante tantas décadas, no Brasil, governantes passaram e quando você vai aferir o que aconteceu de novidade, pouquíssima coisa. Porque as pessoas estavam habituadas a governar para 35 milhões de brasileiros, para quem pode viajar de avião, para quem pode entrar em uma universidade, para quem está organizado no sindicato, mas, e a maioria do povo, que não está organizado em sindicato? E a maioria do povo que, muitas vezes, está apenas na expectativa de que alguém estenda a mão, faça um gesto, lhe dê uma oportunidade, para ele poder provar que não é inferior a



ninguém, que o que falta é o governo entender que se governarmos para todos, as pessoas vão ter muito mais chances, as pessoas vão crescer e as pessoas vão ser muito mais felizes.

Eu estou em um momento em que - embora alguns adversários meus estejam torcendo para que a crise venha mais profundamente, para poderem eles encontrarem um discurso para disputar as eleições em 2010, ou alguns pensando: “Bom, agora vai dar tudo errado. Sabe, agora, acabou”- eu estou com a consciência tranquila de quem plantou na hora certa, adubou na hora certa e agora não tem jeito: a colheita virá, chova ou não chova.

As obras já estão contratadas, as licitações já foram feitas, os trabalhadores já estão trabalhando em muitas obras. Certamente o prefeito da capital e o governador do estado nunca viram, em nenhum outro momento da história, Salvador e o estado terem tantos convênios com o governo federal, de repasse de dinheiro garantido e não promessa. Mas não vale para Salvador, e apenas para o estado da Bahia. Perguntem para qualquer governador deste país, mesmo aqueles dos partidos adversários do governo. Perguntem para a governadora do Rio Grande do Sul, para o governador de Santa Catarina, de São Paulo, onde vocês quiserem perguntar, para saber se em algum momento, Marcelo Déda e companheiro Marcelo Miranda, se já chegou alguma vez, mesmo quando era todo mundo do DEM, que naquele tempo era PFL, mesmo quando era todo mundo, nunca houve nenhum Presidente da República – e falo isso com orgulho – que tratasse governadores e prefeitos, com o gesto republicano com que eu trato esses administradores e prefeitos.

E quando eu digo que nós vamos colher é porque as coisas estão plantadas. Ou seja, o cidadão que não plantou, não adianta ficar mostrando para a imprensa que ele plantou um caroço de feijão, que vai dar um pé de feijão. Ele pode mentir um mês, pode mentir dois meses, três meses, mas em 90 dias tem que dar o feijão. Se ele plantou, aparece. Se ele não plantou, mentiu. E nós plantamos, nós adubamos e nós vamos colher. Já estamos



colhendo, já estamos colhendo muita coisa neste país. Nós estamos colhendo, todos, companheiros deputados, que neste país, durante anos, a coisa mais importante nas manchetes brasileiras eram as filas do INSS. Hoje, uma mulher recebe o auxílio-natalidade em 15 minutos, um aposentado se aposenta em apenas meia hora. E a partir de junho, ele vai ser chamado em casa, e vai ser dito para ele: “Companheiro, você atingiu seu tempo de aposentadoria, o seu salário é tanto. Se você quiser se aposentar, procure a agência do INSS da sua cidade”.

Vocês estão lembrados de um discurso – se alguém puder trazer meus óculos – em que eu disse assim, em janeiro de 2003: primeiro, nós vamos fazer o necessário, depois, a gente vai fazer o possível, e quando a gente menos imaginar, nós estaremos fazendo aquilo que parecia impossível.

Eu vou pegar dois exemplos para vocês. Em novembro de 2007 eu fiz uma reunião com a Comissão Nacional de Política Energética brasileira. Nós tínhamos tido um atrito com a Bolívia... Nós, não, o companheiro Evo teve um atrito comigo. Eu, como jamais imaginei um metalúrgico brigar com um índio da Bolívia, eu falei: “O companheiro tem direito de falar, tem direito de nacionalizar o seu gás, porque é dele e cabe ao Brasil ter bom senso de pagar o preço justo para que o povo boliviano possa viver com dignidade”. Aqui no Brasil tinha gente que achava que eu tinha que sair agredindo o Evo. Eu nem o Bush agredi, porque iria agredir o Evo? Eu sou filho de uma mulher analfabeta, mas que ensinou a família dela a respeitar, se a gente quisesse ser respeitado. Então, é assim que eu lido com os meus companheiros.

E nós fizemos uma reunião da Comissão de Política Energética para discutir a questão do gás. Vai que falta gás... Porque no governo passado teve um apagão em 2001, e a turma do apagão, Cezar Borges, passou os quatro anos do meu primeiro mandato dizendo que ia ter apagão. Parecia uma indústria do apagão: “Vai ter apagão, vai ter apagão, vai ter apagão”. E eu falava: “Pelo amor de Deus! Eu acho que essa gente está ganhando dinheiro





para aumentar o preço da energia, porque não é possível, nada garante que vai ter apagão”. Mas como eles diziam... E o Evo Morales brigou comigo por causa do gás. Eu falei: “Nós vamos ter que ser independentes nesse negócio de gás. Eu quero continuar comprando quanto gás a Bolívia tenha para vender, pagando o preço justo que eles entendam que vale o preço do gás, mas também o preço justo para nós, brasileiros, mas eu quero ser independente”. E decidimos criar um programa chamado Plangás. E decidimos que a gente deveria fazer as coisas que tinham que ser feitas no Brasil.

Pois bem meus companheiros, esta semana eu fui inaugurar o terminal de regaseificação de gás natural na Baía da Guanabara. Já tinha ido inaugurar o do porto de Pecém, no estado do Ceará. Em apenas um ano, nós construímos uma ilha na Baía da Guanabara, encostam dois navios, um navio alugado pela Petrobras por dez anos, (incompreensível), veio um navio de Trinidad e Tobago, esse veio de Trinidad e Tobago, mas pode vir da Nigéria, pode vir da Argélia, pode vir de onde tiver gás, com 14 milhões e meio de metros cúbicos. Esse gás congelado a 160 graus abaixo de zero. Nós transportamos esse gás líquido para o outro navio e depois colocamos a tubulação, tornamos ele gás outra vez e mandamos para os gasodutos brasileiros. Em apenas um ano, meu companheiro Ignacy Sachs, em apenas um ano essa profecia que muita gente não acreditava que era possível. E hoje, pasmem, o Brasil tem gás sobrando e vai ter que reinjetá-lo nos poços da Petrobras para tirar petróleo, porque não tem mercado consumidor para a quantidade de gás que nós temos hoje.

Parece uma coisa inacreditável. Prometia-se um gasoduto Coari-Manaus há quanto tempo? Todo governo do estado do Amazonas prometia um gasoduto, prometia um gasoduto. Eu nunca prometi, e fizemos, já está em Manaus o gás. As pessoas falam: “É sorte”. É sorte, não, a Petrobras está investindo em pesquisa e prospecção cinco vezes mais do que investia quando eu cheguei no governo. Cinco vezes mais! Se a gente investia 500 milhões,



estamos investindo 2 bilhões e meio. Por isso é que a gente achou o pré-sal. Por isso é que a gente está achando gás. E vamos achar mais coisas, porque embora eu não seja intelectual, eu estou convencido de que sem investimento em pesquisa a gente não consegue dar o passo que nós precisamos dar, neste país.

Pois bem, por que nós vamos colher? Eu vou dar um exemplo aqui, companheiro Jaques Wagner, porque nós estamos colhendo as coisas e porque está plantado. Muitas vezes eu vejo dizerem: “Ah, o Territórios da Cidadania não vai dar certo, o Bolsa Família não vai dar certo, o Pronaf não vai dar certo, o Mais Alimento não vai dar certo, as escolas técnicas não vão dar certo, as universidades não vão dar certo”. Está dando tudo certo.

E aí (incompreensível)... inexorável. Eu vou dar uma coisa para vocês: 52% dos beneficiários do Bolsa Família são do Nordeste, 44% do orçamento do MDS (Ministério do Desenvolvimento Social) é do Nordeste. Das 29.300 equipes do Programa Saúde da Família, 12 mil estão no Nordeste, representando 60% de cobertura, a maior do país. Dos municípios prioritários do Plano de Desenvolvimento da Educação, 66% estão no Nordeste. Deles, 3,8 milhões de pessoas no Nordeste já foram beneficiadas com o programa Luz para Todos. O Plano Safra da Agricultura Familiar 2007-2008 colocou 31% dos recursos para o Nordeste, 4 bilhões dos 13 bilhões. Vinte e nove dos 60 Territórios da Cidadania implantados em 2008 estão no Nordeste, contemplando 499 municípios. Vinte e sete dos 69 Territórios da Cidadania a serem implantados em 2009-2010, estão no Nordeste, completando mais 425 municípios. O estado da Bahia tem R\$ 45 bilhões de investimento até 2012, por conta do PAC. O estado de Pernambuco tem 53 bilhões, até 2012. O estado do Ceará tem outra quantidade, o do Piauí tem outra quantidade.

O Banco do Nordeste que, em janeiro de 2003, ao fazer o balanço de 2002, só tinha conseguido emprestar R\$ 252 milhões em um ano, no ano passado emprestou R\$ 300 bilhões. O Pronaf, quando nós entramos no



governo, que o governo anunciava, o Pronaf era uma coisa apenas do Sul do País, não era no Nordeste.

Então, quando eu digo que as coisas vão brotar porque nós plantamos e porque nós irrigamos, e por mais que alguém queira dizer que não vai acontecer, vai acontecer. Vai acontecer porque as coisas foram feitas na hora e na medida certa.

E o Territórios da Cidadania vai ainda passar dois, três, quatro anos, vai ter um tempo em que ele vai se aperfeiçoando cada vez mais. E nós queremos fazer de tal organização que quem quer que seja que ganhe a Presidência da República – e eu espero que seja quem eu estou pensando que será – quem quer que seja, não terá coragem de mudar. Essa é a grandeza do envolvimento da sociedade na produção e na execução das políticas sociais: é você enraizar a sociedade para participar, que ninguém vai conseguir tirar.

Meu caro Ignacy Sachs, sabe quantas conferências nacionais nós fizemos? Mais de 53 conferências nacionais, conferências do que você possa imaginar. É uma verdadeira assembléia popular reunida permanente. Quem é sindicalista aqui sabe o que é assembléia permanente. Já fiz 53, para mandar o povo se preparar, porque é lógico que ainda falta fazer muito. E falta fazer muito porque nós herdamos cinco séculos de descaso com os pobres.

No tempo moderno, nessa contemporaneidade, nós herdamos, no mínimo duas gerações que foram vítimas do arrocho salarial, do desemprego. Jovens de 20 anos que hoje estão presos porque viraram delinquentes, e os que foram responsáveis por eles serem delinquentes estão soltos. Esse é o desafio que nós enfrentamos, ou seja, nós, muitas vezes, punimos as vítimas quando deveríamos punir os responsáveis por existirem aquelas vítimas.

Meu caro Waldir Pires, vocês que, talvez, dentre todos nós aqui, talvez você e o João Durval sejam os mais experientes, não os mais idosos, vocês sabem o seguinte: por que eu acho que as coisas vão acontecer? Eu vou dar o número, professor. Em 100 anos, de 1909 até 2003, todos os presidentes que



passaram pelo Brasil construíram 140 escolas técnicas, em 100 anos. Só este ano, professor, nós vamos inaugurar 100. Em oito anos, nós vamos fazer, em oito anos, uma vez e meia a mais do que foi feito em um século. Universidades, nós estamos fazendo 14, mas extensões universitárias para o interior do País são 95. Isso fará dar resultado. Não tem... Podem criticar à vontade, os resultados aparecem, porque elas estão prontas.

Só o ProUni colocou mais 500 mil jovens na universidade, e este ano se formaram os primeiros 56 mil formandos do ProUni, dos quais 40% negros e negras, da periferia, de escola pública. O Reuni conseguiu, em apenas um ano, mais do que dobrar as vagas nas universidades federais que a gente oferecia, que eram 113 mil, esse ano já foram 227 mil vagas.

Então, as coisas vão aparecer. No dia 1º de maio nós vamos tirar o primeiro barril de petróleo do pré-sal. Ainda não sabemos o milagre lá embaixo. Eu estou muito preocupado porque, nessa profundidade, daqui a pouco tem um japonês pegando de lá para cá e, daqui a pouco, nós vamos encontrar. Aí vai ser uma guerra subterrânea, uma guerra a 8 mil metros de profundidade. Só espero que seja de um paísinho pequeno, que não seja a China, porque aí estamos perdidos.

Então hoje, para mim, é um dia prazeroso. Essa semana, eu participei do Conselho Nacional de Política de Ciência e Tecnologia. Quem é professor aqui sabe, quem já participou do SBPC sabe, que não é possível concordância com o governo pelos cientistas, os cientistas são muito críticos. Pasmem, eu achei que não era comigo, achei que não era com o Sérgio, numa reunião do Conselho, todos os quatro relatórios elogiando a política de ciência e tecnologia do governo que, pela primeira vez, não é política de um ministro, mas é política do Estado brasileiro, para perpassar quantos governos vierem, e estamos atingindo a meta, a cada ano que passa. Eu não acreditava mesmo. Estava até o Presidente do SBPC. Quando ele falou “Ministro Sérgio Rezende”, falou bem do governo, eu falei: espera aí, estou no lugar errado.



Por que nós estamos fazendo isso? Possivelmente essas coisas estejam acontecendo... Vocês estão lembrados que um dia perguntaram para mim o que eu era e eu falei: “eu sou uma metamorfose ambulante”, uma música do Raul Seixas que eu gosto muito. Porque tem gente que ao chegar ao governo, tem mania de saber tudo. Então, tem gente que acha que está tudo pronto, que está tudo escrito, que não tem que aprender mais nada. E eu fico aprendendo a cada dia. Por que eu tenho as orelhas caídas assim? É para ouvir melhor, é para escutar mais as pessoas. Tem gente que não gosta de reclamação, eu adoro reclamação.

E por falar em reclamação, Rolf, eu fui esses dias a Porto Velho entregar 2.400 títulos, em um bairro pobre de Porto Velho, e lá eu fiquei sabendo que o Incra, tem 40 mil pessoas que moram em terras do Incra. E eu falei: “mas não é possível, por que o Incra tem que ter terra na cidade de Porto Velho?”. Então, meu filho, a Alexandra estava lá, eu falei: “Alexandra, pode voltar para Brasília, pega o Rolf e venha para cá que eu quero voltar ainda este ano para entregar os títulos para 40 mil pessoas que moram naquelas casas, porque não tem explicação”. Eu sei que é uma coisa do passado, mas como você é do presente, e se Deus quiser também será do futuro, por favor, faça, enquanto é tempo, essas coisas.

Resolvemos legalizar as terras da Amazônia. Não é possível que a Amazônia seja um território de ninguém! Vamos legalizar. Está montada a equipe, Guilherme? Legalizar, dar o títulos para quem tiver terras, para quem tiver um sítio lá. Aqueles coitadinhos, legalizar, a gente saber quem é o dono. Quem é pobre sabe o que significa um pedacinho de papel chamado escritura. Quem é pobre sabe, aquilo é quase que uma conquista da cidadania, é quase como aquela tabela dos dez mandamentos que Moisés mostrou. Então, nós temos que fazer isso, porque é o nosso compromisso com essa gente mais humilde do País. Se nós não fizermos, quem vai fazer?

Então, meus companheiros e companheiras, hoje é um dia... Eu tenho



vivido bons dias. Eu sofro muito quando as pessoas ficam desempregadas, porque eu sei o que é isso, eu já fiquei um ano e meio desempregado. Eu sofro muito quando eu vejo enchente nas casas das pessoas, porque eu já vivi um metro e meio de água dentro da minha casa.

Mas, ao mesmo tempo eu estou feliz porque eu percebo que é possível ir além, é possível ir além das coisas que já fizemos. E agora nós estamos mais maduros, a Dilma está mais calejada, o Patrus está mais calejado, está todo mundo mais preparado. Por que a gente não pode fazer mais? Ah, porque veio a crise. Eu disse hoje em Pernambuco: se eu tivesse medo de crise, eu não teria nascido, porque nordestino se não morrer até 5 anos de idade, ele pode ser alguma coisa, porque a tendência é ele morrer de fome. Eu, até 7 anos de idade, Wagner, o café que eu tomava era uma cuia. Sabe o que é uma cuia? Metade de um coco partido no meio. Cheia de farinha de mandioca com café preto. E olha que bichão bonito que saiu aqui... Virou até Presidente da República! Para desgraça de alguns, porque tem gente que me olha e fala: "Ele não pode ser Presidente..." Mas como eu não dependo deles, eu dependo de vocês, cá estou eu Presidente da República.

Meus companheiros e companheiras,

Eu só poderia dizer para vocês o seguinte: eu acho que eu nasci para viver em adversidades. Primeiro, eu virei conrinthiano, que passou (incompreensível), é uma desgraça. Vocês sabem o que é ficar 20 anos sem ganhar de um time, e 23 anos sem ganhar um título? Toda a bronca que vocês tiveram, de 23 anos de regime militar, eu tive do Campeonato Paulista, do Corinthians não ganhar nada.

Mas eu sou um cara que sou desafiado a isso. Essa crise, por exemplo, Ignacy, não é que eu esteja gostando, mas eu acho que ela veio no momento de testar os líderes, porque eu fui convidado para ir ao G-8, me dou bem com todo mundo, não entendo nada, parece uma Torre de Babel, cada um fala uma coisa. Mas eu acho que em política a gente entende um pouco com o coração,



nos olhos das pessoas e com (incompreensível) do outro lado, a gente termina entendendo tudo.

Mas eu sinto o seguinte: agora, nessa crise, eu fico olhando os presidentes, eu fico pensando quantos presidentes desses, que vão estar na mesa do G-8, conhecem profundamente a alma do seu povo. Quantos têm compromisso com os mais pobres? Eu fico pensando na contribuição que a gente pode dar.

Quando esse moço se elegeu, eu estava em Nova Iorque, aí eu falei para o Obama, antes de ele se eleger, eu disse para o Obama no sábado e a eleição era domingo, apostei no seu taco antes de você ganhar. Eu falei: “Obama, você precisa tratar com carinho a América Central, porque tem muitos países que dependem da política americana. E você pode ter uma política de parceria sem ingerência, sem intromissão. E vai ganhar, em El Salvador, um companheiro que eu conheço e sei que é de qualidade. É da oposição, mas é um companheiro extraordinário”. Na segunda-feira, ele ligou para o Maurício.

Eu vejo, a eleição de um Evo Morales, para mim, vocês não imaginam o significado. O que não era correto era um cidadão que não conseguia falar uma palavra em espanhol ser Presidente da Bolívia. O normal é um índio ser Presidente da Bolívia, um índio, com a cara da maioria do povo.

E nós estamos vendo acontecer na América Latina: Michelle Bachelet, Cristina Kirchner, Tabaré, Lugo, o Evo, o Lula, e vai passando, e vai passando, e vai passando, já chegou na América Central, chegou nos Estados Unidos. Porque a eleição de um negro nos Estados Unidos não era pensada de forma positiva há dois anos. Se fizesse uma pesquisa com os intelectuais americanos, eu duvido que alguém apostasse que fosse um negro eleito Presidente dos Estados Unidos. Está lá o companheiro Obama. É o primeiro Presidente americano com a cara da gente. Olhem bem para a cara dele. Edson, um pouquinho menos moreno que você. Mas é a nossa cara. É a possibilidade de a gente ter, pela primeira vez na história, uma política de





colaboração, sem ingerência, respeitando a autodeterminação, é concreta e real.

Então, nós vamos lá para o G-20. Obama apenas há 40 dias na Presidência. É o mais jovem. Você não foi convidado, você nem tomou posse ainda. Então, nós vamos sentar naquela mesa lá, o Presidente do país mais importante do mundo, com apenas 40 dias de governo. E vão estar lá eu, a Cristina Kirchner, o Zapatero, o Primeiro-Ministro da Austrália, fazendo as propostas que nós achamos que têm que ser feitas. Não sabemos se vão aprovar. Uma novidade extraordinária, o Obama disse assim; “Presidente Lula, por que o seu Ministro da Fazenda não se reúne com o meu Ministro da Fazenda para a gente chegar juntos a uma proposta?”. Já é um passo... Não sei nem se vão conseguir chegar a um acordo, mas há uma idéia de trabalhar juntos. Não existia isso na política internacional.

Então, eu penso, companheiros, que essa crise, ela vai nos trazer alguns prejuízos no setor de exportação, nós vamos compensar isso com políticas habitacionais, com outras políticas que vamos tomar na economia, para a indústria automobilística. Vai acontecer muita coisa ainda neste país. A única coisa que não vai acontecer é a oposição pensar que vai, em algum momento, encontrar um discurso para poder bater no governo. É a única coisa que [não] vai acontecer. Eles vão falar de juros, e eu ainda não esqueci que quando eu cheguei no governo os juros deles eram muito mais altos do que está hoje. Nós vamos chegar na eleição com os juros bem internacionais.

E eu acho que parte dessa crise a gente vai tentar enfrentar com políticas com políticas como esta, do Territórios da Cidadania. Você sabe quantos tratores já foram encomendados no Programa Mais Alimentos? Onze mil tratores. Sabe por quem? Por pequenos proprietários agrícolas. Por que eles não compravam antes? Porque não tinham oportunidade, não tinham política de financiamento.

Então, companheiro Guilherme, eu quero terminar dizendo para você...





Eu sei que é difícil um Presidente elogiar um Ministro, a sua equipe, porque os bichos vão ficando vaidosos e daqui a pouco vão querendo dar passos mais altos que o Presidente, nem chamam mais o Presidente de Excelência, já estão chamando de “companheiro”. Vocês são folgados. Você vai dando trela, eles, daqui a pouco estão me chamando só de Lula, daqui a pouco “baiano”.

Mas eu queria dar os parabéns, não pela elaboração do Territórios da Cidadania. Eu sei que ainda precisa aperfeiçoar a relação com os governadores, é preciso melhorar com os prefeitos, porque é uma coisa de todos. Mas eu queria, sobretudo, dar os parabéns ao povo de cada cidade, que está nas suas casas, que eu não tenho o nome, que eu não nunca vi fotografia, que não está disputando nada, mas que está lá, fazendo aquilo que ele acredita seja possível para ser melhor para a sua mulher e para os seus filhos e, conseqüentemente, melhor para o nosso País.

A vocês, que no anonimato fazem acontecer o Territórios da Cidadania, que Deus os abençoe. Porque eu sou agradecido a Deus, todos os dias, por esse povo extraordinário que acredita cada vez mais em si próprio, e cada vez [mais] no Brasil.

Um abraço, meus companheiros, e boa sorte.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de entrega de escrituras de regularização fundiária no bairro  
Juscelino Kubitschek**

**Porto Velho-RO, 12 de março de 2009**

Bem, primeiro [quero] dizer para vocês da minha alegria de estar em Porto Velho, de encontrar companheiros e companheiras, e de ter a certeza de que hoje eu suspendi o almoço porque, senão, nós íamos chegar muito tarde em Brasília, e eu viajo amanhã para os Estados Unidos. Mas eu espero que o nosso Prefeito me dê o prazer de colocar o tambaqui que eu ia comer no almoço no avião, para eu comer voltando para Brasília.

Quero cumprimentar o ministro do Trabalho, o companheiro Lupi, que é o companheiro que toma conta do dinheiro do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço e, portanto, uma parte do financiamento destas obras aqui vem com a autorização do Ministério do Trabalho.

Quero cumprimentar o nosso companheiro que acabou de falar, o ministro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

O nosso companheiro ministro que cuida de toda a comunicação no governo, o ministro Franklin Martins,

Quero cumprimentar a senadora Fátima Cleide,

Quero cumprimentar o senador Valdir Raupp,

Quero cumprimentar a deputada federal Marinha Raupp,

Quero cumprimentar os deputados federais Anselmo de Jesus, Eduardo Valverde, Mauro Nazif e Natan Donadon,

Quero cumprimentar o deputado estadual... Não sei se está aqui presente o Presidente da Câmara. Não está presente.

Quero cumprimentar a nossa querida Alexandra Reschke, secretária do Patrimônio da União,



O nosso querido companheiro Prefeito e sua esposa,

Quero cumprimentar a Iara Honório, aquela companheira que eu pensei que era Miss Rondônia e, de repente... É verdade? Quando eu cheguei aqui e vi a nossa querida Iara elegantemente vestida, eu falei: ou é a princesa que está aqui ou é a Miss de Rondônia.

Quero cumprimentar os nossos companheiros da imprensa,

E quero cumprimentar cada um dos homens, das mulheres e das crianças que estão aqui presentes,

Cumprimentar os companheiros da imprensa de Rondônia,

Cumprimentar os companheiros que estão com a faixa lá "PEC 87", que precisavam fazer uma passeata lá no Congresso Nacional, para o Congresso Nacional aprovar a PEC 87, porque é um problema do Congresso, não é um problema do Presidente da República. Mas, de qualquer forma, eu estou saindo da frente aqui, para o Raupp e para a minha querida Fátima Cleide verem a faixa lá. E eu me comprometo a ajudá-los a discutir isso, e também os deputados.

Quero cumprimentar o nosso companheiro que está numa cadeira de rodas aqui. Tem dois aqui numa cadeira de rodas.

Quero cumprimentar os nossos companheiros do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, popularmente conhecidos como catadores de papel,

Quero cumprimentar essas mulheres que estão aqui agitadas, na frente, de camisa vermelha. E também a de azul e a de amarelo.

E prometo...

Cumprimentar os nossos vereadores, nossos secretários municipais,

Cumprimentar os companheiros e as companheiras,

Eu estou vendo um velho companheiro ali, já careca, um tal de José Niomar, que está ali meio careca, já de idade, cabelo branco. Ele ficou escondido ali para ele não ver que eu estou mais bonito do que ele.



Encontrei aqui o nosso companheiro Odair, um companheiro que durante muito tempo eu dormi na casa dele, aqui em Rondônia.

Está aqui o Paulo Okamoto, o nosso presidente do Sebrae,

Está aqui... Eu queria um aplauso para o nosso companheiro Jorge Viana, ex-governador do estado do Acre.

E também o nosso companheiro presidente da Empresa de Energia do Sul do País, o nosso companheiro Mescolotto.

Está aqui o nosso companheiro Danilo, presidente da Funasa, que certamente tem responsabilidade com parte do dinheiro investido em obras de saneamento básico.

Olhem, eu vou ser bastante curto no meu discurso. Queria dizer para vocês que hoje eu venho a Rondônia realizar um sonho. Um sonho de quem trabalhou durante quase cinco anos para que a gente pudesse vir hoje a Rondônia e anunciar o maior projeto de desenvolvimento da região Norte do país, depois da Zona Franca de Manaus.

Eu vim aqui anunciar hoje, ver as obras, que já começaram, das hidrelétricas de Jirau e de Santo Antônio. Essas duas hidrelétricas vão receber investimentos da ordem de R\$ 21 bilhões. É o maior investimento hoje em andamento no Brasil. Essas duas hidrelétricas vão produzir por volta de 6 mil megawatts, e essas duas hidrelétricas vão gerar mais de 30 mil empregos aqui em Rondônia, empregos diretos e empregos indiretos.

O pedido que nós fizemos para as empresas é que elas trabalhem em dois ou três turnos para que a gente possa, em vez de um trabalhador, a gente ter três trabalhadores trabalhando, porque nós queremos gerar empregos. O compromisso que as empresas assumiram conosco era de que a maioria da mão-de-obra contratada, seja contratada aqui, [com] gente de Rondônia. Por quê? Porque nós queremos gerar empregos em Rondônia, sobretudo para esta juventude que está aqui.



Eu estou vindo agora do ato de um programa chamado Acreditar. É um programa em que a empresa, em parceria com o Senai, em parceria com o estado e com a cidade, está investindo para formar mão-de-obra especializada para as pessoas que vão ser contratadas para trabalhar na hidrelétrica. Já temos 10 mil pessoas, e vão ser formadas 25 mil pessoas. Uma parte vai trabalhar nessas obras, e outra parte vai trabalhar em outras obras.

O que nós queremos evitar: normalmente, quando a empresa vai construir uma hidrelétrica, ela traz os trabalhadores de outros lugares que já têm especialização. Aí traz os trabalhadores, contrata, começa a trabalhar a obra, os trabalhadores da cidade ficam de longe, olhando os outros trabalhadores de outros estados trabalharem, e os trabalhadores da cidade ficam desempregados. Agora, tem que contratar é gente de Rondônia para trabalhar nessas obras.

Eu fiquei muito feliz... A minha geração é uma geração complicada. Eu tenho 63 anos de idade. Se falar que não parece, eu vou dizer: é mentira. Mas vou gostar. Se disser: "Só?" Eu vou ficar ofendido. Mas se disser: "Nossa! Nem parece!" Eu não vou acreditar, mas vou ficar extremamente feliz. Mas, olhem, uma coisa que me deixou... Na minha geração, mulher não podia trabalhar em várias atividades. Mulher não podia trabalhar de pedreiro, mulher não podia trabalhar de torneira, mulher não podia trabalhar de carregar caminhão de carga, de motorista, uma série de coisas. Nessa escola em que eu fui agora, as mulheres estão aprendendo a ser soldadoras, as mulheres estão aprendendo a ser pedreiras, as mulheres estão aprendendo uma série de profissões que antigamente eram só de homem.

O que os homens e o mundo estão aprendendo é que as mulheres são mais determinadas e mais corajosas do que os homens. Eu nunca vi uma mulher deixar de fazer as suas tarefas de casa por causa de uma gripe, eu nunca vi as mulheres deixarem de tratar dos filhos por causa de uma gripe. Mas homem é um bicho frouxo. Homem, quando tem uma dorzinha de cabeça,



quando tem uma gripe, a gente fica gemendo na cama: meu amor, me traz uma água. Meu amor, me traz um comprimido. Não é verdade? É verdade.

Então, eu acho que isso fez com que nós acordássemos para ter a convicção de que a mulher pode fazer qualquer trabalho que o homem faça. Por isso eu fiquei feliz nesta escola, porque vi um monte de meninas aprendendo profissão que antes era só homem que podia fazer.

Essa hidrelétrica vai gerar muito emprego em Rondônia, na construção. Depois, ela vai gerar muito emprego em Rondônia porque muitas empresas vão vir se instalar em Rondônia. Aí nós precisamos acompanhar, com uma formação profissional. É por isso que nós estamos fazendo aqui no estado de Rondônia cinco escolas técnicas, cinco institutos federais de escolas técnicas: um aqui, em Porto Velho; um em Ji-Paraná, que já está funcionando; um em Vilhena; mais dois que já existiam, que a Rede Federal vai assumir para poder administrar: Ariquemes e Cacoal, é isso? Portanto, nós vamos ter cinco escolas técnicas aqui.

Só para vocês terem idéia do que vai ser – se a minha assessoria me ajudasse aqui [com o] papel - É o seguinte: nós... - Não, não é isso aqui não -. Vejam, deixem-me dizer para vocês uma coisa que é importante... – é na página 18, meu filho. Não, é antes, deve ser na página 16... Tem número aí? Tem. Está aqui, meu filho, está tudo na mão.

Vejam, essas escolas técnicas, Lupi, você que é ministro do Trabalho, é o seguinte: está prevista para este ano uma oferta de 1.600 vagas para estudantes estudarem nessas escolas técnicas, e 4.800 jovens até 2011. Serão mais 4 mil jovens que terão possibilidade de fazer uma escola técnica, neste país.

Vocês sabem, o Raupp e a Fátima sabem, eu vou dar um dado para vocês que é importante, que vai ser motivo de orgulho até o dia em que eu morrer, e eu espero que seja motivo de orgulho para os meus filhos. A primeira escola técnica no Brasil foi feita pelo presidente Nilo Peçanha, em 1909. Ele



fez, no mandato dele, 19 escolas técnicas. A primeira foi feita em 1909, na cidade de Campos, no estado do Rio de Janeiro. De 1909 até 2003, o Brasil construiu 140 escolas técnicas, ou seja, significa que em 100 anos todos os presidentes que passaram pelo Brasil construíram 140. Só este ano, eu vou inaugurar 100 escolas técnicas neste país. E quando terminar o nosso mandato nós vamos ter inaugurado 214 escolas técnicas. Ou seja, em apenas oito anos nós vamos fazer uma vez e meia o que foi feito em 100 anos neste país.

Mas não para nos cursos técnicos. Eu vou dizer para vocês uma coisa: o ProUni, Prefeito, aqui no estado, tem 3.873 jovens já participando do ProUni. O ProUni, em Porto Velho, tem 2.170 meninos e meninas fazendo universidade com bolsas, porque se não fossem as bolsas esses jovens não conseguiriam pagar uma mensalidade na escola. Aqui tem alguém do ProUni? Tem. Vocês vejam, essa gente humilde jamais chegaria à universidade, porque a universidade foi feita para rico, e nós queremos que a universidade seja para todos. Seu filho está fazendo também o ProUni? Já é médico pelo ProUni? Olha aí...

Mas não é apenas isso. Além do ProUni, que já está com quase 500 mil alunos, este ano agora, em março, estão se formando e vai ser entregue o diploma dos primeiros 56 mil jovens da periferia que se formaram nas universidades brasileiras, por causa do ProUni.

Mas nós criamos um outro programa chamado Reuni. Nós aumentamos o número de alunos por professor, de 12 para 18, e isso vai colocar a possibilidade de nós triplicarmos as vagas nas universidades federais no Brasil. No Brasil, todo ano, a gente tinha uma oferta de apenas 113 mil novos alunos. Este ano já tivemos 227 mil novos alunos, mais que o dobro. Para o próximo ano serão mais de 330 mil novos alunos na universidade. Mais importante do que isso, eu vou dar o número daqui, do Reuni aqui em Porto Velho. O número de vagas da Fundação Universidade Federal de Rondônia, em seus sete campi, subirá de 1.360 alunos em 2003 para 2.475 este ano, e em 2010 serão



2.520... 8 mil? Então, o meu número está errado, aqui. É muito mais. Um cara já gritou ali: são 8 mil. Então, eu vou acreditar nos 8 mil dele. Nos sete campi do estado serão mais 8 mil jovens.

Eu queria falar desse negócio da educação para vocês porque eu comecei falando das meninas que se formam. A educação será a maior arma para que o povo melhore de vida, para que o povo conquiste a cidadania, para que o povo possa ter emprego e ter oportunidades. Não existe nenhuma outra arma mais eficaz do que a educação. Por que os governos anteriores... Você tem creche do governo federal aqui? Pois bem. Nós já aumentamos o número de anos da criança na escola, agora vai ser de nove anos. A criança vai ter nove anos... As crianças, agora, vão entrar na escola com 6 anos de idade. Antes, o que acontecia? Uma mulher de classe média que pudesse colocar o seu filho em uma pré-escola com 6 anos, essa criança de classe média chegava aos 7 anos já sabendo escrever o nome, já sabendo ler alguma coisa. O filho do pobre entrava na escola com 7 sem saber nada. Aí, ficavam dizendo que ele era burro. Ele não era burro, ele não tinha tido a oportunidade que o outro teve. Quando nós aumentamos para nove anos o número de [anos] de permanência da criança no ensino fundamental, é porque a gente quer garantir que o filho do pobre e o filho do rico tenham a mesma condição de aprender as coisas nas escolas deste país.

Falando de educação, eu não vou falar de todos os programas do governo federal, não. Eu vou falar agora dessa questão, agora... Eu também não vou falar da saúde, para não falar mal de ninguém. Mas vocês sabem que no começo do ano de 2007, no começo do ano, os senadores, por um voto, derrotaram a CPMF. A CPMF era um imposto que só rico pagava. Pobre não pagava porque pobre não tem cheque. Pobre recebe o pagamento hoje, recebe no almoço para comer na janta, recebe na janta para tomar café de manhã. Pois bem, nós fomos derrotados, tiraram do governo federal R\$ 38 bilhões para a gente investir na saúde, R\$ 38 bilhões. Eu estava dizendo para os prefeitos,





agora: agora é que os prefeitos vão saber como vai fazer falta o dinheiro que eles tiraram de nós no ano passado. Agora é que a gente vê o quanto vai fazer falta, porque vai diminuir a arrecadação. Se diminuir a arrecadação do governo federal, vai diminuir a arrecadação do governo do estado e a do município.

E aí, nós precisamos cuidar da saúde. Eu falei para este companheiro aqui e vou repetir para vocês: nós vamos construir aqui uma coisa chamada UPA – Unidade de Pronto-Atendimento. É uma coisa... Não, eu não vou falar mal de ninguém, porque o papel de presidente não é falar mal de ninguém. Então, nós vamos criar... Eu estou assumindo um compromisso com o Prefeito, nós vamos trazer para cá uma coisa chamada UPA, que é Unidade de Pronto-Atendimento, ver se a gente consegue colocar pelo menos umas quatro aqui, nos bairros mais carentes, para trabalhar 24 horas por dia. Faz pequenas cirurgias, tira radiografias, faz todo exame que uma mulher... uma mulher grávida, inclusive, que tem que fazer pré-natal, vai lá na UPA.

Mas eu sei também que este estado e esta cidade vão precisar de um hospital. Vou te garantir que o Ministro da Saúde virá aqui, nos próximos 30 dias, para discutir como é que a gente vai melhorar a questão da saúde no estado de Rondônia. E aí nós temos que fazer parceria – prefeito, governador do estado e governo federal – para que a gente possa... quanto mais junto a gente trabalhar, cada um dando um pouquinho de dinheiro, a gente vai fazer muito mais e vai melhorar a vida de vocês.

Mas agora eu vou falar do assunto que me trouxe aqui, que é a regularização dos títulos da casa de vocês. Olhem, esta companheira Alexandra é a moça que cuida, no governo federal, do patrimônio da União. Todas as terras do Brasil que pertencem à União, todos os prédios do Brasil, todos os prédios do governo federal, é essa simpatia que cuida. E ela sabe da minha angústia, nesses seis anos de mandato, para que a gente resolva, pelo amor de Deus, esse negócio de garantir os títulos de terra nos bairros pobres deste país, nas favelas de São Paulo, do Rio de Janeiro, porque a União não



tem que ficar com terras que o povo já está em cima, a gente tem que entregar essa terra.

Nós agora tomamos a decisão de fazer a regularização em toda a Amazônia. Não é possível que aqui, em Porto Velho, o Incra tenha mais... de quanto? O Incra tem... Tem 45 mil casas em terras do Incra que não têm a escritura. Ora, por que o Incra, que é o Instituto Nacional de Reforma Agrária, tem que ter terras aqui, no centro de Rondônia?

Então, vejam, nós aprovamos a regularização das terras na Amazônia. O pequeno produtor rural que tiver a sua terra, ele tem que receber o título, porque o título da terra é um valor extraordinário. A pessoa que não tem título não vai fazer a casa, não pode fazer investimento, não pode fazer um crédito. Então nós precisamos legalizar este país. E legalizar este país significa a gente legalizar, em primeiro lugar, aqueles que já moram na casa e que precisam ter a garantia de que o governo vai assegurar para eles o título da terra.

Eu quero te dar os parabéns, Prefeito, por essa política de regularização de títulos. Faça o quanto quiser, se a Alexandra não te atender você me liga e diz que ela não está fazendo. O Paulo Bernardo, que é o ministro do Planejamento, é o chefe dela, também tem que estar nisso, o Incra tem que estar nisso, porque eu tenho mais um ano e 10 meses de mandato e eu quero resolver os problemas que ainda não foram resolvidos neste país, quero resolver definitivamente.

Eu sei da alegria dessas pessoas que vieram aqui receber o título. O cidadão ter o documento da sua casa, saber que ninguém vai poder tomar aquele terreno, saber que ele vai ter um endereço e que ele vai ser dono de um patrimônio é uma coisa sagrada.

O nosso Prefeito deu os números, o nosso Ministro das Cidades deu os números. Tem muito dinheiro para ser investido em Rondônia. Ao todo, eu acho que são R\$ 280 milhões para saneamento e moradia. Então, eu sei que tem muito dinheiro. E eu sei que é muito difícil porque, às vezes, a gente faz a



licitação, uma empresa ganha, depois ela quebra; outra hora a gente faz licitação, a empresa que perde entra com um processo na Justiça; outra vez é o Tribunal de Contas que acha uma deficiência; outra vez é o Poder Judiciário; outra vez é o Ministério Público, que acha que alguma coisa está errada.

O que as pessoas não percebem é que [com] essa demora, quem é prejudicado não é o prefeito, não é o presidente da República, não é o governador do estado. Cada vez que uma obra atrasa um ano, quem se lasca é o povo pobre deste país. Não que as pessoas não devam fiscalizar, precisam fiscalizar. As coisas têm que andar certas, mas é preciso dar agilidade.

Hoje – eu vou dizer para vocês uma coisa – se o governo quiser fazer uma obra grande, ele não consegue fazê-la em um mandato de quatro anos. Se ele fizer o projeto da obra, até ele conseguir a licença para fazer a obra, até ele fazer o processo de licitação, até ele responder às demandas das denúncias que vão aparecer, termina o mandato e o coitado apenas na vontade de fazer a obra.

Então, eu acho que nós vamos ter que fazer mudanças neste país. Vamos ter que fazer mudanças na regulação dessas coisas, porque parece que tudo é feito para impedir as obras, é tudo um martírio, é tudo uma confusão desgraçada. Uma empresa privada, que não depende do governo, faz uma obra dez vezes mais rápido do que o governo, porque ela vai lá, contrata e faz. E nós ficamos uns denunciando os outros, uns cobrando os outros, e o povo fica sofrendo e esperando.

Essa é uma coisa que eu quero ver se facilito, para que quem vier depois de mim possa encontrar um governo com mais agilidade, com legislação mais simples, para permitir que as pessoas possam viver com mais dignidade neste país.

Por isso, meu querido companheiro Roberto, eu queria me despedir de vocês, dizendo a vocês que esta obra... Eu vou dar um exemplo para vocês: a ponte na [BR-319], que passa aqui no rio Madeira. Essa ponte já era para estar



pronta. Acontece que essa ponte tem um problema no Tribunal de Contas da União. Eu não estou dizendo que o Tribunal não pode fiscalizar; pode, deve e tem que fiscalizar. O que eu estou dizendo é que não é possível uma obra ficar dois anos com pendenga, porque a gente já podia, tranquilamente, estar inaugurando essa ponte. Já poderíamos ter gerado 2 [mil], 3 mil empregos aqui. O atraso vai fazendo com que a gente gaste dinheiro em outras coisas, e aquelas coisas que são prioridade não acontecem.

Então, eu vou contar: de vez em quando eu vou deitar amargurado, porque as coisas demoram tanto no País. Antigamente, diziam que a gente não tinha dinheiro. Agora a gente tem o dinheiro, a gente tem a vontade de fazer e a gente não consegue fazer porque [com] a quantidade de leis que nós votamos, [com] a quantidade de impeditivos, é, na verdade, muito difícil governar com essas coisas. Então, nós vamos ter que mudar.

Mas eu quero me despedir de vocês dizendo o seguinte: o Roberto sabe da minha vontade de vir aqui inaugurar uma obra. Então, eu quero que você pegue a maior obra de saneamento básico que você tem aqui, de tratamento de água e de esgoto, ou a ponte lá, os viadutos e os contornos lá, para eu vir inaugurar alguma coisa aqui, porque as hidrelétricas eu já não serei mais presidente para vir inaugurar. Mas eu quero vir inaugurar uma obra aqui.

Para terminar, deixem-me dizer uma coisa que eu ia esquecer. Roberto, na semana que vem... eu vou amanhã para os Estados Unidos, no sábado vou ter um encontro com o presidente Obama, na segunda-feira eu vou fazer um debate lá em Nova Iorque sobre o Brasil e volto na segunda-feira à noite. Na semana que vem, até sexta-feira ou, no mais tardar, na segunda-feira, eu vou anunciar um programa de construção de 1 milhão de casas populares neste país. Um milhão de casas para beneficiar a população de 1 a 10 [salários] mínimos, mas o grosso será de 1 a 5 salários mínimos. Eu não vou dizer aqui como vai ser o projeto porque, senão, quando eu anunciar não tem mais novidade. Mas vai ser o mais ousado, o mais corajoso programa habitacional



que vamos lançar neste país.

Eu vou contar uma história para vocês: Hoje, no programa habitacional existente hoje, se uma pessoa como eu tiver que comprar uma casa, se eu tiver que comprar uma casa, eu vou pagar de seguro de vida na casa, 37% do valor da prestação, ou seja, [se eu] já estava pagando R\$ 100 de prestação, eu vou ter que pagar mais R\$ 37,00 de seguro de vida. Um trabalhador normal, que tem até 40 anos de idade, paga 10% no valor da prestação. Nós vamos acabar com isso.

A outra coisa é a seguinte: por que o pobre tem dificuldade de comprar casa? Se ele está pagando aluguel, se ele pagar R\$ 300,00 de aluguel e o valor da casa for R\$ 300,00, ele não pode pagar o aluguel e pagar a prestação da casa até receber, porque aí fica em R\$ 600,00. O que a gente vai fazer? Enquanto a pessoa estiver pagando aluguel e a chave da casa não for entregue para ela, ela vai pagar apenas uma taxa simbólica de R\$ 20 ou R\$ 30 até ela receber a sua casa. Eu penso que 1 milhão de casas, deve sobrar uma porção de casas aqui para Rondônia e, também, uma porção de casas aqui para Porto Velho. Eu queria dar essa notícia para vocês, porque nós vamos anunciar isso dentro dos próximos 10 dias.

Eu também te amo, meu amor.

No mais, meus companheiros, Roberto, obrigado pelo dia, obrigado por me trazer a esta vila. Parabéns a todos vocês que estão recebendo o título da sua terra, e parabéns àqueles... Prometo a vocês que nós vamos legalizar toda esta região ainda no meu mandato.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração da estação de metrô Cajueiro Seco**

**Jaboatão dos Guararapes-PE, 23 de março de 2009**

Eu quero, primeiramente, cumprimentar o nosso querido governador de estado de Pernambuco, o companheiro Eduardo Campos,

Quero cumprimentar os ministros Marcio Fortes, das Cidades, Sergio Machado Rezende, da Ciência e Tecnologia; José Múcio Monteiro, das Relações Institucionais; Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Quero cumprimentar os deputados federais Eduardo da Fonte, Fernando Ferro, Paulo Rubem Santiago, deputados José Chaves e Pedro Eugênio,

Quero cumprimentar os companheiros prefeitos João da Costa, do Recife, Elias Gomes, de Jaboaatão dos Guararapes. Em nome deles, eu quero cumprimentar todos os demais prefeitos que estão aqui na frente,

Quero cumprimentar o ex-prefeito de Recife, o companheiro João Paulo;

Quero cumprimentar os secretários estaduais aqui presentes e cumprimentando o Humberto Costa, eu cumprimento todos os secretários,

Quero cumprimentar meu companheiro Elionaldo Magalhães, presidente da Companhia Brasileira de Trens Urbanos,

Quero cumprimentar o companheiro Elias Manuel da Silva, superintendente da CBTU de Recife, por meio de quem quero cumprimentar todos os funcionários da CBTU,

Quero cumprimentar os presidentes das centrais sindicais aqui de Pernambuco,

Quero cumprimentar os metroviários,

Quero cumprimentar as mulheres e os homens que estão aqui,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa, aqui,



Olhe, eu não vou falar de trem aqui, porque quatro pessoas já falaram da importância do trem, já elogiaram o trem com ar condicionado, mas ao mesmo tempo em que falaram bem do trem, já me passaram a conta de comprar mais trem para colocar aqui. Há um dado concreto: o trem está funcionando. Hoje, você vem de Recife até aqui em 25 minutos, coisa que você levava antes, de ônibus, mais de uma hora, uma hora e meia, dependendo do trânsito. Mas é verdade também que nós ainda temos poucos trens. Em cada trem desses, são quatro vagões. Cada vagão traz um conjunto de pessoas e está demorando 17 minutos entre um trem e outro.

Na verdade, para que esse trem e para que esse conjunto de estações possam prestar o serviço que nós queremos prestar, é preciso que a gente tenha mais trem e que o povo possa ficar na estação, no máximo, quatro minutos e meio, para poder pegar outro trem. Ficar mais do que isso, no fundo, no fundo, nós estamos fazendo o povo sofrer. Esse é um compromisso que nós vamos ter que tratar de colocar mais trens para as pessoas ficarem menos tempo na estação e chegarem mais rápido no local aonde vocês querem ir. A primeira coisa.

A segunda coisa, é importante que vocês tenham noção do seguinte: Jaboatão é uma das cidades mais importantes do estado de Pernambuco. Talvez a maior, depois de Recife - 700 mil habitantes.

Eu, quando vim aqui em Jaboatão, nos anos 80, eu conhecia Jaboatão como uma cidade industrializada, como uma cidade metalúrgica, porque aqui tinha uma Ford, uma Ford. Como eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos lá de São Bernardo, eu vinha fazer assembléia aqui na Ford de Jaboatão. Entretanto, parece que Jaboatão não deu sorte com a classe política. Parece. Pelo que eu tenho conversado com o governador, pelo que eu tenho conversado com outros companheiros, Jaboatão era costumeira a eleger





prefeitos e, o prefeito era cassado um mês depois, dois meses depois, três meses depois.

Esses dias o Eduardo estava me contando, que foi desapropriar uma área aqui para fazer uma unidade de pronto atendimento para a saúde e apareceram dois donos, com duas escrituras verdadeiras, do mesmo terreno. Ou seja, as duas escrituras eram verdadeiras, mas as duas eram do mesmo terreno, ora, não podiam ser as duas verdadeiras, ou seja, uma delas era falsa. O cartório deu o mesmo documento, para as duas pessoas, sobre a mesma propriedade.

Quando nós fomos fazer a obra do PAC, Jaboatão estava tão desorganizada, que o prefeito não podia assinar acordo com o governo federal e, ele perdeu de assinar 34 convênios com o governo federal, porque a prefeitura não estava cumprindo a formalidade legal.

Pois bem, eu estou falando isso, apenas para lembrar para vocês que muitas vezes nós somos vítimas de nós mesmos. Ou seja, se na hora de votar a gente escolhe um prefeito que não é a pessoa adequada, nós é que vamos pagar o preço da eleição desse prefeito. Pois bem, o companheiro Elias, eu conheci ele prefeito de Cabo. O Elias era naquela época do PPS. Era do PPS. Hoje, eu nem sei em que partido o Elias está. Eu sei que aqui nas eleições eu pedi voto para outro candidato – o companheiro André. O Elias ganhou. O Elias ganhou. Eu quero dizer na frente de vocês: eu não quero saber em qual o partido que o companheiro Elias está, eu quero saber que o Elias será tratado como se fosse do partido do governador, como se fosse do meu partido, porque a mim, para nós, não interessa o partido do governo, para nós o que interessa é que esse prefeito tenha vergonha, juízo e cuide bem do povo que elegeu ele.

Por isso eu disse ao companheiro Elias: na próxima vez em que o Eduardo for a Brasília, prepare os seus projetos para a gente ajudar a fazer com que essa cidade não seja mais vítima de enchente, para que a gente



comece a evitar que essa cidade tenha o maior índice de criminalidade da região metropolitana do Recife. Esta cidade não pode aparecer na imprensa nas páginas dos jornais, porque tem crime organizado, porque tem violência e a maioria do povo é sempre a maioria decente e trabalhadora e, muitas vezes é vítima disso.

Companheiro Elias, eu sei que falando isso para você, eu estou vendo aí um (incompreensível) de prefeitos e que todos vão querer ir a Brasília. Deixa eu lhe dizer uma coisa: eu ouvi você falar do FPM. Eu já tinha feito um discurso agora em Vitória de Santo Antão, quando uma prefeita de uma cidade levantou para mim a questão do FPM.

Veja, na medida em que cai a receita do Imposto de Renda do governo federal, cai a receita do estado e cai a receita do município. Mas, ao mesmo tempo, eu disse para a prefeita lá em Vitória de Santo Antão, eu quando regressar a Brasília vou chamar o meu ministro da Fazenda e o ministro do Planejamento e, nós temos que olhar, temos que olhar com carinho, essa queda do FPM, porque se as cidades estiverem na situação que você está dizendo, ou seja, é muito ruim para o povo que mora na cidade, se o prefeito não conseguir sequer pagar o salário dos funcionários. Eu não sei o tanto que a gente pode ajudar, mas posso dizer aos prefeitos aqui presentes e a você que eu vou me interessar pessoalmente por essa questão do Fundo de Participação dos Municípios, para ver se a gente consegue ajudar.

Por último, eu queria dizer para vocês o seguinte, gente: Pernambuco está se recuperando de uma grande enfermidade. Durante esses últimos 25 anos, enquanto o país crescia, outros estados cresciam, parece que havia uma certa birra dos governantes em não ajudar o estado de Pernambuco, mesmo quando o governador era aliado deles. Mesmo quando o governador era do DEM, mesmo quando era do PMDB, ligado ao governo antes de mim, mesmo assim Pernambuco parecia um estado predestinado ao esquecimento. A Bahia teve o pólo petroquímico, que se desenvolveu de forma extraordinária, outros



estados tiveram alguma coisa, e Pernambuco parece que foi esquecido.

Quando o Dr. Arraes era governador, a impressão que eu tinha é que as coisas não vinham para Pernambuco porque o Arraes era oposição. Mas, depois do Arraes entrou um governador que era amigo das pessoas que governavam lá em cima. E para fazer alguma coisa aqui foi necessário vender as empresas públicas que Pernambuco tinha. Quando o dinheiro acabou, não tinha mais o que fazer.

Elias, eu vou te dar um exemplo. Certamente, o governo Jarbas Vasconcelos recebeu, no segundo mandato dele, mais dinheiro do governo federal do que ele recebeu no primeiro mandato, quando o Fernando Henrique Cardoso era Presidente da República, aliado a ele. Certamente, recebeu. Numa demonstração de que quando alguém é sério e assume a Presidência da República a gente não pode ficar tentando tratar as pessoas partidariamente: “Se é do PT eu gosto, se não é do PT eu não gosto; se é do PSB eu gosto, se não é, eu não gosto”. Se a gente tratar assim, o Brasil vai voltar ao atraso a que ficou submetido durante quase 30 anos.

Eu queria dizer para vocês que é com muito orgulho... Eu vim, agora, de inaugurar uma fábrica da Sadia lá em Vitória de Santo Antão. Essa empresa vai gerar 1.600 empregos diretos. Eu conversei com as moças que estão trabalhando lá, meninas e meninos que vão ter o primeiro emprego. A alegria na cara dessas pessoas tem um prazer inexplicável, o prazer delas de estarem trabalhando.

Pernambuco está dando um salto de qualidade extraordinário. Quanto esta refinaria estiver pronta, quanto este estaleiro estiver pronto, quando o pólo petroquímico se instalar aqui, porque atrás da refinaria vem um pólo petroquímico, Pernambuco vai recuperar, em cinco anos, no seu governo, Eduardo, o atraso a que ele foi submetido durante 30 anos.

E isso nós queremos fazer com todos os estados do Nordeste. Porque, quem é nordestino sabe que essa parte deste país foi esquecida durante muito



tempo. Durante muito tempo, essa parte foi esquecida. E nós, não apenas como pernambucanos, mas como cidadãos brasileiros que conhecem este país, nós precisamos fazer com que o Nordeste brasileiro seja tão desenvolvido como é São Paulo, como é o Rio Grande do Sul, como é Santa Catarina, como é Minas Gerais. Porque não é possível que as pessoas não entendam que na hora que o Nordeste se desenvolver o povo nordestino vai trabalhar, vai ganhar salário, vai consumir e vai, sobretudo, consumir coisas produzidas nas outras regiões.

Vir aqui inaugurar esta estação do metrô é uma coisa gratificante, porque eu sei o sofrimento e o tempo que este trilho ficou engatinhando, que ameaçava inaugurar e não inaugurava. Viemos inaugurar. Tem mais coisas para inaugurar e eu quero dizer para vocês, em Jaboatão, e dizer para você, Elias. Você foi eleito prefeito desta cidade, eu não quero saber quantos vereadores você tem, não quero saber nada. Eu só quero saber o seguinte: se tiver projeto, faça projeto, porque o que faz um Presidente dar dinheiro para uma cidade é o prefeito ter projeto. Não adianta... E você já foi prefeito, você sabe disso: não adianta apenas dizer que quer dinheiro, é preciso ter projeto, se tiver projeto, o dinheiro sai.

Da mesma forma que eu estou vendo a Luciana ali, a ex-prefeita de Olinda, ela sabe que não faltou dinheiro para fazer as obras que eram importantes para Olinda. Agora, está o (incompreensível), Severino virou prefeito, e tem outros companheiros. Eu quero dizer para vocês: nós não vamos deixar os prefeitos comerem o “pão que o diabo amassou” sozinhos. Nós vamos repartir, para que cada um ganhe um pouco. Se a gente tiver que ganhar, que ganhe todo mundo, se a gente tiver que perder, que a gente reparta o sofrimento nosso, porque quando a cidade está bem, o estado está bem e o governo federal está bem. Se a cidade estiver mal, o governo estadual está mal e o governo federal está mal.

E como eu não nasci com medo de cara feia, muito menos... Se eu fosse



um homem que tivesse medo de crise, eu nem teria nascido, porque no tempo em que eu nasci, a gente não tinha certeza, na miséria em que eu nasci, se uma criança viveria até os cinco anos de idade. Eu mesmo tenho quatro irmãos que morreram pagãos, quatro, lá em Caeté, que naquele tempo era Garanhuns. Porque a gente morria ou porque não tinha tratamento médico, a gente morria porque quando nascia não tinha o que comer.

Eu lembro que o café que eu tomava, Eduardo, era acororado em um fogão de lenha de uma boca só, era uma cuia de farinha com café preto, era aquilo que a gente comia. E virei um baita homem bonito desse. Eu fico imaginando as crianças tomando café de manhã, almoçando e jantando todo dia, eu fico imaginando como é que esse povo vai ficar forte.

E quero dizer para vocês que essa crise não me assusta, não. Essa crise, nós vamos derrotá-la é fazendo investimento, é fazendo obras nas cidades. E, agora, os prefeitos que estão aqui se preparem. Os prefeitos se preparem, e você também, João da Costa, se prepare porque quarta-feira nós vamos anunciar um projeto habitacional de 1 milhão de casas populares. Vai ser o maior projeto de casa popular já anunciado no Brasil. A nossa idéia é fazê-lo em dois anos.

Eu não sei se os prefeitos estão organizados para fazer, não sei se os governadores estão organizados para fazer, não sei se as empresas estão preparadas para fazer. Mas quarta-feira nós vamos anunciar 1 milhão de casas para as pessoas que ganham de 0 a 10 salários mínimos.

E qual é a vantagem? A vantagem é que um trabalhador que paga aluguel, na hora em que ele fizer a assinatura da casa, ele não vai pagar a prestação da casa que ele não tem ainda e o aluguel, ele não vai pagar nada da casa, ele vai pagar apenas uma taxa simbólica, ele só vai pagar a prestação quando ele pegar a chave da casa dele e dizer que a casa é dele.

Portanto, companheiros e companheiras, como eu tinha que estar na Bahia às 4 horas da tarde, e são 3 e meia e eu estou aqui... Eu quero dar os



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

parabéns ao povo de Recife, ao povo de Jaboatão, ao povo de Pernambuco. E vamos continuar melhorando a vida de vocês.

Um abraço, queridos.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração da unidade produtora da Sadia**

**Vitória de Santo Antão- PE, 23 de março de 2009**

Eu queria só que vocês lembrassem um número: se a gente pegar janeiro de 2003 onde, na hora em que foi fazer o balanço o banco só tinha emprestado R\$ 250 milhões, para o balanço que ele fez em janeiro de 2009, quando o banco, em 2008, emprestou R\$ 13 bilhões. Este é apenas um número. Um número que demonstra porque o Nordeste brasileiro está se desenvolvendo acima da média nacional.

Eu vou, Eduardo, citar apenas alguns dados aqui, rapidinho, que não devem estar aqui na minha agenda porque... ia falar mal da minha assessoria, mas não vou falar mais, porque está aqui. Mas veja uma coisa importante, Eduardo: 52% dos beneficiários do Bolsa Família são do Nordeste brasileiro, são quase seis milhões de famílias, 44% do orçamento do Ministério do Desenvolvimento Social vem para o Nordeste brasileiro, das 20.300 equipes do Programa Saúde da Família, 12 mil estão no Nordeste, representando 70% da cobertura, a maior do País; dos municípios prioritários do Plano de Desenvolvimento da Educação, 66% estão no Nordeste; 3,8 milhões de pessoas no Nordeste foram beneficiadas com o Programa Luz para Todos; o Plano Safra da Agricultura Familiar 2007-2008 aplicou 31% dos recursos aqui no Nordeste, quatro bilhões dos 13 bilhões previstos para o Brasil; 29 dos 60 Territórios da Cidadania implantados em 2008 estão no Nordeste, contemplando 499 municípios; 27 dos 60 novos Territórios da Cidadania que serão implantados em 2009-2010 estão no Nordeste, significando mais 425 municípios.

Esses dados, por si só, eles fazem a diferença que nós precisamos para saber porque eu estou aqui hoje, inaugurando uma fábrica. Eu vim aqui hoje



não apenas porque o Eduardo é meu companheiro, não apenas porque o Furlan é meu companheiro e foi meu ministro, e eu tenho até uma certa pena do Furlan e da Ana, porque quando o Furlan estava no Ministério a Ana vivia dizendo que o Furlan trabalhava demais e pediu para ele sair do governo, para dedicar um pouco mais de tempo a ela, e eu acho que ela hoje está com saudade do tempo em que o Furlan trabalhava no governo, que trabalhava menos do que está trabalhando na Sadia hoje. Não que trabalhava menos, é que a Sadia está exigindo muito mais dele do que eu exigia.

Bem, eu estou aqui também pelo significado do dia de hoje. Imaginar uma fábrica surgida em Santa Catarina há 60 anos, uma fábrica que exporta para mais de 100 países, uma fábrica que poderia construir mais uma em Santa Catarina, ou em São Paulo, ou no Paraná, uma fábrica que já tem nome nacional e internacional reconhecido, essa fábrica escolhe o estado de Pernambuco e uma cidade de Pernambuco para implantar a sua planta mais moderna nestes 60 anos de vida da Sadia. E, mais importante, é que o Furlan poderia ter feito como algumas pessoas costumavam fazer há pouco tempo: eu estou com um investimento grande numa cidade do Nordeste, tem uma crise econômica que nasceu no coração dos Estados Unidos, na Europa e no Japão, portanto, tem uma crise de crédito mundial, eu vou então suspender a construção dessa fábrica e vou deixar a economia voltar à normalidade, aí eu vou terminar o nosso investimento.

Se o Furlan tivesse feito isso, ele seria mais uma pessoa que teria ficado com medo de uma crise que a gente ainda não tem dimensão do tamanho e dos resultados que ela pode causar no mundo inteiro. O Furlan tomou uma decisão, na minha opinião, sábia, inteligente, de terminar a sua fábrica, colocar esses trabalhadores e trabalhadoras para trabalhar, eles trabalhando vão ganhar salário, vão virar consumidores dos produtos que eles produzem. E, portanto, quando essa crise terminar, a Sadia não terá que começar a construir, ela já terá a fábrica pronta, funcionando, e ela vai poder vender muito





mais para o Nordeste e aqui, para o Sudeste brasileiro.

Eu até vou ficar feliz, Furlan, no dia em que eu entrar em um supermercado lá em São Paulo e comprar um rolo desses, de mortadela, escrito “fabricado em Pernambuco”. Eu vou ficar, porque até então tudo o que a gente comprava era feito nas regiões Sul e Sudeste. Agora, quem sabe, o Sul e o Sudeste vão poder experimentar a lingüiça, o apresuntado e a nossa mortadela com o sabor nordestino, com o tempero nordestino.

Eu não tenho dúvida de que a decisão da Sadia foi uma decisão acertada, foi uma decisão de coragem, foi uma decisão de um homem que sabe que mesmo enfrentando momentos difíceis, em vez de parar e ficar chorando como alguns, levanta a cabeça, porque acredita que a única forma que nós temos que vencer as crises que se apresentam diante de nós é a gente ter mais coragem do que a crise e enfrentá-la de cabeça erguida, trabalhando mais e investindo mais, porque esta é a solução.

Essa não é uma crise, Eduardo, que a gente tenha que fazer contenção de despesas. Tem uma crise, vamos fazer contenção de despesas, vamos fazer um ajuste fiscal. Não. Essa crise, para que a gente a vença, nós temos que fazer mais investimentos, nós temos que gastar dinheiro com coisas que gerem projetos de infraestrutura, que gerem empregos e que gerem uma credibilidade na sociedade, de que nós estamos fazendo a coisa certa.

Vocês estão lembrados que no dia 22 de dezembro eu entrei em rede nacional de televisão para falar da crise e para pedir para o povo consumir, para pedir para o povo comprar. Porque a crise é uma coisa absurda: ela é real, ela existe, ela é mais forte na Europa, nos Estados Unidos e no Japão. Ela começa a incomodar o Brasil em que momento? Ela começa a incomodar o Brasil na hora em que o crédito internacional, que muitas vezes financiava as grandes empresas brasileiras desaparece, e aí essas empresas grandes vêm buscar dinheiro aqui dentro, e aí nós não temos o dinheiro todo para emprestar, como as pessoas desejavam. Ou seja, 30% do crédito brasileiro era tomado no



exterior. Na medida em que esse crédito desaparece, esses 30% de tomadores vêm para dentro do Brasil, significa que é preciso arrumar mais crédito para atender aqueles que já pegavam aqui e aqueles que vieram pegar. Esse é o primeiro problema.

O segundo problema que nós temos, da crise, são as exportações. Certamente, se os chineses não quiserem importar tudo o que importavam de nós, se os americanos, que têm uma crise profunda, não quiserem importar tudo o que importavam de nós, certamente que o setor exportador vai deixar de vender um pouco daquilo que vendiam. E, por isso, nós estamos tomando medidas para que uma parte desse prejuízo que a gente possa ter com as exportações, a gente tenha aqui no mercado interno o povo comprando. Foi por isso que a primeira medida que nós tomamos foi a medida de resolver o problema do crédito para a indústria automobilística. Sabem por quê? Porque ela significa 24,5% do PIB industrial, que vai da empresa que produz o carro ao borracheiro que está aqui na rua de Vitória de Santo Antão, trocando pneu de carro ou pneu de caminhão.

A segunda coisa que nós fizemos foi tentar facilitar o capital de giro para a pequena e média empresa. Aqui, por exemplo, no estado de Pernambuco, o setor de fruticultura da região de Petrolina, nós fizemos, acho que o BNB fez também, um alongamento da dívida deles, para que eles não precisem pagar agora, porque exportavam frutas para a Europa, para o Japão. Na hora em que eles param de comprar, e eu acho que eles vão voltar a comprar logo, porque eu não esqueço o dia em que eu encontrei com o Primeiro-Ministro japonês, o primeiro-ministro chamado Koizumi.

O Japão, Eduardo, fazia 28 anos que não importava manga do Brasil, por causa da chamada “mosca do fruto”, ou o “bicho da mosca”, sei lá. Mas era a mosca do fruto. E o Furlan me contou isso, o Furlan era ministro e me contou: “Lula, faz 28 anos que a gente quer vender fruta para o Japão e eles não compram por causa do bicho da mosca.”



Aí chega o ministro, senta na minha mesa, a primeira coisa que eu mandei fazer foi buscar uma tigela de manga. Uma tigela de manga cortada e uma tigela de manga inteira, para ele ver a cor da manga. Aí pedi para ele experimentar, ele falou: “gostoso!” Eu falei: “Gostoso? Mas faz 28 anos que vocês não compram da gente. Pode começar a comprar.” Ou seja, dois meses depois saiu o primeiro carregamento de manga aqui de Petrolina para o Japão.

Eu acho que eles não vão conseguir viver muito tempo sem as delícias das coisas que eles importam de nós. Mas de qualquer forma, nós temos que olhar isso com atenção, nós temos que dinamizar a economia em outras áreas, para que a gente não sofra os efeitos da crise no mercado interno. É por isso que nós tomamos uma decisão: nós não vamos parar uma obra do PAC. O Eduardo Campos sabe, o prefeito de Pernambuco [Recife] sabe, que a ordem é não parar nenhuma obra. E aquela que puder trabalhar em dois ou três turnos, nós temos que trabalhar, porque esse período é o período em que a crise se apresentou mais forte nos Estados Unidos, na Europa e no Japão, e ela pode trazer resultados para cá.

Eu acho que o período mais difícil nós já vivemos em outubro, novembro, dezembro e janeiro. Se vocês atentarem, o número de empregos do Caged do mês de fevereiro, já não foi negativo, foi positivo. Nove mil empregos a mais foram criados no mês de fevereiro. É pouco, mas é um sinal extraordinário.

E o Eduardo Campos sabe que a economia do Nordeste, nos próximos dez anos, será outra economia. Imaginem que daqui a uns dois meses eu vou fazer uma visita ao estado de Pernambuco outra vez, ao estado do Ceará e ao estado do Piauí, onde vai passar o corredor central da Transnordestina.

Eu fui visitar a Transnordestina, sabe prefeito, que era um sonho do Miguel Arraes. Na campanha de 89, no aviãozinho, saindo do Crato, o Arraes falava para mim: “Lula, se você ganhar faz essa ferrovia, recupera ela”.

Pois bem, nós, agora, depois do BNB me enrolar não sei quanto tempo,



depois do BNDES me enrolar, porque esse pessoal é bom mas enrola a gente, ou seja, a gente acorda, dá o dinheiro, e quando a gente pensa que deu o dinheiro, passam seis meses e o dinheiro não saiu ainda. Não sei que povo para gostar e ficar sentado em cima de dinheiro...

De forma que eu fui lá visitar agora. Fui visitar com o Eduardo Campos, com o governador Cid, do Ceará, e com o Wellington. E assumimos um compromisso: o BNDES e o BNB liberam o dinheiro e a gente, em vez de trabalhar num lote de 100 Km, com mil trabalhadores, nós vamos fazer seis lotes de 100 Km, contratando 6 mil trabalhadores para a gente inaugurar essa ferrovia antes de eu deixar a Presidência da República. Nós temos o dinheiro, temos a vontade política e temos a necessidade de fazer essa ferrovia.

Eu ainda virei aqui inaugurar o Estaleiro Atlântico Sul, que vai produzir navios do tamanho de Pernambuco, grandes. Vamos ser francos, quando vocês imaginaram que ia ter um estaleiro grande aqui em Pernambuco, produzindo grandes navios?

Eu ainda vou vir inaugurar, nem que seja a primeira parte dessa refinaria, ainda em 2010, além de outras obras. O Eduardo está fazendo uma obra que, em Recife, nunca mais uma dona de casa vai abrir uma torneira e vai dizer: "Faltou água", que é uma coisa crônica na capital do estado, que ninguém nunca cuidou. Pois bem, nós vamos resolver o problema da água em Recife, para que ninguém, sobretudo as meninas e os meninos de 14 e 15 anos, não encontrem como desculpa não tomar banho porque não tem água, porque às vezes não toma porque não quer tomar mesmo. Ou seja, vai ter água para todo mundo tomar banho.

E isso demonstra o quê? Demonstra que o Nordeste começou a crescer uma coisa que há muitos anos não crescia. Furlan, tem gente que fala mal do Bolsa Família, são R\$ 80,00, R\$ 90,00, R\$95,00, R\$ 65,00, e tem gente que acha ruim, tem gente que fala que é esmola. Eu acho que para o cidadão que pode entrar em um hotel cinco estrelas, e o cara pode dar de gorjeta, depois de



tomar os seus uísques, R\$ 100,00, não é nada. Mas dê R\$ 100,00 na mão de uma mãe para você ver a multiplicação dos pães que ela faz, com R\$ 1.000,00 [R\$ 100,00?] para comprar comida para casa.

É isso que uma parte da elite brasileira não entende. É isso que uma parte da elite brasileira não enxerga. Acabou aqui, Furlan, uma coisa que todos nós vivemos, que eram as frentes de trabalho. Os coitados dos governadores e dos prefeitos, bastava vir a seca: “frente de trabalho”. Frente de trabalho pagava R\$ 30,00 por mês para um trabalhador ficar batendo enxada, de um canto para o outro, sem produzir nada. Acabou, faz alguns anos que a gente não ouve falar na palavra “frente de trabalho”, por causa da seca no Nordeste. Porque as pessoas não estão tendo tudo o que merecem, mas as pessoas estão tendo tudo que nunca tiveram neste país, que é o respeito que se tem pelo povo pobre deste país, é a consciência de que o Brasil não pode ser governado apenas para aqueles que podem viajar de avião. O Brasil não pode ser governado apenas para aqueles que conseguiram ter acesso a um diploma universitário. O Brasil não pode ser governado apenas para aqueles que conquistaram a cidadania. É preciso que os homens políticos deste país olhem para aquela parte da sociedade que está esperando uma oportunidade. E quando as pessoas têm uma oportunidade, as pessoas vão longe.

O Furlan me apresentou o diretor responsável por essa planta aqui, o diretor industrial, eu estou vendo ele ali, como é o nome dele? O diretor da... Um diretor da empresa que cuidou de acabar essa empresa aqui. E eu dizia para ele: “Olha, você vai ter uma surpresa. Você vai lidar com o trabalhador nordestino, você vai lidar com gente pobre, gente que, muitas vezes, nunca pensou em trabalhar em uma fábrica, meninas e meninos, você vai trabalhar. E qual é a surpresa que você vai ter? É que você vai ver uma criatividade que muitas vezes você não vê na cabeça de alguém que estudou muito neste país. Segundo, você vai ver uma capacidade de trabalho que em outras regiões as pessoas já perderam. Você vai ver à vontade”. E ele começou a falar comigo,



Furlan, eu senti que se eu continuasse a conversa, ele ia chorar. Porque, na verdade, você pega a maioria desses meninos que estão aí, que vão trabalhar aqui dentro, você pega aquelas meninas que estão ali dentro, essas pessoas nasceram, são filhas de mãe sofrida, de pai sofrido, nunca tiveram a oportunidade de falar: “Eu sou gente. Eu trabalho dignamente, ganho um salário e vou cuidar da minha família, para o meu filho ser muito mais gente do que eu”.

Porque aqui, Furlan, nesta terra... E essa terra, muitas vezes, no final de ano, enquanto muita gente está comemorando a festa de Natal, a festa de Ano Novo, a festa disso ou daquilo, aqui neste Nordeste tem muita gente que não sabe onde está o filho. E, muitas vezes, as pessoas que vão para o Centro-Sul não escrevem para cá e não voltam para cá porque, muitas vezes, não deram certo, e as pessoas não querem mostrar para a família que estão pior do que quando estavam aqui. Essas pessoas aqui, esse pessoal é calejado de sofrimento, Furlan.

Então, quando uma empresa como a Sadia toma uma decisão de dizer: eu vou lá em Vitória do Santo Antão, vou montar uma empresa, vou chamar os trabalhadores rurais, eles vão produzir a carne que nós precisamos... Porque vai ter um dia que vai ser tudo produzido aqui, as vaquinhas falando “oxente”, berrando diferente das vaquinhas do Sul... Vocês vão ver a galinha diferente. Vai ser tudo melhor, Furlan. E eu posso dizer, Furlan, nós vamos viver ainda pelo menos uns 20 anos, eu posso te dizer uma coisa: você e a diretoria da Sadia ainda vão ter muito orgulho do dia em que vocês decidiram escolher este estado e esta cidade para fazer essa fábrica.

E hoje eu vim aqui para dizer o seguinte: se tem crise, que venha. Venha, vamos enfrentar a crise. Nós vamos enfrentá-la de cabeça erguida, vamos enfrentá-la criando alternativas. Porque se um Presidente da República não faz isso, se eu pegar os jornais de manhã e ler, eu me deito embaixo da cama, não tenho nem vontade de sair. Tem horas em que eu penso que o País



acabou. É verdade!

Eu estava em um jantar, um dia desses, e tinha alguns empresários e muita gente reclamando da crise. Aí, um empresário, que tem shopping em seis estados do Nordeste, falou assim para os empresários: “Por que vocês não vão lá para o Nordeste? No meu shopping nós estamos vendendo mais do que estamos vendendo no Rio, mais do que estamos vendendo em São Paulo, mais do que estamos vendendo no Rio Grande do Sul. Sabe por quê? Porque o povo nordestino aprendeu a ganhar um pouco mais, aprendeu a conquistar cidadania, aqui teve mais emprego, aqui as pessoas estão em um processo de inclusão que nenhum outro estado está”.

É por isso que nós vamos fazer mais uma refinaria. A refinaria do Maranhão, Furlan, é para 600 mil barris de petróleo. A refinaria de Fortaleza é para 300 mil barris de petróleo. Eu quero ver como será esse Nordeste, porque atrás de uma refinaria em Pernambuco vem um pólo petroquímico, atrás de um pólo petroquímico vem outras empresas. E a gente vai perceber que daqui a 10 ou 15 anos, a gente vai ver isso aqui e vai perguntar: “será que eu estou no Nordeste ou estou em São Paulo?”

É. Porque isso aqui, isso aqui passou muito tempo encruado. Muito tempo. Não sei se vocês já perceberam, uma árvore que vocês plantam em uma terra ruim, e ela fica, fica murcha, ela não cresce, as folhas enrugam, aí você pega, coloca um pouco de adubo, sabe, coloca um pouco de adubo. Tem gente que quer enterrar adubo no caule. Não. Adubo é colocado na sombra da copa. Coloque bastante adubo ali, coloque água, faça um tratamento da terra, e você vai ver que aquela árvore vai desabrochar e vai crescer. É o que está acontecendo no Nordeste. O Nordeste desabrochou.

Portanto, Furlan, hoje você me deu um prazer. O Eduardo Campos me dá uma alegria tremenda, porque este estado aqui merecia viver o que está vivendo. Foi muito tempo de encruamento, muito tempo.



Primeiro, quando o governador não gostava do Presidente, o Presidente não gostava do governador e não mandava nada para cá. Era. Teve um tempo em que se não gostava do prefeito, morria à míngua. No nosso governo, eu não quero saber se o prefeito é do DEM, não quero saber se o prefeito é do PSDB, não quero saber de que partido é o prefeito. Eu quero saber se ele é o representante do povo e, se o povo tiver necessidade, será atendido igualzinho a se fosse do PT, do PSB, do PC do B. Eu sei que os prefeitos, agora, estão todos agoniados porque está diminuindo o FPM. Está diminuindo. Agora veja: se cai a receita do governo federal, vai cair a receita do governo estadual e vai cair a receita municipal. Isso é um problema.

E, minha querida prefeita, fique certa de que estou levando os seus sinais aí. Todos os sinais que você fez para mim, eu estou levando para Brasília, porque nós vamos estar atentos, porque nós sabemos que se a prefeitura não estiver bem, o povo também não está bem. Então, nós precisamos ajudar para que as prefeituras tenham o mínimo de capacidade de investimento. Se cada prefeitura tiver capacidade de investimento, vai facilitar a vida do governador, o governador vai chorar menos para o Presidente, vai facilitar a vida do Presidente e vai sobrar mais dinheiro para a gente fazer as coisas.

E, eu vou terminar dizendo o seguinte: Furlan, eu estou chegando em Brasília quarta-feira. Quarta-feira nós vamos dar mais uma resposta para essa crise: nós vamos anunciar um projeto de construção de um milhão de casas populares nesse país, para quem ganha de zero a dez salários mínimos.

É o maior programa habitacional já anunciado neste país. Estou pedindo a Deus que os prefeitos, que os governadores e que as empresas tenham capacidade de utilizar os recursos que serão disponibilizados para que a gente possa construir. Se um programa como esse der certo, quem vier depois de mim não pode fazer mais um milhão, tem que fazer um projeto de dois milhões, de três milhões, para a gente poder resolver o problema deste país.





Portanto, meus companheiros de Vitória de Santo Antão, meu caro prefeito Elias, meus companheiros de Pernambuco, eu quero dizer para vocês que não tem nada mais gostoso para um Presidente da República do que começar uma segunda-feira, depois do Corinthians ganhar do Santos, vir aqui ao meu estado, a Vitória de Santo Antão e, em vez de ver uma garrafinha de Pitu, a gente ver um rolão de mortadela de três quilos.

Obviamente, certamente, o Furlan não vai falar isso, para a imprensa não escrever. Mas, certamente, o Furlan veio aqui tomou uma “Pituzinha” gelada, e ele falou: “uma Pitu com uma mortadela, vai dar jogo. Eu vou investir aqui, porque aí nós vamos ganhar mais.”

Um abraço gente. Que Deus abençoe o povo brasileiro, o povo de Pernambuco e o povo de Vitória de Santo Antão.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de abertura da 1ª Mostra Nacional de Desenvolvimento  
Regional e assinatura do Compromisso Mais Nordeste pela Cidadania  
Salvador-BA, 24 de março de 2009**

Meu querido companheiro governador do estado da Bahia, Jaques  
Wagner,

Meu querido companheiro ex-governador da Bahia, ex-ministro da  
Previdência, ex-ministro da Defesa, companheiro Waldir Pires,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa  
Civil,

Geddel Vieira Lima, da Integração Nacional,

Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

José Gomes Temporão, da Saúde,

Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

Guilherme Castro, do Desenvolvimento Agrário,

Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Mangabeira Unger, da Secretaria de Assuntos Estratégicos,

Senhores embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo,

Senhor Edmundo Pereira Santos, vice-governador da Bahia,

Deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,

Meus queridos companheiros governadores Marcelo Miranda, do estado  
do Tocantins; Marcelo Déda, do estado de Sergipe; Teotônio Vilela, de  
Alagoas; Luiz Henrique da Silveira, de Santa Catarina, Wilma de Faria, do Rio  
Grande do Norte; Wellington Dias, do Piauí, José Maranhão, da Paraíba;  
Francisco Pinheiro, governador em exercício do Ceará; Luiz Carlos Porto, vice-  
governador do estado do Maranhão.

Senadores Cezar Borges e João Durval,



Companheiros deputados federais e companheiras deputadas federais,  
Meu caro João Henrique, prefeito da cidade de Salvador,  
Senhores representantes de organismos internacionais,  
Meu caro Norberto Odebrecht, presidente do Conselho Curador da  
Odebrecht,

Senhores presidentes de associações de municípios e demais prefeitos  
aqui presentes,

Meus companheiros que estão aqui representando as mesorregiões,  
tomando conta das suas barracas, das suas feiras, que é a razão deste  
encontro aqui.

Meu querido maestro Humberto Carlos Dantas, e da Orquestra  
Filarmônica de Cruzeta, no Rio Grande do Norte. Eu, quando chegar a Brasília  
vou ver se a Guarda Presidencial aprende a tocar esse dobrado “Luiz Inácio  
Lula da Silva”, e vou mandá-la tocar para a dona Marisa todo dia acordar com o  
dobradinho “Luiz Inácio Lula da Silva”, o que vai ser inesquecível.

Creio que esta 1º Mostra Nacional de Desenvolvimento Regional não  
poderia ocorrer em outra hora. Meu caro Geddel, eu, quando fui convidado  
para participar do Encontro do Território da Cidadania, ontem, eu achei que era  
mais um daqueles encontros chatos que às vezes me convidam, só para ouvir  
discursos. Mas eu fiquei impressionado, não apenas pela qualidade do serviço  
já prestado pelo Território da Cidadania, mas fiquei alucinado pela  
apresentação da diversidade cultural que nós vimos ontem, das regiões deste  
país.

E hoje eu pensei: será que esse Geddel sabe fazer feira? O cara passou  
a vida inteira brigando política [politicamente] aqui, na Bahia, e eu pensei: eu  
vou lá, mas eu tenho que ir lá porque ele e o Wagner... Eu pensei que você e o  
Wagner também estavam brigando, mas... O tanto que o Wagner falou de você  
nessa tribuna, nem você falou de mim. Não sei que briga é essa... No meu



estado...

Eu confesso a vocês que quando eu entrei acho que no salão de baixo, para ver a exposição, a primeira casa com a qual eu dei de encontro, Luiz Henrique, foi uma casa de Santa Catarina. E depois visitei... não sei se visitei todos os estados, mas quase todos os estados. O Geddel sempre reclamando que a minha segurança tinha proibido eu ir ali e acolá, disseram que eu não podia visitar o Pirarucu, que o peixe ia me comer, de tão grande que é.

Mas eu saio daqui realizado como homem, como brasileiro e como Presidente da República. Saio realizado porque uma feira como esta, ela demonstra a arte do possível, ela demonstra o resultado da política correta, ela demonstra o que significa a oportunidade dada às pessoas. E ela significa um modelo de desenvolvimento que muitas vezes os companheiros da imprensa não têm nem culpa, porque a gente, às vezes, está preocupado com as grandes futricas do País e não com as grandes realizações que acontecem no País, isso faz parte do cotidiano.

Eu até disse ao companheiro Geddel que seria importante ver se consegue, naquele programa Globo Rural ou em outro programa, naquele programa do Sebrae, mostrar esta feira por dentro, mostrar as pessoas fazendo negócios, mostrar os anos de experiência, mostrar a crença e a confiança da cara das pessoas. Não é da cara do Presidente ou da cara do Geddel, não é da nossa cara. Nós somos políticos e as pessoas podem até dizer: “Bom, mas político é assim mesmo, ri à toa”. Agora, é importante ver a alegria da cara das pessoas que fizeram os produtos que estão aí para serem vendidos. É a cara deles que importa para nós.

E este país, o companheiro Mangabeira está andando muito pelo país agora, e ele percebe que se não fosse o descaso a que este país foi submetido durante décadas e décadas, se as pessoas olhassem para um país de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, se as pessoas olhassem para um país de 190 milhões, e não apenas para 35 ou 40 milhões, certamente este



país já estaria pronto a muito mais tempo.

Vocês sabem que é sempre mais difícil a gente reformar uma casa do que fazer uma nova. É sempre mais difícil. E o País, que teve picos extraordinários, teve decréscimos inimagináveis. Este país passou praticamente uma geração e meia sem que as coisas acontecessem neste país.

Se nós quisermos olhar os últimos tempos, nós vamos perceber que este país ficou praticamente 25 anos sem nenhuma obra... Esse papel que eu pedi não é esse. Lamentavelmente, os meus companheiros, por engano, me deram os papéis errados, com tantos que eu dou na mão deles.

Este país, se tivesse sido olhado com carinho, com as suas diferenças culturais, com as suas diferenças sociais, se as pessoas se lembrassem que existiam os quilombolas neste país, que existiam comunidades indígenas, que existiam trabalhadores que já tinham terra e, por terem terra, eram esquecidos nos grotões do nosso país. Este país que tinha na seca uma indústria de enriquecimento dos donos de caminhão-pipa. Este país que tinha na miséria, possivelmente, o cabo eleitoral maior de alguns políticos que utilizavam a miséria como forma de se perpetuarem no poder.

Bem, como eu falei da assessoria, era bom você não vir aqui, para ninguém saber que você é meu assessor, rapaz. Porque... Está bom. Faça um pouquinho de aprendizado político aqui, para não se expor tanto assim.

Este país poderia ter sido diferente. Uma coisa engraçada é que eu disputei as eleições de 1989, e quando eu terminei aquela eleição, eu me dei conta de que um dos poucos presidentes da República que viajou este país, tinha sido Juscelino Kubitschek. Eu me dei conta de que em cada lugar que eu chegasse, seja em Paraopeba, no Pará, seja em Maués, na Amazônia, seja em Oriximiná, no Pará, alguém falava: “Em 1950, o Juscelino veio aqui com um aviãozinho daqueles que pousava dentro da água. Mas depois os políticos desaprenderam a andar o País”.



Muitas vezes o presidente vai da capital para o seu estado natal. Para o Rio de Janeiro, que é sempre muito importante, as pessoas vão. Ou seja, e as pessoas não se entranharam para conhecer a plenitude da nossa gente. Isso faz um diferencial extraordinário. Eu resolvi em 1991 fazer as Caravanas da Cidadania. Foram, praticamente, 91 mil quilômetros de trem, de barco, de ônibus, percorrendo, conversando, ouvindo, recebendo nota, recebendo pauta de reivindicações. Isso possibilitou que nós pudéssemos ter uma dimensão maior, dessa imensa nação, de oito milhões e meio de quilômetros quadrados, de quase 16 milhões [16 mil quilômetros] de fronteira seca, de oito mil quilômetros de costa marítima. Um País com metade da população, ou mais da metade, passando privações e uma outra parte vivendo como se morasse na Europa, nos Estados Unidos. Às vezes ganhando mais, porque a ostentação de alguns no Brasil é infinitamente maior do que em outros lugares. E eu tinha consciência de que não era fácil a gente reverter esse quadro.

Esses governadores que estão aqui, eu tenho certeza que todos eles, nos seus estados, têm exemplos de políticas de desenvolvimento microrregionais extraordinárias. Mas a gente ainda não consegue saber, porque não conseguimos dar dimensão nacional e visibilidade para tudo. Eu não sei quais as boas políticas que existem no Tocantins, em Alagoas, na Paraíba, em Santa Catarina, em Sergipe, na Bahia. Você sabe quando conversa com o governador e ele te conta alguma coisa, mas tem muito mais coisas acontecendo e que muitas vezes nós, governantes, não sabemos, a imprensa não sabe, as universidades não sabem, então, nós não conseguimos transformar tudo aquilo em políticas públicas do Estado brasileiro e, esta feira, Geddel, está possibilitando isso.

Quando terminar esse ato aqui, essa parte chata, que é o discurso que nós fazemos, vocês vão descer. Vocês conhecem praga de urubu? O general foi lá ver o Pirarucu e tomou um banho de suor aí. Pois bem, vocês vão descer e passear naquela feira, mas não fiquem com pressa, não. Eu, o meu passeio



é sempre desagradável, porque tem que ficar posando para eles aqui, para imprensa, porque político não pode ver uma máquina... Abriu uma geladeira, político está rindo achando que é televisão. Ligou o barbeador, mete um discurso, achando que é o microfone. Então vocês... Na verdade eu não consegui ver a feira direito, porque tem que posar para foto, tem que fazer um monte de coisa, mas visitem com calma, para vocês verem quantos países no mundo têm a diversidade cultural e a riqueza que tem este país. Vejam o que esse povo é capaz de produzir.

Geddel, eu quero te dar os parabéns e pedir desculpas porque, esse negócio no Brasil, às vezes a gente faz juízo de valor das pessoas, antes de conhecer as pessoas, e eu que achava que você não ia ter condições de fazer uma feira. Eu acho que você daqui para frente tem obrigação de todo ano escolher um estado e fazer essa feira, porque eu acho que é a oportunidade desses companheiros, milhares de homens e mulheres pelo País afora poderem dizer a todos nós: “Eu existo, eu trabalho, eu crio, eu invento. Agora, eu preciso que alguém me veja”. E vocês, por favor, ao visitar, ponham a mão no bolso e comprem alguma coisa também, porque só visitar não vai dar certo.

Mas, eu acho que sou um dos poucos políticos do mundo que peço desculpas. Quando eu falei mal da minha assessoria, eu vi que o papel estava aqui embaixo. Então, está redimida a assessoria. E eu vou dizer uma coisa para vocês, porque as coisas estão acontecendo.

Geddel, o BNB está subordinado ao seu Ministério, e o Basa. Ontem eu fui a Recife, inaugurar a primeira parte do metrô de Recife e estava lá o companheiro Roberto Schmidt, presidente do BNB. E ele me contou uma coisa que eu fiquei assim, eu diria... eu não podia estar imaginando aquilo. Ou seja, ele disse que quando pegou o banco, o banco só tinha capacidade de investimento de R\$ 260 milhões. O ano passado, o banco emprestou R\$ 13 bilhões, e os pedidos para 2009 são R\$ 14 bilhões, só do Fundo Constitucional.

Então, eu fico me perguntando: onde estava o dinheiro deste banco



antes de 2003? Por que as pessoas que reclamavam tanto da falta de recursos não o utilizavam? Bom, houve alguém que até achou que tinha que fechar tudo, ou seja, se tem ladrão, fecha tudo, como se a gente jogasse a criança com a água junto. Nós recuperamos a Sudene, o BNB está adotando capacidade de empréstimo, o Basa está sendo recuperado, o BNDES este ano ganhou R\$ 100 bilhões a mais para fazer financiamento.

Mas não é apenas isso. É que o Basa está emprestando 10 vezes mais do que emprestava, a Petrobras está investindo 10 vezes mais do que emprestava [investia]. Muita gente fala assim: “Mas esse Lula está achando petróleo porque Deus ajuda”. Não é Deus ajuda. Deus ajuda a todos nós. É porque a Petrobras, em pesquisa e prospecção, ela simplesmente saiu de 500 milhões/ano para 2 bilhões e meio/ano. Em pedra dura, água mole tanto bate que um dia fura. Por isso é que agora, no dia 1º de maio, nós vamos tirar o primeiro barril de petróleo do pré-sal, a 6 mil metros de profundidade. E as pessoas acham ruim porque nós estamos demorando para fazer o marco regulatório, porque as pessoas queriam que ficasse do jeito que estava. Não! Nós vamos fazer o marco regulatório para que as pessoas saibam que esse petróleo nem é da Petrobras, esse petróleo é da União, portanto é do povo brasileiro. E nós precisamos utilizar essa parte do petróleo que ainda não estava leiloada pela agência, para que a gente destine uma parte desse dinheiro para cuidar da educação neste país, e para cuidar da pobreza neste país.

Mas vamos ver porque as coisas estão acontecendo no Nordeste brasileiro: 52% de todos os beneficiários do Bolsa Família são aqui do Nordeste, e só a Bahia tem 1,490 milhão de famílias recebendo o Bolsa Família. Quarenta e quatro por cento de todo o orçamento do MDS – cadê o Patrus Ananias? Quanto que é o orçamento do MDS? Quanto? Então, 44% de R\$ 33 bilhões são aplicados pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome aqui no Nordeste brasileiro. Das 29,3 mil equipes do





Programa da Saúde Família, 12 mil estão no Nordeste, representado 70% de cobertura. É exatamente no Nordeste a maior cobertura do Programa Saúde da Família. Três milhões e oitocentas mil pessoas no Nordeste foram beneficiadas pelo Programa Luz para Todos até fevereiro de 2009, correspondendo a 40% do total dos beneficiários. Já tem vários estados do Nordeste que já conseguiram universalizar, vários estados. Não sei se Sergipe já conseguiu universalizar, não sei se a Bahia já conseguiu universalizar, mas eu sei que o Rio Grande do Norte acho que conseguiu universalizar, acho que a Bahia, acho que Pernambuco conseguiu universalizar, ou seja, e nós queremos até 2010 resolver o problema de luz para todos. Porque vocês sabem que o Programa Luz para Todos é você tirar uma pessoa do século XVIII e colocá-la no século XXI, ou seja, você tira ela do carro de boi e a coloca na frente de um computador em 30 segundos. Ou seja, é quase que um milagre e nós vamos continuar fazendo isso.

O Plano Safra da Agricultura Familiar 2007/2008, 31% dos recursos estão no Nordeste, ou seja, R\$ 4 bilhões dos R\$ 13 bilhões. Vocês pensam que é pouco. Não é pouco não. Quando se anunciava o Pronaf, há 10 anos, 80% dos recursos iam para o Rio Grande do Sul, que é onde tinha gente mais organizada, onde tinha mais agricultura familiar forte, onde tinha cooperativa, então eles iam lá, pegavam o dinheiro. Aqui no Nordeste as pessoas não tinham o hábito de pegar dinheiro do Pronaf. Já estão conseguindo pegar no Nordeste, R\$ 4 bilhões. Se vocês conhecerem o Programa do Desenvolvimento Regional, dos companheiros do Banco do Brasil, vocês vão perceber uma revolução que está acontecendo fora do ministério do Geddel, fora do governo da Bahia, fora do ministério da Dilma, ou seja, é uma política do Banco do Brasil de cuidar das pessoas mais pobres neste país, já tem mais de um milhão, mais de um milhão de famílias, 1,25 milhão? Também cada dia você aumenta um pouco. Para, senão daqui a pouco tem mais gente do que a população. Vai devagar. 1,25 milhão de famílias que, com a ajuda do Banco do



Brasil, estão fazendo coisas extraordinárias pela parte mais pobre do nosso País.

Vinte e nove, dos 60 Territórios da Cidadania, implantados em 2008, estão no Nordeste, contemplando 499 municípios, Wagner. E 27, dos novos 60 Territórios que serão implantados em 2009/2010 – ontem implantamos um – estão no Nordeste, completando mais 425 municípios. Você soma 425 com 499, você vai ter, praticamente, 900 municípios do Nordeste contemplados com essa política do Território da Cidadania.

Além disso, aqui na Bahia, só do PAC, previsto de investimentos até 2012, Dilma, se eu falar e não for verdade, você fica quieta, se for verdade, você balança a cabeça, que é verdade, ou seja, nós temos R\$ 45 bilhões previstos de investimentos aqui para a Bahia.

Pois bem, para o Nordeste é muito mais do que isso, para os outros estados é muito mais do que isso e, agora, já não contente com tudo o que recebe, o Wagner me apresenta proposta de um projeto, levando aqui, a ponte atravessando até Itaparica. E ele já me disse que a obra custa mais de R\$ 1 bilhão. Certamente, certamente o projeto será olhado com carinho, com paixão e, certamente, Wagner, se eu não fizer, outro fará. Não posso prometer.

Bem, eu vou terminar dizendo o seguinte: vocês sabem que o desenvolvimento regional é uma coisa que está nas minhas entranhas. Eu acredito nisso como política de Estado. Eu acredito nisso como política de Estado envolvendo a União, o estado e o município. E nós, certamente, queremos estabelecer cada vez mais uma parceria entre os entes federados.

Eu já recebi hoje um pacote de notas de prefeitos. Eu sei que vocês todos estão comendo o “pão que o diabo amassou” com a queda do FPM, sei o que vocês estão passando. E a nós e ao governo federal não adianta o município estar mal, porque se ele estiver mal, ele vai se desestruturar, e o município é o primeiro pronto-socorro para atender a população. Por isso, quero dizer para vocês que nós vamos discutir com muito carinho essa questão



da situação dos municípios brasileiros.

Quero discutir com muito carinho, porque eu acho que nós vamos ter que encontrar uma solução. E todo mundo sabe que isso é resultado de uma crise que não nasceu no Brasil, de uma crise que aconteceu nos Estados Unidos, na Europa, no Japão, e que demorou mais para chegar aqui. O Brasil tem possibilidade, com o seu mercado interno, de dar a volta por cima. Vamos ficar sofrendo o problema das nossas exportações, vamos ficar sofrendo o problema da nossa relação com os nossos países parceiros de balança comercial, mas eu tenho certeza de que nós também vamos discutir saídas para isso.

A Dilma falou aqui, nós vamos anunciar, amanhã, 1 milhão de casas populares, dentro desse programa de reativar a indústria da construção civil, gerar empregos e melhorar a qualidade de moradias. Nós estamos discutindo a questão da renovação de geladeira, de fogão, de caminhão, de ônibus, ou seja, nós vamos criar condições para que essas indústrias, que significam muito do PIB industrial possam voltar a funcionar e a gerar empregos. Mas nós não podemos permitir que as prefeituras fiquem paralisadas.

Eu sei que tem muitos prefeitos novos, tem prefeito que tomou posse no dia 1º de janeiro, que já está amargando o cofre vazio, sei disso. Mas, de qualquer forma, nós vamos discutir isso, porque a solução dos municípios é a solução para o estado e a solução para o governo federal. Não existe possibilidade de alguém sozinho estar bem, ou todos nós estamos bem, ou isso aqui não é uma família, em que um pouco pode comer tudo e outro pouco pode ficar na janela olhando. Não, nós vamos tentar resolver esse problema. Estou indo para Brasília hoje à tarde, tenho uma reunião com o meu Ministro da Fazenda, o meu Ministro do Planejamento, para ver o que a gente pode tomar de medidas, porque o sufoco é muito grande.

No mais, eu vou dizer uma coisa para você, Geddel: você tenha a certeza de que eu saio daqui convencido de que esta feira é o começo de uma



nova era para milhões de brasileiros que estão no anonimato, sobrevivendo sem que a gente saiba que eles existem. Porque são pessoas que, muitas vezes, não se organizaram, não se formalizaram, mas estão sustentando a sua família, trabalhando dignamente. E você, com esta feira, uma feira mais ampla do que a feira que nós costumamos fazer, da agricultura familiar, você, com esta feira, abre para os olhos de todo o povo brasileiro a amostragem de uma riqueza incomensurável de um povo extraordinário e que nunca tinha tido a oportunidade.

Quero parabenizar o pessoal do seu ministério, que trabalhou; os parceiros que você construiu aí, para trabalhar, porque uma feira dessas dá dor de cabeça. Quando a gente chega na feira, que vê tudo pronto: “Ah, que bonito, que maravilhoso!” Mas a gente não sabe o trabalho que deve ter dado para montar uma feira como esta.

Então, meus parabéns a todos os funcionários que trabalharam nesta feira. Parabéns, Geddel. Parabéns, companheiro Jaques Wagner. E no ano que vem estaremos outra vez visitando a feira do Geddel.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
lançamento do Plano Habitacional**

**Palácio Itamaraty, 25 de março de 2009**

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,  
Meu caro amigo governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda,  
Nossa companheira Dilma Rousseff, ministra da Casa Civil,

Companheiros ministros Samuel Pinheiro Guimarães, das Relações Exteriores; Guido Mantega, da Fazenda; Marcio Fortes, das Cidades, José Pimentel, da Previdência Social; Edson Lobão, de Minas e Energia; Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão; Minc – eu queria pedir ao movimento organizado aí que, por favor, com toda essa boa vontade do Minc, vocês dessem um colete de presente para o Minc, porque esse colete verde dele está manjado já, gente, ele só vem com ele aqui; companheiro Luiz Barreto, do Turismo; Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário; José Múcio, da Secretaria de Relações Institucionais; Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social; companheiro Edson Santos, da Política de Promoção da Igualdade Racial.

Companheiros governadores aqui, começando com o Jaques Wagner, da Bahia; Luiz Fernando Pezão, governador em exercício do Rio de Janeiro; Eduardo Campos, de Pernambuco; Alcides Rodrigues Filho, de Goiás; Wellington Dias, do Piauí; Teotônio Vilela, de Alagoas; Binho Marques, do Acre; Marcelo Miranda, do Tocantins; e Anchieta Júnior, de Roraima.

Companheiros parlamentares aqui presentes: Romero Jucá, líder do governo no Senado; Renan Calheiros, líder do PMDB; Gim Argello, líder do PTB; Inácio Arruda, líder do PCdoB; nossa querida Ideli Salvatti, senadora; companheiro senador João Pedro; Leomar Quintanilha, ali presente; Valdir Raupp; Renato Casagrande.



Deputados Henrique Fontana, líder do governo; Ricardo Barros, vice-líder do governo; Henrique Eduardo Alves, líder do PMDB; Sandro Mabel, líder do PR; Mário Negromonte, líder do PP; Rodrigo Rollemberg, líder do PSB; Cândido Vaccarezza, líder do PT, Milton Monti, Luciano Castro, Fernando Marrone, Vilson Covatti, Benedito de Lira, João Bittar, Laurez Moreira; Paulo Rattes, Damião Feliciano, Alex Canziani, Dr. Paulo César, Paulo Pimenta, Paulo Pereira da Silva, Antônio Carlos Biffi, José Mentor, Wilson Braga, Reginaldo Lopes, Zezéu Ribeiro, João Carlos Bacelar, Assis do Couto, Celso Maldaner.

Nossa querida companheira Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,

Nosso querido Miguel Lobato, representante dos movimentos pela moradia, e demais companheiros do Movimento,

Companheiros representantes das centrais sindicais aqui presentes,

Empresários da construção civil,

Companheiros conselheiros do Conselho Curador do Fundo de Garantia,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu não vou fazer discurso, vou fazer comentários, para ver se quando eu deixar a Presidência, alguém me contrata como comentarista para a Rádio Iporanga, da terra do Wellington.

Bem, eu queria apenas pedir para vocês o seguinte: os governadores de estado, os prefeitos, os companheiros deputados e senadores, os companheiros do movimento social, seja de moradia, seja do movimento sindical, os empresários, aqueles especialistas que há muitos anos brigam para que a gente resolva com mais rapidez o problema habitacional, eu queria fazer um apelo a vocês: Não é a primeira vez, nem a última vez que eu lanço um programa no Palácio, neste aqui é a primeira vez, pela primeira vez na história



do Brasil, o Presidente da República está fazendo o lançamento de um programa social na aristocracia da diplomacia brasileira, na frente do Samuel.

Qual é a preocupação que eu tenho? Todo mundo aqui, meu querido Luciano Coutinho – que não colocaram você na nominata, um erro imperdoável para quem está precisando de dinheiro ágil e barato. Mas qual é a minha preocupação? Eu citei teu nome Pimentel? O Dulci citou também? Não, o Dulci não estava na nominata. Nem o Dulci, nem o Gregolin, nem o Marcelo Déda, talvez eu pulei para ser chamado à atenção e citar à parte.

Bem, qual é o dado concreto? O dado concreto é que todo mundo sabe que este é um programa arrojado. Não é pouca coisa o que nós estamos anunciando neste momento, além da política da habitacional que a Caixa Econômica vem fazendo normalmente. Isso é um programa adicional, é um programa quase que emergencial, como resposta de um lado para cumprir um enfrentamento à crise econômica mundial, resolver parte dos problemas da moradia de alguns brasileiros e, ao mesmo tempo, fazer com que a gente gere muitos empregos, para gerarmos renda e para gerarmos uma movimentação maior na economia brasileira. Todo mundo sabe que esse é o objetivo.

Antes, na primeira consulta que nós fizemos, previa-se lançar 200 mil casas. Quando me falaram em 200 mil casas, eu falei: não, nós precisamos pensar maior. Pensou-se em 500 mil casas. E eu falei para a Dilma: você diga para o ministro Guido Mantega que não são nem 200, nem 500, serão 1 milhão de casas. É um desafio. É um desafio que, a princípio, nós imaginávamos que fosse possível cumpri-lo em dois anos. Não tem limite, não tem data. Portanto, ninguém me cobre que nós vamos fazer um milhão de casas em dois anos. Eu gostaria que os empresários brasileiros estivessem estruturados, gostaria que os nossos bancos altamente estruturados, gostaria que os projetos dos prefeitos estivessem prontos, gostaria que os dos governadores estivessem prontos, porque se tudo estivesse pronto, se a gente tivesse a regularização fundiária feita, se a gente já soubesse quais os terrenos das prefeituras, se a



gente já soubesse quais os terrenos nos estados, se a gente soubesse, definitivamente, se tivesse tudo arrumado, nós poderíamos fazer em dois anos, ou um pouco mais. Mas nós temos consciência de que quando lançamos o PAC, no dia 22 de janeiro de 2006, e resolvemos chamar os companheiros prefeitos e governadores, para a gente conversar as prioridades, nós descobrimos uma coisa extraordinária: todo mundo era especialista na necessidade. Mas todo mundo estava despreparado para ter os projetos prontos. Até porque o pessoal vinha de um momento histórico do Brasil, em que o governo federal nunca tinha dinheiro para emprestar e que as coisas eram feitas para criar dificuldade para que as pessoas não gastassem dinheiro.

Todo mundo aqui é lembrado de uma coisa chamada “fila burra”, na questão de saneamento básico. E aquilo foi feito em um momento histórico, talvez até bem pensando para que as pessoas não gastassem dinheiro, mas era assim: eu disponibilizava R\$ 5 bilhões para saneamento básico e entravam dois mil prefeitos na fila. Se o primeiro não tivesse projeto, estivesse tudo errado, eu não tirava ele da fila, ele ficava na fila para o segundo não pegar. Aí não pegava o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, ou seja, conclusão: terminava o ano, estava o primeiro sem direito, na fila e o segundo com direito, na fila. Ou seja, qual era o objetivo? Não liberar dinheiro.

Companheiros governadores, companheiros prefeitos, companheiros deputados e senadores, neste Programa nós não vamos ter problema de gastar, nós queremos gastar esse dinheiro, o quanto antes, melhor. O quanto antes melhor.

Vocês viram que na apresentação da companheira Dilma ela mostrou que nós vamos trabalhar com aquilo que nós temos de maior legitimidade, que é o censo do IBGE. Não é o discurso do governador meu amigo, ou o discurso do prefeito meu amigo ou a demanda de um deputado ou senador meu amigo, não. Nós vamos trabalhar com os critérios definidos pela instituição de maior credibilidade em pesquisa, que é o IBGE. E ele demonstra as necessidades de





moradias no Brasil, por cada região, por cada estado e dentro de cada estado, também as regiões. E nós sabemos as diferenças. Nós sabemos que nos grandes centros urbanos, sobretudo nas grandes regiões metropolitanas do País, é onde a gente tem mais dificuldade, porque tem mais gente concentrada, mais gente morando em condições degradadas e ao mesmo tempo é onde o terreno é mais escasso e mais caro. Por isso eu assinei uma medida provisória pedindo ao Congresso que trate isso como se tivesse tratando com carinho o filhinho de vocês que nasceu aí, o caçulinha. Porque essa regularização fundiária é que vai permitir que a gente possa utilizar, de um lado, as terras da União em disponibilidade para ajudar a baratear o custo dessas casas. Se os governadores tiverem uma área e puderem ceder, vai baratear também o custo da obra; se os prefeitos tiverem uma área, vai baratear o custo da obra. O que vai acontecer? Barateando o custo da obra, nós vamos ter dinheiro para fazer mais obras, vamos ter dinheiro, mais obras. Então, nós vamos fazer esse levantamento criterioso, distribuir de forma justa, proporcionalmente às necessidades de cada estado, de cada unidade da Federação e de cada cidade.

Ao mesmo tempo, é extremamente importante que os companheiros prefeitos e governadores... e seria muito melhor se os governadores organizassem, com os prefeitos, os projetos, e que esses projetos, quanto mais rapidamente chegarem à nossa Caixa Econômica, mais rapidamente eles poderão ser aprovados e contratados para a gente começar a fazer essas casas.

A gente não tem que se importar com o tempo. Eu gostaria que a gente terminasse em 2009, eu sei que não dá. Se não der em 2010, que vá para 2011. Mas também não pode demorar muito, porque senão a gente volta ao passado, em que se anuncia um megaprojeto, e aquele megaprojeto, depois, parece que a montanha pare um rato, um camundongo, porque o projeto não andou. Porque na teia de aranha da máquina pública brasileira, e não por



maldade da máquina pública, mas por maldade da sociedade brasileira, que a tornou assim, as coisas, cada teia daquela, cada nó é um empecilho para que a coisa funcione um pouco. Ou seja, nós precisamos evitar que os papéis fiquem correndo de mesa em mesa 60, 90, 100 dias. É preciso evitar. É preciso, porque senão o dinheiro vai ficando com cheiro de mofo.

E isso, em função das necessidades que vocês têm, é importante... Eu vou dizer uma coisa aqui, que o nosso companheiro do Incra... mas tinha gente comigo aqui, do governo, o Hereda estava junto. Eu, esses dias, fui ao estado de Rondônia, lançar um grande programa de título de terra, 2.400 títulos de terras, em um bairro muito pobre – a Alexandra estava comigo, lá –, em um bairro muito pobre de Rondônia. E lá eu descubro, porque o prefeito e os moradores me falaram, que naquela comunidade de Porto Velho tem 40 mil pessoas morando nos bairros pobres, área urbana, em que a terra é do Incra. Quarenta mil! Eu, esses dias, cobreí do companheiro Rolf em público, que é para ver se ele apressa. Talvez ele nem soubesse também, porque isso é coisa que vem amontoando há muito tempo.

Esses problemas e essa medida provisória é para a gente tentar resolver esse problema crônico, porque todo mundo sabe que enquanto um cidadão não tem o que ele chama de “escritura da terra”, ele tem medo de colocar alguma coisa lá e depois alguém vir tomar. Na hora em que ele tiver o título da terra, ele não vai ficar esperando nem o governo, se ele tiver condições, ele vai fazer a casinha dele, ele vai fazer por conta própria.

Agora, essa é uma coisa que nós estamos mandando para o Congresso, vamos contar com o apoio dos nossos deputados e senadores para a gente votar rápido, senão o processo começa a ficar encruado. A Caixa Econômica parece que está altamente preparada para, a partir do dia 13 de abril... Olha a elegância da nossa Presidente da Caixa... Para, a partir do dia 13 de abril a gente começar a funcionar a todo vapor.

Isso vai depender muito de prefeitos e governadores se juntarem para



apresentar o conjunto de obras. O único governador que tem mais sorte aqui é o Arruda, porque ele não tem prefeito, ele não vai ter que juntar prefeitos, são os administradores, que são menos desafortunados com ele do que os prefeitos eleitos, nos outros estados.

Mas, de qualquer forma, vai depender muito de vocês. Agora, nós precisamos de projetos, para que a gente comece a “desovar” – a palavra correta é essa – esse dinheiro que o Guido, com tanto carinho, resolveu liberar. Não pensem que ele pode ficar o tempo inteiro com essa boa vontade, porque daqui a pouco ele começa a dizer que o fluxo do Tesouro está se exaurindo e que, portanto, tem que fazer alguma coisa.

Bem, agora, para isso funcionar direito, é o seguinte: eu tinha falado com a Dilma Rousseff que este é um Programa que eu acho que foi importante ouvir todo mundo. Não teve ninguém que não foi ouvido, neste país, ou seja, o pessoal que mexe com o setor. A gente erra menos, a gente vai consertando coisas que às vezes o corporativismo quer que a gente faça só para um lado. Então, quando a gente ouve muita gente, a gente percebe que mesmo entre os interessados tem discordâncias, e aí você encontra o que chamamos “denominador comum”.

Pois bem, agora, companheira Dilma, eu não quero dar essa tarefa para a Casa Civil coordenar, porque eu não quero mais trabalho para a Casa Civil. O que eu quero, na verdade, é o seguinte: nós vamos precisar criar, Dilma, um comitê de gestão deste Programa. Um comitê de gestão que envolva um companheiro do movimento, que envolva um companheiro das centrais sindicais, que envolva um empresário, que envolva alguém do Congresso Nacional, que envolva um governador, que envolva um prefeito, para a gente tentar detectar, em tempo real, o problema. Porque às vezes, também, o companheiro não apresenta o projeto e fala assim: “O problema é da Caixa”. Mas nem projeto ele tem, o projeto não está bem-feito. Vocês conseguiram um milagre, que vocês deveriam agradecer a Deus, que foi o Minc se comprometer



que em 30 dias tudo isso vai estar pronto. Olha que moço simpático aí, que nos deu essa graça aí.

Bem, então, companheiros, olhem, eu acho que isso é um sinal extremamente importante para a gente enfrentar a crise. Vocês viram ali a política de seguros de vida que um dia alguém do movimento me ligou, ou me disse numa reunião: “Presidente, um cidadão mora em uma casa paga R\$ 85,00 de prestação e R\$ 85,00 de seguro de vida”.

Um velhinho como eu, se for comprar uma casa hoje, sabe qual seria o meu seguro de vida? Quanto que era Hereda? Trinta e cinco, trinta e seis por cento do valor da prestação da casa. Acha que tem lógica? E aí, de forma muito sabida, eles colocavam de 20 anos, o seguro foi baixinho. Não tem ninguém de 20 anos comprando casa. Quem compra casa somos nós de 30 anos, de 25, de 28. Quando o cara começa a pensar em casar, ele começa a pensar em uma casa. Mas de 20 anos está pensando em outra coisa, então o seguro era bem baratinho.

Então, gente, olhe: eu quero pedir a ajuda de vocês. Depois, obviamente, que ninguém vai convocar assembléia para escolher quem é o governador, não. Nós vamos escolher um governador, um prefeito, uma pessoa do movimento, uma pessoa das centrais sindicais, um empresário, um deputado e um senador, com gente do governo, para a gente fazer esse comitê gestor, junto com a Caixa Econômica Federal, para que a gente possa, em tempo real, teve um problema, a gente “in loco” tentar resolver esse problema, para não passar 30, 40 ou 50 dias para alguém encontrar comigo e falar: “Presidente, tal coisa não está funcionando.”

Então eu queria transferir responsabilidade, tornar coletiva essa responsabilidade. Vocês entendem mais de casa do que eu. Vocês vivem o problema mais de perto do que eu. Quem é xingado todo dia é o prefeito, não sou eu. Quem é cobrado todo dia e que faz as passeatas, é o movimento. Quem é xingado também, é o deputado. Eu, muitas vezes, por defesa de



vocês, fico até um pouco acima disso. Mas eu quero compartilhar com vocês a responsabilidade, porque se a gente executar um programa como esse, nunca mais este país terá medo de ser arrojado e este país perderá o medo de aprovar a PEC porque muitos prefeitos acham que isso acabaria com o orçamento da prefeitura.

Se a gente conseguir cumprir este Programa, estejam certos de que mais do que cumprir o Programa, a gente mostrou ao povo brasileiro que habitação não é uma prioridade só para quem não tem casa. De que a habitação é, sobretudo, a possibilidade de todo mundo ter casa e, mais importante, de melhorarmos a qualidade da casa.

Companheiro Geddel, companheiro Geddel não. Companheiro Zezéu Ribeiro, que apresentou um projeto que eu homologuei, dizendo que os arquitetos vão ajudar... Foi aprovado na Câmara. Pois bem, podem ficar certos de que da turma dos arquitetos alguém vai participar do comitê. Porque, uma das coisas que eles reivindicam, é a melhoria da qualidade da habitação que nós estamos praticando.

Uma coisa que nós vamos tentar fazer é tentar fazer com que a energia para o chuveiro seja solar, é isso que se fala? Seja uma coisa solar. Agora, a gente, isso nós vamos discutir com vocês ainda. É objetivo nosso, proposta nossa, vamos ver as condições da cadeia produtiva disso, para saber se a gente pode oferecer um produto, entregar esse produto.

No mais, companheiros e companheiras, guardem a data de hoje como a data da habitação popular neste país.

Um abraço e boa sorte.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de comemoração dos 65 anos da Polícia Federal**

**Brasília-DF, 26 de março de 2009**

Meu caro amigo e companheiro Tarso Genro, ministro da Justiça;  
General Jorge Armando Felix, ministro-chefe do Gabinete de Segurança  
Institucional;

Senhor José Antonio Dias Toffoli, advogado-geral da União;

Senhor Jorge Hage, ministro do Controle e da Transparência;

Companheiros e amigos membros do corpo diplomático;

Deputados federais Alexandre Silveira, Celso Russomanno, Laerte  
Bessa e Marcelo Itagiba;

Senhor Gilson Langaro, corregedor nacional de Justiça;

Meu caro Luiz Fernando Corrêa, diretor-geral da Polícia Federal, por  
meio de quem cumprimento todos os funcionários da Polícia Federal.

Antes de ler o meu discurso aqui, eu estou tranquilo porque depois dos  
elogios do Luiz Fernando e do Tarso Genro à questão salarial, significa que  
não teremos mais greve até o dia 31 de dezembro de 2010. Até porque, se  
todos esses números forem verdadeiros, será maior do que a inflação toda do  
mesmo período. Portanto, senhores, ao trabalho.

É com grande satisfação que me dirijo a todos vocês nas comemorações  
dos 65 anos de aniversário da Polícia Federal, esta instituição que tanto  
orgulha todos nós, brasileiros. Nestas seis décadas e meia de história, a Polícia  
Federal cresceu em abrangência geográfica, em número de delegacias, em  
atribuições legais, e aquele órgão que um dia restringia sua atuação à capital  
federal, então no Rio de Janeiro, hoje ocupa um papel essencial em nossos  
sistemas de segurança pública. O combate sem tréguas ao narcotráfico e ao



contrabando, a apuração de crimes de repercussão interestadual e internacional, a investigação de infrações contra os interesses da União, o exercício das funções de polícia judiciária, o policiamento marítimo, aeroportuário e de fronteiras, todas essas são, como os senhores sabem, algumas das atribuições constitucionais que nossa Polícia Federal cumpre cotidianamente. A verdade é que hoje a corporação é dotada de grande capilaridade e abrangência, contando com superintendências em todas as capitais, além de 97 delegacias e 20 postos avançados, muitos deles nas nossas fronteiras.

A Polícia Federal se tornou um dos órgãos estatais mais respeitados e admirados do nosso país, apontada em pesquisa de opinião pública como a terceira instituição de maior credibilidade do País. Estou certo de que muito desse reconhecimento se deve ao empenho dos mais de 15 mil servidores que dão vida a esta corporação. Vocês compõem um corpo profissional, altamente qualificado, com sólida formação técnica e cultural, e têm consciência de sua importância para a segurança da população brasileira e defesa dos interesses da União.

A excelência do trabalho da Polícia Federal vem se refletindo com destaque no combate ao narcotráfico, à corrupção e ao crime organizado, especialmente por meio das grandes operações que crescem a cada ano, desmantelando quadrilhas e prendendo criminosos. Em 2005, portanto, foram realizadas 67 grandes operações, com 1.407 prisões. No ano passado, o número de operações subiu para 235, com 2.475 prisões, e apenas nos primeiros meses de 2009 já foram realizadas 40 grandes operações, e presas 462 pessoas.

Esse trabalho também se faz presente na proteção do meio ambiente e no combate aos crimes ambientais, uma das prioridades também da Polícia Federal. Em um ano e meio, 40 operações possibilitaram a prisão de 540 pessoas, que exploravam ilegalmente nossos recursos naturais. Além da



realização de operações com sucesso, certamente é motivo de grande orgulho para a corporação o fato de estar obtendo cada vez mais provas de melhor qualidade, o que aumenta a chance de punição dos criminosos durante os processos judiciais. Só para ilustrar o que estou falando, cabe ressaltar que hoje, em 60% dos casos, a Polícia Federal realiza prisões preventivas que requerem provas muito mais qualificadas do que as prisões temporárias. Historicamente, esse índice oscilava em torno de 10%.

Isso tudo tem ocorrido sem que a Polícia Federal deixe de cuidar da sua situação interna. O combate a qualquer indício de corrupção dentro de seus próprios quadros tem sido rigoroso. Desde 2003, 92 policiais federais foram presos por envolvimento com o crime organizado. A essa postura isenta e republicana de punir os próprios policiais se soma um grande empenho na gestão do órgão, que tem reduzido significativamente os seus custos de operação e funcionamento. É, assim, pleno dever do Estado zelar pelo fortalecimento da corporação e de seus servidores, que tanto têm contribuído para a defesa da nossa sociedade.

No decorrer dos últimos seis anos, mais do que – isso aqui é só para lembrar a vocês – dobramos o orçamento do órgão, que hoje chega a R\$ 4,4 bilhões. E nesse sentido, quero destacar os esforços que foram empreendidos na elaboração do anteprojeto da Lei Orgânica da Polícia Federal, recentemente enviado ao Ministério do Planejamento. Ainda está, Tarso, no Ministério do Planejamento? Se não cuidarem, isso ficará lá. Precisa... Esse texto representa um marco histórico para a Polícia Federal. Ele estimula a formação e o aperfeiçoamento profissional, e contribui para a formulação de uma doutrina policial nacional pautada pela eficiência e pelo respeito aos direitos fundamentais. Ao mesmo tempo, o anteprojeto de lei orgânica prevê deveres dos servidores, como a preservação do sigilo das investigações, além de rigorosa atuação da Corregedoria, e cria um Conselho de Ética e Disciplina. Como sabemos, o policial federal é um servidor diferenciado, que lida





diretamente com a população, e deve ter, portanto, deveres e direitos ajustados conforme as responsabilidades do seu trabalho.

O grande trunfo conquistado pela Polícia Federal nesses 65 anos de história transcende o número cada vez maior de operações de policiais qualificados ou de prisões efetuadas. Ele se expressa na maturidade da corporação e, sobretudo, no seu fortalecimento como instituição, capaz de cumprir com rigor as suas funções republicanas.

Quero, portanto, dar os meus parabéns a todos vocês, profissionais da nossa Polícia Federal: delegados, agentes, peritos, papiloscopistas, escrivães, analistas, técnicos administrativos e todos os demais funcionários da nossa respeitada Polícia Federal. É graças aos seus esforços que o Brasil pode contar hoje com esta grande instituição.

Meu caro Luiz Fernando, meu caro Tarso Genro, meus companheiros ministros,

Por minha culpa, esta solenidade de aniversário virou quase uma coisa de discurso, porque aqui devia ter o Hino Nacional, o hino da Polícia Federal, deveria ter depois um coquetel para oferecer aos convidados. Mas como eu saio de uma audiência com o ministro Gordon Brown, primeiro-ministro britânico, lá no Palácio da Alvorada, e vou entrar agora em uma reunião com o chanceler do Irã, fui obrigado a pedir aos dois companheiros que tentassem cortar ao máximo a solenidade para eu poder cumprir com as minhas obrigações.

Queria, Tarso, terminar dizendo uma palavra a você e ao Luiz Fernando. Eu sei que não é fácil ser ministro da Justiça, eu sei que não é fácil ser diretor-geral da Polícia Federal. Sempre é fácil quando as coisas estão indo tudo bem. Isso é como jogar futebol: quando o time está ganhando, ninguém tem defeito. Quando tem um gol contra, todo mundo quer sair fora do negócio. Eu só queria fazer um apelo a você, Luiz Fernando, aos nossos delegados, às nossas delegadas, e aos nossos funcionários: na vida profissional de cada um de nós,



a gente vai tendo mais responsabilidade no momento em que aumenta mais a nossa importância. Ou seja, quanto mais importante nós formos aos olhos das instituições, aos olhos da sociedade, mais responsabilidade nós temos que ter. Afinal de contas, nós lidamos com seres humanos. E na medida em que a gente, por exagero, cometa erros, esses erros podem ser irrecuperáveis do ponto de vista da vida das pessoas.

Eu acho que o Brasil deve se orgulhar imensamente do Ministério Público que tem, deve se orgulhar imensamente da Polícia Federal que tem, deve se orgulhar até de um programa como esse, do Pronasci, que (falha na gravação) melhorar o conjunto da imagem da polícia estadual perante a sociedade em um compartilhamento com o governo federal. E podem ter certeza de uma coisa: tem gente que acha que pode virar importante aparecendo na capa de um jornal, tem gente que pode achar que fica importante se der uma entrevista para a televisão, tem gente que acha que fica importante se fizer uma pirotecnia e der uma entrevista para uma rádio. Na vida da gente, a única coisa importante, que vale a pena é a gente ser olhado pelos outros como os justos, como aqueles que agiram corretamente, como aqueles que não tentaram tirar proveito da autoridade de um policial ou de alguém do Ministério Público, ou da nossa CGU.

Eu acho que o papel de vocês é tão sagrado para a segurança neste país, que quanto mais vocês souberem lidar com isso... Deixem nós, políticos, aparecermos na televisão, porque nós, políticos, abrimos a geladeira de manhã para pegar uma água e já damos uma entrevista, achando que é uma televisão. Vamos ao banheiro, ligamos o barbeador para fazer a barba, já damos outra entrevista, achando que é um microfone.

A verdade é que nem o Poder Judiciário, nem o Ministério Público, nem a Polícia Federal precisam disso. O que vocês precisam é agir com a seriedade que notabilizou a história de vocês, a carreira de vocês, porque quanto mais vocês agirem assim, mais respeitados vocês serão, individualmente, e mais



respeitados vocês serão enquanto instituição.

Eu quero dizer para vocês que nesses 65 anos, acho que todos nós, brasileiros, seja eu, Presidente agora – daqui a dois anos não serei mais – temos motivos para ter orgulho da nossa Polícia Federal, que é exemplo em todo o nosso continente.

E se for aprovado na Unasul o Conselho de Combate ao Narcotráfico, que queremos criar na Unasul, podem ficar certos de que vai ter muito mais trabalho para a Polícia Federal. E quanto mais trabalho vocês tiverem... É um contrassenso, porque quanto mais vocês trabalham (falha na gravação) de corrupção na imprensa e mais parece que tem corrupção no País quando, na verdade, a visão deveria ser feita exatamente ao contrário: a corrupção é uma doença que só aparece quando é combatida. Quando ela não é combatida, até parece caspa antes de as pessoas pentearem o cabelo.

Um abraço. Boa sorte e feliz aniversário.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de abertura da 17ª Feira Internacional da Indústria da  
Construção (Feicon Batimat 2009)**

**São Paulo-SP, 27 de março de 2009**

O meu embarque às 3 horas já está perdido.

Bem, eu queria cumprimentar os companheiros ministros Miguel Jorge e Márcio Fortes,

Cumprimentar a minha esposa,

Cumprimentar a senadora Ideli Salvatti,

Cumprimentar o Juan Pablo De Vera, presidente da Alcantara Machado,

Cumprimentar o Jair Saponari,

Cumprimentar o Cláudio (incompreensível),

Cumprimentar os trabalhadores da construção civil que estão aqui – sem óculos eu não consigo enxergar direito,

O Antônio de Souza Ramalho, representando a Força Sindical,

O nosso querido Emílio, prefeito de Osasco,

O nosso companheiro Emílio Alves Ferreira Júnior, da Nova Central,

Cumprimentar o Waldir Mário Pires de Oliveira, da CUT,

Cumprimentar os empresários, as empresárias e os jornalistas que estão aqui presentes.

Eu vou falar muito pouco, porque eu começo hoje uma viagem ao Chile, do Chile eu vou ao Catar, do Catar eu vou a Paris, e de Paris eu vou a Londres. Todas reuniões para que a gente discuta a crise econômica e as soluções para a crise econômica. Não pensem que eu vou passear em Paris, porque eu chegarei em Paris às 2 horas da manhã, às 11 horas estarei com o presidente Sarkozy e às 3 horas estarei embarcando para Londres. Portanto,



vou deixar de conhecer Paris.

Mas eu queria dizer algumas palavras para vocês, porque é extremamente importante que a gente mantenha a confiança no Brasil, que a gente mantenha os projetos que vocês trabalharam tanto tempo para colocar em andamento, e que não tinham perspectiva e, sobretudo, mantenha o otimismo, para que os trabalhadores brasileiros possam sonhar com empregos, para que virem consumidores das casas que nós vamos construir.

Vocês estão lembrados que quando eu tomei posse, em 2003, eu disse que primeiro a gente faz aquilo que é possível, aquilo que é necessário, depois a gente faz aquilo que é possível, e quando menos se espera, a gente pode estar fazendo o impossível.

Vocês estão lembrados que quando surgiu essa crise... Ela surgiu em setembro de 2007, nos Estados Unidos, e chegou ao Brasil em julho desse ano [2008], com mais força no mês de agosto, com os reflexos mais fortes nos meses de outubro, novembro, dezembro e janeiro.

Muita gente ficou preocupada porque eu fui, no dia 22 de dezembro, em rede nacional de televisão, fazer um apelo para que o povo brasileiro não deixasse de consumir. Eu, que a vida inteira briguei contra o consumismo, fui para a televisão dizer que era hora de consumir, por uma coisa muito simples: a crise tem um lado que é crise verdadeira, e ela tem um outro lado que é o pânico, que é a incerteza, que é a falta de confiança e a falta de credibilidade. Essas duas coisas se somando ficam muito mais graves.

E eu fui para a televisão para mostrar que se nós tivéssemos medo de comprar, o comércio ia ter problema porque não ia vender. O comércio não vendendo, a indústria ia ter problema porque não iria produzir. Ora, o povo não comprando, o comércio não vendendo e a indústria não produzindo seria o caos econômico em qualquer país.

E é por isso que durante toda essa crise eu me mantive sereno, e possivelmente o mais otimista de todos os 190 milhões de brasileiros. Eu



recebi até muitas críticas porque eu amenizei a crise, porque eu não a mostrava como algumas pessoas achavam que eu deveria mostrar: que é o caos, que o Brasil acabou, que está tudo perdido, que vão ter milhões, milhões e milhões de desempregados. Tinha gente que queria que eu mostrasse isso.

Como nós tínhamos um capital político de ter contratado, nos primeiros anos, quase 10 milhões de empregados, e como eu fui sindicalista e sei que quando há uma crise econômica, que a empresa não está vendendo o seu produto, não há como a gente brigar para segurar o trabalhador, se não tem produção... Portanto nós, hoje, mais do que fazer uma pauta de reivindicação pedindo mais aumento, temos que contribuir para que a empresa venda mais, porque quanto mais ela vender, mais vai ter contratado trabalhador, e mais a gente pode reivindicar aumento.

Não existe possibilidade, na história do mundo, de os trabalhadores se beneficiarem em hora de crise. Não existe, nem no Brasil, nem nos Estados Unidos, nem na Suécia, nem na Finlândia, muito menos no Reino Unido. Época de crise é época em que todos perdem.

É por isso que, com muita tranquilidade, o governo vem tomando as medidas adequadas. Não tomamos nenhuma decisão de fazer nenhum grande pacote, porque todos os pacotes que foram feitos neste país viraram esqueleto e, depois, o governo tem que pagar, passam 20 ou 30 anos. Nós, agora, temos um esqueleto na Suprema Corte, que é o Plano Bresser, o Plano Verão e o Plano Collor. Depois, o resultado sobra para os trabalhadores, sobra para o governo e sobra para a sociedade. Então, nós vamos tomando as medidas de acordo com as necessidades, de forma muito equilibrada, sem ufanismo de um lado e sem pessimismo de outro lado.

Fazer essas casas... vocês sabem que o primeiro setor a ser consultado foi o setor da construção civil, foram os empresários. Eu não sei com quem o ministro Guido, o Márcio e a Dilma conversaram, mas eu fiquei muito assustado quando me comunicaram que os empresários diziam, naquela



época, que tinham condições de produzir 200 mil casas. Eu fiquei frustrado, porque 200 mil casas a Caixa Econômica já está construindo sem precisar do programa. É importante que vocês tenham clareza: esse programa é fora da normalidade da política habitacional da Caixa Econômica Federal. Isso é uma coisa extra, é uma coisa à parte.

Pois bem, então eu falei: “duzentas mil casas é muito pouco, isso a Caixa está fazendo, é preciso aumentar”. Vieram com a proposta de 500 mil casas. Eu falei: “eu acho que é pouco. Por que a gente não fica mais desaforado e faz a proposta de 1 milhão de casas?” E vocês sabem que as pessoas tremem quando a gente apresenta uma proposta dessa magnitude. As pessoas tremem porque é um desafio. Nunca foi dada aos empresários brasileiros, sejam os construtores de material de construção, sejam os construtores de casas, nunca foi dada a oportunidade de enfrentarmos juntos um desafio como este.

Pois bem, agora está colocado não mais o desafio, está colocado o Programa. Nós vamos ter que trabalhar fortemente para que no dia 13 de abril a Caixa esteja totalmente preparada, armada até os dentes, para que quando o empresário chegar lá com um projeto, não demore oito meses para dizer: “Olha, você tem direito ao seu projeto”.

Nós vamos trabalhar para que a partir do dia 13 de abril as coisas comecem a acontecer de verdade, porque esse programa vai resolver não apenas o problema de habitação, mas o problema de geração de empregos, e a cadeia produtiva é muito grande. A cadeia produtiva é uma das maiores do Brasil. Nós queremos resolver esses problemas mas, ao mesmo tempo, nós queremos mudar o paradigma da política habitacional do País.

É preciso a gente pensar que nós temos que resolver alguns problemas bem focados. Onde é que reside o grande problema habitacional hoje, no Brasil? É exatamente nas grandes regiões metropolitanas de todo o nosso país. Tem problema em todo o País, mas ele é mais forte exatamente nas



grandes cidades, porque no interior a convivência social é de um tipo mais afetuosos, mais carinhoso. Nas grandes metrópoles, essa convivência social vai ficando raivosa e violenta na medida em que as pessoas moram em lugares que significam não ter água, não ter esgoto, disputam espaço com ratos, com baratas, não têm área de lazer, as pessoas não se conhecem. E tudo isso vai criando um clima que vai gerando desânimo e vai gerando violência.

E também, se vocês pegarem os índices de desemprego, vocês percebem que quando vem uma crise, o desemprego cresce mais exatamente nas grandes capitais e na região metropolitana, porque as empresas também estão se afastando para as cidades com menos problema de transporte, com menos problema de violência.

Bem, então esse programa tem foco. Ele tem foco de público, ele tem foco regional dentro de cada cidade, e ele não esquece nenhum segmento da sociedade. Quando nós começamos o programa dizendo que iríamos cuidar de um trabalhador que ganha de zero a três [salários mínimos], que normalmente não tem chance de ter uma casa, e resolvemos colocar um subsídio maior... nós também resolvemos cuidar de quem ganha de três a seis [salários mínimos] e de seis a dez [salários mínimos].

E, mais ainda, também tomamos a decisão de facilitar a vida da classe média para que ela possa, em vez de utilizar como financiamento apenas R\$ 350 mil, que ela possa utilizar R\$ 500 mil de financiamento, para que a gente possa construir um projeto que possa atender à diversidade da nossa sociedade, sobretudo a diversidade social.

O que é mais importante em tudo isso? Tem um problema nos pobres brasileiros, nas pessoas que ganham menos. É que se a pessoa mora em um quatinho de 3x3 [metros] em uma favela, onde ela reparte o seu espaço de 3 metros para dormir, para fazer as suas necessidades fisiológicas, para namorar a sua companheira, para criar os seus filhos, se ela pagar R\$ 200,00 de aluguel e tiver que pagar R\$ 200,00 da casa, vira R\$ 400,00. Se ela estiver





ganhando salário mínimo, não vai poder pagar. O que nós estamos fazendo? O companheiro que ganha de zero a três [salários mínimos] só vai pagar a prestação da casa quando receber a chave da casa e botar o pé dentro da casa. Aí, ele vai poder comprar essa casa.

A coisa mais absurda que nós tínhamos... E também nós queremos que as pessoas comprometam apenas 20% do seu salário com o aluguel. Esse é outro dado importante. Eu, quando fiz a primeira reunião para discutir esse projeto, eu tomei um susto, porque me apresentaram uma escala dos juros para a política de seguro de vida. E, de repente, eu procuro um jovem como eu, com mais de 60 anos de idade, eu teria que pagar, de seguro de vida, 37% do valor da prestação. Um cidadão – que eu acho que a maioria das pessoas que compram casas, de 35 anos a 45 anos – teria que pagar 10% do valor da sua prestação, de seguro de vida. Então, você começava a tornar proibitivo as pessoas terem casa, porque você criava muito obstáculo.

Depois, quando nós estávamos mais ou menos de acordo com o projeto – da reunião participavam o Márcio, a Dilma, o Guido Mantega, a Caixa Econômica Federal, o Miguel Jorge – eu resolvi que o programa não deveria ser só do governo, que era preciso chamar os empresários dos vários setores da construção civil para trabalhar; que era importante chamar as centrais sindicais para a gente conversar sobre o projeto; que era importante a gente chamar os trabalhadores rurais, porque também tem uma parte dessas casas que podem atender à demanda da agricultura familiar neste país. Depois, faltava o último setor para ser chamado. Eu mandei chamar toda essa gente que está na rua, fazendo o movimento de moradia aí, pelo Brasil afora. Eu mandei chamar porque também eles têm direito de participar, porque eles têm mais experiência do que muitos de nós, que já temos a nossa casa.

Quando participou todo mundo, nós construímos o arcabouço do projeto. Eu posso dizer para vocês que vocês, que cuidam de habitação – poderia aqui pegar o de cabelo mais branco – possivelmente nós nunca tenhamos feito no



Brasil um projeto ousado como esse, do ponto de vista da quantidade; ousado como esse, do ponto de vista do dinheiro de financiamento, e ousado como esse para atender a população mais pobre.

Não pensem que é fácil, mesmo em um regime presidencialista, a gente convencer o ministro da Fazenda a colocar dinheiro para subsidiar o mais pobre. Qualquer um de nós aqui, se fosse tesoureiro, a gente queria sentar em cima do dinheiro. Tesoureiro bom não é aquele que gasta, é aquele que mostra o acúmulo de dinheiro.

E eu resolvi que é preciso, nesse momento da crise, a gente dar um final para a crise. Essa crise pode andar pelo mundo inteiro, mas aqui no Brasil nós não vamos nos acovardar para enfrentar essa crise. Aqui nós vamos fazer e trabalhar muito mais. Por isso que nós não paramos nenhuma obra do PAC, por isso que nós não paramos nenhuma obra da Petrobras. É por isso que eu vou começar, no mês que vem, a visitar obras no sertão brasileiro, onde as pessoas estão trabalhando à noite. Nós estamos pedindo para as empresas trabalharem em dois ou três turnos para a gente gerar emprego neste país. É por isso que a indústria automobilística voltou a produzir. É por isso que a Caixa Econômica, nesses três primeiros meses do ano, já contratou o triplo do que ela contratou nos três primeiros meses de 2008, que foi um ano estupendo.

A minha tese é essa, e é isso que eu vou levar para o G-20: se a gente ficar com medo, tentando resolver apenas o problema dos banqueiros que quebraram, a crise não vai acabar nunca. É preciso que se coloque aqueles títulos podres no arquivo morto, que se coloque dinheiro novo para fazer crédito, e vamos tocar o barco para a frente, porque senão os pobres do mundo é que vão pagar. Todo mundo sabe disso. Serão os pobres da África, serão os pobres da América Latina, serão os pobres do Brasil, os pobres americanos, serão os pobres do mundo inteiro que vão pagar, porque as pessoas mais ricas sempre acumularam uma poupança, aguentam um ano de



crise. E nós sabemos que as pessoas mais pobres não aguentam um ano de crise, não aguentam seis meses de crise.

Por isso, eu estou muito orgulhoso desse plano. Eu quero, de público aqui – não disse no dia – elogiar os ministros que trabalharam neste programa. Quero elogiar os empresários, os sindicalistas e os técnicos que ajudaram a construir porque, inegavelmente, é o mais perfeito plano habitacional proposto neste país. Nós tínhamos, inicialmente, dois anos para fazer. Eu resolvi tirar a meta de dois anos, porque se a gente fizer em dois anos e um dia, vão dizer que eu estourei o prazo.

Eu estou convencido de que a quantidade de torneiras que nós vamos ter que produzir, a quantidade de pias, a quantidade de telhas, a quantidade de vergalhões, a quantidade de vasos sanitários, a quantidade de coisas para descarga, a quantidade de chuveiros, a quantidade de portas, a quantidade de ferragem é de uma dimensão tão grande, que eu acho que nós vamos gerar os empregos que a construção civil precisa. E vamos gerar a estabilidade que o setor da construção civil, que ficou 20 anos morgando neste país, possa agora exercer o papel de setor econômico que mais pode ativar a economia do País.

Portanto, meus companheiros, saio daqui para viajar, agradecido, orgulhoso, porque o que nós estamos fazendo aqui pode servir de orgulho para outros países que têm uma crise maior do que a do Brasil.

Um abraço. Boa sorte e boas casas para vocês.

(\$211A)



**Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
a Primeira Sessão da Cúpula de Líderes Progressistas**

**Viña del Mar - Chile, 28 de março de 2009**

Querida companheira Michelle Bachelet,  
Querida companheira Cristina,  
Querido companheiro Tabaré,  
Querido companheiro Zapatero,  
Querido companheiro Jens Stoltenberg, primeiro-ministro do Reino da  
Noruega,  
Querido amigo Gordon Brown,  
Companheiro Joe Biden, vice-presidente dos Estados Unidos,  
Meu caro Miguel Insulza,  
Minha cara Alicia Bárcena,  
Companheiros membros das delegações aqui presentes.

Eu queria dizer que é muito gostoso participar de uma reunião onde não precisamos chamar de Vossa Excelência, ou Excelência, e nos tratarmos como companheiros, respeitando as nossas diferenças.

Eu me preparei, Michelle, para seis minutos. Seis minutos porque eu sempre tenho medo dos meus improvisos porque, muitas vezes, a paixão e a emoção... falo muito mais do que o tempo necessário. Aqui na América Latina nós temos esse hábito, ou seja, a palavra é o nosso dom. Então, eu vou ser comedido, muito comedido aqui nas minhas palavras. Eu tenho até gente da minha delegação com relógio, ali, anotando. Só não podem gritar aqui.

Primeiro, esta é uma reunião que se realiza em um momento sem precedentes nas últimas décadas. O mundo todo está pagando o preço do



fracasso de uma aventura irresponsável daqueles que transformaram a economia mundial em um gigantesco cassino.

Entraram em crise paradigmas defendidos de forma arrogante por muitos daqueles que agora estão sendo levados pela tempestade especulativa que eles mesmos semearam. Faliu não só um modelo econômico. Entrou em crise a idéia de que a política era uma atividade menor, limitada por supostas leis econômicas que se impunham sem nenhuma discussão.

Os políticos, supostamente, estavam obrigados a seguir um roteiro que não havia sido escrito pela sociedade. Neste momento, nosso desafio maior é não nos deixar paralisar pela perplexidade, pela incerteza e pelo temor de ousar.

Precisamos ter coragem de pôr em prática nossas convicções. Os olhos do mundo estão sobre nós. Afinal, nós rejeitamos a fé cega nos mercados, o desprezo do Estado, o lucro como bússola moral.

Há 20 anos a queda do Muro de Berlim dava início ao fim do socialismo burocrático, marcado por regimes ineficientes economicamente. Na época, fui muito criticado por dizer que a queda do Muro de Berlim era a oportunidade para os partidos de esquerda pensarem projetos diferentes de sociedade, a oportunidade para nos livrarmos de dogmatismos. O movimento sindical brasileiro e o meu partido surgiram dessa brecha aberta com a queda do Muro. Tínhamos de mudar, mas sem mudar de lado.

O momento que agora vivemos exige de nós, membros da Governança Progressista, uma atitude coerente. Precisamos entender o que ocorreu, aprofundar o debate sobre a crise e propor alternativas.

Meus amigos,

Estamos a poucos dias da Cúpula do G-20 em Londres. A comunidade internacional aguarda propostas que revertam a brutal retração da economia e a destruição em massa de milhões de empregos. O mundo espera, sobretudo,



demonstrações de liderança e coragem daqueles que apostam numa visão de futuro comum.

É, portanto, chegada a hora da política, como tenho afirmado incessantemente. A globalização não admite respostas isoladas ou a volta dos nacionalismos estreitos. Exige mecanismos de governança global. Sem renunciar à nossa soberania, temos de construir articulações mais amplas e sistêmicas.

Não podemos correr o risco de postergar soluções profundas e estruturais. Caso contrário, a crise porá a perder os avanços que os países em desenvolvimento alcançaram com tanto esforço e sacrifício no combate à pobreza e à exclusão.

Agora que a globalização mostra sua face oculta, não devemos recuar para as trincheiras do protecionismo ou da autarquia. Nem é hora de abandonar compromissos com tecnologias verdes, nem deixar de apostar na revolução das fontes renováveis de energia.

Conclamamos os países que têm mais responsabilidade na atual turbulência financeira, no aquecimento global e no protecionismo a assumir suas responsabilidades.

Precisamos reafirmar, com todo vigor, nossa convicção de que só a solidariedade é capaz de estruturar um sólido eixo para nossa ação coletiva global.

Desemprego, pobreza, migração, desequilíbrios demográficos e ambientais são problemas que requerem respostas economicamente coerentes mas, sobretudo, socialmente responsáveis.

Isto não é possível sem um Estado forte, um Estado indutor de políticas públicas voltadas para a garantia de direitos fundamentais e do bem-estar coletivo. Só a ação estratégica de um Estado democrático, socialmente controlado e eficiente na prestação de serviços, é capaz de realizar essa tarefa.



Companheiros e companheiras,

A realização da primeira Cúpula do movimento na América do Sul tem um significado especial. No momento em que o mundo busca alternativas para um modelo esgotado, nossa região oferece uma perspectiva renovadora.

A América do Sul vive uma vigorosa onda de democracia popular, encabeçada por segmentos historicamente deserdados e marginalizados, que hoje encontram seu lugar e sua voz numa sociedade muito mais solidária. Muitos desses países precisaram ser praticamente refundados do ponto de vista institucional, mediante a aprovação de novas Constituições.

Não é mera coincidência que hoje predominem governos de esquerda na América Latina. A recente eleição de presidentes progressistas na Guatemala, no Paraguai e em El Salvador é prova de que nossa mensagem de esperança e renovação encontra solo fértil mesmo em tradicionais redutos do conservadorismo. Estamos derrubando os mitos. Mostramos que é possível preservar equilíbrio macroeconômico com forte distribuição de renda e inclusão social.

No caso do Brasil, uma forte política de transferência de renda tirou mais de 20 milhões de brasileiros da indigência, incorporando-os à produção, ao mercado e à cidadania.

Os investimentos em infraestrutura que o País já vinha fazendo antes mesmo da crise nos dão a confiança de que sairemos dela mais rápido e mais preparados para enfrentar o novo mundo de amanhã.

O fortalecimento do Estado, sobretudo para equacionar os desafios estratégicos de nosso desenvolvimento, não acarretou indevida intervenção no mercado.

Não podemos ficar prisioneiros dos paradigmas que ruíram. Um mundo mais democrático na tomada de decisões que afetam a todos é a melhor garantia de nossa segurança coletiva, dos direitos dos mais vulneráveis e da



preservação da saúde do Planeta. Isso só será possível com a reforma das principais instituições multilaterais.

Estamos renovando as melhores tradições humanistas da esquerda, fazendo de nossos ideais uma agenda progressista e factível.

Nosso debate oferece uma plataforma de grande visibilidade para impulsionar novas perspectivas de paz social, estabilidade econômica e segurança coletiva para este continente e para todo nosso Planeta. É uma oportunidade que não devemos desperdiçar.

E, para terminar, meu caro Gordon Brown, e anotar na sua agenda, um recado para o G-20: não podemos deixar de discutir uma solução para os mercados futuros. Não podemos deixar, com pena de voltarmos à crise do petróleo e à crise das *commodities* agrícolas na Bolsa de Futuro, no mundo inteiro.

Obrigado.

(\$211B)





**Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
a Segunda Sessão da Cúpula de Líderes Progressistas**

**Viña del Mar - Chile, 28 de março de 2009**

Bem, Michelle, eu vou tentar ser sucinto, porque já há um consenso nesta mesa e um consenso no jantar de ontem à noite, de que todos nós estamos em um barco, em um mar revolto, e quem estava na cabine, na primeira classe, já está descendo para a segunda, quem estava na segunda, está descendo para a terceira. E neste momento nós não queremos discutir quem vai voltar para a primeira classe, mas evitar que os da terceira não caiam no mar, e morram afogados.

É uma crise diferente e, portanto, precisamos tratá-la de forma diferente. As crises que eu conheci, e eu conheci – crise quando estava no movimento sindical, conheci crise quando estava na oposição e conheço a crise quando estou no governo – são três crises diferentes. Quando a gente estava no movimento sindical, nós tínhamos a quem culpar. Quando estávamos na oposição, nós tínhamos a quem culpar. Agora, que estamos no governo, só podemos culpar os Estados Unidos, a Europa e nos fazermos de vítimas.

Mas, ao mesmo tempo, nós temos que trabalhar com a responsabilidade de que o problema não é de um ou de outro, de que o problema é de um modelo que se exauriu. E, nos nossos países, nós estamos sofrendo um momento que não temos nenhuma culpa. Esse é o dado e a tristeza.

Eu passei 20 anos sem ver a economia do meu país crescer, e na medida em que o Brasil começa a crescer, nós somos pegos de surpresa com uma crise. A primeira vez que eu debati a crise do *subprime*, eu estava na cidade do Panamá, em um encontro de empresários brasileiros e empresários do Panamá, quando surgiu um certo apavoramento nos empresários. Alguns, certamente, estavam investindo no *subprime*.



A verdade é que, de lá para cá, eu penso que não se tomou as medidas adequadas. Isso é como um carro andando a 100 [km] por hora. Se você pára a uns 200 metros de distância, você pára tranquilo, sem machucar ninguém e todo mundo está salvo. Mas se você deixa para breicar quando faltam 30 metros, você vai machucar quem está fora e quem está dentro do carro.

Então, essa crise do *subprime*, que deveria atingir apenas as pessoas que estavam envolvidas no *subprime*, é como uma breicada em cima da hora, ou seja, atingiu a nós, passageiros, que estávamos vivendo uma situação muito confortável na América do Sul.

Posso dizer, Gordon Brown, Zapatero – que nos conhece melhor e conhece o nosso continente – ao nosso companheiro da Noruega e ao vice-presidente americano, que há muitas décadas a América do Sul não vivia o momento que estava vivendo nos últimos anos. Primeiro, de fortalecimento da democracia. É muito forte a democracia no nosso continente. Às vezes entendida por alguém da Europa, que já conquistou isso há muitos anos, como uma coisa um pouco radical. Mas o que está acontecendo na América Latina, do ponto de vista da consagração da democracia, é uma coisa muito forte.

Essa democracia só pode ser construída porque também a economia dos países cresceu, e a economia cresceu diferente da década de 90, em que o bolo ficava cada vez maior, apenas poucos comiam aquele bolo, e a maioria das pessoas não comia nada.

Nós provamos uma coisa, na América Latina. Estamos provando agora, estamos mais difíceis, mas sobretudo na América do Sul – os países que estão aqui, e outros que não estão aqui – de que havia uma discussão econômica, uma teoria de que a única forma de você distribuir era a economia crescer. E nós defendíamos uma tese de que era possível crescer concomitantemente com o crescimento da economia. Ou seja, quem é que nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?

Nós dizíamos: na hora em que começarmos a fazer política de



transferência de renda para os pobres, esses pobres irão virar consumidores, irão ao supermercado, irão à loja, virarão compradores de algum produto e as fábricas voltam a produzir. É por isso que no meu país, hoje, o setor que mais cresce a economia é exatamente a parte que há cinco anos era a mais pobre do País.

Bem, esse foi um exemplo que eu penso que toda a América do Sul seguiu. No mês em que estourou a crise no Brasil, no mês de julho, o Brasil tinha gerado... O Brasil, até outubro, tinha gerado 2 milhões e 100 mil empregos. Apenas em dezembro perdemos 600 mil empregos. Em janeiro também perdemos e agora começou a se normalizar. É importante lembrar que o desemprego nos países pobres é diferente dos países ricos, porque alguns países ricos têm uma rede de proteção social que muitos outros países não têm, então o trabalhador sofre mais.

Pois bem, como é que eu vejo, Michelle, a solução? Veja, antigamente, em todo o meu período de vida política, era a América do Sul em crise, o Brasil em crise, o FMI dando palpite na nossa economia, dizendo o que a gente tinha que fazer, que tinha que fazer ajuste fiscal, que tinha que fazer contenção de gasto, que tinha que fazer despesa. Era um inferno quando a gente via aquelas mulheres e aqueles homens do FMI descerem no aeroporto, no Brasil, dando palpite nas coisas que nós tínhamos que fazer. Eu acho que era humilhação. Na verdade, era uma certa humilhação.

Agora, é importante lembrar que talvez a deficiência não fosse do próprio FMI. Talvez a deficiência fosse dos nossos governantes, que não se respeitavam. E se não se respeitavam, ninguém respeita o interlocutor que não se respeita.

Pois bem, hoje nós temos uma crise, ela é profundamente forte nos países ricos. Sabemos que os Estados Unidos, sabemos que a Espanha, sabemos que a Alemanha e o Reino Unido não podem tomar medida priorizando o povo argentino, o povo brasileiro, o povo chileno, o povo do



Uruguai, antes de pensar no povo deles, que está com problemas também.

Então, o que eu acho, Michelle, que deveria ser feito? Veja, se os países ricos se normalizarem internamente, restabelecerem a confiança interna e restabelecerem o crédito interno e, portanto, (incompreensível) fará voltar o poder de consumo, já é razoável para nós. Se os países ricos, além de resolver os seus problemas internos, e a sociedade voltar a demandar produtos e a consumir, e além disso ajudarem no crédito do fluxo comercial, está ficando bom.

Se fizerem essas duas coisas, e ainda não permitirem que a remessa de lucro, ou a fuga de capitais se dirijam a títulos do Tesouro americano, em vez de se dirigirem a investimentos produtivos nos países emergentes, seria infinitamente melhor.

Se fizessem tudo isso e a gente ainda conseguisse fazer com que o mercado futuro tivesse o controle... Ou seja, se alguém quer comprar soja no mercado futuro, se alguém quer comprar petróleo no mercado futuro, que deposite uma quantidade de dinheiro no ato da compra para evitar a especulação que elevou o petróleo a US\$ 150 o barril, ou que levou a soja a valer mais que ouro, nos meses de maio, junho e julho do ano passado.

As regras vão ter que ser tomadas, porque eu tenho certeza que valem para o Reino Unido, para a Argentina, para o Chile, para a Noruega, para a Espanha, para o Uruguai, para o Brasil, para todo mundo. Ou seja, o sistema financeiro precisa ter compromisso com o setor produtivo.

Nenhum de nós aqui foi eleito defendendo banqueiros. Nenhum de nós. Todos nós, aqui, fizemos críticas aos que detinham muita renda, em detrimento dos mais pobres. Então, é apenas cumprir o nosso discurso. Não precisamos fazer nenhum milagre, nenhum esforço.

Eu vi a posse do presidente Obama, e eu disse ao Obama: “Pela televisão, eu nunca tinha visto a quantidade de pobres participando de uma posse de um presidente americano”.



Então, a responsabilidade de vocês é infinitamente maior com o público interno do que de qualquer outro presidente nas últimas décadas. E essa responsabilidade é uma coisa boa, porque a gente não tem que fazer tudo ao mesmo tempo. Nem na reunião do G-20 nós não temos como fazer tudo ao mesmo tempo. Cada um fala uma língua, cada um tem um problema interno diferenciado. O que nós precisamos é detectar o que é necessário fazer como coisa mais urgente.

Eu acho que duas coisas estão muito claras. Primeiro, fazer com que as instituições de financiamentos multilaterais tenham recursos para ajudar os países em desenvolvimento e os países mais pobres. Segundo, restabelecer o crédito. Nós temos que normalizar o crédito no mundo, fazer com que esse dinheiro volte a circular. É isso que nós queremos que aconteça. Se nós conseguirmos fazer essas duas coisas mais rapidamente, nós teremos mais fôlego para discutir uma terceira, uma quarta, uma quinta coisa. Eu vou com a convicção de que nós temos condições de mudar a lógica da economia mundial.

Gordon Brown, meu caro amigo, meu velho Zapatero, meu caro Joe Biden, lamentavelmente, meu caro Jens, lamentavelmente, vocês têm mais responsabilidade, porque sempre a locomotiva tem mais responsabilidade do que o vagão. Sempre. E quem é mais rico paga um preço um pouco maior. Porque, veja, eu fico (incompreensível) com esses bancos. O Brasil estava crescendo a 6,4%, gerando milhões de empregos. Os Estados Unidos já estavam entrando em crise, e todo dia aparecia na agência, lá: “Risco-Brasil sobe, risco-Brasil sobe, risco-Brasil sobe”. Eu ficava procurando: “Cadê o risco americano?” E não tinha risco americano, era só o Brasil que tinha risco, a Argentina, o Chile.

Eu só queria... Possivelmente porque o país que tem a máquina de produzir dólar corre menos risco do que nós que temos pesos e reais, ou seja, não temos a mesma sorte. Mas, de qualquer forma, eu penso que essa crise é



uma crise já conhecida, não sabemos ainda o tamanho dela onde vai, mas ela já é conhecida.

E o que mais me preocupa, Michelle, é não perder a capacidade política de representar a sociedade. Porque se nós não dermos respostas, sobretudo àquilo que é essencial. As pessoas mais pobres do mundo não querem comprar dólar, não querem... elas querem comer, elas querem estudar, elas querem coisas simples. Então, se nós perdermos isso, essa crise vai virar de proporção muito grande, e eu não quero que comece a cair primeiros-ministros pelo mundo afora, presidentes ou coisa parecida. Nós temos que consertar.

É com essa intuição que eu vou ao G-20, meu caro Gordon Brown. E tenho certeza que é a intuição da Cristina. Nós vamos lá para tentar colaborar, para tentar fazer uma proposta concreta, que a gente possa sair de lá e dizer: “Bom, daqui a três meses a gente vai começar a melhorar”. E o que nós queremos? Se a crise nos países ricos se estabilizar, ou seja, se o buraco não for mais fundo, já é uma esperança muito grande.

Por isso que o desafio de vocês é maior, porque no meu caso, Michelle, eu queria te dizer que quando eu falo que o Brasil foi um dos últimos – talvez aqui na América do Sul todos nós fomos os últimos países a entrar na crise – eu não tenho dúvida de que nós vamos sair da crise mais fortes do que entramos.

Nós não deixamos de fazer nenhum investimento público. Nós estamos com um programa de US\$ 300 bilhões até 2013, nós estamos com um forte programa na área de investimento em infraestrutura, nós estamos fazendo um forte investimento na área de educação. Nós temos um déficit público de apenas 1,5% do PIB, portanto, é muito pequeno. Temos uma dívida pública de apenas 35% do PIB. Então, há uma margem, eu acho que em muitos países, uma margem de manobra de utilizar um pouco os recursos que nós guardamos para que a gente possa desenvolver as nossas economias e porque temos um mercado interno mais carente do que a Noruega, certamente. O nosso



mercado interno precisa de muita coisa.

Estamos fazendo política de recuperação da indústria automobilística, que voltou a crescer. Está trabalhando até no sábado, já. Estamos trabalhando um grande projeto na construção civil.

Agora, uma coisa que é sagrada é que nós não abriremos mão de nenhum centavo das políticas sociais. Não abriremos mão. Eu estou convencido de que nós não temos o direito de fazer com que um único pobre pague por uma crise que ele não tem nenhuma responsabilidade.

Agora, acho que os banqueiros precisam arcar com a responsabilidade, porque descolar o sistema financeiro do setor produtivo é uma lição de vida que eu espero que no século XXI, os governantes que vierem depois de nós, garantam que alguém, para ganhar um dólar, um real ou um peso, tenha que produzir nem que seja um pedaço de papel ou um palito de dente. Ele não pode ganhar dinheiro especulando em papéis, que depois especula com outros papéis. Eu pego um papel, vendo para o Gordon Brown, que vende para a Michelle, que vende para o Joe, que vende para a Cristina, ou seja, o papel não gerou nada e gerou bônus para um monte de especuladores, quase todos jovens *yuppies* de 30 anos, que viviam dando palpite nas nossas economias.

Eu ia fazer debate em Londres e em Nova Iorque, e juntava lá um grande grupo de economistas para debater comigo, e daqui a pouco eu via aqueles jovens todos, bem informados, dando palpite sobre a Bolívia, e não sabiam onde ficava a Bolívia, dando palpite sobre o Brasil. Quer dizer, nós precisávamos colocar...

Estou muito à vontade porque esta reunião aqui está permitindo, meu caro vice-presidente e meu caro Gordon Brown, que a gente não esteja fazendo uma reunião onde nós estamos chorando e dizendo: "Gordon Brown, o Brasil precisa de dinheiro". Não, não estamos querendo. Não estamos pedindo nada, queremos apenas normalizar a economia mundial, normalizar o crédito. Se estiver normalizada, nós seguiremos em frente a trajetória que construímos



nesses últimos anos.

É isso que eu espero que a gente construa no G-20.

(\$211B)





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de abertura da 2ª Cúpula América do Sul-Países Árabes**

**Doha - Catar, 31 de março de 2009**

Sua Majestade xeique Hamad Bin Khalifa Al-Thani, emir do estado do Catar

Excelentíssimos senhores chefes de Estado e de Governo árabes

Excelentíssima senhora Michelle Bachelet, presidente da República do Chile e presidente da União de Nações Sul-Americanas (Unasul)

Excelentíssimos chefes de Estado sul-americanos

Senhor Amr Moussa, secretário-geral da Liga dos Estados Árabes

Senhoras e senhores participantes da 2ª Cúpula América do Sul – Países Árabes

Senhoras e senhores integrantes da imprensa

Meus amigos e minhas amigas

Com especial satisfação estamos hoje em Doha para retomar o diálogo pioneiro que iniciamos há quatro anos em Brasília.

Temos agora o desafio de aprofundar o ambicioso compromisso que assumimos naquela ocasião. Queremos dar passos concretos e duradouros para consolidar a cooperação entre o Mundo Árabe e a América do Sul.

Estamos reduzindo distâncias físicas, aproximando visões de mundo e integrando povos e culturas. Para isso, fortalecemos o intercâmbio econômico e comercial, estabelecemos ligações aéreas, lançamos projetos de cooperação técnica no combate à desertificação e vamos construir a Biblioteca Aspa, em Argel. Paralelamente, teremos em Tanger um centro de pesquisas sul-americano.

Vamos aproveitar a complementaridade entre nossos países para explorar as possibilidades de uma economia que cada vez mais se



internacionaliza. O crescimento acelerado do intercâmbio birregional confirmou o que já sabíamos: o enorme potencial do comércio Sul-Sul. Entre a América do Sul e os países árabes, as trocas saltaram de US\$ 11 bilhões em 2004, para US\$ 30 bilhões no ano passado, um aumento de 170% em somente quatro anos.

No momento em que o protecionismo ameaça ressurgir, queremos construir espaços econômicos que assegurem uma prosperidade compartilhada. Em 2004 anunciávamos a emergência de uma nova geografia econômica e comercial no mundo. O que era uma incipiente realidade naquele momento, hoje, com a crise mundial, se transforma em imperiosa necessidade. Por isso, o Mercosul está negociando acordos de livre comércio com o Conselho de Cooperação do Golfo, o Egito, a Jordânia e acordo de preferências tarifárias com o Marrocos.

A América do Sul está reagindo à crise mundial com confiança e ousadia. Estamos multiplicando os projetos de investimento, na certeza de sairemos da crise mais fortes.

Os empresários reunidos aqui em Doha saberão aproveitar as grandes possibilidades de negócios exploradas no II Foro Empresarial da Aspa.

Senhoras e senhores,

A crise global que vivemos lançou o mundo em um período de profundas transformações e de quebra de paradigmas. Os países em desenvolvimento não podem dividir-se. Têm de organizar-se em defesa de seus interesses comuns.

Na América do Sul estamos avançando em projetos de integração regional que vão além da criação de um espaço econômico continental. Queremos que a articulação de nossa diversidade seja um fator de multiplicação de nossa força.



Queremos realizar todo o potencial de uma região com enormes reservas energéticas, agrícolas e minerais. Para isso devemos prosseguir no esforço que estamos fazendo para reduzir as assimetrias sociais e regionais.

O Mundo Árabe também ganhou consciência de que é imperativo realizar o potencial de uma região unida por língua, história, e que ocupa importante localização estratégica no mundo. Suas riquezas têm de ser um fator de prosperidade, nunca um pretexto para ingerência e dissensão.

Senhoras e senhores,

Em poucos dias, a Cúpula do G-20 se reúne, em Londres, para enfrentar uma crise econômica sem precedentes, em muitas décadas. O mundo estará atento para saber se a América do Sul e os Países Árabes serão capazes de propor medidas que evitem que uma crise financeira se transforme em um terremoto social e político. Essa crise impacta mais duramente os países pobres e as populações carentes, os mais vulneráveis à crise e os menos responsáveis por ela.

Temos uma extraordinária oportunidade de apresentar propostas consistentes para a reforma da governabilidade global. Representados pela Arábia Saudita, Argentina e Brasil, nossas regiões devem levar daqui uma mensagem forte e clara.

Defendemos o papel estratégico do Estado no caminho do desenvolvimento e do bem-estar coletivo. A regulação e transparência das transações financeiras devem servir de bússola para os novos tempos. É preciso que os organismos multilaterais sejam capazes de irrigar a economia mundial com os créditos necessários para dinamizar o comércio mundial e reativar os investimentos.

Nenhum país conseguirá superar a crise com ações isoladas. Sem solidariedade e espírito de cooperação, não colocaremos em prática ações coletivas e coordenadas indispensáveis.



Medidas de estímulo das economias não devem redundar em práticas protecionistas, que somente agravarão a turbulência, exercendo um efeito dominó difícil de reverter.

Por isso, defendemos a conclusão da Rodada Doha, de forma a garantir para os países agrícolas pobres a possibilidade de fazer do comércio um motor de desenvolvimento. Nada mais apropriado do que defender a conclusão da Rodada nesta cidade, onde foi lançada com tantas esperanças há quase oito anos.

Não construiremos uma arquitetura global mais justa sem a reforma dos organismos internacionais. Somente assim os países que mais contribuíram para a crise financeira, para a degradação ambiental, para os desequilíbrios no comércio e para a insegurança coletiva assumirão suas responsabilidades. Somente assim os países em desenvolvimento terão voz e representação adequadas.

Meus amigos, minhas amigas,

A necessidade de reordenar o sistema de tomada de decisões é especialmente urgente no Oriente Médio. Não podemos ficar insensíveis ao sofrimento do povo palestino. Não é possível que depois de tantos anos de negociações, freqüentemente interrompidas por ações militares, não tenhamos ainda um Estado palestino coeso e economicamente viável. É importante que o novo governo de Israel se engaje firmemente no processo de paz, com base nos acordos anteriormente alcançados e no plano árabe de paz. Por essa razão continuarei a defender, como fiz na Assembléia Geral das Nações Unidas de 2006, a convocação de uma conferência de paz com ampla representação, que inclua países em desenvolvimento.

Aplaudimos também os esforços para a reconciliação interpalestina. Não haverá solução para os graves problemas do Oriente Médio sem a participação de todos os atores relevantes. A reunião de Annapolis foi um primeiro passo na direção de um debate transparente e democrático sobre os rumos da paz na



região. Precisamos lograr soluções que permitam reunir todas as partes envolvidas nos conflitos que sacodem o Oriente Médio, respeitadas as resoluções das Nações Unidas e o Direito internacional.

Mas há também um grande trabalho de combate a teses e mitos que procuram envenenar a atmosfera mundial. Depois dos atentados do 11 de setembro de 2001 não faltaram aqueles que imaginaram a existência de uma incompatibilidade entre o Islã e os valores da democracia. Postularam um choque de civilizações que ignorava a contribuição incalculável da tradição de tolerância árabe para a preservação da cultura clássica, ao longo de séculos.

A Aspa, que reconhece o valor da cultura árabe para o mundo, nos ajudará a fazer renascer essa verdadeira aliança de civilizações. Esse é o ambicioso propósito que nos trouxe aqui hoje. O Catar está de parabéns por patrocinar essa empreitada, ao sediar esta Cúpula.

Esses gestos confirmam que não nos deixamos vencer nem pela distância nem pelo ceticismo daqueles que duvidavam de nossa capacidade de trabalhar juntos. Prevaleceu a determinação de romper padrões e paradigmas para aperfeiçoar um diálogo pioneiro entre duas regiões que desejam construir um mundo à imagem de suas melhores tradições de entendimento e de solidariedade.

Muito obrigado.

(\$211B)